Biblioteca
Virtualbooks

NO GIRO DO TEMPO II

Mariza Bandarra

Mariza Leite Bandarra nasceu na cidade do Rio de Janeiro, no ano de 1935. Em 1951 casou-se com o então 2º Tenente Aviador da Força Aérea Brasileira, Mario Alberto Pillar Bandarra. Mãe de três filhos, avó de seis netos e bisavó de três bisnetos.

Criada na religião Católica, iniciou sua busca espiritual ainda adolescente. Procurou os conhecimentos espirituais através da leitura esotérica e no decorrer de sua juventude freqüentou centros espíritas Kardecistas e Umbandistas. E foi na Umbanda Esotérica, em 1980, que começou o seu desenvolvimento mediúnico.

Estudou também a Apometria, técnica de libertação da obsessão, desenvolvida por um psiquiatra espírita de Porto Alegre, Dr. José Lacerda de Azevedo. Por dois anos, freqüentou no Rio de Janeiro, um grupo formado por este, adquirindo tais conhecimentos.

Mas foi a partir de 1986, sob a orientação de Vovó Maria Baiana, entidade que muito a ajudou, que ela principiou a psicografar. Manifestou-se então o seu Mestre Oriental, preparando-a para o trabalho espiritualista, despertando o seu desenvolvimento mediúnico.

Desde 1987, quando um grupo foi formado, ela preside esse trabalho. Em 1990, mudando-se para a cidade de Cruz Alta no Rio Grande do Sul, continuou se dedicando a esse mesmo trabalho, formando e dirigindo um novo grupo.

Sem ser filiada a Federação Espírita, numa linha espiritual independente, a Casa do Amor Universal, sob a coordenação do Mestre Oriental e com o auxílio da Corrente da Luz de Jesus, se dedica a um trabalho de expansão de consciência. Transmitindo palestras, auxiliando a quem necessita de ajuda, despertando a conscientização da Unidade com o Nosso Criador e buscando desenvolver a Energia do Amor Cósmico, o grupo de médiuns se reúne três noites por semana, num atendimento ao público.

Em 1999, Mariza passou a escrever os livros que hoje apresenta, sob inspiração de seu Mestre, através da intuição. Baseados nas experiências por ela mesma vividas e de outras pessoas amigas ou conhecidas, a autora espera conseguir com estes livros, através da Internet, atingir seu objetivo: Ajudar no despertar de consciência daqueles que estão em busca de uma maior compreensão da Vida Eterna.

Tendo que retornar ao Rio de Janeiro em 2001, fixou novamente residência nessa cidade. Mas o grupo mediúnico da Casa do Amor Universal continuou, em Cruz Alta, o trabalho espiritual do despertar da consciência.

Aqui no Rio a autora filiou-se a editora virtual Hotbook, colocando seus livros gratuitamente, através do site www.hotbook.com.br – item espiritualidade, onde tem conquistado um grande número de leitores.

E-mail: mmband@rjnet.com.br

NO GIRO DO TEMPO II

Acompanhei a luta da autora para escrever este livro. O prosseguimento desta estória ocupou grande parte de seu tempo em pesquisas e em estudos.

Sua paciência com seu birrento computador foi notável... Ela escrevia e ele apagava, ou melhor, na linguagem virtual, deletava. Mas afinal ela acabou vencendo.

Renhida foi também a saga de seus personagens no desempenho de suas missões cármicas.

Leva-nos a conhecer boa parte do território paraguaio, descrevendo algumas de suas belezas naturais e históricas. Com desenvoltura nos conduz por aquele belo país, onde se desenvolve parte da sua estória, com segurança, como se fora experiente guia turístico.

Com simplicidade nos transmite os sentimentos, as emoções, as alegrias e tristezas que envolvem aqueles que dela fazem parte.

Nos enternece com a figura sempre simpática e paternal do médico Maori, nos reportando ao que de melhor pode caracterizar o ser humano: a mão amiga e solidária; a palavra sábia nas horas mais difíceis.

Com sensibilidade descreve a união de um homem e uma mulher, por laços tão profundos que transcendem a própria vida.

Sua obra nos traz novas luzes sobre a reencarnação. Leva-nos às lágrimas e nos comove descrevendo o sofrimento físico e psicológico de portadores de certas doenças, vítimas às vezes do preconceito e da incompreensão até de seus familiares mais próximos. E todos, quase sempre, ignorando o poder da fé. Da fé que leva à esperança que pode resultar na cura.

Com sutileza, sem proselitismo, nos convence que somente o amor pode nos tornar fortes para vencer as adversidades.

E foi com este sentimento que esta obra foi feita. Uma mensagem de esperança para todos aqueles que sofrem!

MARIO A. P. BANDARRA

"Que a Luz de Jesus
ilumine nossos espíritos,
clareando nossas mentes,
expandindo nossas consciências
para uma compreensão maior da
Vida Única, Eterna...

Louvado seja Deus Nosso Criador

e Louvado seja Jesus Nosso Mestre Divino!"

Li-Cheng

AGRADECIMENTO

A DEUS, o NOSSO CRIADOR... Pela oportunidade que nos concede de corrigirmos nossos erros através de múltiplas experiências de vida...

A JESUS... Por SUA LUZ, SEU INFINITO AMOR e SEUS ENSINAMENTOS que nos conduzem rumo à evolução...

A meu Mestre Espiritual, LI-CHENG, que com paciência e amor, através da intuição, tanto tem me ajudado no despertar de minha consciência cósmica...

A VOVÓ MARIA BAHIANA, entidade amorosa e amiga e à MÃE OLINDA, experiente e devotada médium que, unidas por mais de sessenta anos em um trabalho espiritual de amor, sem medir tempo nem momentos no atendimento aos irmãos aflitos, muito colaboraram para a minha compreensão sobre a continuidade da vida no plano Astral...

Ao Dr.BERNARDO e ao CACIQUE INAUAMA, entidades médicas da Corrente de São Francisco de Assis que, ao tratarem dos irmãos doentes, me esclareceram sobre a ligação existente, nas doenças, entre os corpos físicos e espirituais. E o processo de cura realizado em ambos...

"Enquanto o Ser Humano
temer o desconhecido, temer as mudanças,
temer o sofrimento e a morte...
E viver dominado pelo egoísmo,
a Humanidade continuará rastejando em meio à escuridão...

Quando o Ser Humano
vencer os seus medos e dissolver o egoísmo,
encontrará a cura para seus males...
E alçando um vôo mais alto,
vislumbrará a Luz!"

Um irmão na Luz

NO GIRO DO TEMPO II

Juan entrara em seu quarto, na pensão familiar, cansado e deprimido. Cansado pelo excesso de trabalho e deprimido pela miséria que campeava entre os pacientes carentes do hospital onde trabalhava. Terminara mais um plantão.

Dias assim, quando o Pronto Socorro do Hospital Santo Augusto transbordava de doentes, com os mais diversos casos de emergência, onde a dor e o desespero se faziam presentes, a angústia tomava conta de seu coração, fazendo aumentar a saudade, que se tornava a cada dia mais forte, de sua terra natal.

Atirado sobre a poltrona apertada num canto do pequeno aposento, seu pensamento vagava pelas ruas de Assunção.

"Que estranho é o Destino!... Porque será que só consegui cursar a faculdade fora de meu país...? Será mesmo que a vida é pré-determinada por nós mesmos antes de nascermos...? O Dr. Maori acredita nisso... Que o nosso espírito nos leva aonde precisamos ir... Será mesmo...?!"

Levantando-se devagar, ele abre os braços se espreguiçando, falando em voz alta, na sua língua pátria: - *Mas, Senhor Destino, por que aqui, em Trilha das Palmeiras, uma cidade do interior...? Por que fazer residência tão longe de casa...?! Como se não bastassem os anos de faculdade em Passo Fundo!... Se ainda fosse na Capital!... Esses três meses em que aqui me encontro, mais me parecem um ano! Meu Deus! Ainda faltam nove meses para retornar ao meu Paraguai*!... - e apanhando a toalha pendurada no cabide de pé, dirige-se para o banheiro: - *O melhor é tomar um bom banho e sair para comer alguma coisa*!

Devido ao adiantado da hora, a lanchonete se encontrava quase vazia. Era o local preferido por Juan para fazer as suas refeições quando não se encontrava no hospital. Não que ela fosse especial, mas sim pela grande vantagem de ficar no meio do caminho entre a pensão e o hospital.

Sentindo-se muito só, tão logo terminou seu lanche, ele resolveu voltar ao Santo Augusto, na esperança de se encontrar com Letícia, a nova telefonista do turno da noite, que estava mexendo com o seu coração.

Assim que entrou no corredor de acesso à mesa telefônica, encontrou-se com Lurdes, a enfermeira que cuidava do pavilhão dos pacientes em fase terminal.

- Juan!... Que bom te encontrar!... Caíste do céu!

Apesar de estar há vários anos no Brasil, o jovem médico que tão bem aprendera a escrever correntemente a língua portuguesa, não conseguia se expressar de uma forma correta... Talvez inconscientemente, assim o fazia, para manter-se ligado à sua terra natal, às suas raízes.

Portanto, com a voz carregada de sotaque paraguaio, num "portunhol" como costumavam falar brincando com ele, retruca sorrindo: - *No* me *venga* com problemas *ahora*! *Estoy* de folga... *Estoy* a serviço de Cupido!

- Mas Cupido poderá esperar... Quanto ao bugre velhinho, penso que não! Acho que está partindo... E a todo instante, ele chama por você!

- Mas *su* quadro *estaba* estável *hoy* à tarde, quando Dr. Maori *lo examinó*... Qual *su* estado *ahora*...?

- Foi há dez minutos atrás que entrou em crise. Ele fala aflito umas coisas, na língua guarani, que eu não entendo... E chama por você o tempo todo!.. Como eu não sabia aonde te encontrar a essa hora, chamei o Dr. Maori! Ele já está a caminho...

- *Voy ahora mismo!* - pesaroso, se recorda, comentando com esta, enquanto se encaminham ligeiro para a enfermaria - Pobre do Guarabira!... Quando *yo* estava saindo da enfermaria, com o Dr. Maori, após o exame, *el* me chamou...Queria *hablar* algo comigo. Como *yo no* podia conversar com *el* naquele momento, *lo prometi* que *volveria* no final do plantão, *pero* com todo *el* movimento de *hoy*, me *olvidé* por completo!...

- O que será que ele quer tanto dizer a você...?

- *No* tenho *la* menor *idea*! *El* se apegou *a mi*, porque *siempre* que tenho um tempo, me *voy a* conversar com *el*! E *después*, também penso que *es* por *yo* ser paraguaio!.. *La misma* origem de *nosotros*... Pobre *viejo*... Sem família, sem *ningum a visitarlo* .

- É... Além de ter perdido num desastre seu único filho com quem estava vivendo ultimamente, nos seus noventa e três anos já deve ter enterrado todos os seus contemporâneos! - fala Lurdes penalizada - Como é triste a velhice abandonada!

- *Además* se terminando com esse *terrible* enfizema pulmonar!...

Quando Juan chega junto à cama do velho bugre, seu coração se aperta ante o sofrimento estampado no rosto enrugado. Apesar de estar recebendo oxigênio e sendo medicado pelo plantonista Dr. Antônio, Guarabira continuava arquejante, com dispnéia.

Ao enxergar o médico paraguaio ao seu lado, um certo alivio ilumina o rosto do velhinho e com muito esforço, ele começa a falar: - *Doctor, yo me voy...* - mas a sua voz sai tão fraca, que Juan tem que se abaixar, colocando o ouvido próximo à sua boca. Num murmúrio entrecortado pela falta de ar, ele continua - Me voy*... Te' õ, se acerca de mi... Tiene, doctor... em mis cosas... un líuro kue...mui... mui viejo... rojo... Es historia... de mi pueblo... Yo... quiero...* - entretanto seu estado piora e ele não consegue mais falar.

Juan o tranqüiliza, acariciando a velha mão descarnada: - *Puedes dejar, mi amigo... Voy hacer lo que deseas*!... - e ligeiro, ajudando Antônio, vai fazendo o possível para amenizar o sofrimento dos derradeiros instantes de vida do velho bugre. Quando Maori chega, este está exalando os últimos suspiros...

- Pobre coitado!... - fala o diretor médico penalizado por não ter chegado a tempo - O que será que ele queria tanto falar contigo Juan...? Conseguiste saber...?!

- *Más o* menos... - responde reticente o paraguaio - *El* me pediu que guardasse comigo, algo que se encontra nas *cosas* dele. *Pero no* entendi *bien* lo que *sea*. Terei que descobrir.

- Pois então vá fazer o que ele te pediu... Assim ele partirá em paz! - diz Maori, dispensando-o - Ajudaste bastante Juan, mas agora o Antônio cuidará de tudo. Eu também vou me retirar! Vou aproveitar para visitar uma velha amiga. Ela se encontra aqui no hospital, acompanhando a filha que está em trabalho de parto. Até amanhã!

Mas antes de sair, vira-se para o plantonista, recomendando: - Antônio, prepare o atestado de óbito. Antes vou passar na secretaria. Quero que providenciem tudo o que for necessário para que amanhã eu possa enviar o corpo de Guarabira para a reserva Ocuí, na fronteira com o Paraguai. Foi onde ele viveu a maior parte de sua vida e ainda deve ter parentes por lá. Deve ser enterrado junto aos que o antecederam, no cemitério indígena, conforme a tradição guarani.

Condoído com o desenlace tão sofrido do velho bugre, Juan se afasta, enquanto a equipe de plantão inicia as providências para a remoção do corpo. Agradecendo mentalmente a Deus, por ter chegado a tempo de atender ao último pedido do pobre homem, dirige-se ao almoxarifado em busca dos pertences deste.

"O que será um "liuro kue"...? Devem ser palavras guaranis que eu desconheço... Já que é algo velho e vermelho, será fácil de identificar... Estou curioso!"

Numa sacola de juta, em meio às poucas roupas encardidas do velho índio, embrulhado num saco de pano, está um caderno de capa dura, de cor tão desbotada que pouco lembrava o vermelho. Apesar de roído pelo tempo, encontrava-se intacto.

Ao segurar o livro, Juan sente um arrepio correndo por seu corpo, arrepiando-lhe os cabelos. Alisando-o com respeito, sente a sensação estranha de estar herdando um legado importante. Com a curiosidade aguçada, resolve não mais procurar Letícia, retornando à pensão imediatamente, ansioso para ler o que estaria escrito ali.

Já em seu quarto, instalado na única poltrona ali existente, Juan abre o livro e se espanta com a data antiqüíssima no alto da página. Tomado de uma grande emoção, mergulha na leitura um tanto difícil, uma vez que o texto se achava escrito em um castelhano arcaico.

Segunda-feira, 1 de janeiro de 1601

Finalmente me encontro em terra firme... Graças a Deus! Pensei que poderia registrar, durante a travessia por esse imenso oceano, um diário dessa minha louca viagem, imposta pelo terror de morrer na fogueira dos insensatos e cruéis senhores da Inquisição!... Falsos e ignorantes profetas que me condenaram a esse desterro!!!

Mas não era possível escrever nada naquela nau, balançando enlouquecida em conseqüência das enormes vagas agitadas pelo mau tempo. Houve momentos em que pensei que naufragaríamos... O enjôo, a tonteira, a imundície e o mau cheiro que grassavam por toda parte... O desespero de estar me afastando do meu chão, da minha vida, dos meus parentes e amigos, deixando para trás tudo que amo e tudo por que lutei!.. Tudo isso me afundava em terrível depressão e angústia... E quando o mar finalmente se acalmou, havia perdido a noção do tempo... Dos dias... Das horas...

Por momentos achei que seria melhor me atirar ao mar... Mas uma certa curiosidade pelo desconhecido aliada à possibilidade de encontrar uma vida nova nessas terras distantes, segurou o meu ímpeto!

Quando a nau começou a subida pelo grande rio, rumo a vila de Assunção, a beleza da paisagem ao me aproximar do porto, refez o meu otimismo, o desejo de viver!...E um espírito aventureiro tomou conta de meu ser!

Meu coração se encheu de esperança, palpitando com a expectativa de uma nova terra, uma jovem cidade... Um novo mundo a descobrir...Uma nova vida!

Mas a desilusão me recebeu!... Assunção não passa de um vilarejo que cresceu ao redor de uma igreja construída pelos padres franciscanos, nos idos de 1537.

Agora, mais recentemente, começaram a chegar os jesuítas, que estão organizando a vila e ajudando os gentios contra os brancos que os querem escravizados... Assim me contaram...

Cruéis mercadores de escravos, aventureiros em busca da Serra da Prata, degredados em desespero, e um número enorme de índios guaranis, formam a população dessa nova terra!

Amenizando a ignorância, a tentativa de colonização cristã dos jesuítas... Meu Deus!... O que aqui encontrei me desespera!... O que me aguarda neste abandono terrível..?!!!

Retornar, impossível!!! O exílio ou a fogueira, foi o meu veredicto! O exílio foi a atenuante da pena, em troca de renegar o meu trabalho artístico que se queimou no meu lugar... Perdidos anos de trabalho valioso, consumidos pelo fogo da ignorância! Desterro para sempre, qual morte em vida!

O que fazer agora...?!!! Entrego o meu destino nas mãos do meu Criador!

A noite já entra pela madrugada... A bruxuleante luz das velas se consumindo e o meu desespero crescendo...A angústia me sufocando!...

Releio a data de minha chegada nesse degredo e meu coração se parte em mil pedaços!..."Segunda-feira, 1 de janeiro de 1601"... Que ironia maldita, iniciar um novo ano, no primeiro dia da primeira semana, do primeiro mês de um novo século, neste desterro!!!

Por quê, meu Deus...???!!! Por que me atirastes aqui...?!

Alojado num miserável catre, de um reles albergue, numa terra distante e selvagem... Só... Incrivelmente só... Sem família... Ninguém conhecido!.. Ninguém!!!!! Completamente estranho a tudo!... Como se eu tivesse surgido do nada!...Por quê, meu Deus...?!

Tenho medo de enlouquecer!... O que será que o Destino me reserva...?!

Impressionado e ao mesmo tempo fascinado, Juan se estende pela noite adentro, procurando entender em detalhes, a escrita tão antiga.

Quarta-feira, 21 de março

Os dias se arrastam, enquanto meu desespero se aprofunda... Tenho vagado como alma penada por este povoado miserável e selvagem. Os gentios que se mostram amigos por terem sido "domesticados ou escravizados" têm sido motivo de minha observação... Começo a sentir o desejo de retratá-los!... Ainda bem que pude trazer escondido na bagagem, farto material de pintura... Pintura... A minha arte considerada herege... O meu talento que quase me levou à fogueira! Malditos Inquisidores! Se existe o inferno no qual eles acreditam, certamente por lá queimarão eternamente quando terminarem seus dias aqui na Terra... Assim o espero! Não escrevo muito, para economizar a tinta, até ver o que poderei conseguir neste degredo a que o destino me condenou! O que fiz para sofrer tal vida...???

Sexta-feira, 30 de março

Terminei minha primeira tela... Acho-a magnífica! Consegui captar a expressão enigmática de meu modelo, um bugre menino... Não consegui ler a sua alma... Seu olhar estranho, misto de desconfiança, medo e curiosidade, me fascina... Começo a me animar, através de minha arte. Foi como se os dias passassem mais ligeiro!...

Juan leu até alta madrugada. As palavras que lhe eram desconhecidas, ia traduzido-as pelo sentido do texto... Não tinha vontade de parar, cada vez mais atraído. Entretanto, o cansaço físico superou a sua curiosidade e o encantamento de compartilhar dos sentimentos de alguém que vivera há quatro séculos atrás... Adormeceu sentado com o livro no colo. Sonhos confusos povoaram sua mente. Acordou com o clarear do dia.

Assustado com a hora, correu para o chuveiro. Estava atrasado. Afobado e ainda com o pensamento ligado ao que lera, saiu para mais um dia de trabalho no Hospital.

Durante todo o dia, trabalhou como sempre, dedicadamente junto aos pacientes. Mas interiormente ansiava por terminar sua tarefa e retornar ao convívio da leitura tão antiga e tão reveladora... Alguns colegas acharam-no um tanto estranho, pois seu temperamento extrovertido deixava-o sempre falante. Estava calado e distante... Mas não quis revelar para ninguém o que estava se passando com ele. E evitou se encontrar a sós com Maori. Felizmente este, muito ocupado, esquecera ou não quisera perguntar nada... Não queria contar para ele o seu achado. Não antes de terminar o livro...

E à noite, mal terminara de jantar na lanchonete, a passos ligeiros, e cheio de ansiedade retornou para seu quarto, esquecido até mesmo de Letícia. Refugiou-se na sua poltrona, mergulhando novamente na leitura.

Sábado, 12 de Maio

Tenho trabalhado bastante. Algumas telas já se acumulam em escasso espaço. E me enchem de alegria... Pois posso dar asas à minha criatividade!... Não há aqui ninguém a condenar a minha arte!... Mas preciso de um pouso meu, maior. Mesmo porque, aqui no albergue começam a criar dificuldades na minha atividade. Incomoda ao proprietário a presença constante de modelos em meu quarto.

Com a ajuda de alguns gentios que já se habituaram a mim, vou levantar uma choupana, uma "O'y", como eles a chamam em sua língua. Construída com argila e galhos finos de árvores amarrados com cipó, ela terá uma peça ampla, para melhor eu poder trabalhar... Terei que dedicar agora o meu tempo nesse reles ofício, a fim de agilizar o meu recanto... Nunca pensei em minha vida, que eu, um artista burguês, um dia iria trabalhar qual um camponês!

Mas tenho aprendido muitas coisas com os índios e já compreendo um pouco a sua língua... Mas que falta sinto de falar com meus pares, em uma conversa culta e inteligente!!!

Segunda-feira, 28 de Maio

Finalmente meu refúgio ficou pronto. Apesar de mal acabado, está melhor do que eu imaginava. Vou tentar criar algumas galinhas e plantar algumas verduras, para garantir a minha alimentação, caso meu dinheiro termine...Será que conseguirei ?! Como reagiria a minha mãe vendo-me trabalhar a terra qual um pobre campônio...?!

Que nostalgia profunda me envolve, pela falta de minha família!!! Tenho que reagir!!!

Mas...Aleluia!!! Estou recuperando a minha liberdade tolhida no albergue e voltando aos braços de minha arte! Afastado da vila, rodeado de árvores, ouço o canto dos pássaros e sinto revigorar o meu talento!... Encanta-me a enorme variedade de aves. Sua beleza suaviza a selvagem prisão em que me encontro!... Atiro-me ao trabalho!

Terça-feira, 5 de Junho

Com é bom ter o nosso próprio canto!...Uma palhoça quase miserável torna-se um palácio, ao propiciar uma vida independente a seu dono... Mas preocupa-me o material de pintura estar se acabando... Em abril encomendei uma partida ao Capitão da Nau Castelhana, que deverá retornar aqui pelos dias de Setembro. Espero que chegue, pois sem a minha arte não sobreviverei... Assim como também as moedas que trouxe estão terminando. Terei que viver à moda selvagem... Não tenho como ganhar o meu sustento por aqui. Afinal, coisa que nunca precisei fazer em Granada... Minha adorada Granada!

E o inverno já se instalou com vigor. Tão frio quanto na minha longínqua e amada terra. Mas, pelo menos aqui parece que não chega a nevar. Assim o espero, pois como resistir a um frio mais intenso, sem um mínimo de conforto...?!

Pelo menos agora, isolado em minha toca, tenho o aconchego de algumas índias que além de me servirem de modelo, aquecem as minhas noites e aliviam os meus ímpetos de macho. Em especial a Gracy Ara, saboroso fruto nativo, que atenua a grande falta que sinto das calorosas raparigas da minha querida Espanha... Oh, vida!!! Por que tanta amargura ???

Minha arte e este meu diário são na verdade os únicos companheiros que possuo. Não consegui ainda relações de amizade com meus compatriotas, que na sua grande maioria são uns broncos ignorantes. Mesmo os fidalgos que para aqui vieram como governantes, impostos pela Coroa, devem ser a escória da nobreza. E quanto aos jesuítas, quero distância do clero!!! Mantenho-me afastado, quase um eremita... Não sei como não enlouqueço!!!

Quinta-feira, 2 de agosto

O frio está terrível e a geada acabou com as minhas hortaliças.. As poucas galinhas que criei já se foram... Os alimentos escasseiam... Começo a me habituar com os alimentos que

os índios me fornecem. Algumas raízes saborosas, "mandi'o, djety'i" peixes e chás que me sustentam... Quão distante de mim está a mesa farta!..

Que vida miserável!!!... Como sinto falta de minha família... Continuo tentando conversar com alguns compatriotas, mas a ignorância grassa por aqui!... A não ser os jesuítas, que são cultos e inteligentes... Se não fossem parte da "Santa Igreja Inquisidora"seria o meu alívio!...Ademais, corro o risco ao me aproximar muito deles, de tentarem me convencer ao celibato religioso!... Aí será a total morte em vida!... Não posso prescindir dos afagos e do aconchego de um corpo de mulher!...

Resta-me somente a minha arte... Até quando, meu Deus...?!!! Tem momentos em que duvido da Vossa Existência!... A minha fé está se extinguindo...O inferno é aqui! Belo inferno de lindas paisagens e de brejeiras selvagens... Tormento constante... Nostalgia de tudo que tive e de meus preciosos livros que por lá tive que deixar... Já li e reli os poucos que pude trazer na minha bagagem... Às vezes apenas aliso suas capas para sentir o prazer de tê-los nas mãos!... Se for real a Vossa Existência, Senhor, alivia o meu calvário!...

Impressionado com o desespero do pobre homem no seu exílio, Juan após guardar o livro no armário, onde o mantinha bem escondido, vai se deitar. Contudo não consegue adormecer de imediato. Fica a meditar sobre o sofrimento dos primeiros colonizadores de sua pátria. Nunca havia pensado sobre isso. Estudara a História da Pátria, sem se deter no lado emocional de seus ancestrais. Para ele, história era apenas um relato dos fatos antigos. Entretanto esse diário que lhe caíra nas mãos passara a descortinar o drama emocional dos responsáveis pela implantação da civilização européia, no continente americano. Realmente um documento muito importante, que o faz sentir-se de repente um guardião de fatos históricos! Precisava encaminhá-lo para quem de direito. Era necessário preservá-lo. Mas não tinha a menor idéia, para quem ou para onde, deveria encaminhá-lo no Paraguai.

"Talvez pesquisando via Internet eu descubra o caminho... Mas não posso fazer isso no computador de outra pessoa... É arriscado!... É... Acho que devo antecipar os meus planos de compra de um computador... Vou precisar mesmo dele quando montar o meu consultório... É isso! É o caminho!"

Adormeceu inquieto, num sono entremeado de sonhos confusos. Tão logo despertou pela manhã, seu pensamento já se fixou no livro e na necessidade de adquirir logo um computador.

A caminho do hospital, ansioso, indeciso, sua mente funcionava sem parar:

"Mas eu vou precisar de alguém que me oriente nessa pesquisa... Ainda não sei "navegar" muito bem na Internet!... Apesar de estar em pátria de origem lusitana, penso que devo partilhar esse diário com alguém que seja antropólogo, historiador, sociólogo, ou coisa que se assemelhe, independentemente da sua nacionalidade!... É por demais importante para ficar guardado apenas comigo!... Tenho medo de perdê-lo...Vou falar com o Dr. Maori... Ele poderá me aconselhar! É descendente dos guaranis e trabalha numa Reserva próxima daqui.... Soube também que tem um irmão que luta por esses índios... Acho que esse é o caminho certo no momento!...

Mas a dúvida o assaltava: *"Será que estou agindo direito, divulgando um documento de origem de minha pátria a um estrangeiro...?!"*

E assim, cheio de incertezas, chegou ao trabalho. O Pronto Socorro estava tumultuado. Um grande acidente ocorrera na estrada federal e os acidentados estavam chegando. Preocupado com os feridos, dedicou-se incansavelmente a atendê-los. E o dia transcorreu muito movimentado, sem possibilitar um momento sequer para falar com o Diretor Médico.

A noite já havia caído, quando estava se retirando do hospital. Surpreso, deparou-se com Letícia, que também estava saindo.

- *Pero lo* que se passa? - junta-se a ela, caminhando ao seu lado - Estás *dejando su* trabalho...?!

Sorrindo ela contesta: - Não... Me transferiram para o turno diurno. Hoje foi o meu primeiro dia! - e curiosa pergunta - E você...? Não o vejo há vários dias!

- É... Ando um tanto ocupado... Sabe... *Tengo* trabalhado *mucho*!...- e com um olhar insinuante, arrisca - *Pero hoy la suerte me sorri*! Que tal jantarmos juntos esta *noche*...?! Poderia levá-la ao Recanto da Pedra. A comida *és mui buena* e o local aconchegante...

- Agradeço o convite... Dizem que o restaurante é realmente muito bom! Mas hoje foi um dia estafante! O telefone não parou um segundo! Estou exausta!

- *Quein* sabe *mañana...?* - pergunta cheio de esperança.

- Bem... - mas Letícia, vendo o seu ônibus se aproximar do ponto aonde acabavam de chegar, interrompe o que ia falar, esticando o braço para o coletivo parar - Amanhã nos veremos! Tchau!

Juan fica acompanhando-a subir ligeiro no ônibus, com um olhar avaliador: "*Que saborosa esta garota! Tem umas curvas tão tentadoras, que me deixam frenético!* "

Satisfeito com o inesperado encontro encaminha-se para a lanchonete. Enquanto janta, a imagem de Letícia vai se desfazendo em sua mente, dando lugar aos pensamentos que retornam com força, para a incrível história antiga.

De volta ao seu quarto, já instalado na poltrona, compartilha da saga do pintor espanhol, até o início da madrugada.

Quarta-feira, 12 de setembro

Uma frustração terrível enche de desespero o meu coração!... Massacra a minha alma!!!

A nau Castelhana aportou ontem, mas o meu material não chegou...A decepção derrubou o bom ânimo adquirido nos últimos meses... Sinto-me quase igual ao dia em que aqui cheguei!

Explicou-me o capitão Hernandez, que aos degredados não era permitido trazer encomendas. Caso ele assim o fizesse e fosse descoberto, seria punido conforme a lei...

Entretanto, percebendo o meu desespero, deu-me uma tênue esperança... No mês de Novembro, chegará uma outra nau... De nome Santa Clara, trazendo uns jesuítas da Companhia de Jesus, para a Redução de Santo Ignácio, que está sendo construída a uns duzentos quilômetros acima do Rio Paraguai. Certamente irão trazer materiais diversos e em grande quantidade... Talvez eu possa conseguir junto a eles o que necessito... Assim o espero e esta esperança me anima um pouco.

Condoído com a minha situação, pelo menos ele me arranjou em segredo, uma bolsa de tinta para escrever! Meu coração se encheu de gratidão!...

Quanto ao mais, tenho que esperar, pois nada posso fazer!...

Olho para os retratos que pintei de minha mãe, meu pai e meus irmãos... Fixados nas paredes ao meu redor, dão-me a ilusão de um convívio com eles... Como sinto a falta deles!... De minha casa e de meus amores!...

Nunca esquecerei o olhar de minha mãe, de tamanha dor e desespero, ao se despedir de mim na calada da noite...Está cravado como um punhal em meu coração despedaçado!...

Ainda não posso escrever para ela, pois colocaria em risco toda a minha família... Os Inquisidores assim o proibiram... Tenho medo que sacrifiquem meu pai, se eu infringir a minha sentença!... Sinto em minha alma a tristeza e a angústia que eles devem sentir por não terem notícias minhas... Assim como sinto nada saber sobre eles...Sou um morto-vivo! Nada mais que um morto-vivo!!!

Oh, meu Deus... Por que não tenho coragem de por um fim nesta minha vida sem sentido...?!!!

Acho que são os olhos meigos de Nha Juçara, a me espreitarem enquanto escrevo e a visão de seu corpo quente, macio, a me aguardar em meu catre, que me ajudam a continuar... Ela e a saborosa Gracy Ara têm saciado, com ardor, a fome do meu desejo...

Sexta-feira, 14 de setembro

As tintas a óleo acabaram por completo... E ainda falta mais de um mês para a chegada da nau Santa Clara... Que angústia!... Esperando... Esperando...

Esperando também o pior!... Dias atrás descobri que minhas duas modelos estão prenhes de mim!... Terrível situação!...Abominável!!! Não queria esses bastardos!!! Na minha concupiscência me esqueci de que tal poderia acontecer...Agora é um fato irreversível... Ainda mais que os índios, mesmo escravizados, têm uma grande noção de família... As bugras tem que ficar comigo, não as querem de volta na tribo! Quis mandá-las embora, mas elas permaneceram ao relento, por duas noites e dois dias, acocoradas junto às paredes de minha choupana, sem ter para onde ir...

Acabei por recolhê-las...Mandei fazer uma peça afastada de meu refúgio, para abrigá-las...Queira eu ou não, agora fazem parte de minha vida...

Tamanho problema e eu sem material de trabalho, para preencher o vazio da minha vida! Vida miserável e caótica!!!

Terça-feira, 25 de setembro

Na falta de material para a pintura, dedico-me a melhorar minha choupana.

Gracy Ara e Nhã Juçara procuram, silenciosas, me agradarem. Teceram esteiras com palhas secas de determinadas plantas, para forrar as paredes e o chão de meu recanto... Ficou bem mais agradável.

Queria isolá-las de minha vida, mas as noites solitárias exacerbam meus anseios de homem e eu as coloco em minha cama. Tenho evitado outras índias com medo de emprenhá-las! Mas o desejo me consome por dentro!...

Olho-me no pequeno espelho que trouxe em minha bagagem... Estranho o homem rústico e desleixado que me encara... Não me reconheço!... Para onde foi o jovem burguês que com esmero se vestia...? Que com seu porte elegante, de artista admirado, fazia as mulheres morrerem de amores...?

Pobre Rodrigo de Almadén y Castela, hoje transformado num quase eremita selvagem... Sou agora "Mboparaha". Pintor, na língua guarani... Assim sou chamado pelos índios que me auxiliam e pelos quais começo a me afeiçoar.

Quarta-feira, 3 de outubro

Recebi ontem a notícia alvissareira de que na primeira semana de novembro, a nau Santa Clara estará chegando...

Tal expectativa encheu-me de entusiasmo e meu talento brotou com força!... Na falta de tinta para pintar, resolvi esculpir a madeira.

Aprecio o meu trabalho ainda inacabado, enquanto escrevo... Transbordo de alegria!...Estou admirado por estar conseguindo transformar um tosco tronco, num belo corpo desnudo de mulher... É meu primeiro trabalho, nunca havia esculpido antes... Começo a gostar dessa forma de arte também!

E como me agrada o meu novo modelo!!! Recém saída da puberdade, uma flor ainda entreaberto botão... Será que resistirei aos seus encantos de menina..?! Infelizmente devo me controlar!!! Olho para os ventres bojudos de Gracy Ara e Nhã Juçara e refreio os meus instintos... Mas até quando?!

Vencido pelo cansaço e o sono incontrolável, Juan passa o resto da noite atirado na poltrona. O livro caíra ao chão...

Quando o despertador toca no início da manhã, a custo ele acorda e ainda estremunhado de sono, vai tomar uma ducha fria para enfrentar mais um dia difícil no hospital.

Trabalhando intensamente, o diário vermelho cai no esquecimento. E à hora do almoço, resolve tentar um encontro com Letícia, para convidá-la a um restaurante próximo dali.

Entreabrindo a porta da sala de telefonia, dirige-se a ela com um cativante sorriso: - Será que esta *mui hermosa muchacha*, me acompanha no almoço...? *Estoy* pensando no Don Quixote... *No és* tão longe *de aqui!* Que tal...?!

Surpresa com o inesperado convite, ela responde também sorrindo: - Bem, Dr.Juan... Acho que é uma ótima idéia, porém eu já havia combinado com a Ronilda de almoçarmos juntas. Ela vai se encontrar comigo na lancheria aqui do hospital. Se não se importa, poderia nos fazer companhia.

Tal resposta deixa-o frustrado.

"*Mas que azar! Ainda por cima com aquela enfermeira antipática!*" - mas sem demonstrar a decepção que está sentindo, força um sorriso animado, concordando a contragosto: - S*i és asi... Hacer lo* quê ?! Vamos *entonces*... Don Quixote pode esperar um outro dia!...

Passando o serviço para sua substituta, Letícia deixa a sala da telefonia e ao lado de Juan, vai ao encontro de Ronilda.

Após se servirem no "buffet ao quilo", com dificuldade conseguem uma pequena mesa. Acomodados, em meio ao tumulto da lanchonete lotada, a conversa durante o almoço gira em torno de banalidades. Entretanto, tomando conhecimento de que Ronilda, além de ser natural da cidade, já trabalha no hospital há quase três anos, Juan resolve aproveitar a oportunidade para se informar sobre o trabalho de Maori na Reserva Iguamirim, dos índios guaranis.

- É um trabalho maravilhoso!... Já estive lá algumas vezes, para auxiliar o Dr. Maori - diz esta, cedendo prontamente ao pedido dele - É de auxílio permanente aos bugres guaranis. A reserva tem a infra-estrutura de uma prefeitura. Ensino de 1º e 2º Graus, estádio coberto para esporte, campo de futebol, escolas de arte e informática e possui um posto médico muito bem equipado, que realmente atende as necessidades básicas da população - expõe a enfermeira, denotando entusiasmo - O Dr. Maori não deixa nunca de comparecer ao ambulatório duas vezes por semana. E por vezes, vai com a família aos domingos... Penso que ele deseja que os filhos desenvolvam o mesmo amor que ele tem pelos índios e, mais tarde, possam dar continuidade a esse trabalho, assim como aconteceu com ele e o irmão, o Dr. Pedro. Ambos seguiram as pegadas do pai.

- Fantástico!... *Mui* fantástico!... - comenta realmente impressionado.

- E mais fantástico ainda, é que trabalham na administração dois guaranis diplomados e no ambulatório, uma pediatra e um ginecologista... Os quatro conseguiram cursar suas faculdades, graças a esse trabalho. Assim como outros mais jovens também estão se encaminhando.

- *Mui* fantástico *mismo!... Pero* me diz *otra cosa*, Ronilda... O Dr. Maori *es* um tipo *mui* interessante. *Rubio*, de olhos verdes, com um leve semblante guarani... *Yo estoy* sabendo que su *padre* era guarani e *su madre* italiana. Como *tiene* nome alemão...?

Colocando os cotovelos sobre a mesa e apoiando o rosto com as mãos, a enfermeira responde sorrindo: - Dr. Juan, vou satisfazer a sua curiosidade e contar tudo o que sei. O pai do Dr. Maori...

Surpreendido com o sorriso que repentinamente iluminou o rosto sempre sisudo da enfermeira, este a interrompe: - Desculpa... *Estoy* ansioso por saber tudo o que tem a me dizer... *Pero,* me responda primeiro, por que escondes esse sorriso *tan hermoso...? Tengo* que confessar

uma *cosa:* Tu estavas *siempre tan* séria, que *yo* te achava antipática!... - e com um jeito extremamente cativante, arremata - *Pero ahora...* Hum...Hum... Mudei de opinião!...

Apanhada de surpresa pela franqueza de Juan, Ronilda se encabula e um tanto sem jeito, responde: - Bem... Cuidando dos pacientes, em meio a tanto sofrimento, é difícil de se sorrir...

Enquanto a jovem fala, ele vai observando-a detidamente. Nunca havia reparado nas suas feições delicadas e a bela cor castanha esverdeada de seus olhos. Percebendo agora tais encantos, seu coração volúvel começa a sentir-se atraído por ela. E insiste, imprimindo uma dose maior de charme em suas palavras: - Mas, certamente esse *mui hermoso* sorriso, deve ser um excelente lenitivo para as dores de *sus* pacientes!...

Já senhora de si, sorrindo novamente, ela responde: - Obrigada!... Mas deixa-me terminar o que estava falando, pois já está quase na hora de voltarmos ao trabalho!... - e um tanto ligeiro, continua - O pai do Dr. Maori foi adotado recém nascido, por um pastor luterano e sua esposa. Ambos alemães. Daí o sobrenome Schmidt... O Doutor Daniel, assim ele se chamava, foi Defensor Público aqui em Trilha das Palmeiras e homem de muita projeção na cidade. Lutou sempre pelos índios guaranis, apoiado por sua esposa, Dona Giovana.

Admirado, Juan a interrompe: - E *los dos* realizaram sozinhos essa obra *tan* especial...?

- Não... Que eu saiba, eles receberam colaboração e apoio financeiro da filha adotiva de um Juiz de Direito, que viveu aqui décadas passadas. Chamava-se Dr. Teobaldo e era mestiço de guarani. A filha, Dona Juraci, uma guarani pura, dedicou o resto de sua vida às crianças da Reserva. - continua Ronilda, demonstrando na sua explanação, a admiração que sente pela obra - Lá, na sala da Administração, existem retratos dos fundadores e dos que participaram da implantação dessa organização!... - e entusiasmada, conclui - Você deve ir conhecê-la, Dr. Juan... É digna de admiração!

Impressionada com o que acabara de ouvir, Letícia, que até então estava calada, se apressa em dar a sua opinião: - Eu desconhecia tudo isso... Não sabia que era assim, tão *legal!...*

- *Si...* Realmente *és mui legal* - concorda Juan. E mais curioso ainda, quer saber sobre o Dr. Pedro: - E qual o trabalho que o irmão realiza...?! Como é ele...?

Ronilda ia responder, quando se dá conta de que a lanchonete já está ficando vazia. Preocupada, olha o relógio e exclama assustada para Letícia: - Nossa!... Já estamos atrasadas três minutos! Temos que ir embora!...

Ambas se levantam ligeiro, se despedindo.

- Desculpa, Juan! - fala Letícia, num tom de brincadeira - Temos que correr na frente, porque somos funcionárias... O nosso horário não é "elástico", como o de vocês médicos!

E sorrindo com simpatia, a enfermeira promete: - O *papo* foi bom... Poderemos continuá-lo uma outra hora, se você quiser!

Juan, ainda sentado, fica observando as duas enquanto caminham apressadas: "*Por essa eu não esperava!... Ronilda é uma "gata"... E, pelo jeito, não é muito difícil de se conquistar!!!"*

Entretanto, ao se levantar para ir em direção ao ambulatório, seu pensamento retorna ao diário do pintor espanhol e à obra da Reserva Guarani: *"Que belo trabalho!... Preciso mesmo conhecê-lo... Vou me oferecer para acompanhar o Dr. Maori, na primeira oportunidade!"*

E, por coincidência, essa oportunidade surgiu mais cedo do que ele esperava. Pelo meio da tarde, recebeu um recado do Diretor Médico. Este pedia para Juan encontrá-lo ao final do plantão, em seu consultório, na Policlínica ao lado do Hospital.

Surpreso com o inusitado convite, ele ficou cismando qual seria o motivo: *"Só pode ser por causa do "liuro kuê"...O Chefão deve estar querendo saber o que descobri nos pertences de Guarabira... Só pode ser isso!"*

Porém, ao término do plantão, antes de ir ao consultório de Maori, ele resolve se encontrar com Letícia, que também já estava de saída.

- Vim *hacer* um convite a você! - e com seu charmoso sorriso, Juan insiste - Dessa vez no *puedes* recusar! No *tiene* desculpa... *Mañana és* sábado e poderá me acompanhar ao Recanto da Pedra!...

Devolvendo o sorriso, Letícia o deixa em suspenso: - Pode ser... Me telefona pela manhã... Estarei trabalhando até ao meio-dia!

Escondendo a decepção, com uma expressão a mais charmosa possível, Juan concorda: Tudo bem, *hermosa!... Mañana* nos falaremos. Hoje não posso acompanhá-la até *su* ônibus. O "Chefão" me espera! *Tchau!*

Curiosa, Letícia pergunta: - O que o Dr. Maori quer com você a essa hora...?!

- *No lo sé!...*- rindo, ele brinca com ela - Se aceitar meu convite, *mañana* saberá!

Retrucando da mesma forma, ela se despede: - Isso é chantagem!... Mas vou pensar no assunto!

Ambos rindo, separam-se caminhando em direções opostas.

A policlínica é uma construção recente, com fachada de linhas simples, moderna. Tendo chegado um pouco antes da hora, Juan, que ainda não a conhecia por dentro, resolve percorrê-la e admirado constata: *"Bem que me diziam que era uma policlínica de cidade grande... Com instalações as mais modernas... E que aparência de luxo têm a maioria dos consultórios... E por fora não se tem essa impressão!"*

Entretanto, ao chegar no consultório do Diretor Médico, se surpreende com a simplicidade de sua decoração, tão diversa dos demais.

A recepcionista, uma senhora de meia-idade, o recebe com simpatia: - Por favor, Dr.Juan, aguarde um momento que o Dr. Maori já vai lhe atender. Está terminando a última consulta.

Juan senta-se na sala de espera e fica observando à sua volta. Seu olhar se depara com um belo quadro, retratando uma criança índia, correndo por sobre a relva. Tão absorto ficou apreciando a pintura que não percebeu a aproximação de Maori. Assustou-se quando este falou:

- Gostas de pintura, Juan...?!

- *Mucho!..* - levantando-se, confessa sorrindo - *Yo* sou um pintor frustrado... Essa arte *és* parte de *mis* sonhos de criança.

Estendendo a mão, Maori o cumprimenta: - Fico satisfeito por teres atendido ao meu convite.

- A satisfação *és* minha, Dr.Maori... Há alguns dias que espero *una* oportunidade de *hablar* consigo.

- Bem... Então vamos passar para a minha sala... - e entrando no aposento, convida o jovem colega a acomodar-se na poltrona frente à sua mesa - Sente-se aqui... Ficaremos mais à vontade!

Ansioso, Juan se antecipa, perguntando: - O senhor *desea* saber *lo* que encontrei nos pertences de Guarabira, *no és*...?

Sorrindo, Maori concorda: - Na verdade tenho curiosidade em saber o que o bugre velho queria tanto falar contigo... Mas não é esse o motivo pelo qual te chamei.

Espantado, Juan olha para ele em silêncio e, curioso, fica aguardando sua explicação.

- Bem... Eu quero te fazer um convite... Entretanto caso não te agrade, por favor, não te acanhes em recusá-lo! - e, com voz clara, expõe - Mantive até hoje, no necrotério, o corpo de Guarabira à espera de informações sobre possíveis parentes dele, vivendo na Reserva de Ocuí. Porém, no início da tarde, me informaram não haver mais ninguém da sua família, por lá. Sendo

assim, resolvi fazer seu enterro amanhã, lá na Reserva... E queria saber se tu gostarias de me acompanhar, uma vez que ele o considerava amigo.

Empolgado por ver surgir a oportunidade que desejava, Juan aceita em seguida: - Mas *és* claro, Dr. Maori!... Além de levar o *viejo* amigo para *su* última morada, *voy* realizar o desejo de conhecer a *mui* famosa Reserva Iguamirim!

- Se tinhas vontade de conhecê-la, Juan, por que não me falaste...? - diz satisfeito Maori - Teria prazer em levá-lo até lá!

- *És* que *yo* esperava uma oportunidade para *hablar* a respeito...

- Então poderemos ir amanhã cedo. Já telefonei para Iguamirim, combinando tudo. Sairemos daqui do hospital, por volta das oito horas, acompanhando a ambulância. Está bem assim ?!

- *Mui bien!...* Chegarei às sete, para poder percorrer a enfermaria antes de seguirmos *viaje.*

Ambos se levantam e quando o paraguaio já se dirigia para a porta de saída, Maori, não se contém: - Afinal, Juan, encontraste algo nas coisas de Guarabira...?

Encabulado por não ter tocado nesse assunto, ele responde meio sem jeito: - *Si...* Um livro *mui viejo. Voy* levá-lo comigo para mostrá-lo durante a *viaje...*

- Um livro velho...? - pergunta demonstrando grande interesse - E de que se trata ?!

- Na verdade *no és* bem um livro... *És más* um diário de um espanhol que, exilado, foi viver em *mi tierra* no ano de 1601.

- 1601...?! - espanta-se Maori - Então esse diário é uma relíquia preciosa. Já me deixaste muito curioso!

Sorrindo, Juan se despede: - Prometo que *mañana* o senhor estará com ele em *sus manos* - e sai para a rua, em direção a lanchonete onde pretende jantar como de costume. No caminho, vai pensando preocupado.

"Será que estou fazendo o certo, mostrando o "liuro kue" para ele...?! Mas agora não posso voltar atrás!... Que desculpa eu teria...?!"

Assim ansioso, ele chega ao local. Entretanto, enquanto aguarda o lanche, sentado frente à pequena mesa individual, seu pensamento se fixa na ida a Reserva, fazendo voltar seu habitual entusiasmo.

"Incrível, como tudo está acontecendo ligeiro!... Agora só preciso falar com Letícia antes de viajar... Estou à beira de conquistá-la... Não posso perder a oportunidade de sair com ela amanhã à noite! Espero voltar cedo para poder me preparar com calma. Quero estar irresistível!”

Tecendo planos para a sua nova conquista, ele retorna ao quarto da pensão: *"Hoje vou dormir cedo... Não quero ler pela noite adentro... Amanhã será um dia cansativo e preciso estar muito bem disposto para a noite com Letícia!..."*

Contudo, ao colocar o livro junto à roupa que separara para a viagem, Juan não consegue resistir a atração que o velho diário exerce sobre ele e acaba por mergulhar na leitura.

Sexta-feira, 9 de novembro

O meu novo mundo se desmoronou... Minha alma está partida...

A nau aportou ontem, trazendo enorme bagagem, com toda a sorte de material necessário aos acabamentos artísticos da igreja que está sendo construída na redução de San Ignácio, rio acima.

Certo de conseguir o que tanto necessito, rumei entusiasmado para o porto... Com o coração disparado de emoção ao ver a nau sendo atracada no cais, fui falar com o Padre Custódio, o encarregado de receber a carga. Já o conhecia por algumas vezes em que nos encontramos...

Atento à responsabilidade de seu trabalho, pouca atenção ele me concedeu. Ao saber de minhas intenções recusou de imediato o meu pedido, alegando que o material de pintura se destinava às obras sacras.

Classificou a minha arte de impura, dedicada à orgia dos sentidos, ao retratar as partes íntimas do corpo feminino... Para tal arte satânica, ele não cederia nem um pingo de tinta... E virou-me as costas, deixando-me terrivelmente frustrado e revoltado, fazendo-me recordar os hipócritas da "Santa Inquisição!"

Somente contigo, meu diário, mudo e fiel amigo que compartilha em segredo de minhas dores, é que posso desabafar esta profunda mágoa!...

A ira toma conta de mim!... Vou buscar conforto na botija de vinho e no meu trabalho com o buril... Quero terminar aquele corpo menino e tentador, que vou talhando na macia madeira e que atenua a falta que sinto, da mais entranhada arte de meu ser... A pintura! Quero acabar o meu trabalho!... Vou mostrar a esses falsos santos que a arte é divina!!! Afinal, se foi Deus o Criador de tudo, não são divinas as belas formas de um corpo de mulher...?!

Preciso chamar agora a minha púbere musa, que posando languidamente desnuda, desperta em mim um sem número de sonhos a acalentarem o intenso desejo refreado... Minha doce e virginal Janaína...

Ao terminar esse trecho do livro, sentindo-se inquieto com o desespero do pobre exilado, Juan decide não continuar a leitura. Ao virar a página, para colocar o marcador, se surpreende com o aspecto da folha seguinte. Amassada, com marcas parecendo de pingos d'água e a tinta borrada em determinados pontos, destoava das anteriores bem conservadas até então. Um estranho arrepio corre por seu corpo. Intrigado, resolve ler novamente. E em meio aos borrões, uma caligrafia irregular e trêmula, dificulta mais ainda a leitura.

Segunda-feira, 16 de dezembro.

Meu Deus... Estou arrasado... Completamente aniquilado!... Faço parte agora da escória da vida!...Passei afogado na bebida todos esses últimos vinte e oito dias... Tornei-me um hediondo ser!!!

Hoje, mais lúcido, volto a escrever... Minha mão está trêmula e minha escrita irregular. Porém me esforço, pois preciso desabafar meu tormento... Faço-o como uma confissão, ao meu silencioso amigo!...

Se Deus existe mesmo, peço a Ele que me perdoe... Que diminua a dor de meu remorso!!!

Envergonho-me perante as minhas duas dedicadas bugras... Dedicadas, talvez não por mim, mas pelo fato de não terem para onde ir...Pois como sentir afeto por um ser tão vil como eu...?! Envergonho-me perante os amigos índios que, diante de meu desatino, debandaram, me abandonando... Com certeza, transformada sua amizade em ódio...

Estou mais só do que nunca estive!!! Só, diante de minha alma envergonhada e de meu coração destroçado pelo remorso do que fiz... Como reagiriam meus pais se soubessem que o filho deles, outrora um artista refinado, de educação cristã, tão amado, se tornou um crápula assassino...? Pobre de minha mãe choraria o resto de sua vida!!!

Choro eu, tentando lavar a minha mente de meu hediondo crime! Não tenho perdão!!!

Procuro atenuar a minha culpa, pelo estado de embriaguez em que me encontrava... Mas nada pode recuperar o que destrocei!!!

Minha bestialidade despontou após o meu retorno do porto, no maldito dia da chegada da nau Santa Clara...

Mergulhado na revolta e na dor da minha frustração, comecei a beber copo após copo, enquanto esculpia a madeira. Janaina, num doce abandono sobre o catre, posava para mim. Com um sorriso tímido, me observava inocentemente enquanto eu trabalhava.

Pouco me lembro do que aconteceu... A bebida foi toldando a minha mente e pensamentos confusos foram dominando-a enquanto meu bestial desejo se exacerbava... Só me recordo de ter-me atirado brutalmente sobre aquele corpo de menina... Não consigo atinar o que se sucedeu... Um sono profundo encobriu minha consciência e, horrorizado, ao despertar, senti Janaina fria e inerte ao meu lado... A minha pesada mão, como que cravada em seus meigos lábios e delicadas narinas, a sufocara... Seus olhos abertos em agonia e sua pele arroxeada denunciavam o meu hediondo crime!

Meus gritos de desespero ecoaram na alvorada do dia que nascia, despertando minhas fiéis bugras, que dormiam em paz na palhoça distante de minha casa. Apavoradas com o que encontraram, fixaram em mim um olhar de incrédulo horror...

Sai porta afora, qual um sonâmbulo... Corri pela trilha que leva ao povoado... Perambulei pelos arredores aguardando o despertar da vila.

Quando se abriram as portas da Governadoria, fui desesperado confessar meu delito ao Oficial Comandante. Não podia admitir o que eu fizera!... Tirara brutalmente a vida de uma jovem que mal despertara para o mundo!... Mas para meu espanto e desespero, ouvi sua desprezível sentença: "Por que tanto tumulto por causa de uma reles índia...? Bugres não são gente, são meio animais que se pode domesticar... Se ainda fosse um macho, serias condenado por teres posto a perder um braço trabalhador... Mas uma bugra...? Existem centenas delas... E pouco valem para a venda e o trabalho!..."

Chocado com tal conceito, permaneci aparvalhado à sua frente... Irritado, ele apontou-me a porta da rua, mandando-me sair: "Volta para tua casa a fim de curar esta bebedeira... Se insistires, te jogarei no cárcere por vadiagem e tumulto!"

Completamente confuso e imerso em desespero, retornei pela trilha e me atirei sobre o mato, ao meio do caminho. Chorei até perder as forças... Apático, voltei para casa. Tinha que enfrentar o que lá deixara...

Entretanto, para surpresa minha, Janaína desaparecera... Seu pai, Ojupará, um dos bugres que trabalhava para mim, a levara em companhia dos outros dois... Foram embora. Apenas Gracy Ara e Nhã Juçara permaneceram a meu lado.

Vegetei esses vinte e oito dias... O que será de mim agora...??? Acho melhor colocar um fim nesta minha sórdida existência!...

Angustiado com tal revelação, Juan, com o coração disparado, sentindo-se tonto, se atira na cama, deixando o livro caído na poltrona. Uma estranha inércia vai tomando conta de seu corpo... Entretanto, com a mente lúcida, se vê mergulhando num túnel escuro, giratório... Rostos disformes, de olhos vermelhos injetados de ódio, caretas de escárnio e trejeitos aterrorizantes, vão surgindo à sua frente e passando sobre ele. Apavorado, mentalmente pede socorro a Deus e fazendo um esforço inaudito, grita por misericórdia.

Uma tênue luz começa a surgir e à medida que aumenta de intensidade, as figuras tenebrosas vão desaparecendo, sugadas pela escuridão do túnel. Até que a luz total apaga toda essa visão e seu corpo e sua mente adquirindo equilíbrio, voltam ao normal.

Muito impressionado e confuso ao mesmo tempo, ouve uma voz tranqüila em seu íntimo: *"A energia negativa de nossos erros, atrai uma falange de espíritos sem luz."*

Sem compreender o que se passara, ele se acomoda na cama, caindo num sono agitado, povoado de pesadelos.

Após a noite mal dormida, Juan custou a ouvir o despertador tocar, o que ocasionou chegar atrasado ao Santo Augusto. Sendo assim, não foi possível procurar por Letícia, fato que o deixou mais deprimido ainda: *"Droga!... Lá se vai a minha tão esperada noite, por água abaixo... Mas não posso deixar o "Chefão" me esperando!..."*

Tão logo termina a visita aos pacientes da enfermaria, vai ligeiro ao encontro do Diretor Médico. Este já o aguardava junto à ambulância, que se preparava para sair. Estranhando a aparência abatida do jovem paraguaio, Maori pergunta preocupado: - O que aconteceu...? Estás doente ?! Se estiveres, talvez seja melhor não viajar hoje e retornares à pensão.

- Não!... *Estoy* bem... É que passei insone quase toda *la noche*... E *además, estoy mui* curioso para conhecer a Reserva!

Ambos entram na caminhonete de Maori e tomam a direção da estrada.

A manhã estava ensolarada, com o céu de um azul vivo, sem nuvens, tornando a paisagem mais bela ainda e a viagem mais tranqüila. Durante todo o trajeto, Maori descreveu em detalhes a obra realizada em Iguamirim.

- Os índios mais antigos sentem muito ainda a falta de meus pais.

- *Hace mui* tempo que eles faleceram...?!

- Não... Foi há poucos anos atrás, deixando muitas saudades entre eles... Meu pai foi a viga mestra desse trabalho! Tia Juraci foi a mola que impulsionou a construção física, mas meu pai foi a estrutura. A grande dedicação de ambos, auxiliados por minha mãe e minha avó Adriana, está profundamente marcada na memória de todos os habitantes dessa reserva...

- Mas *su* trabalho médico também *és* fundamental, Dr. Maori... E *estoy* sabendo que *no és pequeño*!

- Sim, eu reconheço... Mas talvez ele não existisse se não fosse por meus pais...

- E quanto à *su* irmão, o Dr.Pedro... Como se desenvolve o trabalho dele...?!

- Ele tem procurado elevar o conceito da raça Guarani, buscando suas raízes, num esforço árduo de provar a sua importância na formação da raça brasileira.

- Realmente aqui no Brasil, *no és* valorizada a cultura guarani... Em *mi* pátria, ao contrário, respeitamos *mucho nuestras* origens e as duas culturas se misturam com harmonia...

- Meu irmão luta por isso... Desde o ano anterior às comemorações dos 500 anos do descobrimento do Brasil, que Pedro vem fazendo palestras nas universidades gaúchas a esse respeito. Seu sonho é conseguir implantar em alguma delas, um curso de tupi-guarani, à semelhança do que aconteceu na UERJ, a Universidade do Rio de Janeiro, no decorrer do ano 2000. Só que ele gostaria que tal curso fosse em caráter permanente, com o intuito de preservarmos as nossas raízes indígenas.

- *Pero*, em *mi* pátria, isso *és* comum. Nas universidades pode-se estudar corretamente a língua guarani. *És* grande o número de pessoas que *hablam* as duas línguas. Na verdade, o *nuestro* idioma *tiene muchas* palavras indígenas. *No és* um castelhano puro...

Conversaram tanto que não sentiram o tempo passar... Quando já estavam chegando na Reserva, Juan, ainda indeciso, resolve falar sobre o livro vermelho: - *Después* do enterro de Guarabira, Dr. Maori, antes de voltarmos para Trilha das Palmeiras, gostaria que pudéssemos ficar a *solos* em algum lugar deserto, para mostrar-lhe o diário espanhol... *Yo lo* trouxe comigo.

Maori, que por discrição não tocara nesse assunto, concorda prontamente: - Será ótimo, Juan... Estou realmente curioso para ver essa relíquia e percebendo uma certa apreensão na voz do jovem colega, procura tranqüilizá-lo - Mas não te preocupes, que manterei segredo acerca desse assunto.

Aliviado com tal promessa, Juan volta sua atenção para a Reserva, exclamando admirado: - Incrível!... *És* bem maior do que *yo* esperava... Gostaria de percorrê-la por inteiro!

- Pois será um prazer para mim! Certamente teremos tempo suficiente para isso! - afirma Maori, enquanto estaciona o carro junto à ambulância que chegara antes deles.

O administrador da Reserva, Pablo Momorãmby, o padre Honório e o pajé Poguasu, juntamente com alguns amigos mais chegados, os aguardavam. Com sincera satisfação, se cumprimentam, enquanto Maori faz as apresentações do visitante.

- Esse é o mais novo colega do corpo médico do Hospital Santo Augusto. Dr. Juan Quevedo. É natural do Paraguai, portanto um irmão nosso, de sangue guarani.

Recebido com simpatia, Juan retribui aos cumprimentos com um largo sorriso: - *Mi* prazer *és mui* grande por estar aqui com *ustedes* e conhecer essa famosa Reserva Iguamirim.

Em seguida, o grupo se dirige para a Casa das Cerimônias, localizada no centro da praça principal.

Opy, como esta é chamada na língua indígena, é uma construção feita com trançado de taquara preenchido de barro e telhado de sapé. Ali são realizados os casamentos, batismos, funerais, etc.

No centro da sala, sobre uma espécie de maca recoberta por uma esteira de palha, foi colocado o corpo de Guarabira, envolto em uma manta. A partir dele, como se este representasse a perna de um Y, os índios vestidos em seus trajes típicos, formaram duas fileiras enviesadas. De um lado os homens e do outro as mulheres. E sob o comando do pajé, que se posicionara frente a Guarabira, eles iniciaram a cerimônia de encomendação cantando, em tom vibrante, cânticos que representam a expressão da alma que vive para sempre. Acompanhando o ritmo, os homens, descalços e de mãos dadas, marcavam passos cadenciados à semelhança de uma marcha estacionada. Enquanto as mulheres, sob a mesma cadencia, batiam no chão com varas curtas de taquara, fazendo o *takuapu,* o "som das taquaras".

Por mais de uma hora, Maori, Juan e o padre Honório, acompanhados do Administrador, permaneceram de pé, observando contritos essas forma ritual que se processava ininterruptamente.

Ao se retirarem, foram sentar-se no lado de fora da *Opy,* junto aos índios que se encontravam reunidos ao redor do "fogo de chão", parte do ritual fúnebre, tomando chimarrão e fumando cachimbo.

Impressionado com tal cerimônia que desconhecia, Juan pede mais detalhes.

- O ritual dura de vinte e quatro a quarenta e oito horas ininterruptas - esclarece Pablo - Tanto as mulheres, como os homens e o pajé, são substituídos sem que haja interrupção da cerimônia...

- Mas não existe apenas um pajé...?!

- Sim... Mas à semelhança da organização sacerdotal, existem os iniciantes, que fazem a substituição do pajé, quando necessário, em momentos como esse. Porém somente ele é quem preside ao sepultamento.

- Bem... *Sin* querer ser inconveniente - insiste Juan um tanto encabulado, porém interessado em conhecer tudo - Já que *no* será possível a *nosotros* permanecermos aqui todo esse *tiempo,* poderá me dizer como *és* o enterro ?!

- Certamente - consente o Administrador - Em nosso cemitério, campo sagrado para nós, não existem tumbas... O corpo é levado diretamente à terra, numa cova rasa. Não se levam flores, nem enfeites ou lembranças... Apenas os que acompanham o sepultamento vão jogando por sobre o falecido punhados de terra, que significam o seu retorno à Mãe Terra, da qual fazemos parte.

- *Mui* interessante!... No evangelho cristão, está escrito que "do pó *venimos* e ao pó retornaremos"... No *és* certo, padre Honório ?! - pergunta Juan a este, que até então se mantivera calado, apenas ouvindo a conversa.

- Correto, amigo - concorda o sacerdote - Ao estudarmos as várias religiões, cristãs ou não, descobrimos que todas têm o mesmo fundamento. Que o ser humano, em seu íntimo, tem consciência de que faz parte do Todo.

- *Pero... Una cosa* me intriga!... *Usted,* sendo um padre católico e trabalhando *junto* aos guaranis, ensinando a religião católica a eles, não faz encomendações fúnebres cristãs...?!

- Sim... A missa de sétimo dia também é sagrada para eles. E essa é a minha parte.- explica Honório com um sorriso compreensivo - Eu respeito a religião deles e as suas raízes. Não imponho a minha fé, porque acredito que Deus sendo o Único Criador do Universo, também é o Inspirador de todas as manifestações de Fé.

Maori tendo terminado a conversa que mantinha à parte com o Dr. Marcelo Pohanohára, volta-se para eles com o interesse despertado pelo assunto:

- Pois é pensando e agindo dessa maneira que padre Honório tem conseguido realizar o belo trabalho de harmonização e equilíbrio entre as duas religiões.

- Facilitando assim o despertar do sentimento de orgulho por nossa raça guarani e a compreensão de que é necessário que nos adaptemos aos costumes da civilização branca, para unidos, conquistarmos um progresso maior em nosso planeta Terra! - intervém o médico guarani, se apressando em complementar a observação de Maori, demonstrando grande satisfação por sua própria conquista profissional.

O sol ainda estava a pino, quando eles saíram da Reserva. Percorridos uns 15 quilômetros, Juan pediu a Maori que parasse o carro num refúgio do acostamento, sob a copa frondosa de um cinamomo.

- Creio que aqui *és* um local agradável para que eu lhe mostre o *liuro kue...* - explica, retirando da mochila o diário espanhol.

- *Liuro kue...*? O que significa isso ?!

- Quer dizer um livro *mui viejo,* no idioma guarani. Aprendi com o velho bugre...- e abrindo o diário, aponta o alto da primeira página: - Veja a data que lhe falei: 1601. Incrível, *no és* verdade...?

- Realmente esse diário é uma relíquia! - e observando a escrita se surpreende mais ainda - Porém muito difícil de ser lido, pois deve ser um castelhano de ortografia antiquada!

- *És* verdade... Por isso *estoy* lendo *mui* devagar... Tem *muchas* palavras que não compreendo... Apenas adivinho o sentido delas.

- Mas conta para mim, Juan, o que já conseguiste ler. Estou realmente muito curioso!

Resumindo bastante, este expõe o que já sabe sobre a saga do pintor espanhol. E um tanto constrangido, fala sobre as estranhas sensações que sentiu nas últimas noites de leitura, explicando assim o motivo de seu abatimento.

- *Fué* tudo tão estranho que apesar de *mi* extrema curiosidade, *estoy* tendo um certo receio em continuar a leitura... - e mostrando aonde parara de ler, continua - Veja, Dr. Maori, essas últimas páginas estão amassadas, *pero* a seguir, já se encontram perfeitas e com uma caligrafia *más* harmoniosa.

- Bem... - fala Maori com certa hesitação - Essa sensação estranha que sentiste, pode ter uma explicação à nível espiritual.

- Como *asi...?* - se surpreende Juan.

- Quando temos sensibilidade mediúnica, captamos as energias contidas em objetos antigos. Sentimos ao tocá-los, as emoções vividas por seus ex-proprietários... Às vezes conseguimos até ver, através de nossa mente, as situações passadas. Penso que este diário, escrito com tanta emotividade, deve conter ainda as energias de quem o escreveu.

- *Pero entonce, yo* tengo sensibilidade mediúnica...?! - pergunta Juan mais impressionado ainda.

- Na verdade Juan, todos nós temos sensibilidade mediúnica. Podemos chamar de paranormalidade, ou qualquer outro título... Mas é o despertar de nossa consciência cósmica. O início do funcionamento de nosso consciente direito que, até a algum tempo atrás, como tu bem sabes, a medicina não encontrava muita utilidade.

- *Si*... Creio que *sea* verdade! *Pero* ainda não havia pensado sobre isso!... Como clínico geral, minha visão *és bien* física.

- Se tu te interessares um dia por esses assuntos espirituais, de expansão de nossa consciência cósmica, posso te levar a um centro espiritualista, que eu freqüento. Lá encontrarás muitas respostas...

Tomado de curiosidade, Juan aceita imediatamente.

- Sendo assim, poderemos marcar para a semana que vem. Avisarei com antecedência, está bem...?

- Ótimo! - concorda entusiasmado.

- Bem... Já que me mostraste o *liuro kue*... - diz Maori sorrindo - Vamos continuar nossa conversa pela estrada afora, senão chegaremos muito tarde em casa. - e juntando o ato às palavras, dá partida no carro.

Juan, lembrando-se de Letícia, pensa satisfeito: *Pode ser que eu ainda tenha tempo de marcar um encontro com ela!..."* e um tanto a contragosto, mas em consideração ao seu chefe, pergunta: - E quanto ao diário, Dr. Maori, *usted* gostaria de ficar algum tempo com ele...?

- Não, Juan... Já satisfiz em parte a minha curiosidade, posso esperar até terminares a leitura. Vais continuar a ler, não é mesmo...?!

- Claro. *Mi* curiosidade *és* bem mais forte do que *mis* temores... Ainda *más ahora* que *puedo* começar a compreender o que está se passando comigo, cresce *más* ainda o desejo de me aprofundar *mismo* nessa incrível leitura!...

- Mas se tu puderes relatar para mim a estória à medida que fores lendo, gostaria muito. Pode ser ?!

- Combinado!... Será com *mucho* prazer que o manterei informado.

Localizado em uma fazenda próxima da cidade, o Recanto da Pedra pertence a um agradável Hotel Fazenda, inaugurado a pouco mais de um ano.

Seu proprietário, um ex-jogador de futebol da seleção brasileira, natural de Trilha das Palmeiras, durante alguns anos atuou num time espanhol. Agora aposentado, resolvera retornar às suas origens, realizando um antigo sonho de viver no campo o resto de sua vida. Assim, comprou essa pequena fazenda, pouco produtiva por ter um solo pedregoso, mas que lhe trouxe à lembrança uma agradável região do interior da Espanha. Com visão empresarial, ampliou e transformou a sede numa confortável pousada.

Quanto ao restaurante, planejou-o à semelhança de uma casa de pasto, que conhecera naquela pequena cidade espanhola. Fez a sua construção na encosta de uma grande pedra, que adentra parte no salão de refeições. Daí o nome de Recanto da Pedra. Com uma decoração rústica, porém bem planejada, tem a visão de um bonito jardim tropical através de uma larga parede de vidro, proporcionando aos freqüentadores a sensação de se encontrarem em campo aberto, que se estende ao longe. À noite, lâmpadas escondidas por entre as plantas, dão um toque paradisíaco ao local, favorecendo o romantismo aos enamorados que buscam um lugar mais aconchegante.

Assim, neste belo cenário, Juan realiza seu primeiro encontro com Letícia.

- Finalmente você me deu o prazer de trazê-la aqui... *No és* um lugar *mui* lindo...?! - pergunta ele sorrindo, sentado ao seu lado na pequena mesa bem posta, adornada com flores do campo.

- Tens razão!... Já haviam me dito que era um local bonito e acolhedor. Só que superou a minha expectativa... Não é à-toa que está sendo considerado um ponto de atração turística na região.

-*Sí*... E *usted* não imagina como *fué* difícil reservar esta mesa por telefone, em cima da hora!... Aos sábados, está *siempre* lotado.

- Mas também, tão charmoso assim, não é para menos!

- Isso *sin* falar na comida que *és* deliciosa!... Encomendei um *pucchero,* que apesar de não ser um prato típico da Espanha, e sim paraguaio, está incluído no cardápio das comidas de origem espanhola. Espero que *sea de tu agrado...*- e olhando Letícia com sincera admiração, comenta - Estás *mui* linda, *mui* linda *mismo!*... Que bom que pude *volver* da Reserva a *tiempo* de me encontrar com *usted!*

Ela sorri envaidecida, mas não querendo dar chance a uma conversa mais íntima, pergunta mostrando-se interessada: - E por falar nisso, ainda não me contaste em detalhes o que achaste da Reserva e dos guaranis.

- Bem, Letícia, gostei *mucho*. *Pero*... - retruca num tom cheio de charme, passando o braço por sobre seus ombros - Agora que estamos a *solos* nesse ambiente *tan* aconchegante, prefiro falar apenas de *nosotros*...

Desvencilhando-se com elegância do seu abraço, ela finge não perceber o seu ímpeto: - Veja, Juan, acho que o garçom já está trazendo a nossa comida... Estou curiosa para provar do seu *pucchero!*

Disfarçando a frustração num sorriso, ele responde: - *Entonces,* espero que *él sea* aprovado. *Me quedaré* satisfeito.

Tão logo o garçom se retira após servir os pratos e o vinho *rosée,* Juan, com um olhar sedutor, ergue a sua taça num brinde: - A *nosotros*... Ao início de uma bela *amistad!*...

E a noite foi pequena para o romance ardoroso que envolveu a ambos.

Apaixonado, Juan deixou de lado, esquecido por mais de um mês, o perturbador diário espanhol e seus planos de adquirir um computador para a pesquisa via Internet. Suas noites livres agora eram apenas de Letícia e os pensamentos que dominavam a sua mente eram todos para ela.

Certo dia, ao término de um atendimento de emergência no Pronto Socorro, Maori, estranhando o silêncio do paraguaio, resolveu saber o que se passava com ele: - Juan, faz tempo que não me contas nada sobre o pintor espanhol... - e em tom de brincadeira, pergunta curioso - Por acaso existe nele algum segredo que não possa ser revelado...?!

Encabulado, este se apressa em responder: - Em absoluto, Dr. Maori!...- e sorrindo com um ar misterioso, esclarece - *És* que *yo* ando *mucho* ocupado! Envolvi-me com uma bela *muchacha... Estoy enamorado!* - e com um riso maroto, arremata - A*sí las noches* se tornaram *más* curtas!

- Ai, o amor!... Agora entendo o teu silêncio!...- fala Maori rindo compreensivo - Mas, quando recomeçares a ler a saga de Rodrigo, não te esqueças de mim...

- Por certo! Como dizem por *acá,* "promessa *és* dívida!" - e com um largo sorriso se despede do Diretor, saindo da seção de emergência em direção a sala de telefonia.

Surpreso, encontra Letícia se preparando afobada para sair.

- O que *se passa*, querida...?!

- Oh, Juan... Que bom que chegaste agora! Ia te procurar!... Tenho que viajar hoje mesmo para Ibirubá! Me chamaram lá de casa. Meu pai teve um derrame e está muito mal no hospital! - explica com os olhos lacrimosos.

- Nesse caso espera um pouco! Vou pedir permissão para sair e *así* levarei *usted hasta su* casa e depois na rodoviária!...

Olhando o ônibus se afastar levando Letícia, ele sente um vazio dentro de si. Entra no carro pensando o que fazer para preencher o tempo, novamente sozinho... A luz forte do pôr-do-sol ofusca-lhe a visão e a beleza daquele céu avermelhado deixa-o mais nostálgico ainda...

"A noite não tarda e eu preciso me ocupar com alguma coisa..."

Lembra-se então do projeto de pesquisa via Internet e, mais animado, resolve aproveitar o final da tarde para percorrer o comércio e finalmente comprar o computador.

Sem dificuldade efetiva a compra e com a promessa da entrega e a instalação do mesmo marcadas para o dia seguinte, Juan se retira satisfeito da loja.

"Foi ótimo assim... Terei um novo amigo para as minhas noites solitárias!"

Já passava das oito horas quando chega na pensão. Havia jantado na lancheria e a sensação de solidão retornara novamente.

"*Como em tão pouco tempo a Letícia modificou a minha rotina, dando um sabor especial à minha vida... Coitada! Tomara que o pai se recupere, senão sofrerá um choque muito grande..."* - soltando um profundo suspiro, se preocupa - *"E, "egoisticamente" pensando, meu romance também levará um grande baque!!!"*

Imerso nesses pensamentos, ia se dirigindo para a escada, quando a dona da pensão se acerca dele: - Dr. Juan, que bom que estou lhe encontrando agora... Ultimamente tem sido difícil achá-lo! - e olhando-o de um jeito meio malicioso, sem querer deixa escapar a sua bisbilhotice, ao lhe entregar uma carta - Chegou hoje de manhã. É da sua mãe!

Controlando a súbita irritação de que é acometido pelas palavras da senhoria, ele lê o remetente, confirmando: - *Tiene* razão, Dona Clementina... *És mismo de mi madre!* Obrigado! - e sem sorrir sobe furioso as escadas pensando - *"Velha metida! Qualquer dia desses ela vai querer saber aonde tenho dormido... É o cúmulo!!! Vejo pelo seu olhar que anda se roendo de curiosidade!"*

Entretanto olhando o envelope, seu coração se enche de saudade e tão logo entra no quarto, se apressa em ler a carta. Satisfeito, verifica que são boas as notícias da família. Porém sua mãe o apanha de surpresa avisando que chegará dentro de quatro dias para passar um mês com ele. Ao mesmo tempo em que se alegra com a possibilidade de encontrá-la, pois realmente sente a sua ausência, sente-se tolhido na sua liberdade, considerando que o momento não é dos mais oportunos.

"Ó céus!... Justo agora que engrenei um delicioso romance, adoece o pai da Letícia e a mãe resolve vir me visitar!... Que azar!..."

Mas em seguida se arrepende: *"Não... Coitada da mãe... Não é muito fácil para ela viajar. Se existe essa oportunidade deve aproveitá-la... Pois afinal, faz quase um ano que não nos vemos... Bem... Sendo assim... Tenho que dar uma trégua no meu romance... Fazer o quê ?!"*

Sentindo-se insone em virtude do brusco retorno à sua rotina solitária, Juan retira do armário o diário espanhol.

"Ainda bem que tenho o "liuro kue" para me fazer companhia!" - e sentindo-se novamente interessado por este, se acomoda na poltrona.

Abrindo o livro na página seguinte aonde interrompera a leitura, se surpreende com a data: - *Mas como...? Como "10 de setembro de 1617"...??? Incrível como eu não havia percebido essa data antes!* - e examinando-o minuciosamente, constata - *Estranho... Parece que*

nenhuma página foi arrancada! - e com a curiosidade aguçada, começa a ler imediatamente. A escrita, numa letra firme e mais harmoniosa, facilita a leitura.

10 de setembro de 1617

A emoção toma conta de mim sempre quando assisto ao coral dos guaranis... A maviosidade de suas vozes me comove de tal modo, que meus olhos enchem-se de lágrimas... Elas mexem com o mais profundo do meu ser.

A sensibilidade artística desse povo primitivo é algo surpreendente! A facilidade com que os índios aprendem as artes plásticas deixa-me encantado... Tudo o que tenho lhes ensinado, não somente aprendem com rapidez, como aprimoram a execução.

Bendita arte que me trouxe de volta a vida! Bendito o amor que me redimiu!...

Olho o jovem Mainumby, tocando com sentimento a sua flauta e meu peito se enche de orgulho. A mistura de meu sangue latino com o guarani, deu-lhe feições estranhas que o diferenciam dos demais. Assim como também a herança do meu talento, acrescida da sensibilidade guarani, capacitaram-no para a arte plena! A música, o canto, a pintura, a escultura... Enfim, em tudo ele se sobressai! E eu me pergunto, por que nascer um talento desses sem ter os grandes palcos do mundo civilizado para aplaudi-lo...?!

Como está perdidamente longe a minha pátria, que continua venerada no recôndito de minha alma! A minha família nunca mais contatada, mas sua lembrança dolorida, marcada, como à ferro em brasa, em minhas entranhas...

Entretanto já me encontro afeiçoado por estas plagas...A amizade que tenho recebido aqui, me alçou do profundo fosso em que caí e me proporcionou consolo e paz no seio de uma nova família...

O amor fraterno de padre Anselmo que me tornou uma pessoa novamente respeitável... A bem dizer, mais do que fui antanho... Os demais jesuítas e os bugres amigos... E a natureza exuberante que nos ensina a viver...

Principalmente a dedicação incondicional de Gracy Ara que me devolveu a crença no Amor!

Sinto-me um novo homem... Diferente do que fui, quando cidadão conceituado na minha amada Espanha, entretanto agora mais humano e amadurecido...Enxergo a vida com outros olhos. Bendigo a Deus e agradeço o Destino!

Durante a missa de hoje, detive-me a observar os anjos que esculpi e os afrescos que ajudei a pintar no teto da nossa bela igreja. E ao me deliciar com o coral, meu pensamento me fez retornar aos anos passados... Senti então o desejo de registrar em suas páginas, querido amigo abandonado, um resumo desses quinze anos que me transformaram...Agradeço a Gracy Ara o não ter perdido a ti para sempre!...

Volto no tempo...

Imerso em desespero pelo ato monstruoso que cometera, resolvi acabar com a minha miserável vida... Abandonei tudo... Deixei para trás as minhas doces companheiras no momento em que mais precisavam de mim, hoje eu reconheço isso. Momento em que nasceriam os meus filhos, frutos de um amor egoísta, puro deleite sexual...

Sem coragem de tirar a vida com minhas próprias mãos, me embrenhei mata adentro em busca da morte acidental... Busquei o perigo... Entretanto, uma estranha proteção me poupava da conseqüência dos riscos a que conscientemente me expunha. Vaguei perdido... Extenuado pelo cansaço e pela fome, após não sei quantos dias e noites, caí desmaiado em uma pequena clareira.

Um forte alarido à minha volta e os tapas que recebia em meu rosto, me trouxeram a consciência do que estava ocorrendo ao meu redor.

Abri os olhos e me deparei com um homem de feições embrutecidas, ajoelhado ao meu lado, tentando me despertar ao peso de sua calejada mão.

Após algumas bofetadas explicou, numa voz roufenha, aos companheiros que me olhavam à curta distância, que eu não estava morto, apenas desmaiado.

Olhei para ele ainda tonto e num tom de comando, ele perguntou-me intrigado, o que eu fazia ali tão só. Apesar de áspera, sua voz soou como um bálsamo aos meus ouvidos, ao ouvir a minha língua pátria. Aturdido e enfraquecido, mal respondi que estava perdido...

Constatando que eu me encontrava fraco por estar faminto e não por doença, ordenou então a um mestiço de índio, que presumi ser seu criado, que me trouxesse água e alimento.

Em seguida, auxiliado por outro companheiro, colocou-me sentado, encostando-me a um grande fardo, falando rispidamente:"Quando estiveres recuperado, conversaremos!... Agora beba e coma!" E sem mais nada dizer, foi se reunir com os outros e, juntos, se afastaram de mim confabulando em voz baixa.

E foi assim que me envolvi com um grupo dos chamados "encomenderos", cuja missão era caçar e escravizar os índios para o cultivo da terra, em proveito dos espanhóis, sob o sistema "yanacona".

Quando vivi em Assunção, apenas conheci os índios que obedeciam ao sistema "mita". Apesar de escravizados, os homens na faixa etária dos 18 aos 50 anos, têm somente por obrigação trabalhar na lavoura por dois meses anualmente, sem receber salário. O restante do ano eles podem viver em suas tribos, numa liberdade vigiada... Eram assim que viviam os meus amigos guaranis, que comigo trabalharam. E até hoje, pelo que sei, os padres jesuítas continuam firmes, exigindo dos senhores espanhóis o cumprimento dessa lei.

Porém, naquela ocasião eu desconhecia o tributo "yanacona". E foi para este que eu infelizmente passei a trabalhar com os "encomenderos". Tornei-me um deles!...Terrível sistema!!! É uma penalidade, ainda em vigor, que se impõe aos índios capturados na mata, considerados injustamente como rebeldes ou hostis pelos chefes militares. Na verdade, o governo busca dessa maneira, a mão de obra escrava.

Os "yaconas", também chamados "peças", são privados de tudo... De família, de haveres e independente da idade ou sexo, têm que servir a seus amos na forma que eles desejarem, sem remuneração alguma. Na sua maioria são enviados para regiões insalubres e remotas, para o cultivo da erva-mate, trabalhando até se extinguirem as suas forças.

Por longos quatro anos colaborei para esse tipo de vida, que então desconhecia. Desprezível, terrivelmente desumana e da qual me envergonho e me arrependo amargamente de tê-la vivido... Embruteci-me, despertando uma faceta cruel de minha personalidade que eu nunca pensara possuir!...

Ao chegar neste ponto da leitura, Juan começou a se sentir mal outra vez. Súbito torpor tomou conta de seu corpo e imagens começaram a se formar em sua mente. Cenas as mais escabrosas. Índios sendo espancados e torturados defronte aos demais companheiros que, amarrados uns aos outros pelos pés e pelas mãos, não podiam reagir. Estavam sendo exemplados os que tentaram fugir do aprisionamento em que se encontravam.

De repente, de espectador dessas visões, Juan passou a vivenciá-las. Sentia-se parte delas. Sabia que era um dos "*encomenderos*"... Não estava torturando nem espancando, mas a tudo observava a curta distância, sem nada fazer. Não sentia pena nem horror pelo que estava acontecendo, apenas ligeira náusea envolvia seu estômago, pelo cheiro do sangue derramado.

A muito custo, Juan soltou um grito que se misturou, em sua mente, aos gritos dos pobres guaranis torturados. Com o grito, apagaram-se as visões e foi sendo desfeito o torpor. Horrorizado, com o coração disparado pela emoção, foi aos poucos recobrando a sua normal consciência.

Ainda aflito, fechou o livro que estava caído em seu colo, guardando-o no armário. Deitou-se para tentar dormir, querendo apagar da memória o que lera no diário e o que vira e sentira em sua mente... Mas a angústia não cedia. Pelo contrário. Pensamentos contraditórios não deixavam-no descansar...

"Devo comentar com o Dr. Maori o que me aconteceu...? Ele se ofereceu para me levar no Centro Espírita... Mas será que ele não vai me achar um cara complicado...? Isso pode acabar atrapalhando o meu conceito profissional!..."

Debatendo-se na cama em meio a tais sentimentos conflitantes, o sono reparador só chegou alta madrugada.

Na UTI do Santo Augusto, Maori auxiliado por Juan, tentava salvar a vida de um paciente, vítima de um acidente de carro. Uma batalha que já durava uma semana. Porém, apesar dos esforços, este não resistiu.

Apesar de acreditar na continuidade da vida e compreender que todos os seres têm a sua hora de passagem, Maori sempre se sentia deprimido ao perder um paciente. Ainda mais sendo um jovem com pouco mais de vinte anos, vítima da própria imprudência... Percebendo isso, ao saírem ambos da UTI, Juan resolveu contar, à guisa de distrair a atenção do colega, o que lhe acontecera na noite anterior.

Impressionado, Maori reiterou o convite para levá-lo ao Centro Espírita. E a data foi marcada para dois dias depois.

- Acho que tu irás te sentir bem melhor e, quem sabe, receber alguma mensagem elucidativa...

- Isso seria *mui bueno!* Não entendi direito me sentir participante daquela visão. *No puedo* imaginar-me naquela situação! Fico me perguntando por que essa leitura me *hace* sentir essas *cosas* estranhas!...

- Creio que através da compreensão de que vivemos muitas vidas, entenderás o porquê de tudo o que tem acontecido contigo!.. Mas...Por falar na leitura... - Maori pára de andar e um tanto hesitante pergunta olhando pensativo para ele - Não sei se devo te fazer um pedido... Claro que tu deves negar se achares inconveniente!

- Mas *és* claro que *puede hacerlo!* Será uma satisfação para *mi hacer* algo para quem *tiene* me ajudado tanto! - responde Juan pressuroso.

- Bem... Eu tenho uma sobrinha, filha de minha irmã Bianca, que mora em Porto Alegre. Ela está cursando a faculdade de Letras e se especializando, além do inglês, em espanhol - e sorrindo, comenta - Agora com o Mercosul, seu idioma se tornou imprescindível para nós gaúchos!

- *Así* como o português para *nosotros* também*!* - concorda Juan igualmente sorrindo - Mas, em que *puedo* ser útil a *usted...?*

- É que a Jurana... Assim se chama a minha sobrinha... Interessa-se muito pelas raízes dos idiomas. E esse diário espanhol, pela data e pelo que tu me disseste, está escrito num castelhano arcaico... O que seria de grande interesse para ela. Se tu me deres permissão, a colocarei em contato contigo, quando ela vier passar um fim-de-semana aqui, com os pais.

Apanhado de surpresa, o paraguaio sente-se inseguro, pois não era a sua intenção divulgar para mais ninguém o seu *liuro kue.* Sem querer negar o pedido do Diretor Médico, nem ser indelicado, procura pensar rápido uma desculpa.

"O que devo dizer...???!!!" Vou concordar em me encontrar com a sobrinha somente depois que eu terminar a leitura... Isso! Assim ganho tempo!"

- Claro!... *Pero...* - nesse instante, sentindo uma estranha e repentina taquicardia, ele vacila, enquanto um pensamento surge imediato em sua mente: *"E se ela for uma gatinha...?!*

Vale a pena arriscar!" - e sorrindo, modifica sua resposta - Quando ela virá...? Será um prazer para *mi!*

- Penso que dentro de uns dez ou quinze dias. Até lá, acho que tu já terás terminado a leitura.

Já interessado em conhecer a jovem sobrinha, Juan pergunta ligeiro: - *Pero* ela não *tiene* computador...? *Yo* tenho *ahora uno* em *mi* quarto. Comprei há poucos dias atrás... E *hoy* devem ligar a linha telefônica que aluguei...*Estoy* ansioso para inaugurá-la!... *Así* poderíamos nos comunicar através da Internet. Quando ela *venir* já estará conhecendo a estória...

- Bem pensado Juan! - satisfeito, Maori concorda de imediato - Sei que ela tem computador, sim! Só não me recordo qual é o e-mail... Mas devo ter anotado lá em casa.

Como já estivessem chegando no corredor interno de acesso à Policlínica, Maori se despede: - Bem... Vou ficar aqui. Os clientes estão me aguardando!... Podes deixar que vou telefonar hoje mesmo à noite para a Jurana explicando que tu vais entrar em contato com ela. Amanhã te darei o e-mail.

- *Mui bien...* Ficarei aguardando! *Yo* também *tengo* que ir atender na ala dos pacientes terminais. *Hasta mañana!*

E apressando o passo, Juan segue para a escada que leva ao segundo andar do hospital, pensando preocupado: "*Será que fiz bem...? E se ao invés de gatinha ela for um "amuleto contra a luxúria"...? Aí estarei "ferrado"... Ai, que falta estou sentindo da Letícia!"*

Após inaugurar o computador, satisfeito com a compra realizada, Juan mal pensara em Letícia. Já sonolento, se prepara para dormir. Entretanto, ao passar frente ao armário sente-se compelido a apanhar o diário.

"Não deveria mexer com ele hoje... Seria melhor dormir cedo... Mas... Como será que Rodrigo se libertou daquela vida infame...?! Ele se refere a Gracy Ara e a seu filho... Como os reencontrou...?!"

Sentindo a curiosidade crescer, mergulha novamente na saga do pintor espanhol.

... Até que um dia, nosso grupo navegava rio acima em um precário barco. Pequeno para os oito homens e mais a carga que levávamos. Porém recebêramos uma "encomenda" com curto prazo de entrega. Precisávamos adentrar a mata mais ao norte, onde fomos informados que havia uma pequena tribo guarani. Seria, portanto, uma caçada mais fácil, pois tais índios deveriam estar indefesos. E o trajeto pelo rio Paraná encurtaria em muito a nossa caminhada.

Seguíamos próximo à margem, pois remávamos contra a correnteza... Em dado momento, inesperadamente, nosso barco colidiu com um grande tronco que vinha rio abaixo, semi-oculto pela vegetação ribeirinha. Com a colisão o barco quase virou e eu, que me encontrava sentado na popa, fui precipitado nas águas turvas e profundas.

Meus companheiros não tentaram me resgatar... Penso que me julgaram afogado. Eu mesmo ao me sentir na profundeza das águas, assim me julguei. Voltei à tona e o meu instinto de sobrevivência me fez lutar para manter minha cabeça fora d'água, enquanto a correnteza me levava rio abaixo. Entretanto, por um capricho do destino, o mesmo tronco que abalroara o nosso barco, encalhara mais adiante junto à margem e, sem raciocinar, instintivamente agarrei-me a ele, salvando-me do afogamento.

Novamente fui guiado por uma força interior e, com muita dificuldade, subi no barranco da margem e entrei na mata, que naquele local não era tão densa. Entretanto, extremamente cansado encostei-me a uma árvore, consciente de que somente a morte me aguardaria naquele ermo selvagem.

Sem alimento, sem armas, nem ao menos uma faca, como poderia sobreviver...? Afinal, pensei, chegara a hora que tanto desejara. A hora que finalmente terminaria com a

minha miserável vida! Entretanto, sem sentir rezei, coisa que não fazia há tanto tempo. Rezei para que a morte não demorasse muito... Pedi apenas que o meu sofrimento fosse abreviado... No mais, ela era bem vinda.

Mas as horas se arrastaram... As roupas secaram pela ação do vento morno que soprava. O sol começava a se por e a fome torturava o meu corpo que tremia de febre. Tentei dormir, ansiava pelo esquecimento de tudo!... Mas teimosamente a minha vida desfilava por inteiro em minha mente... A lembrança dos meus pais, da querida família perdida, da minha tão amada Granada... Tudo infinitamente distante como num passado secular... As dedicadas amantes guaranis, como estariam...? Estariam vivos os filhos que eu gerara...?! E o remorso roia minhas entranhas... O crime brutal que cometera contra a pequena e frágil Janaína...E os bugres que impiedosamente ajudara a escravizar e matar...? Como eu caíra fundo na escala da vida!...

Nesse momento em que tais recordações inundavam meus pensamentos, me senti frente a frente com o Criador. Era a hora do meu julgamento. Eu era réu, acusador e juiz de mim mesmo! E meus erros afrontavam a minha consciência, no limiar da morte...

Profunda lassidão foi adormecendo meus membros... Uma vertigem foi apagando as lembranças e diluindo os pensamentos... Me senti mergulhando no espaço profundo e ouvi como ao longe, um tropel de cavalos e vozes que não conseguia distinguir. É a morte que vem chegando, pensei...Está vindo me buscar! Anseio por ti... Sejas bem vinda!!! Porém o tropel cessou, os cavalos relincharam e as vozes se tornaram mais próximas, mais audíveis."Vamos acampar aqui!... É um bom lugar para se passar a noite!..."

Tais palavras ditas em castelhano, entremeado do idioma guarani, me despertaram. Não era a morte, mas sim a vida que me chamava de volta! "Veja, padre Anselmo!... Tem um homem meio morto aqui!..." gritou uma voz perto de mim, em guarani.

Imediatamente um jesuíta, jovem ainda, se acercou atencioso. Colocando com suavidade a mão sobre minha testa, falou com uma voz que transmitia paz, apesar da preocupação que demonstrava por mim "Meu Deus! Está ardendo em febre! Pobre homem... O que fazes aqui, neste abandono...?!", me perguntou.

Reunindo as poucas forças que ainda me restavam, menti para ele que meu barco naufragara. Em seguida, entreguei-me aos seus cuidados. Sei que me acomodaram junto à fogueira. Daí em diante nada mais percebi direito. Alimentaram-me e me carregaram junto na sua caminhada, em uma rede transportada por dois índios. Fui tratado ininterruptamente por estes.

Estive num estado semiconsciente durante todo o trajeto da viagem, que levou três dias para chegar a seu destino. A febre começara a ceder quando lá chegamos e com os meus sentidos mais atilados, pude perceber que era uma redução que estava sendo construída.

O grupo, formado pelos dois jesuítas e os nove índios que me acolheram, estava se transferindo de uma tribo recentemente catequizada, para auxiliar na construção dessa nova redução.

E foi nesse local perdido na imensidão da mata que eu aprendi o que é amar...

Juan ao acabar de ler esse trecho é acometido de forte emoção. Seus olhos se enchem de lágrimas e não consegue conter o pranto que brota do fundo de seu coração. Emocionado a tal ponto, novamente sem compreender o que se passava com ele, guarda o livro e procura o aconchego de sua cama. Em meio a uma gama variada de emoções, acaba por adormecer.

"Eu nunca assisti a uma sessão espírita... Não tenho a menor idéia do que acontece por lá... Como será...? Não estou com a mínima vontade de ir!... Mas como recusar um convite do "Chefão"...?!"

Remoendo tais pensamentos, o jovem paraguaio chega na hora aprazada, defronte a Casa do Amor Cósmico. Estacionando o carro na calçada fronteira, enxerga Maori que já o aguardava, sentado na varanda junto à porta de entrada, conversando com um senhor de meia-idade.

- Estou atrasado...? Será que entendi mal quanto ao horário...? - pergunta apreensivo, assim que se acerca dele.

- Não, Juan... Eu é que me adiantei... Queria me informar sobre qual a minha participação nas festividades da Páscoa para as crianças carentes... - e levantando-se, apresenta-o ao seu companheiro - Este é o atual presidente da nossa casa, o irmão Gonçalves Pereira!

- É uma satisfação, Dr. Juan, receber a sua visita. Talvez estranhe o nosso trabalho que aqui é um pouco diferente do usual...

- Para ser sincero, Sr. Gonçalves *yo* desconheço os trabalhos espiritualistas. Fui criado na religião Católica, *és la* primeira vez que presenciarei *uno* deles - e sorrindo, procura ser gentil - A *bien* da verdade, *estoy mui* curioso!

- Compreendo a sua curiosidade, entretanto... – correspondendo ao sorriso, este responde compreensivo - Se o irmão conseguir, ao invés de a tudo observar, se concentrar na energia que paira no ambiente, buscando uma interiorização, aproveitará muito mais o auxílio que veio buscar... - e colocando com suavidade a mão por sobre o ombro dele, convida-o a entrar na sala de espera.

Era uma peça pequena, onde várias pessoas adultas e algumas crianças, se encontravam sentadas nas cadeiras enfileiradas, aguardando o início dos trabalhos.

Olhando para todos, Gonçalves anuncia: - Irmãos, vamos entrar, já está na hora! - e retirando os sapatos, coloca-os numa prateleira destinada aos mesmos, recomendando a todos que fizessem o mesmo. E gentilmente, explica aos novatos – Descalços fica melhor para vocês descarregarem as suas energias...

Apesar da recomendação de Gonçalves, Juan não contém a curiosidade e observa atentamente todo o ambiente.

Na sala não muito ampla, alguns médiuns vestidos de branco estavam sentados no chão revestido por um tapete claro. Encostados às paredes e de olhos fechados, eles pareciam estar profundamente concentrados.

No centro, várias almofadas formavam um pequeno círculo. As pessoas que já estavam habituadas ao trabalho iam se deitando no chão com as cabeças por sobre as almofadas, voltadas para o meio e as pernas para fora. Juan, um tanto sem jeito, acomodou-se ao lado de Maori.

Transmitindo tranqüilidade, Gonçalves novamente faz uma explicação para os novatos: - Estamos todos, em nível de alma, num grande círculo. Ao nosso redor, os irmãos que compõem a Corrente da Luz de Jesus, sob a coordenação de Hi-Cheng o Mestre dessa casa, irradiam para nós a Luz do Oriente, emitida pelo Divino Mestre Jesus. Quanto mais relaxarem seus corpos físicos, mais facilmente a Corrente poderá tratar os níveis de consciência de cada um...

Após uma pequena pausa, ele inicia a prece:

- Que a Luz de Jesus incida sobre todos nós, iluminando nossos espíritos, clareando nossas mentes e expandindo nossas consciências para uma compreensão maior da Vida Eterna... Louvado seja Deus Nosso Criador e louvado seja Jesus nosso Mestre Divino...

Em seguida reza um Pai-Nosso e, acompanhado pelos médiuns, entoa os cânticos inerentes ao trabalho e que foram transmitidos especialmente para o grupo através de contato

mediúnico com o plano espiritual. Assim, aos poucos, vai sendo estabelecida a sintonia com as varias Entidades que dão assistência à casa, dando início aos trabalhos da noite.

Com voz pausada, pede para que todos mentalizassem dores, sofrimentos, angústias ou preocupações, que os levaram a buscar o auxílio espiritual. Que pensassem nas famílias, nas casas, na vizinhança, nos locais de trabalho, nos colegas subalternos ou patrões... Enfim, todos aqueles que de uma forma ou outra, fizessem parte de suas vidas, inclusive também as pessoas que porventura fossem inimigas.

- Para que a Luz de Jesus, iluminando a tudo e a todos mentalizados neste momento, nos ajude na compreensão e na queima de nossos carmas, nos possibilitando alcançar a Harmonia...

Logo após, sob a intuição de um dos Mestres espirituais, ele inicia uma pequena palestra, enquanto as Entidades que compõem a corrente espiritual, simultaneamente, começam a tratar a todos no plano espiritual.

- Irmãos, conforme Jesus nos ensinou, devemos orar pelos nossos inimigos, pois dessa maneira além de neutralizar a energia negativa, deles oriunda, os ajudamos no seu despertar para a Luz do Perdão e do Amor. O Amor é a força maior do Universo. Somente através dele, poderemos evoluir... E evoluir, é a nossa necessidade primordial!... Reformar o nosso interior em busca da perfeição... Corrigir os nossos erros... Despertar as qualidades divinas que se encontram adormecidas dentro de nós, por herança Paterna... Somos uma centelha Divina, parte de uma Única e Infinita Vida... Faz-se necessário nos conscientizarmos da nossa unidade com o Pai... Somos........

Juan, a essa altura, foi sendo tomado da estranha letargia que vinha acometendo-o ultimamente e que tanto o preocupava. Entretanto, apesar da taquicardia que começava a disparar seu coração, uma paz o envolveu. Uma forte luz violácea inundou a sua mente... Figuras começaram a se formar e, como num filme, cenas foram surgindo...

Num barracão coberto por telhado de sapé, um homem moreno, com os cabelos longos e ondulados amarrados sobre a nuca, esculpia um pequeno tronco de arvore. Próximo a ele, algumas esculturas talhadas em madeira se encontravam expostas em uma tosca prateleira. Numa bancada ao lado, potes com tintas, pincéis e todo o necessário para pintura ali se encontrava.

Apressado, um jovem jesuíta entra no recinto e acercando-se do artesão, pergunta com voz suave, porém denotando preocupação - *Será, Rodrigo, que conseguirás terminar a tempo...?*

- *Pode ficar descansado, padre Anselmo... Nossa Senhora e São José que eram os mais difíceis, já estão prontos... Estou começando o Menino Jesus... E a pintura é o mais fácil!* – e sem tirar os olhos do trabalho, afirma – *Terás o teu presépio pronto para a representação do nascimento de nosso Salvador!*

- *Bem... Se tu assim afirmas, fico mais tranqüilo.*

- *E o ensaio, como está?*- pergunta interessado.

- *Ótimo! Será uma bela encenação da Natividade!* – afirma convicto o jovem jesuíta.

Levantando o olhar para este, Rodrigo comenta – *Interessante como essas crianças têm um talento inato para as artes!*

Juan pode então perceber que o espanhol tinha um rosto maduro, já vincado de rugas, mas que a sua expressão denotava paz.

Repentinamente tudo desaparece e ele retorna à sua consciência presente. Sente um leve toque de mão em sua testa e a voz de Gonçalves se faz ouvir bem próxima, num tom baixo e sereno: - Como o irmão está se sentindo?

- Estranho... *Mui* estranho... *No* escutei *tu* palestra, *pero no* estava adormecido... Vi como num sonho *una* cena... Como se estivesse assistindo a um filme. – e após uma pequena pausa, afirma - *Pero* acho que *fue* a minha imaginação que criou os personagens de um livro *mui* antigo que *estoy* lendo.

Sorrindo, o médium responde: - Pode ser... Porém o mais provável é que tu tenhas feito uma regressão espontânea à uma vida passada. – e com os olhos fechados impõe as mãos à curta distância sobre ele, vibrando-as com energia.

Passados alguns instantes, Gonçalves dando por terminado o passe volta a perguntar: – E agora, como te sentes?

Suspirando fundo, Juan fala admirado: – Incrível! *Fue* como se *yo* tivesse mergulhado no espaço sideral... Sinto *una* paz profunda! *Muchas gracias!*

- Não me agradeças... Sou apenas um canal a serviço da Espiritualidade de Luz. Agradeça a Jesus que derrama sobre nós o seu Amor!

Levantando-se, ele volta a sentar em seu lugar e agradecendo em voz alta a Corrente, pelo tratamento realizado em todos os presentes, reza um Pai Nosso. Em seguida, comunica: – Irmãos, chegamos ao término dessa parte de nosso trabalho. Aqueles que estiverem se sentindo bem podem se retirar. Quem ainda não estiver bem é porque o seu tratamento ainda não terminou e, portanto, permaneça como está, para assistir a próxima sessão.

Quase todos se retiram e entre eles Maori e Juan que, conversando, vão se dirigindo lentamente para seus carros.

O jovem médico, visivelmente impressionado, externa sua opinião: – Gostei *mucho! Mui* interessante! *Pero,* gostaria de conversar com *usted* numa outra ocasião, sobre o que me aconteceu. *Es possible* num final de tarde em *su* consultório, após as consultas?

- Claro!... Quando quiseres. Porém acho melhor em minha casa, porque o assunto é um tanto extenso.

- *Entonces* somente no próximo mês, porque *mi madre* chega *manãna.*

- Amanhã... Que ótimo! Deves estar saudoso dela.

- *Si...Mui* saudoso. *Así* como ela também... Por isso *no* poderei ir a *su* casa, *pues* ela vai querer a minha companhia integralmente! Aceitarei *su* convite *notra* ocasião...

Parando de andar, Maori coloca a mão sobre o ombro de Juan, propondo: – Pois eu acho que é uma bela ocasião para tu conheceres a minha família e nós conhecermos a tua mãe... Vou falar com a Norma e combinar um jantar lá em casa. Aceitas...?

Surpreso pelo inesperado, este acata alegremente: – *Su* convite me deixa *mui prazeroso* e creio que *mi madre* também se sentirá *mui* feliz em conhecer a quem tanto tem me ajudado *acá no* Brasil.

- Então está combinado! Em uma outra hora marcaremos o dia.

Os dois se despedem e retomando a caminhada vão indo em direção a seus carros. Mas em seguida Maori pára e retirando do bolso um papel chama por Juan: - Um momento! Já estava me esquecendo!... Toma aqui o e-mail da minha sobrinha. Ela está aguardando uma comunicação tua!

Após ter se preparado para deitar, Juan, segurando o papel contendo o e-mail de Jurana, senta pensativo defronte ao computador.

O que vou dizer para ela...? Como começar...?

Entretanto, inexplicável sentimento de ternura se apossa dele e com uma estranha sensação de que iria dar inicio a um intercâmbio com alguém já muito conhecido, começa a digitar sua mensagem, num português correto:

Cara Jurana,

O teu interesse pelas raízes de meu povo, deixa-me sensibilizado. Quando abri, pela primeira vez, este diário espanhol tão antigo, logo percebi se tratar de um documento importante para a história paraguaia. Peço que no momento não comente com ninguém sobre ele, pois não sei ainda para quem de direito devo enviá-lo. Mas sinto-me agraciado por dividi-lo com uma pessoa que se interessa pelas raízes do meu Paraguai.

Vou escanear as páginas que já li e enviá-las para ti. E à medida que for lendo as demais, irei enviando-as em seguida. Tua opinião a respeito desta relíquia se tornou importante para mim. Fico aguardando uma resposta tua.

Com um abraço amigo, Juan.

Relendo o que acabara de escrever, ele resolve modificar o final. *Pois não a conheço ainda...*- pensa - *Como enviar um abraço amigo...?* Deletando-o substitui por Atenciosamente. *Não... Assim também é muito formal!* E confuso com o repentino palpitar de seu coração, finalmente encerra a mensagem com um cordial abraço.

Apanhando o diário ele escanea as paginas lidas e, após enviá-las, guarda-o novamente. Desligando o computador vai direto para a cama, mas pensamentos diversos perturbam-no afastando o sono.

Será que fiz bem dividindo o meu "liuro kue" com uma pessoa que não conheço absolutamente...?E se ela repassá-lo para o professor, para a melhor amiga e assim por diante...?

Mas novamente uma sensação de inexplicável cumplicidade com Jurana, deixa-o tranqüilo. Era como se fosse o reencontro de antigos amigos.

Que coisa mais estranha... Estou começando a pensar que ando mesmo meio perturbado da cabeça!...Como se não bastasse aquela visão, sonho, ou sei lá o quê, na sessão espírita, agora essa sensação esquisita!...

Suspirando, ele se levanta da cama, falando para si mesmo - *Bem... Se agi errado, paciência!... O que fiz está feito! Como se diz aqui no Brasil, o melhor é deixar o barco correr! E já que o sono não vem, vou ver o que mais aconteceu com o Rodrigo.*

Retirando o livro do armário, se acomoda na poltrona, falando novamente em voz alta: – *Vamos ver, Rodrigo, como aprendeste a amar!*

... Passei acamado as duas primeiras semanas. A febre que retornara alta novamente assim que cheguei na redução, foi aos poucos cedendo sob os cuidados de Jary, uma índia de idade já um tanto avançada. Deu-me a sensação de estar sendo tratado por minha mãe, tal o seu carinho e atenção. Senti-me como há muito tempo não me sentia... Em casa... Apesar da tosca moradia e do improvisado leito de palha que me acolhiam, me senti em família.

Cada vez que Jary colocava suavemente a sua mão em minha testa para verificar a temperatura e trocar as compressas frias, parecia-me que também retirava amargas recordações de minha mente. Rememorando também os cuidados dos dois bugres que me carregaram e me cuidaram por dias, o remorso tomava conta de meu ser enquanto pensamentos surgiam atropeladamente... Eu me perguntava angustiado como tinha sido capaz de magoar, maltratar e ajudar a escravizar durante tanto tempo, esses pobres índios cuja índole é tão dócil e prestativa...O que eu poderia fazer para me redimir...? E de que forma ajudá-los...?

Apesar de trabalhar muito, padre Anselmo diariamente dedicava a mim um pouco do seu tempo. Nada perguntava sobre a minha vida, nem o que me acontecera para que eu estivesse abandonado naquele lugar ermo onde me encontrara... Aguardava que eu espontaneamente me abrisse com ele. Falava-me apenas sobre Deus, o Amor Supremo e sobre a

obra que estava ajudando a implantar junto aos guaranis e, sobretudo, enaltecia as qualidades destes.

Quanto mais eu o escutava, mais envergonhado me sentia pelas barbaridades que cometera e as escondia no mais profundo do meu ser. Entretanto, suas palavras começaram a despertar, dentro de mim, sentimentos bons que eu julgara ter perdido para sempre... E o desejo de me redimir aumentava cada vez mais.

À medida que fui melhorando, comecei a relatar minha vida para ele. Falei da minha distante e amada Espanha... De minha família, de tudo o que os senhores da Inquisição me fizeram abandonar e de tudo o que lá sofri. Percebi o seu olhar de piedade e recriminação por tais atos incompreensíveis ao seu caráter bondoso. Entretanto, os meus atos criminosos, eu relutava em confessá-los...

Até que chegou o dia em que já curado, pude deixar o leito e sair para o ar puro da mata que, exuberante, fazia fronteira por trás de onde nos encontrávamos...

À frente, bem mais ao longe, o rio de uma largura extensa, que mal deixava o olhar alcançar a outra margem, corria sonoro, se deitando sobre larga faixa de areia clara, a formar uma tranqüila praia...Que bela paisagem se descortinava ante meus olhos extaziados... E do fundo do meu coração agradeci a Deus pela vida que retornava para mim... Senti naquele momento que talvez minha vida fora poupada para que eu pudesse realizar algo que realmente fosse útil e generoso. Rezei... Rezei e pedi que eu pudesse encontrar o caminho da redenção de meus crimes...

Ainda estava absorto nesses pensamentos, quando alguns guaranis foram se acercando. Curiosos, observavam-me à curta distancia... Padre Anselmo, acompanhado de um outro padre mais velho e um bugre forte denotando idade mais avançada, também foi se aproximando. O jesuíta com um largo sorriso falou-me da satisfação que sentia por me ver recuperado e convidou-me para percorrer com eles as obras já realizadas na redução, recentemente implantada, com a finalidade de auxiliar e proteger os guaranis.

Ansioso e cheio de curiosidade aceitei de imediato. Em seguida apresentou-me ao seu companheiro padre Cristóvão. Este, um simpático cordobês já maduro, era o responsável pela coordenação dos trabalhos.

Apertando-me num abraço, falou-me com simpatia, que esperava ganhar comigo mais um aliado para esta obra...Que padre Anselmo havia lhe contado que eu fora um pintor de renome na nossa longínqua pátria espanhola! E que aqui neste novo solo, eu havia desenvolvido o talento para a escultura..."Não imaginas o quanto precisamos de um artesão!" insinuou olhando-me sorridente.

Ao ouvir estas palavras, um arrepio correu pelo meu corpo enquanto respondia pressuroso que poderiam contar comigo, uma vez que o meu maior desejo era ser útil a quem tanto havia me ajudado!

Agradecido, Anselmo também me abraçou, dizendo que achava que fora Deus quem me enviara para eles e, emocionado, pensei: "Sim... Ele está me mostrando o caminho!"

Padre Cristóvão virando-se para o bugre a seu lado, apresentou-me a este. Considerava Tupinambá, seu irmão guarani de confiança! Explicou-me que ele fazia a ponte da amizade entre os jesuítas e os índios que ainda não acreditavam nas suas intenções fraternas.

Mas para minha surpresa, o olhar desconfiado que o velho bugre dirigiu-me, luzia também cheio de um ódio contido. Estremeci... Foi como se eu tivesse sofrido um impacto violento.

Com uma voz rancorosa ele falou em guarani por entre-dentes: "Este eu já conheço!" e, virando as costas, saiu a passos largos em direção à construção.

Os jesuítas se entreolharam surpresos e, pedindo desculpas a mim, padre Cristóvão saiu em seu encalço, enquanto padre Anselmo, calado, olhava-me interrogativamente.

Senti então que chegara o difícil momento de confessar os meus hediondos crimes... Em voz baixa, hesitante, externei o que tristemente minha alma arrependida, guardava profundamente escondido. Contei que talvez, Tupinambá me reconhecera de uma das caçadas em que eu participara com os "encomenderos" e que dela talvez ele tivesse conseguido escapar.

Chocado com o que eu acabara de revelar, padre Anselmo apenas me olhou entristecido.

Tomado de grande sofrimento, verdadeiramente arrependido, desejei confessar os meus terríveis pecados... E com humildade pedi, se em nome de Jesus, ele poderia me ouvir...

Sem nenhuma palavra condenatória, demonstrando apenas compreensão e tristeza, ele convidou-me a acompanhá-lo...

Assim, no interior da pequena choupana que provisoriamente servia de capela e aos pés da simples Cruz de madeira, a lembrar o enorme sofrimento de Jesus para nos resgatar, abri totalmente o meu coração...

Juan, ao terminar esta página, apesar de muito emocionado, fechou o livro nesse trecho da narrativa. O sono e o cansaço já o dominavam e, voltando a guardar no armário o diário de Rodrigo, foi se deitar. Todavia não encontrou descanso no adormecer. Figuras deformadas, gritos aterradores e cenas conflitantes se fizeram presentes no pesadelo extenuante, que se estendeu por toda a noite.

O confortável ônibus-leito do Expresso Paraguaio estacionou na Rodoviária de Trilha das Palmeiras, poucos minutos depois que Juan chegou ao local.

Apesar de cansado pela noite mal dormida, que ocasionara o seu atraso, se dirigiu alegre ao encontro de Dona Esperanza.

- *Mãe, quanta saudade!* – exclama ao abraçá-la – *E a viagem foi boa...?*

- *Ótima! Que bom estar contigo, meu filho...* – esta responde feliz e, correspondendo ao seu abraço, beija-o carinhosamente.

Esperanza apesar de ser uma mulher de meia-idade, não aparenta mais de quarenta anos. De estatura mediana e porte magro, tem uma aparência jovial. E os olhos amendoados, a tez morena e os cabelos negros, evidenciam a sua origem guarani. Alegre e bem disposta, sem demonstrar cansaço pela longa viagem, acompanha o andar ligeiro do filho que, após desembaraçar a bagagem, se encaminha com ela para o carro.

- *Filho, trouxe para ti uns quitutes do nosso Paraguai, para que não te esqueças de nossas origens...* – vai falando, enquanto senta-se junto a ele no banco da frente.

- *Como esquecê-las mãe, se estão sempre presentes em meu coração?! Não te preocupes que eu amo o nosso rincão e pretendo retornar a ele assim que terminar o meu estágio aqui!* – responde rindo percebendo o receio desta, de que ele permanecesse no Brasil. E, demonstrando satisfação, pergunta em seguida – *E o que foi de gostoso que trouxeste...? Já despertaste o meu apetite!*

- S*urpresa!* – ela exclama feliz – *Quando chegarmos na pensão saberás!*

- *Mãe, por falar na pensão, tive que alugar um quarto só para ti,* - explica contrafeito - *Porque apesar de desejar ficar junto contigo, os quartos lá são muito pequenos.*

- *Ora filho, não faz mal... O importante é ficar este mês a teu lado! Assim como sei que também não estarás o tempo todo comigo!*

- *Ainda bem que compreendes isso! Pois agora mesmo terei que deixá-la.Tenho que chegar no hospital dentro de uma hora!*

Após acomodar a mãe na pensão e degustar alguns doces da cesta cheia de quitutes, Juan parte ligeiro para o hospital.

Ao término do expediente, ele aproveitou o final da tarde para levar Esperanza a conhecer a cidade, terminando por jantar no Recanto da Pedra.

Conversavam animadamente o tempo todo. Alegres, trocavam informações, a mãe colocando-o a par dos últimos acontecimentos na família e de Assunção e ele sobre sua atuação no hospital.

Porém, em dado momento, lembrando-se de um fato pesaroso, ela faz uma pequena pausa e com uma expressão tristonha, relata para ele: - *E por falar em casos médicos, meu filho, tenho uma notícia triste para te contar... Lembras da Carmencita, a nossa vizinha...?*

- *Sim... Como não ?! É a moça mais bela da redondeza. O que aconteceu a ela ?*- preocupa-se, percebendo a tristeza da mãe.

- *Ficou viúva há dois meses atrás! Tão jovem com um filho de quatro anos... Numa situação muito difícil!*

- *Pobre Carmencita!... Mas ela ainda poderá refazer a sua vida. Além de jovem, não era muito apaixonada pelo marido...* – ele comenta com uma expressão distante, lembrando-se de um curto, porém tórrido romance que rolara entre eles. Acontecera há três anos atrás num período de férias da faculdade, enquanto o marido, oficial da marinha, estava viajando pelo exterior.

- *Isto eu não sei!...* – retruca Esperanza - *Porém o mais triste é que o pobre do Afonso morreu de Aids. Foi um caso muito comentado!*

Juan leva um choque. Sentindo um aperto no coração, pergunta preocupado: - *E ela, como está...?!*

- *Não se sabe, porque os pais a levaram com eles, imediatamente após o enterro do marido, para a Argentina. Eles são de Córdoba.*

Uma sombra temerosa toldou a mente do jovem médico após essa notícia, diminuindo o seu entusiasmo. Felizmente a mãe não chegou a perceber tal mudança. Assim Juan pode disfarçar o que sentia, forçando uma falsa alegria na conversa que continuou pelo trajeto de carro até a pensão. De tão perturbado, até se esqueceu de contar sobre o diário espanhol.

Já passava das onze horas da noite quando deixou Esperanza em seus aposentos, feliz e encantada com tudo o que conhecera.

"Numa outra hora, com calma, falarei sobre o "liuro kue"... Agora tenho que colocar meus pensamentos em ordem e afastar os meus temores"... vai pensando enquanto entra em seu quarto.

Angustiado, atira-se na poltrona olhando fixamente para o teto, com o coração descompassado pelo medo. Na ocasião do romance com Carmencita, passada a empolgação dos secretos encontros amorosos, sentiu-se apreensivo, pois, quase médico formado, tinha plena consciência do perigo a que se expusera por não ter tomado as devidas precauções nas relações íntimas. Mas se tranqüilizara pelo fato de sua parceira ser uma mulher casada e até então fiel ao marido. E com o passar dos últimos anos, esquecera-se do assunto que agora surgia de forma tão angustiante.

Por outro lado, a ida ao restaurante havia reforçado a falta que estava sentindo de Letícia. As noticias recentes que recebera, não davam esperança de um próximo retorno desta a Trilha das Palmeiras.

"*Mas talvez não seja mesmo oportuno o seu retorno agora... Melhor não voltar enquanto a mãe estiver aqui... Mesmo porque preciso fazer um exame de HIV... Não sei se o Afonso já estava com o vírus da Aids na ocasião do nosso romance. Se assim foi, Carmencita poderia estar também contaminada..."* – e a sua consciência médica arrefeceu a saudade da presente relação amorosa.

"Oh, meu Deus!... Que eu não tenha me transformado num soro positivo! E que Carmencita continue saudável!" - e do fundo do coração aflito, faz uma prece fervorosa...

Sentindo-se triste e insone, atormentado pelo temor, resolve se levantar e ligar o computador. Para seu consolo e alegria, verificando a caixa postal encontra uma mensagem de Jurana. E, surpresa maior, escrita num espanhol perfeito.

"Dr. Juan,

Não imaginas a empolgação que estou sentindo ao ler o fantástico diário de Rodrigo de Almadén y Castela. Apesar das dificuldades que estou enfrentando com o castelhano castiço e arcaico, estou "devorando-o". É realmente uma relíquia!... Que saga terrível e ao mesmo tempo emocionante!... E o mais interessante, é que ela me fascina a tal ponto que até, às vezes, me parece já ter vivido história semelhante... Mil vezes obrigada! E não precisas ficar preocupado quanto a manter sigilo sobre ele... Pois, mantê-lo em segredo torna-o mais fascinante ainda!

Com ansiedade ficarei aguardando as páginas seguintes.

Jurana"

Tal e-mail foi um bálsamo a afastar a preocupação e o receio, deixando-o novamente cheio de expectativas.

"Deu para perceber que ela tem uma grande sensibilidade e um forte entusiasmo pelo desconhecido. E, além de inteligente, escreve muito bem em meu idioma... Como será sua aparência...? Imagino-a bela e encantadora!" – e mergulhado em pensamentos assim, foi se deitar sem nem mesmo procurar o *"liuro kue",* adormecendo em seguida.

O dia fora estafante no hospital. Além de uma família vitimada por um acidente rodoviário, dois pacientes baleados numa briga, em estado grave, ocuparam a atenção de Juan na UTI. Incluindo a movimentação com os policiais que tentavam conseguir, a todo custo, informações junto aos feridos. Pois, ao que tudo indicava se tratava de dois traficantes, integrantes de uma quadrilha que estava atuando naquela região e que há algum tempo vinha sendo procurada pela polícia do Estado.

Todavia esse tumulto no plantão de emergência, por outro lado, ocasionou a Juan uma trégua à sua mente atormentada pelo fantasma da Aids.

Assim, ao chegar na pensão ao final do expediente, cansado pelo excesso de trabalho, ele levou Esperanza apenas para jantar na costumeira lanchonete, retornando ambos em seguida para o seu quarto.

Retirando um pijama do armário, Juan apanha também o diário espanhol e o entrega para a mãe: - *Veja mãe, o que eu recebi de um velho índio nosso conterrâneo... Senta ali na poltrona e enquanto eu tomo meu banho, vá se distraindo com este "liuro kue"... Depois eu te conto toda a história...*

Algum tempo depois, já acomodado na cama, ele relata para a mãe tudo o que aconteceu.

- *Juan... Este diário é fantástico!!!* – exclama Esperanza alisando as velhas páginas *– Incrível como ele chegou às suas mãos!... É realmente uma relíquia inestimável! E o que pretendes fazer com ele ?!*

- *Ainda não sei bem... Estou por enquanto apenas apreciando a sua leitura. Quando terminar verei o que fazer!...*

- *Quem mais sabe sobre ele...?*- pergunta com certa preocupação - *A meu ver deves levá-lo ao museu histórico de Assunção, para uma avaliação. Deve valer uma pequena fortuna!*

- *Ora, mãe... Não tinha pensado sob este aspecto... Penso que ele deve ser de sumo interesse para o arquivo cultural de nossa História.*

- *Concordo contigo, filho!... Mas... As obras de arte antigas não são leiloadas por altos preços...? Acho que o mesmo se aplica a esta relíquia que a sorte colocou em suas mãos!* – ela insiste, enfocando a questão pelo lado prático da vida.

Esperanza é uma mulher forte e decidida, que batalhou muito para vencer as inúmeras dificuldades que surgiram sempre em seu caminho. Apesar de muito religiosa e séria na sua maneira de ser, está sempre cuidando com firmeza do lado material da vida. Não deixa escapar nunca uma oportunidade, desde que correta, de ganhar dinheiro.

- Mas não me respondeste, filho... Quem mais sabe sobre esse diário...?

- Somente o Dr. Maori e sua sobrinha Jurana.

- Tu não devias ter mostrado uma preciosidade dessas a mais ninguém até saber o que fazer com ela!

Achando graça da preocupação dela, Juan responde rindo: - *Ora mãe... Que exagero! Deixa de bobagens... Amanhã irás conhecer a este competente profissional que tem sido muito mais que um chefe interessado num inexperiente colega. Encontrei nele um amigo que muito tem me ajudado.*

- Assim o espero e estou ansiosa por conhecê-lo e à sua família! – já mudando de expressão, pergunta preocupada por outro sentido – *Será um jantar muito elegante...? Não vim preparada com roupas adequadas a ocasiões especiais!*

- Dona Esperanza... Vamos deixar de tolas preocupações! Tu estás sempre bem! E apesar da posição social de destaque na sociedade, o Dr. Maori é uma pessoa muito simples. E sua família deve ser que nem ele!

- Ainda bem!...Sendo assim, acho que nos entenderemos!... – e se levantando da poltrona, beija o filho, devolvendo-lhe o livro – *Boa noite, querido!... Já é tarde, vou para o meu quarto! Amanhã durante o dia recomeçarei a ler esta preciosa relíquia. Agora vou dormir!*

Após a saída da mãe, Juan ainda sem sono e com o diário nas mãos, resolve retomar a sua leitura.

...A confissão total de tudo o que eu hediondamente cometera nos últimos anos, aliviou a angústia que apertava meu coração. Entretanto, foi muito difícil conquistar o perdão dos índios que passaram a me olhar com ódio entremeado de desconfiança e receio.

Padre Anselmo, acreditando no meu arrependimento, favoreceu-me a oportunidade de resgatar os meus crimes. Convenceu a padre Cristóvão de que eu era recuperável, assim como todos os irmãos desviados do caminho do bem. Tratado com bondade e disciplina, seguindo os ensinamentos de Jesus, eu poderia retornar ao caminho do Amor.

E assim, usando da minha arte, fui colaborando para a construção da Igreja de Nossa Senhora da Consolação. Não havia trabalho que eu recusasse...Do levantar os tijolos a esculpir os santos e a pintar os afrescos, tudo eu fazia e, aos poucos, os guaranis passaram a me aceitar sem hostilidade.

Foram anos de trabalho e dedicação, que me ensinaram a humildade e a importância do auxílio aos nossos semelhantes.

Aos poucos a redução foi sendo implantada. A facilidade com que os guaranis iam aprendendo os diversos ofícios que os jesuítas lhes ensinavam pacientemente, me surpreendia.

As aulas da língua espanhola que também lhes eram ministradas, naturalmente eram absorvidas. E a aritmética...? Com que rapidez aprendiam os números e a calculá-los! Impressionava-me tal inteligência num povo tão primitivo.

E o que dizer da arte inata em todos eles...? Um povo musical e criativo. Aprenderam com perfeição a fabricar os vários instrumentos... Da flauta ao violino!

Quando finalmente a torre da igreja ficou pronta, os sinos que formariam o campanário, já estavam fundidos há vários meses por suas habilidosas mãos. Um belo trabalho!

Os santos talhados em madeira e pintados a ouro mesclado de cores pastéis, por mim e meu companheiro artesão, um jovem jesuíta português, Manuel Gonçalo, já se encontravam terminados e colocados no altar e nos nichos a eles destinados. Faltavam apenas alguns retoques nos afrescos que também havíamos pintado representando o calvário de Jesus Nosso Salvador. Chegara enfim, após tantos anos de árduo trabalho, o momento de dedicar a Igreja à sua Padroeira!..

O sol já ia se pondo quando demos por concluído o nosso trabalho. Satisfeitos com o resultado obtido, fomos saindo carregando o material de pintura. Caminhávamos devagar, apreciando a beleza do pôr-do-sol a se refletir distante nas águas mansas do caudaloso rio. Foi quando vimos surgir ao longe um barco.

Cheios de esperança e entusiasmados pela perspectiva de ser Padre Roque González cumprindo a promessa feita ao mensageiro que a ele havia sido enviado por Padre Cristóvão, com o convite para rezar a missa inaugural e dar as suas bençãos a nossa nova Igreja, fomos em desabalada corrida, dar a boa nova a todos.

Apanhados de surpresa, os guaranis imediatamente abandonaram seus afazeres e, sem preparo algum, alegres foram receber o tão reverenciado e amado visitante, cujo barco já se aproximava do nosso pequeno e improvisado cais.

Um reduzido grupo de índios acompanhava o jesuíta e à medida que foram desembarcando, meu coração sofreu um impacto violento. Entre eles uma índia, cujas feições lembravam a minha Gracy Ara, saltou acompanhada de um jovem mestiço. Ao vê-los, senti-me tonto. Meus olhos se embaçaram de lágrimas, pois no imberbe rosto percebi algumas feições do outrora Rodrigo de Almadén y Castela.

Tão logo me avistou, ainda indecisa, porém com um olhar de pronto reconhecimento, Gracy Ara veio ao meu encontro, segurando pelo braço o assustado jovem. Pararam frente a mim.. Olhando-me nos olhos com um olhar misto de receio, alegria e amor, falou para o filho:" Maianumby, este é o teu pai! Não te disse que um dia o encontraríamos...?!"

Jamais me esquecerei do olhar de meu filho. Penetrou em minha alma e marcou fundo em meu coração. Não trocamos palavras mas, num ímpeto, nos abraçamos fortemente. Lágrimas jorraram de meus olhos e esquecido daqueles que nos rodeavam, envolvi também em meus braços a amorosa Gracy Ara. E alheios a tudo e a todos, nos afastamos em direção a minha palhoça, ansioso por saber como tinham ocorridos para eles esses últimos anos.

Trocamos relatos entremeados de muita emoção... Fiquei então sabendo que após a minha partida, Gracy Ara e Nha Juçara, aturdidas e desesperadas com os acontecimentos, recolheram seus pertences e procuraram refúgio na Igreja de Assunção, junto aos jesuítas que as acolheram bondosamente. Infelizmente, Nha Juçara um mês depois faleceu, em grande sofrimento, vítima de um parto prematuro. Tomar conhecimento desse triste fato, tornou mais profunda a chaga de meu remorso...

Gracy Ara após dar à luz ao nosso filho, permaneceu sob a proteção dos jesuítas, até os dias de hoje. E agora, quando soube que Padre Roque iria rezar a primeira missa na igreja da nossa redução e que esta havia sido pintada e adornada por um artista espanhol deportado da Espanha pelo rigor da Inquisição, ela teve a certeza de que esse artista era eu. Assim pediu para acompanhar o jesuíta nesta viagem.

Ainda muito emocionada, sem palavras, a minha dedicada bugra levantou-se de onde nos encontrávamos sentados e desembrulhando a sua trouxa, dela retirou por entre as roupas, este meu diário amigo que eu havia abandonado em minha fuga.

Meu coração disparou ao tomá-lo nas mãos... Sem conseguir falar de tão sensibilizado, olhei-a interrogativamente. Abaixando a cabeça, apenas balbuciou as palavras que gravei em meu coração: "Eu tinha certeza de que estavas vivo e que te encontraria!..." Enquanto isso, silencioso, Maianumby levantando-se igualmente, apanhou de seus pertences dois pequenos quadros que eu pintara, entregando-os a mim. Olhando-me firmemente de frente,

falou em guarani numa voz pausada: "Minha mãe guardou-os, para que eu pudesse cultuar os espíritos ancestrais dos avós que possuo além do grande mar!...."

Tomado de grande emoção, senti a presença de Deus pairando sobre nós... Senti o Seu Amor... Senti que naquele momento Ele estava me perdoando dos crimes que praticara... Senti que finalmente uma nova vida me era oferecida e para a qual jurei me dedicar até os últimos alentos de minha existência!

Foi a mais forte lição de amor que recebi em toda a minha vida!!!

Profunda emoção acometeu Juan nesse momento e sentindo um estranho tremor, fechou o livro decidido a se deitar. Entretanto, ao passar frente ao computador, resolveu entrar na Internet. Acessou primeiro a sua caixa postal, tomado de uma fraca esperança de encontrar alguma mensagem de Jurana. Para sua surpresa, a esperança se concretizou... Uma alegria inesperada então surgiu, dissipando o mal-estar causado pela leitura, ao encontrar o e-mail de sua amiga comunicando que dentro de uma semana estaria em Trilha das Palmeiras.

Mais tranqüilo foi para a cama. Mil pensamentos povoaram sua mente e adormeceu imaginando como seria sua companheira internauta. Porém o sono chegou com sonhos confusos, onde e-mails surgiam voando e se misturavam a rostos de bugres guaranis de ambos os sexos, ora tristes, sofridos, raivosos e ora alegres, sorridentes, mergulhando em águas de um caudaloso rio, onde ele boiava levado pela correnteza. Amanheceu exaurido, sendo despertado pela voz de sua mãe que, preocupada, abrira a porta do quarto:

- Filho, o que se passa...? Perdeste a tua hora! São quase oito e trinta! Não devias estar no hospital?!

Juan deu um pulo na cama. Ainda sonolento, olhou para ela respondendo aflito: - *Que droga, mãe!!! Não ouvi o despertador tocar!!!...Como fui perder a hora desse jeito...?! -* e levantando-se de um salto foi correndo para o banheiro enquanto falava - *Vou tomar uma ducha rapidamente e me arrancar para lá! Obrigado mãe, por me acordar!*

Já embaixo da água fria, Juan se recrimina: *Como pude me atrasar assim..? Justo hoje que pretendia fazer o maldito exame! Acho que é o meu subconsciente que está retardando o momento em que talvez tenha de me deparar com um resultado de soro positivo! Oh, meu Deus!!!*

Uma terrível angústia voltou a dominá-lo, acompanhando-o durante todo o trajeto até o hospital. Mesmo atento ao dirigir o carro no tráfego mais intenso àquela hora, seu pensamento não cessava. Até mesmo deixara de lado o entusiasmo pelo próximo encontro com Jurana. O receio de estar contaminado pelo vírus do HIV, retorna fortemente a seu coração.

Na verdade estou com medo... Muito medo! Mas não posso agir desse modo tão imaturo. É uma covardia! Afinal de contas sou um médico... E a minha consciência médica exige que eu apresse esses exames!... E quanto a Letícia ???! Oh meu Deus... Tomara que tudo não passe de um horrível pesadelo!!!

A imagem da jovem surge em sua mente, fazendo-o recordar dos agradáveis momentos a seu lado. Sente-se profundamente triste e temeroso de não ser mais o homem sadio e livre de barreiras, como até então.

Se esse flagelo tiver se abatido sobre mim, pior que a própria doença será ter que enfrentar o preconceito e a discriminação dos outros. Como ficará a minha profissão...?! Um médico portador do vírus HIV...? Oh, Jesus, me ajuda!!!

Foi com tal estado de ânimo que ele foi trabalhar. Todavia um tumulto o aguardava no Pronto Socorro, fazendo com que ele se esquecesse de si mesmo.

- Dr. Juan! Até que enfim chegou!... Uma tragédia!!! - fala apressada uma das enfermeiras que passava afobada pelo corredor - Um ônibus escolar colidiu com um caminhão e temos muitas crianças feridas!

- "Oh, *Diós!...* Que *terrible!!!* Irei *pronto!* - exclama ele, ao mesmo tempo em que pensa, se dirigindo às pressas para o setor de emergência: *"E eu me atrasei pensando em meus temores!..."*

Somente no meio da tarde é que se estabeleceu uma rotina mais tranqüila no hospital. Tenso e muito cansado, Juan deixou a UTI. Passando próximo a sala reservada aos parentes dos pacientes desta unidade, enxergou a capela ecumênica, situada ao lado da sala. Esta se encontrava vazia. Sentiu então um repentino desejo de entrar naquele local tranqüilo. Talvez fosse bom um pouco de recolhimento...

Sentando-se em um dos bancos, num impulso, desejou rezar mas não sabia como iniciar a prece. Na verdade não sabia nem mesmo porque resolvera entrar ali, pois fazia muito tempo não ia a nenhuma igreja. Permaneceu apenas olhando a grande crucifixo colocado acima do pequeno altar que, adornado por uma jarra com rosas brancas e um castiçal com três velas acesas, convidava a uma meditação. Fixou o olhar nas chamas das velas e lembrou-se da ida ao centro espírita. Sua mente encheu-se de dúvidas.

"Por que lá não me avisaram de que eu passaria por esse problema...? - e o coração palpitou de súbita esperança - *"Com certeza é porque nada do que estou temendo me aconteceu!...*- sente-se aliviado por alguns momentos, porém o temor volta a atormentá-lo - *"E se for o contrário, o que farei...?!* - e do fundo de sua alma, brotou então uma fervorosa prece - *"Jesus, me ajuda, me ilumina... Mostra-me o caminho!..."*

Sentindo aos poucos uma paz envolvendo-o, Juan resolve ir à lanchonete fazer um lanche antes de retornar ao trabalho. Com o tumulto do dia, se esquecera de almoçar e agora a fome se fazia presente. Quase chegando ao local, surpreso se depara com Letícia que, com expressão de alívio, dirige-se a ele abraçando-o:

- Juan... Estava à tua procura!... Que saudade!

Levado pelo inesperado ele apenas sorri, correspondendo calorosamente ao abraço que durou alguns segundos, em virtude da saudade que ambos sentiam. Mas apesar da satisfação de tê-la outra vez em seus braços, um sentimento contraditório tolda seu pensamento: *"Com ela de volta, a minha situação fica pior! Por que não fiz logo essa droga de exame ?!"*

Quando afinal se desprendem, Juan pergunta forçando uma falsa alegria: - Por que *no* me avisaste que *volverias*...? *Yo* teria te *buscado* na rodoviária!

- Resolvi de repente, após tomar uma séria decisão! - e uma expressão de tristeza anuvia seu rosto - Vou voltar para casa. Vim para me demitir do hospital, apanhar as minhas coisas e me despedir de ti!

- *Pero* como *asi*...? *Lo* que aconteceu? *Tu padre no* se restabeleceu?

- Infelizmente não. O derrame deixou-o parcialmente inutilizado. Todo seu lado direito está paralítico. Coitado de meu pai!... A mente está esquecida e ele não consegue articular palavras. Terá que aprender a falar novamente...

- Que lástima!... Pobre *hombre!* - fala Juan condoído.

- Por isso não posso deixar minha mãe sozinha. Não faz sentido pagarmos a uma enfermeira que, por melhor que seja, será uma pessoa estranha para ele, afim de que eu continue no meu emprego!... E ademais, quero mesmo ficar junto dele, cuidar dele! - e lágrimas sentidas brotam em seus olhos - Vou retornar no ônibus das vinte e trinta, de hoje!

- *Tan* depressa *asi*, querida...?!

- Sim... Não poso ficar. Minha mãe está arrasada. Precisa de mim.

- *Tienes* razão!... Estás certa! - entretanto, ao mesmo tempo em que fica penalizado pelo que está ocorrendo com ela, sente-se aliviado com a separação de ambos: *"Assim ganharei tempo... E se o pior acontecer, será mais fácil romper nosso relacionamento à distância..."* - e enlaçando-a pela cintura com carinho, convida-a - Vamos a *hacer* um lanche...? *Hace* horas que não como, pois o plantão *hoy* foi *terrible*! *Después*, quando estiveres pronta, *yo* te levarei a *su* apartamento.

Com um sorriso triste, porém o olhar apaixonado, Letícia murmura: - Oh, Juan... Estava ansiosa por isso... Não sabes o quanto desejo este momento! Como poderia me afastar de ti sem sentir teu carinho mais uma vez ?!

- *Filho, tu tens estado muito estranho esses últimos dias... O que está se passando contigo ?!* - pergunta Esperanza preocupada, enquanto aguardam pelo pedido feito ao garçom.

Juan que havia levado a mãe ao restaurante Don Quixote exatamente com a intenção de distraí-la, para que esta não percebesse a confusão de sentimentos que o estava atormentando, procura negar: - *Estranho, eu...?! Não há nada, mãe! Impressão sua...*

- Não, filho... Eu sinto que algo desagradável estás me ocultando. Problemas no hospital...?!

Ele olha-a surpreso: *"Oh, Deus meu... Bem verdade o que dizem... Que coração de mãe não se engana!... Mas somente contarei tudo para ela após os exames..."* - e procurando dar um tom de voz tranqüilo e despreocupado, Juan acalma-a: - *Sim... Muitos acidentes sérios esses últimos dias. Principalmente o de hoje cedo com tantas crianças e mais o da jovem no final da tarde, me deixaram angustiado e cansado... Não tem nada demais comigo!*

Não muito convencida, entretanto mais aliviada, Esperanza passa a conversar animada sobre as compras que fizera durante o dia, transcorrendo o jantar em clima harmonioso.

Contudo mais tarde, após deixar a mãe em seus aposentos, já sozinho em seu quarto, as preocupações voltam com força a atormentar Juan. Atira-se na poltrona, como se o mundo desmoronasse sobre ele.

Com as têmporas latejando em virtude de uma forte dor de cabeça, vai rememorando seu encontro com Letícia. Sente um enorme desejo de estar a seu lado. *"Queria tanto ter transado com ela..."* Mas ela partira sem que ambos pudessem ter a compensação de um caloroso encontro amoroso.

"Mas foi melhor assim... Frustrante, doloroso, mas foi melhor ter acontecido assim... Eu não conseguiria e nem deveria ter relações com ela sem colocá-la a par de meus temores... Para que contar algo de que ainda não tenho certeza...?! Fui "salvo pelo gongo", como se diz por aqui...Pobre daquela moça, o seu desastre me livrou de uma situação difícil! Tomara que ela se recupere logo!"

Juan ia saindo do hospital com Letícia para ir até o apartamento desta, quando foi chamado pelo microfone para atender a uma emergência. Uma jovem de dezenove anos fora atropelada e com sérios ferimentos precisava de atendimento imediato até a chegada do traumatologista e do neurologista que já haviam sido chamados em seus consultórios. Ele só foi liberado às vinte horas. Pudera apenas dar adeus à namorada quando esta já estava entrando no ônibus. Com a promessa de visitá-la em sua cidade, tão logo fosse possível, Juan frustrado, triste e deprimido, se dirigiu para a pensão afim de apanhar a mãe para jantar.

Ainda imerso nesses pensamentos, se assusta ao ouvir o celular tocar. *"Que não seja nenhuma emergência... Estou exausto!!!"* - pensa, enquanto atende ao telefonema. E, surpreso, ouve a voz do Diretor Médico do outro lado da linha:

- Juan, desculpa o adiantado da hora... Mas como tu não respondeste aos dois recados que deixei na secretária eletrônica, resolvi tentar mais uma vez.

Juan se dá conta então de que tão absorvido estava com os seus problemas, que se esquecera de verificar a caixa postal do celular: - Dr. Maori, *perdón,* esqueci de olhar o celular!... - e preocupado, pergunta - *Usted* necessita de mim para alguma emergência ?!

- Não, Juan. É que meu cunhado chegará amanhã para tratar de um negócio por apenas dois dias e Jurana resolveu antecipar a sua vinda aqui. Vem acompanhando o pai com o intuito de te conhecer e também ver o famoso diário.

- *Pero* que *buena* notícia! - apressa-se a falar Juan, demonstrando sua alegria - *Tengo mucho* o que contar a ela!

- Pois, considerando isso mesmo, a Norma achou melhor realizar aquele jantar prometido para tua mãe, amanhã à noite. E queria saber ainda hoje a confirmação da presença de vocês. Será possível...?!

Empolgado com o inesperado convite, Juan não hesita em aceitá-lo. A perspectiva de falar pessoalmente com sua correspondente virtual, faz com que volte seu habitual otimismo. Levantando-se ligeiro da poltrona, pensa cheio de esperança: *"Estou me deixando angustiar em demasia com uma suposta possibilidade de estar contaminado... Preciso reagir e deixar para me preocupar caso seja comprovada a doença."* - e andando pelo exíguo espaço de seu quarto, sente-se insone.

"É melhor eu retomar a leitura do diário de Rodrigo, pois assim terei mais assunto com a Jurana".

Seguindo o pensamento, apanha o livro e se aprofunda novamente na remota saga.

19 de fevereiro de 1618

Já se passaram cinco meses desde que Gracy Ara e meu filho chegaram... Minha vida mudou por completo e sinto-me imerso numa felicidade surpreendente.

Como penitência pelos crimes que cometera, Padre Anselmo me impusera o celibato. Foi uma dura e difícil prova para mim!... Mas a cada vez que tendia a fraquejar, lembrava-me dos horrores que praticara. Confessava-me com ele e me dedicava de corpo e alma à minha arte. A escultura passou a ser a mais importante expressão de meu talento e ela me ajudava a aplacar os meus desejos de macho.

Assim vivi os anos que precederam a chegada de minha fiel bugra. E, para minha alegria, com a sua vinda, Padre Anselmo dispensou-me da penitência. Considerou que eu já havia resgatado boa parte de meus pecados. Todavia outra regra me impôs: Fazer feliz a mulher que tanto me ama e a meu jovem filho... Bendita penitência que retirou as amarras que cerceavam o meu corpo ainda cheio de vigor.

Apesar dos dias, cada vez mais raros e com maior espaçamento, em que a depressão pela impossibilidade de retorno à minha amada Espanha toma conta de meu ser, sinto-me agora parte integrante dessa nova terra.

Minhas obras começam a ser enviadas para a Europa junto com as demais executadas nas várias reduções. As encomendas chegam sempre em grande número pelas naus que singram destemidas o largo oceano. Dedico-me incansavelmente a elas, aprimorando sempre o meu trabalho. Tais peças destinadas para além-mar, dão-me a sensação de que parte de meu ser segue impregnado nelas, perpetuando-se pelas igrejas e palácios de meu amado chão natal.

Contudo, a minha vida aqui segue em plácida harmonia e perceber em meu filho traços de minhas feições e de minha personalidade, dá-me a certeza de que somos eternos, de que a vida continua de várias formas, germinada pelas sementes de nossos corpos e de nossas almas.

Pensando assim, interrompi por um momento a escrita para soltar uma gargalhada... Imaginara que se neste momento algum dos "senhores sábios da santa inquisição" pudessem lê-la, em poucos instantes eu seria julgado e queimado na fogueira da ignorância!

Gracy Ara, suspendendo seus afazeres, indagou o que se passava comigo. Não tentei explicar-lhe o motivo de meu riso, pois ela jamais compreenderia a mentalidade dos "cultos senhores supremos da Santa Igreja"... Os guaranis têm uma visão muito mais ampla da vida que os civilizados europeus... Respondi apenas que me sentia feliz ao ver o seu ventre crescendo com mais um filho meu, dando continuidade às nossas vidas.

Porém quero registrar aqui, que os amigos jesuítas não comungam da visão distorcida e deturpada que os "detentores da palavra de Deus", (como os signatários da Igreja se nomeiam), têm dos ensinamentos de Cristo. Os jesuítas seguem realmente o Cristianismo em sua pureza original, doando amor e dedicação em prol de uma vida mais evolutiva e harmoniosa. Isto é claramente visível e comprovado pelo belo e dedicado trabalho que estão fazendo nessas terras primitivas.

Hoje sinto-me feliz nesta vida que Deus me reservou... Entretanto para o "porquê" de tudo isso ter-me acontecido, ainda não tenho respostas. Quem sabe... Talvez um dia elas possam surgir...

Juan encerra a leitura neste ponto e fica meditativo, alisando o grosso livro fechado em seu colo. Ao manuseá-lo pela primeira vez, verificara que este estava totalmente escrito e agora falta apenas 1/4 da totalidade de suas páginas para terminar sua leitura. Sente curiosidade em conhecer o final, mas mantém o que determinara desde seu início. Seguir sempre a evolução da narrativa, sem pular nenhuma página, para poder apreciá-la e compreendê-la corretamente em seus detalhes.

Sentindo o cansaço do dia estafante, resolve dormir. E um sono reparador, sem sonhos, estende-se até a hora de seu despertar.

- *É um grande prazer recebê-la em nossa casa!* - fala sorrindo Maori, em espanhol, estendendo a mão para Esperanza, convidando-a a entrar na sala.

A simpatia que se estabelece entre a visitante e seus anfitriões é imediata. Norma, apesar de ser uma mulher elegante de destaque na sociedade, é de uma simplicidade que coloca imediatamente seus convidados à vontade.

Com desenvoltura, Jurana se aproxima sorridente de Juan, apertando sua mão e beijando-o de leve em ambas as faces, como se já se conhecessem de longa data: - Que bom que tu vieste, Juan!... Até que enfim poderemos conversar pessoalmente!

Apanhado de surpresa pela efusiva acolhida, ele sente-se um tanto constrangido, mas corresponde com igual satisfação: - *Estoy mui* feliz por conhecê-la. Será *mui* agradável trocar *nuestras* impressões sobre o "*liuro kue"!* - entretanto, a sua aparência causa-lhe uma certa decepção. Imaginara-a de feições bonitas, corpo esbelto e bem feito. Surpreende-se com a jovem baixa e gordinha, de sardento rosto redondo.

Após cumprimentar Esperanza e apresentar Juan ao pai, Jurana na sua alegre espontaneidade, leva-o pela mão a um canto da larga varanda contígua à sala de estar, convidando sorridente: - Vamos aproveitar enquanto o jantar não é servido, para darmos início a um "papo" não virtual!... - e um largo sorriso ilumina o rosto emoldurado por uma brilhante cascata de cabelos ruivos. A luz interior que se espelhou nos grandes olhos verdes, fez com que Juan observasse a jovem de uma outra maneira.

"*Sua simpatia é tal que disfarça a falta de beleza, tornando-a quase bonita!..*".

Assim, durante essa conversa preliminar, ele tem a oportunidade de conhecer outra faceta agradável da personalidade da amiga internauta. Com um humor inteligente, ela introduz no decorrer do diálogo observações interessantes, num espanhol correto. Em contrapartida, Juan vai respondendo no seu habitual "portunhol", provocando em sua interlocutora risos de uma alegria contagiante.

O jantar transcorreu num clima muito agradável. A visita estendeu-se até às onze horas, com uma longa e animada conversa entre todos os participantes.

Pouco antes de Esperanza e Juan se despedirem, este pediu licença para se retirar por alguns instantes. Indo até seu carro, volta de lá trazendo um embrulho de presente para Jurana.

- *Perdona* a minha falta!... *He olvidado* de entregar, na minha chegada, uns chocolates que trouxe *para ti*.

Surpresa, ela comenta rindo, avaliando o tamanho e o peso do pacote: - Mas que delicioso exagero contém esta caixa enorme!... - e enquanto vai desfazendo o embrulho, afirma alegremente - Mas adivinhaste... Eu adoro chocolate!

Entretanto, para uma surpresa maior, disfarçado sob uma fina caixa de bombons, está o diário espanhol. Extasiada, exclama: - Juan!... Trouxeste o *"liuro kue"*!!! Oh, Juan, eu ansiava por vê-lo!... - e olhando-o alegre, finge censurá-lo - Me enganaste, seu mentiroso, dizendo que somente amanhã poderias mostrá-lo!!!

Satisfeito, ele retruca sorrindo: - Na verdade *no olvidé* o pacote no carro. *Lo he dejado* propositadamente lá, porque se *yo lo* entregasse na minha chegada, talvez *no* tivéssemos *la oportunidad* de conversarmos tanto!

- Tens razão... Tens razão... - ela concorda encantada, folheando as páginas delicadamente.

- *Pero los* bombons, são para acompanhar a leitura que, *tengo la* certeza, irá se estender madrugada adentro. - finaliza num tom de cumplicidade.

- Perfeito, Juan!... Muito, muito obrigada! - e com a sua natural espontaneidade, agradecida, beija-o novamente em ambas as faces, ao se despedirem.

No percurso de volta à pensão, o diálogo entre mãe e filho gira em torno de um único motivo. O prazer da visita e o comentário sobre os anfitriões.

- *Desde que vieste para o Brasil, Juan, tive sempre a preocupação do teu convívio ser apenas entre colegas da faculdade. Sem estabeleceres amizade com alguma família bem estruturada, que o acolhesse com carinho...* - comenta Esperanza, confessando seus antigos temores maternos - *Porém agora, filho, encontraste amigos de verdade. Estou encantada!...*

- *Tens razão, mãe!... O Dr. Maori tem sido realmente um grande amigo! E a simpatia, pelo que parece, é um atributo familiar! Senti-me muito à vontade junto a todos eles.*

- *O mesmo ocorreu comigo!*

Esperanza fica pensativa por alguns momentos, porém depois, olhando de soslaio para o filho, pergunta curiosa: - *E a tua amiga... Como é mesmo que se chama quem se comunica via Internet...?*

- *Internauta, mãe... O que achaste dela...?*

- *Encantadora...*- um tanto hesitante, ela opina, desejosa em conhecer a impressão que a jovem causara ao filho - *Apesar de nada bonita... Mas... de uma simpatia e um encanto pessoal, irradiantes! Observei que vocês dois conversaram bastante!*

- *Sim...Foi uma conversa interessante!* - rindo, ele retruca perguntando - *Mas na verdade estás curiosa é em saber o que achei dela, não é... ?! Continuas a mesma, Dona Esperanza!... No firme propósito de encontrar, entre minhas amigas, uma nora para ti, estou certo?!*

- Enganado! Perguntei por perguntar... - ela responde fingindo-se desinteressada.

Novamente rindo, Juan satisfaz a curiosidade da mãe: - *Pois a minha opinião sobre Jurana, coincide com a tua. E além do mais, ela é muito inteligente também! Foi um prazer conversarmos e será muito agradável tê-la como amiga. Mas... Nada mais que isso! Apesar dos olhos verdes e dos belos cabelos ruivos, ela não faz o meu tipo! Tu bem sabes, mãe, que eu sou um amante da beleza física!*

- Pois olha, meu filho, ainda tens muito que aprender nessa vida! Ainda outro dia, li um pensamento do Dalai Lama muito profundo.

- Sobre...?!

- A escolha dos companheiros para trilharem um único caminho. Ele aconselha prioridade na identidade de almas. Pois com o tempo tudo se acaba... Físico e paixão... Restando apenas a conversa para o ocaso da vida.

- Sábio conselho, Dona Esperanza!... Reconheço que é sábio, entretanto não se aplica a seu filho, pois não pretendo me casar!

- Isso não, Juan! A vida solitária não é boa!... Ademais não quero morrer sem ter netos!

- Pode ser... Porém ao menos por hora, quero aproveitar ao máximo a minha total liberdade... - e rindo com vontade, afirma num tom malicioso - *E as belas e deliciosas formas com que Deus premiou a maioria das mulheres!*

- Oh, filho... Dr. Juan, mais pareces um Don Juan!... Espero que não demores muito a criar juízo nesse sentido!

Acabavam de chegar na pensão. Saltando do carro, Esperanza fala bocejando: - *Foi um excelente encontro e um delicioso jantar, meu filho. Mas o sono está chegando ligeiro... Vou direto para a cama!*

Ao chegar frente aos seus aposentos, ela pára, afirmando sorrindo: - *Dessa vez vou retornar tranqüila para Assunção... Tenho certeza de que não estás mais sozinho... Pelo contrário, muito bem acompanhado!... Boa-noite, meu filho!...* - e beijando-o, fecha a porta do quarto.

Entretanto, um repentino pensamento negativo surge toldando a recente alegria que este adquirira no jantar, deixando-o novamente preocupado e aflito.

"Porém, se o meu receio se concretizar, mãe, toda a sua tranqüilidade se diluirá...E netos então, jamais!"

Insone pelo retorno da preocupação e imerso em tristeza ele vai se deitar. Pensamentos diversos se atropelam, confundindo imagens de Jurana e Letícia no quadro de sua mente, meio à recordações alegres, outras perturbadoras e, principalmente, o medo... O aflitivo medo da doença...

"Tenho que vencer esse medo!... Sou um médico!... Aonde fica a minha responsabilidade profissional...?! Não posso agir como um leigo que desconhece os riscos de não se enfrentar logo tal situação!..."

Finalmente uma decisão toma conta de seu espírito. Irá fazer os exames necessários o quanto antes.

"Porém não aqui em Trilha das Palmeiras.... Farei em Porto Alegre. É mais seguro!... Assim não corro o risco de alguém tomar conhecimento deles antes da hora H... Mas...- vacila - *Sob que pretexto poderei me ausentar por uns dias...?!* - e a aflição se apossa dele. Porém, repentinamente tem uma idéia - *Mas é claro! Tenho um excelente pretexto para ir à capital! Vou mudar a volta da mãe, de ônibus para avião. E avião para Assunção, só em Porto Alegre!...Desse modo terei a oportunidade de fazer os exames em absoluto segredo! E falta pouco menos de duas semanas...É isso!!!"*

Mais tranqüilo com tal resolução, Juan não tarda a adormecer profundamente. Sonhos nítidos invadem seu subconsciente, colocando-o frente a situações estranhas, onde lampejos de uma vida antiga e desconhecida, com índios guaranis na mata, se alternam com sua vida atual. E sobrepondo-se a estas, o rosto sorridente de Jurana se faz presente.

- Juan, conforme preconizaste, li até o alvorecer. Fui um pouco além de onde tu paraste e confesso que nem sei como descrever a emoção que me acometeu tal leitura!...

- E aonde chegaste...?! - quer saber cheio de curiosidade.

- Não vou te adiantar nada, porque essa história é por demais surpreendente a cada página! - nega Jurana num tom misterioso, porém, com um jeito charmoso, deixa seu interlocutor mais curioso ainda ao afirmar - *Mas uma coisa eu posso te contar!...*

- Então diz logo, minha cara amiga... Me deixaste ansioso!

Um sorriso irradiante intensifica o brilho dos olhos verdes, quando jocosamente ela afirma ligeiro: - *Comi todos os bombons!!! Uma delícia!*

Surpreendido pelo inusitado, Juan cai na gargalhada, falando com sinceridade: - *Jurana, tu és incrível... Imprevisível!*

Ambos conversavam assim animadamente, ao cair da noite. A pedido desta falavam em espanhol, pois sua desenvoltura nesse idioma facilitava mais o diálogo do que o "portunhol" do amigo. E o tempo era curto para trocarem suas impressões.

O dia no hospital fora bem movimentado, portanto Juan não pudera dispor de momento algum para se encontrar com Jurana durante o dia e Gustavo, o pai, havia comprado as passagens de volta a Porto Alegre para as 23 horas. Somente agora haviam encontrado um limitado espaço de tempo para dialogarem.

- Juan... A madrugada já ia alta, mas a empolgação pelo que estava lendo era tanta, que não sentia um mínimo de sono... Porém...- ela hesita - *Aconteceu uma coisa comigo, que me fez encerrar a leitura antes do previsto...* - hesita novamente, sentindo-se insegura - *Não sei se devo te falar... Pode ser imaginação minha!*

Prevendo o que acontecera, ele se adianta: - *Por acaso sentiste uma sensação estranha de tontura, com uma certa taquicardia...?!*

Admirada ela admite: - *Sim!... Mas como sabes...? Também passaste por algo semelhante ?!*

- Exatamente!... E muito mais que isso... Tive a impressão de já conhecer algumas cenas ali descritas. Como se eu as houvesse lido em um outro livro.

- Mas o mesmo se deu comigo!... - exclama impressionada - *E fiquei tão ansiosa com o que sentia, que devorei o restante dos bombons de uma só vez!... Mais da metade da caixa!!!* - e procurando disfarçar o receio que sentira e as dúvidas que assaltaram-na em relação a certos conceitos, se contradiz sorrindo - *Mentira... Não foi por ansiedade que comi assim... Isso é desculpa de guloso... Teria devorado tudo de qualquer jeito!*

Acompanhando-a no sorriso, ele procura consolá-la: - *Mas é natural, não se culpe por isso! O que é gostoso foi feito para se comer ligeiro!...* - e retomando a um tom sério, procura expor um pouco do que aprendera sobre os fatos ocorridos: - *Essas sensações acontecem devido a nossa sensibilidade que capta, do objeto antigo, emanações ainda existentes dos donos anteriores.*

- Acreditas realmente que isso seja possível...?! - questiona Jurema surpresa, interrompendo-o.

- Bem... Após teu tio Maori ter-me dado explicações sobre isso e, inclusive me levado a um centro espiritualista, por sinal muito interessante, comecei a admitir tal possibilidade.

- *A Casa do Amor Cósmico...?*

- *Exatamente. Tu deves conhecê-la bem... Freqüentado várias sessões...*

- *Não! Apenas duas vezes quando criança. Foi em uma das férias que passei com meus avós.*

- *Como assim...?* - admira-se Juan - *Sendo teus tios filiados ao Centro, pensei que de vez em quando tu também freqüentasses as sessões.*

- *Não é bem assim... Tio Maori e tia Norma são espiritualistas. Seguem as pegadas de meus avós que eram profundamente espiritualizados e durante muitos anos dirigiram esse Centro...*

- *Mas então... Por que tu não freqüentas também ?!* - ele torna a perguntar, interrompendo-a admirado - *Não gostas ?!*

- *É que eu sou católica praticante. Meu pai sempre foi um católico fervoroso e minha mãe, apesar de criada na doutrina espírita, acabou por aderir a religião dele. Ambos fazem parte há muitos anos do coral da Igreja e trabalham no "encontro de casais".*

- *Entendo...Quando se segue uma religião abraçando com convicção seus dogmas, não se pode mesmo misturar as crenças.*

- *É por isso que eu prefiro não ir lá, pois muitas coisas diferem do ponto de vista católico e aí eu entro em conflito com a minha fé.*

- *Então é melhor mesmo que não freqüentes... Mas eu gostei de ter ido na Casa do Amor Cósmico, apesar de também ser católico. É que eu não sou praticante. Sou batizado, estudei o catecismo, fiz primeira comunhão, etc... Mas dificilmente vou à igreja. Me considero católico por nascimento. Entretanto minha mãe é como seus pais. Trabalha bastante na igreja, mas nunca conseguiu que eu e meu pai a acompanhássemos.*

- *Mas...* - Jurana retirando de sua mochila o diário espanhol, muda o rumo da conversa - *Deixemos de lado esse assunto, porque é um tema que poderá se estender por muito tempo... E este está escasso...* - e olhando-o risonha, devolve o livro para Juan, falando com sinceridade - *Não é justo, Juan, levá-lo comigo para terminá-lo. Agradeço muito a tua oferta, mas não é justo! Esse "liuro kue" não deve sair de tuas mãos.*

- *Mas minha amiga, tu me devolverás ao terminá-lo!* - e com o seu jeito sedutor, afirma - *Confio plenamente em ti!*

- *Não Juan... Tua confiança em mim me deixa muito comovida porém, não quero correr o risco de perder uma relíquia dessas na viagem...*- e com o sorriso brilhando nos olhos, afirma - *Mas fico aguardando o restante da estória através do bendito computador que proporcionou a nossa amizade!...*

Juan esperou o ônibus partir para retornar a seu carro. Ele fizera questão de levar Jurana e Gustavo na rodoviária. O que foi providencial, pois Maori, pouco antes da saída, teve um chamado de emergência no hospital.

À caminho da pensão, ele vai rememorando os acontecimentos dos dois últimos dias e o prazer da descoberta de uma promissora amizade com sua correspondente virtual.

" Como é inteligente e divertida! Conversar com ela é um prazer!... Só não entendo como Deus pode colocar um espírito tão especial num físico tão sem graça!... Que desperdício!"

Pensando assim, sem querer, Juan estabelece uma comparação com a amante distante: *"Se fosse possível fundir as duas em uma só, seria a perfeição total!.. Mas, até que Letícia é inteligente. Talvez não tenha tido a oportunidade de desenvolver sua capacidade intelectual, por falta de meios...*- e a imagem da jovem surge com nitidez em sua mente e em seu coração, com a força da saudade - *Ah, que falta ela me faz!... Como eu gostaria de tê-la agora em minha cama!..."*

Sentindo-se assim, ao chegar na pensão segue direto para o seu quarto, passando sem parar frente aos aposentos de sua mãe. Entrando, atira o diário espanhol sobre a cama e vai direto ao telefone fazer uma ligação para sua amada.

- Querida... *Perdona* o adiantado da hora, *pero estoy* louco de saudades de ti... E queria ouvir tua voz...

- Juan!... Que surpresa maravilhosa!!! Estava também pensando em ti!!!

- *No* te acordei...?

- Não... Estava tentando ler, mas o pensamento em ti tirava a minha concentração. Estou aguardando a meia-noite para dar a medicação a meu pai.

- E ele, como está...?!

- O quadro continua estacionário. Não sei se ele terá recuperação. Mas estou fazendo o possível. Pobre do meu pai!...

- Sinto *mucho*, querida... - sensibilizado, tenta consolá-la - *Pero los caminos de Diós* são quase sempre incompreensíveis! *Lo* importante *és no* perder a fé!

- Essa, graças a Deus, é que tem me valido... Me dado forças para enfrentar essa triste situação que se abateu sobre a minha família!... Mas, Juan, falemos de nós dois! Sinto muito a tua falta. Não tenho telefonado o quanto desejo, porque precisamos conter as despesas aqui em casa. O tratamento de meu pai está saindo muito caro!

- *Lo entiendo*, querida... - e ocultando parte da verdade, ele se desculpa por tê-la deixado um tanto de lado - *Yo también* tenho estado ocupado com a minha mãe. O tempo que *tengo* de lazer, *lo* dedico a ela! *Pero estoy mui, mui* saudoso de ti e pretendo te visitar tão logo minha mãe retorne ao Paraguai!

- Que bom, Juan!... E quando será ?! - ela pergunta entusiasmada, cheia de esperança - Venha, venha logo!!!

- Daqui a pouco *más* de duas semanas. *Lo te avisaré* com antecedência!...

A conversa telefônica se estendeu por mais uns quinze minutos, os quais deixaram Juan mais nostálgico ainda da presença de Letícia. Não conseguia adormecer angustiado também pela perspectiva dos exames a serem feitos na capital.

"Mas estou exagerando no medo! Afinal, se eu sou portador dessa terrível doença, lá no centro espírita, a entidade teria me alertado. Não é assim que eles trabalham do "lado de lá"...?" - e este pensamento tranqüilizou-o um pouco, mas não a ponto de proporcionar-lhe sono. Continuava tenso e insone enquanto preparava-se para deitar. Ao recolher o *"liuro kue"* atirado sobre o leito, de tão agoniado, sente-se até meio desinteressado por ele. Contudo, resolve entreter-se com a leitura.

"Acho melhor distrair minha mente com a saga de Rodrigo! Assim eu paro de remoer as minhas aflições!" - e aos poucos sua atenção foi sendo transportada àquele passado distante.

10 de agosto de 1618

Minha filha nasceu! ... Meu coração disparou de emoção quando a ergui em meus braços... Profundamente agradecido aos céus pela felicidade que vem sendo sedimentada em minha vida, elevei uma prece a Mãe Santíssima pela proteção dada ao parto de Gracy Ara.

Porém, como um raio rasgando o céu, dolorosas recordações, quais adagas afiadas, dilaceraram meu coração, arrefecendo meu encantamento... Recordei-me de Nha Juçara que, em meio a dores cruéis, morrera abandonada ao parir prematuramente o filho que eu gerara em seu ventre... E o brutal e estúpido crime contra a doce Janaína...

O remorso corroeu minhas entranhas...Imensa dor se alojou em meu peito, como se a pólvora de dezenas de escopetas o tivessem varado...

Pedindo novamente perdão ao Pai, aconcheguei mais ainda junto ao coração a minha pequenina filha que começava a choramingar. Lágrimas assomaram a meus olhos e, fechando-os, fiz uma prece com todo fervor... Repentinamente uma luz violeta inundou minha mente e de seu centro surgiu o belo rosto de minha outrora púbere musa, a me sorrir meigamente. Abalado por tão inesperada visão, sentido pranto jorrou de minhas pálpebras fechadas, deslizando por minha face, enquanto, em meu íntimo, a doce voz de Janaína se fazia ouvir: "Voltei para ti... Perdão é amor!"

Aturdido abri os olhos e os fixei no rostinho de minha filha. Para meu espanto maior, este estava circundado por um halo brilhante de cor violácea... Parando de chorar, um meio sorriso aflorou nos pequeninos lábios, desfazendo a luminosidade ao seu redor.

Enevoaram-se meus olhos ao encherem-se novamente de lágrimas... Pisquei então várias vezes para me certificar do que vira. Se não havia sido uma impressão ótica devido ao embaçamento à minha visão, provocada pelo pranto. Todavia, tudo permanecia normal... Então, extremamente comovido compreendi, de acordo com a crença dos guaranis, que Janaína me perdoara... Que a Energia Superior que comanda as nossas vidas, me concedia naquele momento a oportunidade de resgatar o meu hediondo crime, praticando o amor. O espírito que eu cruelmente arrebatara da vida, voltava agora abrigado no pequenino ser que eu gerara, para iniciar uma nova caminhada a meu lado. Amando-o e protegendo-o eu poderei dissolver o meu delito. É a Justiça Divina!

Surpreendido por esta narrativa, Juan pára a leitura impressionado. *Então os índios guaranis acreditavam na reencarnação!!!... Isso é surpreendente!... E como foi possível aos jesuítas conseguirem estabelecer harmonia entre tal crença com os dogmas dos retrógrados sacerdotes católicos daquela época...?!*

Subitamente vem à memória a conversa que tivera com Jurana. Sua barreira em aceitar idéias novas sobre religião... *"Talvez tenha sido por isso que a leitura a surpreendeu tanto. Esse conceito guarani deve tê-la deixado confusa em relação à sua crença. Está explicada a compulsão em comer os bombons de uma só vez..."*

Este pensamento levou-o a considerar também seus próprios conceitos sobre a reencarnação e a continuidade da vida...*"A Justiça Divina sob tal enfoque torna-se mais fácil de ser compreendida. Acho que vale a pena um estudo mais profundo sobre esse assunto!... Será que os jesuítas também pensavam assim...? Não creio... Mas eles deviam ser diferentes do restante do clero daquele tempo! Talvez para conseguirem estabelecer uma aliança com os índios, respeitassem seus dogmas religiosos, não impondo o conceito católico como a única forma do ser humano se ligar ao Criador... Quem sabe...? É uma hipótese! E talvez também este tenha sido o motivo principal para a Igreja concordar com o massacre aos Povos das Missões!...Fracassando a obra jesuítica, ficariam limitadas as atividades dos jesuítas!"* - pensando assim, ele sente redobrar o interesse pela narrativa e, avidamente, retoma a leitura.

...Sob grande emoção, fui sentar-me ao lado de Gracy Ara que, em nosso leito, repousava para recuperar a energia despendida no trabalho de parto. Demonstrando meu carinho, perguntei-lhe que nome ela gostaria de dar à nossa filha. Isso a surpreendeu, uma vez que a tradição indígena dá somente ao pai tal direito de escolha. Mas eu insisti e, com expressão de felicidade, ela me surpreendeu com sua resposta: "Gostaria que fosse espanhol, não guarani... Ficarei feliz se ela se chamar Esperanza!" Indaguei admirado qual o motivo. Ao que ela me respondeu: "Esperanza foi o nome que Padre Hernandez gravou em meu coração, quando lhe disse o quanto desejava retornar ao teu lado um dia... Esperanza de te encontrar!... Nossa filha é fruto desse reencontro. Ela é a Esperanza!"

Enorme comoção me apossou! Coloquei nossa pequena filha em seus braços e, ajoelhado ao lado do catre, repousei minha cabeça em seu bendito ventre.

Juan leva um choque ao ler tais palavras: *"Que coincidência, meu Deus!!! Esperanza, o nome de minha mãe!"* - com o coração palpitando, levanta-se da poltrona e guarda o diário no armário - *"Por hoje chega!... É emoção demasiada! Se continuar lendo, a alvorada me encontrará desperto!"*- lembrando-se novamente de Jurana, fala em voz alta para si mesmo - *Já que não tenho bombons para conter minha ansiedade, vou tomar um indutor de sono!... Tenho muito trabalho amanhã no hospital, preciso descansar!..."*

E passando das palavras à ação, tomou o remédio e minutos depois adormeceu profundamente.

- Filho... Que bela cidade! - exclama Esperanza - *E que pôr-do-sol magnífico! Por que não me trouxeste aqui antes...?*

- Ora, mãe... Por falta de oportunidade! Porto Alegre dista 300 quilômetros de Passo Fundo. Quando me visitavas no campus da universidade, eu não tinha possibilidade de trazê-la para passear aqui. Agora é diferente! Mesmo Trilha das Palmeiras sendo mais distante ainda nos seus quase 500 quilômetros, eu tenho liberdade para me afastar por uns dias.

- É verdade, Juan... E eu também vinha apenas por poucos dias. Nunca pude permanecer mais do que uma semana - e com a voz transmitindo contentamento, exclama afagando o rosto do filho - *Foi um mês maravilhoso! Gostei de tudo e me sinto plena de felicidade! Obrigada, meu querido!*

Conversavam deitados em suas camas. Hospedaram-se num confortável hotel central e decidiram ocupar um mesmo quarto, para aproveitarem os dois últimos dias juntos. Esperanza viajaria no início da manhã seguinte.

- Eu é que te agradeço, mãe... Foi muito bom para mim também gozar da tua companhia - tentando disfarçar a tensão que sentia com a proximidade dos exames a serem feitos após a partida dela, ele explica o horário - *Sinto ter sido necessário embarcares tão cedo!... Mas preciso voltar ao hospital a tempo do turno da tarde.*

- Ora, meu filho... Seis e meia da manhã para mim não é cedo... Ainda mais para ir de avião!... Jamais pensei... Ao invés de 12 horas de viagem, apenas 2!!! - e olhando-o com amor, exclama sorrindo - *Por esta surpresa eu não esperava! Obrigada, Juan!*

- Dona Esperanza, mereces muito mais! Eu te amo! - fala com sinceridade, porém sentindo-se envergonhado por não revelar o real motivo da viagem a Porto Alegre. E subitamente surge o desejo de contar tudo para a mãe e dividir com ela seus temores - *Mas também existe uma outra causa para esse vôo...*

- Não me venhas com mais presentes!... - ela o interrompe sorridente - *Chega de gastares dinheiro comigo!*

- Não, mãe, não é presente! É que... - porém vendo-a tão feliz, ele resolve poupá-la dessa angustiosa hipótese e cala hesitante.

- Mas então o que é, filho...? Estás me deixando curiosa e ademais não estou gostando da tua expressão. Ficaste triste de repente! - ela pergunta tomada de um mau presságio.

- É claro que estou triste, Dona Esperanza!... Tu vais embora, como poderia estar alegre ?! - conseguindo se conter ele disfarça soltando uma risada - *A outra causa... É que esse vôo, mesmo com escala em São Paulo, vai obrigar o dorminhoco do pai pular mais cedo da cama, para te receber no aeroporto!*

Aliviada, ela o repreende em tom alegre: - *Mas que injustiça, Juan!... Teu pai não é dorminhoco! Apenas troca a noite pelo dia no seu trabalho no Diário Matutino!*

- Eu sei, mãe...Estou brincando! Mas... E por falar em jornal, não podes esquecer de te informares sobre o "liuro kue"... A quem devemos entregá-lo.

- A quem entregá-lo, não filho!... Aonde leiloá-lo, sim!!!

Rindo novamente ele exclama: - *Mãe, tu és terrível!!! Não imaginava que fosses tão negociante!*

- *Não é à-toa que me chamo Esperanza* - comenta num tom sério - *Quando eu nasci, uma pitonisa afirmou para a minha mãe que um dia eu seria muito rica. Por causa disso recebi esse meu nome. Sua avó dizia que eu era a esperança dela se tornar uma ricaça!*

Admirado ele indaga: - *Mas como...?! Nunca me contaste essa estória!*

Após uma sonora gargalhada ela responde: - *Nem poderia! Acabei de inventá-la agora! Mas... Como diz o dito popular, "quem espera sempre alcança", eu sou a própria esperança!*

Apesar de achar graça na brincadeira da mãe, Juan se recorda imediatamente do diário de Rodrigo: - *Pois fica sabendo que o teu nome está escrito no "liuro kue"... Quase no final e numa pequena frase parecida com a tua!*

- *Verdade...?!* - ela se surpreende - *E por que não me contaste antes ?!*

- *Porque queria que tivesses a surpresa durante a leitura. E por falar nisso, mesmo sendo uma cópia impressa no computador, é melhor não emprestares esse diário para ninguém!*

- *Ora, Juan!...*- sorrindo ela rebate - *Estás esquecido da precavida e desconfiada Esperanza...? É claro que não farei isso! Mesmo porque, ele ainda não está completo... E espero que não demores muito para enviar o restante, pois estou curiosa para ver o final dessa estória incrível!* - e olhando o relógio na mesa de cabeceira, assusta-se - *Filho, vamos dormir! Já passa da meia-noite! Por isso estou ficando sonolenta!* - e beijando-o, acomoda-se na cama - *Boa-noite, querido! É melhor apagar o abajur!*

Pouco tempo depois ela adormece. Porém o medo do dia seguinte mantém Juan desperto por um bom tempo. Olhando para a mãe adormecida na cama ao lado, um pensamento nostálgico penetra em sua mente: *"Como eu gostaria nesse momento de retornar à minha infância e, como criança amedrontada, me refugiar no protetor colo materno!..."*

A viagem de volta a Trilha das Palmeiras foi extenuante para Juan, pois o tempo mudara e forte chuva tornou a estrada perigosa, forçando-o a uma atenção redobrada. De certa forma isso o ajudou a esquecer um pouco os seus anseios. Assim como o mau tempo acarretou também à tarde um movimento maior no setor de emergência no hospital, não deixando-o pensar nada além que não fosse cuidar dos pacientes.

À noite em seu quarto, o retorno à vida solitária deixou-o saudoso da companhia da mãe. O telefonema para Assunção minorou a falta das conversas a que ele já havia se acostumado trocar com ela, antes de se recolherem para dormir. Sentiu-se só com sua angústia... A angústia da expectativa... Do resultado do exame feito pela manhã, dependia o rumo que tomaria sua vida... Pensou em Letícia e um frio correu pelo corpo.

"Se eu estiver contaminado, será que a contaminei também...??? Oh, meu Deus!!! - este pensamento aumentou a sua aflição, mas ao mesmo tempo sua consciência médica aplacou-a - *Não, esse risco não existe! Apesar do calor de nossa relação, jamais evitamos os cuidados necessários!"* - Menos ansioso, sentiu mais ainda a ausência da amante e, tentando serenar o desejo intenso, manteve com ela uma longa conversa telefônica.

Contudo, os dois telefonemas quase nada aliviaram sua tensão nervosa. Andou em voltas pelo acanhado quarto, procurando relaxar. De nada adiantou, pelo contrário, o exíguo

espaço aumentou sua ansiedade. Resolveu então enviar um e-mail para Jurana. Ao abrir sua caixa postal, uma correspondência agradável da amiga, foi como um bálsamo aliviando a depressão. Mais animado, sentiu retornar o interesse pelo diário de Rodrigo e acomodando-se na poltrona, sempre à sua espera, envolveu-se na leitura. Um lapso de tempo bem maior na estória, chamou sua atenção.

8 de setembro de 1623

Incrível, meu caro e fiel companheiro, como o deixei abandonado!... Cinco anos se passaram e a felicidade tranqüila que norteia agora a minha vida, tomou conta do meu tempo. Mas quero registrá-la em tuas páginas amigas!

Mais dois filhos vieram para aumentar a minha família. Dois fortes e inteligentes meninos. Esperanza continua sendo a princesa de nosso recanto. De uma beleza mestiça, com um olhar meigo similar ao de sua mãe, tornou-se minha modelo principal. Acompanho com meu desenho o seu desenvolvimento. Peri e Maoni, crescem com hábitos mesclados das duas culturas que lhes deram origem. Pacientemente vou ensinando-lhes costumes espanhóis, para que eu também não os esqueça completamente.

Sou hoje um homem feliz... Mayanumbi trabalha comigo. As encomendas de instrumentos musicais e de arte sacra são constantes. A Europa aprecia nosso trabalho! Encho-me de orgulho apreciando as hábeis mãos de meu filho realizando tais obras. Seu talento superou em muito o meu! Meus ouvidos se encantam com sua voz de tenor e sensibilizam-me ao extremo os cantos de louvor religioso que ele compõe, para entoarmos na Santa Igreja.

Na próxima lua, como os guaranis gostam de marcar o tempo apesar de seguirem o relógio trazido pelos jesuítas, Mayanumbi vai tomar por esposa a jovem Potira. Em breve talvez, Gracy Ara e eu sejamos avós... É meu sangue espanhol mesclado ao guarani, fertilizando o solo de uma nova pátria, lançando raízes de uma nova raça.

Cada vez mais distante, mas sem se apagar de minha lembrança, está o meu chão natal!... Gostaria tanto de dar conhecimento à minha família, na amada e longínqua Granada, do ramo indígena que se incorporou ao tronco de nossa linhagem! Tenho certeza de que meus pais e irmãos ficariam felizes ao saber que sobrevivi e encontrei paz e felicidade junto ao povo nativo e ao clero jesuíta, que com amor me aceitaram, neste ainda selvagem continente .

Tu és o amigo que tem me acompanhado nesta saga, desde o meu banimento!...Vou guardá-lo novamente com cuidado, por mais uns tempos, pois como já disse, pouco tenho agora a registrar em minha tranqüila rotina de vida.... Todavia, nas páginas em branco que ainda possuis, não deixarei de anotar fatos importantes que ainda venham a ocorrer.

Foi graças a ti, fiel amigo, ao imprimir em tuas páginas o relato de minhas emoções, meus atos e pensamentos, que consegui forças para combater a solidão e o desespero causados pelo desterro!... És relíquia e talismã para mim!!!

A página termina nesse trecho. Juan descansa o livro sobre o colo, considerando: *" E é para mim, assim como para o meu povo, um testemunho de como foi sendo forjada a raça paraguaia... Este diário é realmente uma relíquia histórica!"*

Seu pensamento viaja pelo tempo imaginando, baseado na narrativa lida até agora, como seria o dia-a-dia dos precursores de sua raça... Sua alimentação, seus momentos de lazer, a estrutura governamental exercida pelos jesuítas, as normas e conceitos... Aos poucos vai sentindo-se sonolento e a imaginação, antes provocada por sua consciência, passa então a construir como num sonho, independentemente de sua vontade, situações nítidas sobre as quais ele sobrevoa qual um espectador.

Um índio jovem dirige um grupo formado por várias mulheres, algumas carregando crianças de colo e outras tantas já crescidas, de idades diversas, embrenhando-se mata adentro.

Apesar de apressados, quase correndo, vão se esgueirando silenciosos por entre a vegetação mais densa. É tamanha a nitidez da cena, que Juan consegue perceber a expressão de extremo medo estampada em todos os rostos. Fixando o olhar no jovem guia, percebe no grande cesto trançado de cipó, amarrado às suas costas, a ponta projetada de um grosso volume vermelho. E, admirado, ele vê como num passe de mágica, este livro ser arrebatado por um vórtice luminoso que, girando por entre as árvores, vai esmaecendo seu colorido vivo, tornando-o envelhecido até arremessá-lo sobre o "liuro kue" que o absorve numa fusão.

Juan ouvindo o som de um impacto, desperta assustado com o coração batendo acelerado. O diário caíra ao chão... Ainda sob a impressão da visão clara de seu sonho, ele recolhe o livro. Intrigado com o sucedido resolve suspender a leitura e guardá-lo no armário. Sente-se fatigado, porém insone. Mas precisa dormir, descansar... Recorre então ao sonífero, para adormecer em seguida.

Felizmente para Juan, o dia seguinte foi muito movimentado no hospital, o que propiciou amenizar a angústia da espera.

"Aguardar de quinze a vinte dias para receber um resultado...? É demais!!! Mas exame gratuito é assim mesmo... Fazer o quê, se a "grana" está curta ?! Resultado de ter gasto mais do que podia nesses dois últimos meses!... O jeito é treinar a paciência e fazer economia! Pobre de quem não tem dinheiro e depende da assistência social!..." E dedicou-se com o maior empenho aos pacientes, principalmente aos carentes da enfermaria.

Sem ter nenhuma perspectiva de plantão para a noite, retirou-se para a pensão tão logo terminou o expediente. No caminho passou na lanchonete, levando consigo um substancial lanche com a intenção de varar a madrugada, afim de concluir o *"liuro kue"*. A estranha visão da véspera deixara-o curioso quanto ao término do livro.

Bem alimentado e instalado confortavelmente na poltrona, mergulhou fundo na leitura, com a esperança de encontrar algo que elucidasse o seu perturbador sonho.

3 de agosto de 1624

Sou avô!... Nasceu o filho de Mayanumby e Potira. É o pequeno Mayanumbi Rodrigo, batizado assim em minha homenagem. Deixaram-me profundamente comovido e alegre! Sinto-me realizado ao ver minha família aumentando...

19 de outubro de 1625

O tempo passado até agora transcorreu feliz...Contudo, é com tristeza que vou registar neste momento um fato ocorrido recentemente e que me deixou num redemoinho de emoções conflitantes. Levou-me às alturas da alegria máxima, para em seguida abrir feridas profundas em minha alma, deslustrando minha felicidade...

Não quero me estender, machuca meu coração... Vou tentar fazer um ligeiro resumo.

A nau Estrela dos Mares aportou em Assunção nos primeiros dias de setembro, trazendo Don Felipe de Mostardero e uma pequena comitiva, escoltada por um grupo de soldados da Coroa Espanhola. Senhor de muitas posses e de grande espírito aventureiro, este nobre da mais alta fidalguia espanhola, não mediu custos, transpôs dificuldades e atravessou o oceano atraído por estórias fantásticas, que ouvira relatadas na Corte, sobre possíveis tesouros existentes nas terras guaranis. Acompanhado por amigos e vassalos, empreendeu tal aventura.

Entrando em contato com os jesuítas, o grupo partiu para visitar as reduções jesuíticas. E assim, na primeira semana deste mês, aqui chegaram.

Faziam parte da comitiva um escriba e um jovem artista pintor, que o nobre trouxera para que anotassem e reproduzissem tudo e a todos que ele ia conhecendo. Assim poderia comprovar quando retornasse a Espanha, a veracidade de tão emocionante aventura...

Apreciando as obras de arte sacra que adornam a nossa Igreja, Don Felipe quis conhecer os artífices. Fomos, eu, meu filho e Padre Manoel chamados à sua presença. O escriba ia anotando o que relatávamos enquanto o jovem pintor desenhava nossos retratos. Em dado momento o nobre quis conhecer a minha origem. Quando mencionei minha terra natal e meu nome, o retratista se assustou a ponto de deixar o lápis cair ao chão. Empalideceu e seus grandes olhos castanhos se tornaram maiores pelo espanto que minha identidade lhe causara. Fixando sua fisionomia assustada, esta me pareceu familiar... Arrepiei-me da cabeça aos pés!... Intrigado, Don Felipe perguntou ao jovem o que se passava. Com voz trêmula este lhe respondeu que eu era o irmão mais velho que havia sido banido antes de seu próprio nascimento. A família julgava-me morto.

A emoção toldou minha visão e a voz me faltou... Apenas olhei-o intensamente sob enorme desejo de abraçá-lo e, olhando minuciosamente suas feições, nelas reconheci alguns traços de minha querida mãe. Achei que o meu intenso desejo de um dia reencontrar algum de meus parentes, estava se realizando naquele momento...

Don Felipe compreendendo a emoção que me apossara e, supostamente a meu irmão também, permitiu que após o término da inspeção à igreja, ambos nos retirássemos para minha casa, a fim de nos entendermos. Aguardei ansioso tal momento!...

Quando finalmente pudemos estar a sós, à caminho de casa, enlacei meu irmão num apertado abraço. Mas não houve reciprocidade... Pelo contrário!... Num repente ele se desvencilhou de meus braços e com um olhar frio perguntou-me o que eu desejava. Confuso com sua atitude, balbuciei: Notícias de nossa família!.. Então me respondeu, num tom de desprezo, que não havia necessidade de irmos até minha choupana, poderíamos conversar ali mesmo, à sombra das árvores. Apesar dessa frieza demonstrada por Teobaldo (assim é o seu nome), o que me entristeceu amargamente, engoli meu orgulho e quis saber de nossos pais. Não poderia perder tão inesperada e única oportunidade!

Com orgulhosos trejeitos fidalgos e em secas palavras, respondeu a todas as minhas perguntas... E as respostas lançaram-me em uma profunda tristeza... Relatou-me que, meses após o meu desterro, o coração de nosso pai não resistiu à angústia de minha partida e às pressões dos malditos "santos inquisidores". Morreu deixando minha mãe grávida deste meu irmão desconhecido para mim e os outros cinco menores. Era eu o primogênito... Felizmente, amparada pelos bens deixados por meu pai e os herdados de sua família paterna, com têmpera forte, ela conseguiu organizar e manter a família, provendo as necessidades e os estudos de todos os filhos. Falecera há três anos atrás...

Ao contrário do que eu desejava e esperava, Teobaldo recusou rispidamente o meu convite para permanecer em minha casa durante os cinco dias previstos à permanência de Don Felipe em nossa redução e, não demonstrando interesse em conhecer minha família, alegou excesso de trabalho.

Realmente foram muitos os desenhos. Don Felipe quis que tudo fosse detalhadamente retratado. Paisagem, a vila e suas moradias, a Igreja, os jesuítas e os índios... Com traços firmes e rápidos, meu jovem irmão realizou seu trabalho com maestria, confirmando assim, que a habilidade artística é uma característica familiar... Entretanto, ele foi parco em palavras e elogios ao talento do sobrinho Mayanumbi e nenhuma referência fez às minhas obras. Nem mesmo comentou algo quando mostrei a ele os retratos por mim pintados, de memória, de nossos pais e irmãos. Senti-me discriminado e humilhado...

Triste, mas sem me deixar abater, na véspera de sua partida desenhei pequenos retratos de minha família, afim de que ele os levasse consigo para mostrá-los em Granada, aos nossos outros irmãos...

Enorme decepção dilacerou de vez meu coração!!! Ao entregar a Teobaldo o que preparara, juntamente com o meu pedido, fui surpreendido por terrível negativa.

Reproduzo aqui suas palavras, exatamente como me foram ditas, para que eu possa dessa maneira, retirá-las de minha alma ferida, apagando-as de minha memória... Porém, deixando um testemunho de como a perfídia dos ensinamentos dos "Paladinos da Santa Igreja" deturpam os do Cristo Nazareno, influenciando as mentes jovens a praticarem não o amor, o perdão, mas sim o orgulho de uma suposta casta criada por eles mesmos. E que acaba por levar ao desamor. Com uma voz impessoal que mal disfarçava o ódio existente em seu íntimo, ele assim falou:

"O fato, Rodrigo, de termos a mesma linhagem, o mesmo sangue, não me obriga a considerá-lo meu irmão. Ofendeste a Santa Igreja, por isso foste banido! Sempre foi desonroso para mim ter um irmão herege! Muito tenho lutado para limpar de nosso nome as tuas satânicas obras e atitudes. Foram elas que mataram meu pai, antes que eu despertasse para a vida, destruindo nossa família e não permitindo que eu conhecesse o sorriso de minha mãe que desaparecera de seu rosto antes do meu nascimento... Por tua causa ela se tornara uma mulher amargurada e triste. Teu fantasma esteve sempre presente em nossa casa, afugentando a alegria. Sempre declarando a tua inocência, ela chorava constantemente a tua falta... Como podes querer que eu me orgulhe de ti e dessa família selvagem que formaste...? Mostrar os retratos desses mestiços oriundos de uma sub-raça, quase animal...??? Maldito o dia que aceitei esta missão e empreendi essa viagem... Agora todos ficarão sabendo que nas novas terras frutificou o lado negro de minha família! Seria oportuno nunca ter te encontrado!... Melhor tivesses morrido!!!"

E dando-me as costas, saiu em direção à comitiva que se preparava para partir, dando mais imponência ainda ao seu porte de fidalgo.

Um poderoso sentimento de raiva explodiu em meu peito. A custo contive o ímpeto de sair atrás dele e obrigá-lo a um duelo para limpar minha honra, pelo ultraje feito à minha família!

Mas as palavras de Padre Anselmo vieram à minha mente, lembrando-me o valor do perdão, da compreensão e da humildade. Refreei meus instintos, pensando também em minha família. Por que quebrar a harmonia de nossas vidas pelas palavras torpes de um irmão que eu desconhecia e que talvez nunca mais venha a encontrar...? Aos poucos fui dissolvendo a raiva e, observando-o enquanto tomava sua montaria, senti pena dele... Pena pelo ódio e pela mágoa que corroíam seu coração... E afinal compreendi, que deveria ser realmente difícil para ele conviver com a desonra que a inquisição me imputara... Meus irmãos muito devem ter sofrido com o estigma que marcou a nossa família!... E um sentimento fraterno me envolveu.... Entendi que incutiram na sua mente jovem ensinamentos tidos como religiosos, mas que pouco tinham a ver com o verdadeiro sentimento cristão... Desejei correr até a comitiva que se preparava para partir e dizer a Teobaldo que eu o perdoava... Mas isso não seria possível... Dificilmente ele retardaria sua cavalgada para me ouvir... Retornei à minha casa cabisbaixo e amargurado....

Quero dissolver neste momento a mágoa que se instalou em meu coração... Quero perdoar realmente, como já fui perdoado... Trocar o ódio e a raiva pelo amor... Bendigo a todos aqueles que me ensinaram a amar!..

Tenho sobre a mesa à minha frente, os desenhos que retratam a minha família... Admirando-os, surge inesperadamente o desejo de preservá-los. Quem sabe se no futuro, numa oportunidade mais propícia, eles não chegarão às mãos daqueles para os quais eu os produzi...???!

Vou fixá-los nas tuas páginas amigas, meu silencioso confidente!

Virando as páginas, ávido de curiosidade, Juan encontra, fortemente colados nestas, os desenhos de Rodrigo. Firmes e perfeitos traços de crayon, retratavam os rostos de Gracy Ara, seus filhos e neto. O primeiro deles, no rosto não muito jovem da bugra guarani, um meigo

sorriso se refletia no profundo olhar dos negros olhos oblíquos. Juan se encanta com a perfeição do desenho.

Que linda obra!!! Que excelente artista foste um dia Rodrigo de Almadén y Castela!...- exclama em voz alta, como se cumprimentasse a este.

A seguir, um após outro, vão surgindo os rostinhos de Esperanza, seus irmãos pequenos e Mayanumbi, acompanhado de Potira e do pequeno Mayanumbi Rodrigo. Todos retratados com tamanha expressão que pareciam estar ali presentes...

Ao virar a página seguinte, uma surpresa!... Estampado em seus mínimos detalhes, o auto-retrato do pintor espanhol, com os seguintes dizeres ao pé da mesma: *"Fiel amigo, quero que conheças, reproduzidos por meus traços, aqueles cuja história guardarás registada nas fibras do teu corpo folheado. Eu e a família querida que Deus Força Suprema me concedeu!"*

A inclinação de Juan para a arte pictórica, faz com que ele fique analisando detidamente por longo tempo aquele trabalho realizado há quatro séculos atrás. Comove-se com cada detalhe de sombra, luz, sorrisos e expressão dos olhos que transmitem comunicação...

"Meu Deus... É indescritível a beleza dos traços!... Que preciosidade!!! E pensar que um artista como esse viveu anônimo no meio da mata virgem!" - e seu pensamento divaga - *"Qual teria sido o seu destino se a cruel Inquisição não tivesse interrompido a trajetória européia de seu talento...? Talvez se tornasse um pintor imortal como Da Vinci, Michel Angelo e os demais gênios da história da Arte!"*

Excitado, Juan nem pensa em dormir. Verifica que faltam apenas três páginas para terminar o diário e continua a leitura até o final.

Uma caligrafia trêmula, se estende por todo o texto que se segue.

5 de maio de 1638

Amigo, estou me despedindo... Reúno minhas últimas forças para deixar algo escrito antes de partir... A saúde me deixou nos últimos dois anos. Sinto que é chegada a minha hora...Recostado em meu leito, esforço-me para descrever o que sinto neste momento...Estendo o olhar para a paisagem que se mostra pela janela aberta. Enxergo a torre da Igreja que ajudei a construir... Ouço as vozes alegres das crianças indo em direção à escola... O canto dos pássaros...O sopro do vento... A música da vida!

Dói meu coração me afastar de todos que eu amo e a terra que me acolheu... Quero afirmar aqui o meu grande amor por vocês, filhos, netos e amigos e a minha gratidão por tudo que recebi e que é a única herança que tenho para deixar, além desse diário amigo que contém a saga de minha vida.

Estou aguardando a chegada de Mayanumbi e Padre Anselmo... Gracy Ara foi buscá-los em seu trabalho a meu pedido...Sinto-me cansado, com minhas forças desvalidas...

Amada Gracy Ara, o amor é eterno! Um dia estaremos juntos novamente na vida que não termina nunca!... Obrigado pelo teu dedicado amor!"

Rodrigo

Juan comoveu-se às lágrimas... O coração bateu descompassado e uma vertigem deixou-o sonolento. Entretanto, apesar de sentir-se estranho, a curiosidade levou-o a terminar a leitura.

" Se Rodrigo despediu-se, quem então continuou a escrever...?!" - e procurando reagir ao torpor que começava a dominá-lo, firmou a atenção nas duas últimas páginas.

Uma caligrafia redonda e regular, denotando firmeza e conhecimento de escrita, preenchia totalmente a primeira página.

Fevereiro de 1649

Não era minha intenção escrever no diário de meu pai. Para mim ele é sagrado como um talismã. Entretanto, penso que um fato ocorrido há um mês atrás, seria de seu agrado que este fosse aqui relatado. Por demais inesperado e impressionante!

Eu havia ido a Assunção, a mando de Padre Anselmo, que desde a morte de Padre Cristóvão, passou a gerir a nossa redução. Fui buscar material de pintura que já começava a faltar para as muitas encomendas de arte sacra, que precisávamos terminar a tempo de seguir na próxima nau espanhola.

Atendeu-me um jesuíta espanhol, alguns anos mais velho que eu, chegado a pouco tempo em Assunção. Suas maneiras fidalgas, denunciavam uma nobre origem, que contrastava com seu jeito modesto.

Quando ele soube que eu era da redução de Nossa Senhora da Consolação, perguntou-me ansioso se eu conhecia Rodrigo, um artista espanhol, que lá formara família e com o qual ele pretendia se encontrar.

Fiquei espantado ao ouvir o nome de meu pai. Intrigado, observei atentamente sua fisionomia e esta me pareceu familiar... Estremeci e ousei perguntar se ele não seria parente do artista Teobaldo de Almadén y Castela, que estivera na comitiva de Don Felipe de Mostardero em visita à nossa redução há muitos anos atrás. Tomado de surpresa, ele perguntou-me como me lembrava desse artista espanhol, a ponto de não me esquecer do nome, após decorridos tantos anos. Respondi-lhe apenas que jamais poderia esquecer o homem insensível e presunçoso que ferira profundamente o coração de meu pai e humilhado sua família.

Tomando conhecimento de que eu era filho de Rodrigo, num jeito humilde, dizendo-se envergonhado, confessou ser ele mesmo o próprio Teobaldo. E, comovido, perguntou-me se eu seria o seu sobrinho guarani, cujo nome não se recordava. Mas guardara na lembrança, entretanto, seu grande talento para as artes. Na ocasião ele o havia apreciado em silêncio, mas, por orgulho eivado de desprezo e inveja, não quisera admitir.

Foi a contragosto que confirmei minha origem, pois em meu coração ainda perdurava a grande mágoa que ele causara a todos nós...

Seus braços moveram-se numa tentativa de abraçar-me, porém, diante de minha atitude hostil voltaram a se abaixar. Humildemente pediu-me perdão e perguntou-me por meu pai. Ao saber que o irmão não mais vivia, profunda tristeza estampou-se em seu rosto. Era seu desejo procurá-lo para obter seu perdão pelo arrogante desprezo como lhe tratara e a humilhação que lhe causara...

Surpreso com suas palavras, permaneci calado... Ele compreendendo que sua nova postura me deixara intrigado, com simplicidade apenas disse: Graças a Deus eu mudei... E relatou-me, em detalhes, o motivo que ocasionou sua transformação.

Exponho o que me contou:

"Quando Don Felipe e sua comitiva voltaram para Assunção, após visitarem a redução de Santo Ignácio, o nobre, não tendo visto nada que denunciasse riqueza nos locais visitados, não admitiu retornar a Espanha sem encontrar os tesouros que os exploradores, na corte, haviam afirmado veementemente a existência. Decidido a encontrar o que de tão longe viera para buscar, requisitou um grupo de encomenderos para que o levasse a embrenhar-se mata a dentro em busca da prata oculta dos guaranis.

Decorridos dez dias de caminhada extenuante, em condições precárias e com a alimentação escasseando, o enfraquecimento começou a abalar o ânimo de toda a comitiva. Demonstrando sinais de cansaço, Don Felipe acabou por se convencer que, por falta de preparo para jornada tão inadequada aos hábitos da nobreza, dificilmente conseguiria encontrar o que procurava. Irritado decidiu retornar.

O grupo já havia trilhado um bom trecho quando, inesperadamente, deparou-se com dois índios acompanhados de três mulheres, sendo que uma carregava uma criança ao colo.

Pelos cestos que levavam, deduzia-se que estavam a caminho de uma das reduções. Pensando que aqueles bugres talvez soubessem de algo, Don Felipe mandou que os encomenderos, homens conhecedores da língua indígena e habituados à caça aos índios, os aprisionassem e os interrogassem. Os guaranis, assustados, afirmavam que desconheciam tais informações. Não se conformando, achando que eles mentiam, ele ordenou que os torturassem até contarem o que sabiam. Precavendo-se de uma possível chegada de outros índios, os soldados da comitiva armados com escopetas, ficaram em prontidão, enquanto os encomenderos torturavam os infelizes bugres. À parte, sendo obrigadas a assistirem ato tão desumano, as mulheres horrorizadas e amedrontadas, choravam. Quando os guaranis não resistindo aos golpes brutais desfaleceram, ou talvez até morrido, Don Felipe enfurecido por nada ter conseguido, deixou que os homens se servissem das mulheres, até que todos se sentissem saciados. Quanto ao bebê, foi jogado à distância, qual um saco de lixo, para que não perturbasse.

Teobaldo e o escriba, horrorizados, não querendo participar nem assistir tamanha brutalidade, retiraram-se para dentro da mata, com os estômagos em revolta, vomitando todo aquele horror... Foram motivo de chacota, considerados covardes e afeminados até o final da viagem.

Durante meses Teobaldo não pode se esquecer do que vira. Pensando em seu irmão, sentiu como se tudo aquilo tivesse acontecido com o "ramo selvagem" de sua família. Não mais achava interesse na sua vida burguesa. Desejou então seguir o exemplo de Rodrigo... Auxiliar os guaranis...Recordando o carinho e a paciência dos jesuítas, pensou entrar para a ordem e, como religioso, tornar-se útil no combate àquela extrema violência e maldade. E assim o fez. Entretanto, depois de ordenado e passado o período de preparação, foi enviado para a redução de São Luiz Gonzaga no Brasil. Só agora conseguira chegar ao Paraguai..."

Pai... Tua honra foi lavada, graças a Justiça Divina, através do amor! Quando chegar próxima a hora de encontrar-me contigo na Aldeia Grande de Tupã, deixarei a guarda desse seu precioso diário para teu neto, o meu primogênito. Tua saga é a nossa saga que continua e tu não serás esquecido pelos teus descendentes...

Mayanumbi

O livro terminou totalmente preenchido por essa estória. Juan admirou-se com tal relato, que tocou fundo seus sentimentos, deixando-o trêmulo. Comoveu-se quase às lágrimas e, surpreso, viu que na contracapa, numa escrita de letra arrastada denotando pressa, algumas frases ali estavam registradas.

Março de 1757

Rumores de morte e destruição chegaram até nós. Várias reduções foram massacradas... Os jesuítas temem por nossas vidas. Os caciques também. Todos se preparam para lutar. Gostaria de estar ao lado dos guerreiros, em combate. Sou jovem, forte e desejoso de lutar, mas fui incumbido de levar a um esconderijo seguro na mata, mulheres e crianças. Minha missão é protegê-las. Não sei se a nossa redução sobreviverá... Peço a Deus que nos abençoe!... Os jesuítas estão ao nosso lado, contudo seus votos não permitem que eles matem o inimigo, nem mesmo como defesa. Porém não nos abandonaram e oram constantemente...

Meu pai deu-me a guarda desse livro relíquia. Levo-o comigo como um talismã para nos proteger. Temos sangue dos ancestrais que viviam na natureza plena, mas não sabemos viver na mata! Peço a Nossa Padroeira, Nossa Senhora da Consolação, a proteção para todos nós!

Juracy, filho de Juruna, neto de Inauama, bisneto de Mayanumbi Rodrigo, tataraneto de Mayanumbi, descendentes de Rodrigo de Almadén y Castela.

Tomado de espanto, Juan exclama em voz alta: *"Então foi essa fuga que eu vi em sonho!... Incrível!!!"*

Apreciando mais uma vez os desenhos de Rodrigo e relendo a contracapa, Juan fecha cuidadosamente o diário. Levanta-se para guardá-lo no armário, mas uma vertigem faz com que tudo gire ao seu redor e, tonto, deixa-se cair novamente na poltrona, com o *"liuro kue"* abandonado sobre o peito. Envolvido por estranho torpor, sua mente viaja pelo tempo, levando-o a assistir novamente a fuga do grupo guarani. Em sua mente ecoam ao longe tiros de arcabuzes, misturados a gritos indígenas de guerra e gritos de dor... Bem distantes da redução, no seio da mata e protegidos por densa vegetação, os guaranis se acomodam reunidos, em profundo silêncio...

Repentinamente uma dor aguda pressionando as têmporas, faz a consciência de Juan voltar ao normal, porém com os batimentos do coração acelerados e a respiração ofegante, ele sente como se tivesse corrido desabaladamente.

Ainda sob forte emoção, resolve ligar o computador e ao invés de guardar o livro, escanea todas as páginas restantes para enviá-las a Jurana. Sente enorme vontade de falar com ela, de ouvir a sua voz e contar-lhe tudo o que se passou... Mas terá que aguardar a noite seguinte, pois a aurora já se insinuava através da persiana semi-aberta. Se satisfaz enviando um e-mail e, mais calmo, sentindo o sono chegando, programa o despertador para as sete horas.

- O que tu estás me relatando é realmente impressionante e já que terminaste a leitura, gostaria de ler o livro. Pode ser...? - pergunta Maori vivamente interessado.

- Prevendo isso, *lo he trazido* comigo para entregá-lo no *fin de la* tarde em *su* consultório- responde Juan - *Lo guardé* com *mis* roupas na sala *de los* médicos.

- Que ótimo, Juan! Grato pela tua lembrança... Mas... Quanto as sensações que tu sentiste e as visões que tiveste, penso que será melhor fazeres uma consulta na Casa do Amor Cósmico. O que achas...?! - propõe o diretor médico preocupado com o amigo.

- *No habia* pensado nisso - responde Juan, concordando - *Pero* penso *que sea* uma boa idéia. E quando poderemos ir...?!

- Amanhã é dia de consulta com os Pretos Velhos que tu ainda não tiveste a oportunidade de conhecer... Queres ir...? Posso te levar.

- Gostaria!... - e agradecendo o interesse do colega, deixa marcado o compromisso para as dezenove horas do dia seguinte.

À noite, tão logo chegou na pensão a primeira coisa que Juan fez foi examinar a caixa postal do computador. Esperava ansioso receber alguma comunicação de sua amiga internauta. E, igual as anteriores, encontrou-a num espanhol perfeito.

"Juan, acabei o "liuro kue"... Como hoje não tinha aula pela manhã, aproveitei o tempo disponível... Estou profundamente impressionada e apresso-me a responder teu e-mail. Esse diário mexeu com minha alma... Fez-me sentir participante de tão emocionante história!... Obrigada pela tua confiança em mim, ao compartilhá-lo comigo!... Mais tarde, na calada da noite, escreverei mais. Agora preciso concluir um trabalho que tenho, por tarefa, de apresentar à tarde na faculdade. Na verdade, era este o meu "tempo disponível"!... Mas valeu e muito!!!

Abraços, Jurana"

Feliz com o e-mail, ele não se contentou em respondê-lo. Ligou o telefone e, durante mais de meia hora, trocaram impressões sobre o diário e somente no final da conversa relatou o que sentira após a leitura. Porém, teve o cuidado de omitir que iria fazer uma consulta na Casa

do Amor Cósmico, na noite seguinte. Não queria deixá-la confusa com a sua intenção em buscar uma resposta espiritual para os últimos acontecimentos.

O prazer de ouvir a voz de Jurana e sua conversa, como sempre inteligente, proporcionou a Juan um sono mais tranqüilo do que o remédio indutor de sono.

Uma senhora de meia-idade, com semblante suave e voz meiga, chamada carinhosamente de Mãe Olinda, estava incorporada pela entidade Vovó Maria Baiana. Juan, sentado à sua frente, aguardava uma explicação sobre o que acontecera com ele.

Com um olhar profundo e a voz mais grave que a da médium, num português correto, que a diferenciava das entidades pertencentes à corrente dos Pretos Velhos, Vovó procura elucidá-lo.

- Filho, você já sabe que alguns objetos antigos guardam emanações daqueles a quem pertenceram e que a sensibilidade mediúnica pode detectar... Entretanto, o que ainda desconhece é que, às vezes, as próprias pessoas que os possuem na atualidade, foram seus antigos donos em uma outra experiência de vida pregressa... Sendo assim, ao manuseá-los, elas voltam a sentir as emoções e os sofrimentos passados...

Muito admirado com tal conceito, Juan a interrompe: - *Pero* Vovó, como isso *és* possível...?!

- É simples, meu filho... Por vezes nós somos nossos próprios antepassados... Como o aprendizado aqui na Terra se processa através de múltiplas reencarnações, se houver necessidade cármica de resgatarmos delitos ocorridos em determinada família, continuamos a formar aquela mesma árvore genealógica, vivenciando gerações diferentes.

- Confesso que *no és tan* simples *asi* para *mi*, Vovó... *És una* concepção de vida inconcebível *a los* preceitos científicos *de la* medicina. *Pero*, concordo que *és una* teoria bem interessante e talvez plausível. Contudo, *la* própria vida *aun és una* incógnita para *los* cientistas, como para *nosotros*... De onde *venimos*, para *adonde* vamos e porque existimos, *és la* eterna pergunta *aun sin* resposta!

O diálogo com Vovó Maria Baiana além de esclarecedor, era muito agradável. A atenção e o carinho que essa entidade dispensava aos consulentes, deixava-os tranqüilos e confiantes. Com paciência ela foi explicando a Juan o que ele indagava, dentro da visão que ela já alcançara.

- Filho, ainda não temos capacidade suficiente para entendermos a verdadeira Vida em toda a sua extensão... Somos como alunos que estamos aprendendo aritmética, portanto, sem condições ainda de resolver problemas de álgebra e muito menos de física!... Porém, dentro do que me foi dado a conhecer, vou tentar uma rápida explicação: Após a minha última encarnação, finda há mais de cem anos, pelo tempo da Terra, vim continuar a vida no plano Astral, o plano dos espíritos desencarnados.

- Continuar *la vida de la misma* maneira, Vovó ?!!!

- Quase da mesma maneira... - ela responde com um sorriso paciente - Só que aqui temos um corpo sutil, não existe matéria densa e vivemos em cidades semelhantes as da Terra, porém também sutis e condizentes com a vibração que trazemos de nossos aprendizados...

- Desculpa interromper *otra vez*, Vovó... *Pero* cidades sutis ?!

- Sim, Juan... Cidades de uma forma imaterial, porém parecidas com as da Terra. Quando desencarnamos, somos atraídos para os locais cuja vibração sintonize com a nossa. Essa é a diferença que existe entre as cidades do Astral e as da Terra. Os desencarnados que habitam uma mesma cidade, têm faixa vibratória semelhante, não coabitando com seres de graus diferentes à sua evolução. O que ocorre com os encarnados, nas cidades terrenas.

- *Entonces* isso contradiz *lo* que nos afirmam *las* religiões! Que *despúes* de *nuestra* morte, nos reunimos com aqueles que amamos!...

- Em princípio, ouça bem filho, a morte não existe! Ela é apenas a porta de passagem para o plano espiritual, onde continuamos a vida... E o fato dos desencarnados conviverem em locais próprios às vibrações de cada um, não impede que possam se visitar uns aos outros... Entretanto, apenas os mais evoluídos podem descer aos planos inferiores, para se encontrarem com os que estão mais atrasados. Estes, devido sua baixa vibração, não conseguem alçar planos mais altos.

- *Entonces* existem *mui* planos no Astral...?! - indaga espantado.

- Sim... O plano astral é subdivido em sete níveis diferentes, do mais denso ao mais sutil. E apesar dele nos proporcionar uma visão mais ampla da continuidade da vida, não temos ainda a evolução suficiente para alcançar a compreensão dos sete planos de nossa jornada.

- *Pero* de que jornada *hablas*, Vovó...? E que planos *son* esses...?!

- Bem... Percorremos uma jornada de aprendizado, onde precisamos galgar sete planos de evolução...O primeiro é o Plano Físico, o plano da matéria densa, no qual você está vivendo sua atual experiência. O Plano Astral, o segundo e aonde me encontro, é o plano onde permanecem os espíritos entre uma encarnação e outra, até atingirem certo grau evolutivo. Portanto, esses dois planos são interligados... E a Terra é o planeta escola que proporciona o aprendizado necessário a essa faixa evolutiva, sob a Lei do Livre Arbítrio... A lei que permite aos espíritos escolherem seu próprio caminho de aprendizado... Podemos dizer, pelo nível espiritual dos terráqueos, que é uma escola primária. Estou sendo clara...?

- *Si* Vovó, *estoy* compreendendo...- sorrindo constrangido, ele procura ser sincero - *Pero desculpa-me*, continuo afirmando que *és* difícil para *mi* aceitar *esa* teoria, entretanto *estoy* deveras interessado em *sus* conhecimentos! Por favor, continua *hablando*...

Olhando-o mais profundamente ainda, como penetrasse a alma de seu ouvinte, ela prossegue: - Logo a seguir vem o plano Mental Inferior, o terceiro na escala evolutiva. Os espíritos que atingem esses planos, não precisam mais do Livre Arbítrio. Já fizeram a sua escolha por um caminho mais iluminado. Nesse plano se situam os espíritos de mais luz, que têm por tarefa, por sua livre determinação, trazer para a Terra ensinamentos mais evoluídos, auxiliando os irmãos dos planos Físico e Astral, a conquistarem essa mudança de plano... O quarto, o Mental Superior, é de uma evolução maior ainda. Em ambos se situam os Mestres de Luz!

- E como são esses Mestres... *Sus* corpos...? Como vivem...?! - Juan a interrompe, com a curiosidade cada vez mais desperta - A senhora *puede saberlo*...?!

- Não muito... Sei que seus corpos são bem mais sutis do que os do plano Astral e de grande luminosidade... Quanto ao seu modo de vida, ignoro. Apenas sei que eles se dedicam à missão de auxílio e orientação, irradiando sua Luz no mental dos seres humanos..

- E quanto *a los demás*...? *Los* três restantes?!

- Os dois imediatos em escala ascendente, são os planos dos Seres Iluminados. Não tenho condições nem compreensão para saber qual seja a sua vivência. Somente que são seres cuja irradiação emana a energia necessária à evolução da humanidade, para que esta prossiga no seu despertar da consciência cósmica e possa retornar ao último plano, o mais alto. Ao seio do Criador, de onde saiu...

- *Perdona*, Vovó, *la* minha irreverência, *pero* como *se passa la nuestra* criação...? *Estoy mui* curioso! A senhora *puede* me explicar...?!

- Sob minha crença... Quando nos desprendemos da Energia Criadora, a Suprema Perfeição, para a qual damos várias designações, Criador, Deus, Alá, Jeová, Tupã, Brahma, e outros tantos nomes, somos criaturas perfeitas. Somos Centelhas Divinas... - olhando-o com intensidade, ela expõe pausadamente - Para melhor entender, filho, procure montar um quadro

em sua mente... Imagine uma grande e vibrante Luz a expandir uma infinidade de centelhas... E essas pequenas centelhas luminosas, por serem parte dessa Grande Luz, possuem também, proporcionalmente, suas mesmas qualidades e características... Ao serem expandidas elas vão se distendendo em uma trajetória descendente, porém, sem se desligarem do núcleo da Luz que lhes deu origem... São os espíritos recém nascidos que, ao longo dessa descida, vão perdendo aos poucos a forte luminosidade e adotando formas sutis. Entretanto, para penetrarem no plano físico-material, à medida de suas necessidades, assumem corpos de matéria densa envoltos apenas em tênue luz... Essa luz, a qual chamamos de aura, somente começou a ser percebida pelo ser humano, no Ocidente, neste século que terminou agora...

- *Si... És verdad. La* aura *tiene* sido motivo de estudos sérios - interrompe Juan.

- É, filho... - comenta Vovó no seu meio sorriso - É o primeiro véu que está sendo levantado! - e retoma a narrativa - Mas como eu ia dizendo, nessa descida, os espíritos ao assumirem corpos de matéria densa, adormecem a lembrança de sua Origem e, conseqüentemente, se esquecem de suas qualidades Divinas herdadas da Grande Luz, o Criador... Porém, continuam conectados a Ele por serem parte Dele.

- *Pero* essa explicação *és* surpreendente, *a lo mismo tiempo* em que parece *una* fantástica ficção! - exclama Juan impressionado.

Vovó Maria Baiana, sorrindo de leve e com olhar condescendente, continua: - Mas esta é a concepção, da criação de nossos espíritos, baseada na Fé... Acredito que, por sermos parte de Nosso Criador, a Perfeição Suprema, somos espíritos perfeitos, porém ignorantes ainda dessa Perfeição... E ao terminarmos esta descida aos planos Astral e Físico-Material, aqui permanecemos em um ciclo reencarnatório, passando por diferentes experiências, pelo tempo que for necessário ao início do despertar de nossa consciência cósmica. Então, em uma trajetória ascendente, plano após plano, esta vai se expandindo e absorvendo os corpos que utilizamos no decorrer do aprendizado. Até atingirmos uma perfeita junção com a nossa célula Divina, tendo conquistado a compreensão plena da Perfeição. É a reintegração ao Seio do Criador...

- *Pero* Vovó... - interrompe Juan, incrédulo - *Perdoname... No* consigo aceitar *eso... Si* somos Filhos de Deus, tendo *las mismas* qualidades de *nuestro* Criador, por que aqui *en el* plano material, erramos tanto, *viviendo* em meio *a lo* desamor e *la* violência... Nos ferindo e matando *unos a los otros*, com tanta desumanidade...?!

- Assim como as crianças terrenas recem-nascidas, que herdam geneticamente de seus pais, físico, inteligência e qualidades, mas têm que descobrir e desenvolver suas funções à medida em que vão crescendo, o mesmo acontece com nossos espíritos recem-criados. Precisamos desenvolver os atributos herdados de Nosso Pai... E na jornada evolutiva, que lhe expliquei anteriormente, tudo nos é mostrado como meio de aprendizado. Entretanto, sob a lei do Livre Arbítrio que nos concede total liberdade de escolha, nem sempre escolhemos o mais acertado... Quais crianças levadas pela curiosidade, mas que ainda não possuem pleno conhecimento sobre o Bem e o Mal e assim se deixam levar pelas tentações, nós, espíritos imaturos, nos desviamos do objetivo principal, o despertar da consciência cósmica, enveredando pelo caminho errado... Assim a jornada se torna mais longa, difícil e sofremos as conseqüências de nossos erros... Somos os chamados Anjos Caídos.

- Isso quer *decir* que *tenemos* de pagar *los nuestros* pecados, sendo castigados... Não *és eso...*?

- Não é bem assim, filho... Não somos castigados, temos é de corrigir os nossos erros... À semelhança de qualquer aluno inexperiente, erramos e acertamos. Caímos e nos levantamos... E ao nos machucarmos, precisamos tratar as nossas feridas e quando machucamos o nosso próximo, é nossa obrigação arcar com as conseqüências de nossos atos. É a Lei do Retorno, a segunda lei que rege nosso planeta. O que fazemos de errado, temos que consertar. Ninguém pode fugir a esta lei, porque ela propicia o ensinamento!... Como disse Jesus, "a

semeadura é livre, mas a colheita é obrigatória". Colhemos o que plantamos... O retorno do Bem ou do Mal. É o grande e perfeito aprendizado.

Vovó Maria Baiana se cala, sendo correspondida em seu olhar profundo por Juan, que permanece pensativo, analisando o que acabara de ouvir. Como se estivesse lendo seu pensamento, pacientemente ela aguarda seu comentário.

Alguns momentos depois, hesitante, ele reinicia o diálogo: - *Gracias por su* paciência para comigo, Vovó... *Perdona mi* franqueza no *hablar*.

Sorrindo compreensiva, esta responde: - A sinceridade, filho, é uma boa qualidade... Eu gosto das pessoas francas... Diz tudo o que você está querendo dizer...

- *Bien*... Tudo *lo que me* disse reconheço que *hace* sentido... Que explica de *cierta* forma *las* sensações que andei sentindo durante *la* leitura *de lo* diário espanhol...

- A forte emoção que você sentiu com esta leitura, demonstra que de alguma maneira participou daquela saga...

- *Pero aún no* consigo convencer-me dessa teoria... Difere de tudo *lo* que aprendi *hasta* agora. *Si yo* sou *la* reencarnação de Rodrigo ou de algum *de los otros* participantes, por que *la* senhora *no* me confirma *eso? No puede ?!*

- Posso, porém não devo... Você tem que buscar dentro de si essas respostas. Eu estaria interferindo no seu carma se lhe passasse tais informações. Estaria facilitando o conhecimento de suas vidas passadas, mas estaria dificultando o desenvolvimento da sua sensibilidade mediúnica, da sua intuição, que é o início do despertar da consciência cósmica. Mais proveitoso para você é aprender a se conectar diretamente a esta, assim as respostas virão através de sua intuição mais atilada, de sonhos ou regressões espontâneas a vidas passadas...

- *Entonces tengo mucho* que aprender!...

- Todos nós temos, filho... Temos a eternidade para o nosso completo despertar!

Sem querer, o olhar de Juan cai no seu relógio de pulso. Assustando-se com o tempo corrido, exclama: - Que abuso *lo he hecho*, Vovó!... Ocupando quase duas horas de *su* atenção e *de la* doação *de la* médium com *mis* problemas!... *Perdoname la* inconveniência!

- Nada tenho a desculpar, nem Olinda, o meu aparelho. Ambas estamos cumprindo a missão que escolhemos - e olhando-o da mesma forma profunda, indaga - E o que mais deseja me perguntar...?

Juan, ao mesmo tempo encabulado por extrapolar, sente-se ansioso em saber sobre sua saúde: - *Bien*, Vovó... *Si la* senhora permite, *deseo* saber *si yo estoy* com alguma doença grave... De *tan* apavorante, *no tengo* coragem de *decir su nombre*...

Penalizada com a angustia que ele demonstra e a qual ela já havia detectado, procura falar suavemente, esclarecendo-o: - Filho... Só posso lhe responder dentro das explicações que lhe dei...O que acontece em nosso caminho, sejam dúvidas, receios, alegrias ou sofrimentos, são provas cármicas que temos de enfrentar através de nossas atitudes.

Decepcionado, ele protesta educadamente: - *Entonces*, Vovó *voy a* sair *sin* saber *lo que he venido* a buscar... *Pero, no más, fúe una* conversa *mui* interessante, sobre a qual pretendo pensar *mucho*. *Gracias*, Vóvó! - entretanto, olha-a hesitante como se desejasse saber algo mais.

Vovó Maria Baiana percebendo isso, sorri perguntando: - O que mais, filho está querendo saber...?!

Admirado por sua perspicácia, ele retruca em espanhol: - *No hay nadie que puedo ocultarle. Mis pensamientos son para usted uno libro abierto!...*

Sorrindo mais abertamente ela confessa: - É claro que seus pensamentos são visíveis para mim... No plano espiritual, não há como escondê-los!... Você está curioso em saber como eu, uma Preta Velha, falo um português correto, não é isso...?

Admirado ele confirma: - *Si...És la verdad...*Como *és possible* ser *asi?* Pelo que me explicaram, *los* Pretos Velhos *son* espíritos de escravos...

- Exatamente. Mas não posso satisfazer a sua curiosidade agora, filho, porque é uma longa estória e o meu tempo de consulta terminou... Porém, se você voltar em um outro dia, farei um relato de algumas vivências minhas, que servirão de ensinamento e esclarecimento para você... - e um tanto apressada ela se despede - Que a paz de Jesus preencha seu coração... Louvado seja Deus, Nosso Pai!

E sem mais, Vovó se afastou e a médium suspirando, como se voltasse de um sono profundo, retomou a sua plena consciência.

Apesar de constrangido pela demora da consulta, Juan observa detidamente Mãe Olinda, avaliando a transformação de seu olhar e a diferença em sua voz. Percebendo isso, esta comenta: - Para quem não está habituado, pode parecer estranho, mas a verdade é que o olhar e a voz, quando estou incorporada, são mesmo de Vovó Maria Baiana.

- E *la* senhora se *recuerda* de tudo, quando volta *a su* normal...?! - pergunta curioso.

- De nada, meu filho... Minha mediunidade é inconsciente. Cedo o meu corpo como aparelho transmissor. Permaneço como se estivesse dormindo.

- *És mui* interessante!

- Mas hoje em dia, é cada vez mais raro esse tipo de mediunidade - explica Mãe Olinda, com seu jeito suave - No século passado, quando surgiu o intercâmbio mediúnico, era necessário que todos os médiuns fossem inconscientes para que as pessoas acreditassem na veracidade das comunicações com os espíritos desencarnados. Contudo, no momento atual de transição pelo qual a humanidade está passando, o ser humano precisa despertar a intuição e a sensibilidade mediúnica para que, num futuro próximo, possa estabelecer naturalmente o intercâmbio direto com outros planos de vida. E a manifestação da mediunidade consciente, favorece esse aprendizado.

- *Madre* Olinda... Suas explicações *me hacen mucho* surpreso! - retruca Juan realmente impressionado e já com a curiosidade atiçada - E *la* medium consciente *no* interfere *en la* comunicação...?!

- É um risco que se corre. - responde esta, pacientemente - Daí a necessidade do médium ser responsável pelo seu preparo espiritual. - e fazendo uma pausa, tenta explicar de uma forma simples - Tomemos por exemplo um aparelho de som danificado, mal cuidado. Ele não poderá transmitir um som puro. Porém, um aparelho perfeito, bem cuidado, terá uma transmissão impecável!... Assim é o médium que se doa como aparelho transmissor. Procurando sempre aprimorar o seu interior, esforçando-se para corrigir seus defeitos, ele manterá uma vibração positiva, conseguindo deixar sua mente à parte, sem interferência alguma, durante a incorporação.

- *Pero...* E quanto a lembrança de *todo lo que se passó* durante a consulta...?!

- Em primeiro lugar, Dr. Juan, é semelhante às consultas médicas. O sigilo é obrigatório... E depois, a própria espiritualidade que assiste aos médiuns, ajuda-os a se esquecerem do que sentiram, viram e ouviram...

- *Mui... Mui* interessante! - e levantando-se, ele se despede agradecido - *Desculpame* pelo *tiempo* exagerado que *he tomado... Gracias... Muchas gracias, Madre* Olinda!

Com seu sorriso meigo ela responde: - Nada tem o que me agradecer, meu jovem... Mas sim ao Pai que nos permite esse intercâmbio e a Jesus que nos protege e ilumina!

Realmente impressionado Juan se retira do acolhedor recinto, indo ao encontro de Maori que o aguardava, pacientemente, na sala de espera.

No caminho para a pensão, enquanto este vai dirigindo o carro, Juan comenta suas impressões sobre a consulta.

- Gostei *mucho de la* conversa com Vovó. Ela *és una persona mui* especial!... *Pero* só *no he* entendido porque ela usou tanto de *su tiempo* para comigo com *una* verdadeira aula de

teoria espiritualista... E quase nada *me ha* respondido sobre *lo* que *yo* desejava saber... Estranho, *no*...?

- Realmente não é assim que ela costuma atender... - responde Maori admirado - Talvez ela percebendo que tu não tens muito conhecimento desse assunto, tenha querido te explicar.

- *No... No fúe eso* que senti... Era como se houvesse uma premente necessidade de *yo* me inteirar de tudo isso... *No lo* sei como explicar *derecho.* E *lo más* estranho *és* que *lo mismo* ocorreu com *Madre* Olinda!...

- Então... Se a tua intuição está lhe mostrando isso, certamente compreenderás mais tarde o motivo e encontrarás a resposta!

Tendo chegado frente à pensão, ele estaciona o carro, falando em tom jocoso, com a intenção de deixar o amigo mais relaxado - Em casa, Don Juan!... São e salvo! - e, piscando o olho, com um jeito de cumplicidade maliciosa, murmura - E, na falta de um aconchego louro de olhos castanhos, "tão longe de mim distante", o melhor é dormir com os anjos!

Juan, mais descontraído pela inesperada brincadeira, solta uma risada: - Ah... Quanta falta *siento de eso* aconchego!!! - mas em seguida ao saltar do carro, afirma com seriedade: - *Estoy mui* agradecido por ter me levado *hasta lá, Dr. Maori...* Gostei imensamente!...*Pero* me *siento mui* encabulado pelo trabalho que *lo he dado* e a demora que ocupou tanto de *su tiempo... Muchas gracias! Usted és un* grande amigo!

Já pronto para se deitar, Juan fica debruçado à janela apreciando a noite estrelada, enquanto seu pensamento, levado pela conversa com Vovó Maria Baiana, se perde ao longe...

" É evidente que não estamos sozinhos neste Cosmos imenso!... Mas, ao olhar essa infinidade de estrelas, me aflige imaginar os milhões, bilhões, nem sei quantos, sistemas planetários por esta imensidão a fora, com certeza habitados por micro organismos como nós terráqueos.... Me angustia sentir-me um desses micros organismos, tão infinitamente micro!!!"

Sente profunda solidão... Pensa em Letícia e em Jurana: *"Como me faz falta o convívio com elas!!!"*...Com força, volta o medo da Aids... *"Ainda falta uma semana para conhecer o resultado dos exames... Meu Deus, além de micro organismo, sou apenas um número no sistema social! E um número sem importância perdido na multidão... Se eu fosse um "figurão" seria o primeiro da lista a receber os exames... Enfim...Fazer o quê, se a vida na Terra é assim...?!"*

Recorda com nitidez a explicação de Vovó sobre a criação dos espíritos... *"Até que existe lógica no que ela explanou... Vou fazer um gráfico conforme o que me demonstrou... É bom para que eu não me esqueça!"*

Apanhando um lápis preto e um bloco de papel ofício apoiado em uma pequena prancheta, ele se acomoda na poltrona, dando início ao desenho. À medida que vai executando-o, acha cada vez mais plausível aquela teoria da Criação. Ao terminá-lo, sente um tremor na mão e uma compulsão para continuar a desenhar. Virando outra página em branco, independente de sua vontade, sua mão corre livre fazendo alguns leves arabescos no lado direito da metade da folha, até que começa a surgir uma forma.

Um cesto redondo de trançado de palha ou corda, cheio de roupa amontoada, vai se formando seguro por duas mãos... Braços desnudos aparecem até o início de uma bata rendada, porém um tanto puída que, formando um largo decote, deixa à mostra ombros torneados. Descendo, firme e rápido, o traço do lápis vai delineando por trás do cesto, uma blusa presa à bata e solta sobre uma saia longa e rodada, denotando muito uso pela bainha esgarçada. Seu comprimento deixa à mostra os tornozelos e os pés descalços. Continuando o impulso, a mão de Juan sobe até o pescoço que se delineia fino, de belo contorno. Finalmente aparece o rosto emoldurado por um turbante à moda africana. Um sorriso exibindo uma fileira perfeita de dentes,

torna vivo o olhar dos grandes olhos negros, que parecem se comunicar através do semblante de uma bela jovem negra. Cessa o impulso e o lápis solta da mão de Juan que, vivamente impressionado, sentindo-a formigando pelo esforço, descansa-a sobre o colo.

"Ó ceus!... O que é isso...? Nunca desenhei desse jeito!!! Eu sempre idealizo antes o que vou desenhar... Agi por impulso e sem querer... - E esse traço não é meu!!! - levantando a mão mexe com força os dedos - *"Esse formigamento, que estranho... E... Nossa!...Parou!!! Como pode parar assim de repente...? Que estranho!"*

Analisando o desenho atentamente, se admira com seu traçado: *"Bonito... Muito bonito!... Acho que é uma escrava... Que bela!... E que olhos!!! - e se* impressiona com o olhar da jovem... Confuso, percebe que este se assemelha ao da Vovó Maria Baiana... Sente um forte arrepio... Era como se os olhos quisessem lhe transmitir algo...

"Meu Deus! Penso que estou *enlouquecendo!!! Estou imaginando e sentindo coisas que não existem!!!"*

Juan cerra suas pálpebras para desfazer aquela impressão e assusta-se mais ainda... Sua mente está numa escuridão total, como se os olhos tivessem sido vendados por um grosso pano preto... Porém, semelhante ao levantar lento da ponta de um véu, uma violácea claridade vai surgindo e descortinando uma cena... Um homem alto, tipo nórdico e porte fidalgo, tendo a cabeça coberta por uma peruca de seda branca e vestido com uma toga, discursa em uma tribuna. Sua eloqüência deixa a platéia silenciosa, ouvindo atentamente suas palavras... Repentinamente como o clarão de um raio, uma grande luminosidade faz com que tudo desapareça, deixando a mente de Juan inundada de luz rosa que se alterna com o lilás e o verde claro.

Oh, meu Deus!!! Eu não entendo mais nada!... Estou confuso com o que tem me acontecido ultimamente! É melhor procurar um psiquiatra!!!.. Não... Antes vou voltar a falar com a Vovó. Se achei semelhança no desenho com o seu olhar, talvez encontre uma resposta... Ela tem que me explicar isso! Não posso continuar desse jeito!!!"

Muitíssimo impressionado, recorre ao indutor de sono desejando não sonhar nada e, se atirando na cama, em poucos minutos adormece profundamente.

Na última semana de espera à chegada dos exames, Juan procurou se acalmar preenchendo suas noites solitárias com ligações telefônicas para Letícia alternadas com a troca de e-mails, cada vez mais extensos e interessantes, com Jurana. Depois de relatar a esta o estranho episódio com o desenho e a visão do magistrado, ambos teceram as mais diversas e possíveis interpretações sobre o acontecido, sem chegarem a nenhuma conclusão. Entretanto, o assunto entre eles já não se limitava ao diário espanhol, que deixou de ser prioritário em suas comunicações, nem às estranhas situações que vinham ocorrendo. Diversos relatos, interessantes ou divertidos, de seus cotidianos colaboravam para encher as caixas postais de ambos. E a amizade entre eles ia se fortalecendo.

O sábado chegou prenunciando chuva forte. Mas mesmo assim, Juan resolveu ir à sessão dos Pretos Velhos naquela noite. Ansiava por conversar novamente com Vovó Maria Baiana. Contara para o Diretor Médico, o que lhe acontecera e este ficara deveras impressionado, todavia, apesar de desejoso em acompanhá-lo um compromisso o impedira. O que de certa forma deixou Juan com mais liberdade de demorar o tempo que fosse necessário para conseguir suas respostas.

- Vovó*, yo sé* que *estoy siendo* insistente... *Desculpame por eso. Pero* preciso de *una* explicação clara sobre *lo* que me aconteceu *en la noche, depués* que saí de *acá*... - e retirando de um envelope o desenho que fizera, entrega para ela.

Após examiná-lo, Vovó com seu meio sorriso o devolve, esclarecendo: - Filho, é a primeira vez que eu permito que alguém me veja realmente como fui na minha última

encarnação... Uma escrava descalça e mal vestida, executando um trabalho pesado... Gosto de me mostrar bem vestida, pois a mulher deveria sempre ser bem tratada... Mas eu queria que você me conhecesse na vida difícil e sofrida que enfrentei...

Admirado, ele exclama: - *Entonces és usted* que *yo he* desenhado...?! *Pero,* Vovó... *Usted no és vieja...???*

- Não, Juan... Nessa minha última encarnação não cheguei a ficar velha. Desencarnei aos 35 anos, vítima de uma tuberculose galopante, resultado dos maus tratos e da péssima condição de vida que o senhor, o dono da fazenda, dava aos escravos.

- *Pero...*- ele hesita por um momento - *Desculpame si* estarei *siendo* insolente ao *le decir* que *usted* era *una* jovem *mui* linda!...

Vovó dando um largo sorriso, responde: - Não, filho... Não estás sendo insolente... Muito pelo contrário. Eu gosto de me mostrar, como já lhe disse, bonita e enfeitada... Ainda sou vaidosa.

- *Pero* Vovó...- surpreende-se Juan - Os espíritos têm vaidade...?!

- Alguns como eu, sim!... Não é pelo fato de estarmos desencarnados que nos tornamos perfeitos... Aqui no plano Astral, trabalhamos muito para corrigir em nós o que precisa ser modificado.... Infelizmente não consegui dissolver ainda esse defeito da vaidade, que eu trago de outras vidas. Já consegui minimizá-lo, porém, não o dissolvi ainda.

- Poderia explicar *mejor...? Aún no lo he* compreendido *derecho!*

- Bem, Juan... A roda reencarnatória que gira entre os dois planos, Físico-Material e Astral, conforme lhe expliquei na consulta passada, nos favorece corrigirmos nossos defeitos... Quando nos preparamos para o reencarne, escolhemos o tipo de vida, a família, a situação social, a raça e o sexo que possam nos ajudar a eliminá-los de nossa vibração. Assim temos a chance de resgatarmos nossos erros. Como já lhe disse, é a Lei do Retorno.

- *Sí... Eso lo he* compreendido. *És una* lei justa!... *Solamente no* sabia *aún* que *la* escolha de *nuestra* nova vida era decisão *nuestra.* Achei que ela seria imposta *por Diós.*

- Não, filho... Isso seria castigo e como já disse, castigo não existe. Mas sim a procura, por nós mesmos, por uma situação que nos redima do que erramos e favoreça corrigirmos nossos defeitos. A não ser os espíritos que, de tão atrasados, não têm condições para escolher seu novo caminho...

- *Entonces, si no* sabem o que *hacer,* o que acontece *con* estes...?!

- Os Mentores encarregados dessas situações, fazem a escolha por eles. É o que se chama reencarnação compulsória.

- Hum... - comenta num tom meio jocoso - *Entonces* no céu *és* tudo *mui* organizado e, *si no hay* plena liberdade, *és uno* governo ditatorial!- mas em seguida ele se arrepende - *Desculpame* Vovó, *estoy* brincando!

Sorrindo suavemente, ela retruca: - Seu jeito brincalhão e irreverente não me incomoda, faz parte do seu temperamento... Eu compreendo você. É difícil acreditar de imediato naquilo que nunca ouvimos falar... Porém, filho... Liberdade total não é sinônimo de anarquia e sem organização não é possível existir harmonia. E o Cosmos é Harmonia Perfeita!

Juan, meio constrangido, permanece calado. Maria Baiana faz uma pausa, olhando-o profundamente, para depois prosseguir: - Ainda não mencionaste a visão do magistrado, apesar de estar muito curioso à respeito dela... Não é assim...?

Impressionado, ele concorda: - Ora, Vovó... Havia me esquecido que *usted puede* ler *mis* pensamentos!.. *És* certo que *yo estoy mui* curioso em saber o que essa visão *tiene* a ver comigo!

- Contigo, não... Comigo! Eu não lhe avisei que iria mostrar umas vivências minhas para que servissem de ensinamento a você...?!

- *Entonces* foi *usted* que me fez *hacer* aquele desenho ?!- questiona admirado - E mostrou aquela visão...?

- Sim... Mas foi o espírito de um grande pintor, que habita o mesmo plano vibratório que eu. À meu pedido, ele acoplou a mão na sua para executar meus dois retratos... Uma semi incorporação.

- *Dos* retratos de *usted...?* Como *asi ?!*

- Se eu fui escrava tão sofrida, é porque precisava passar por aquela vivência para meu resgate de vidas anteriores. Assim eu escolhi aquele destino!...Na minha vida anterior à de mulher escrava, fui o magistrado que você viu, falando para uma platéia que absorvia minhas palavras com admiração e atenção. Eu era homem de muitas posses. Muito inteligente e hábil na oratória, defendia fervorosamente o tráfico de escravos pelos navios negreiros. Escravo para mim naquela vida, não era gente, era mercadoria de bom lucro. E escravas bonitas eram para deleite sexual num momento, para em seguida atirá-las fora quais trastes inúteis. Muito vaidoso não só do corpo físico, mas também de minha inteligência e de meu domínio com a palavra, não media argumentos para manter meu poder sobre os outros.... Não tinha limites, era egocêntrico e amoral... Por isso precisei sofrer os mesmos maus tratos que impunha aos pobres negros escravos. Como mulher jovem e bonita, sofri demasiadamente nas mãos de meus senhores, que esmagavam meu orgulho e minha vaidade. A Lei do Retorno! Compreendeu agora...?

- *Pero...* Por que *hablas* corretamente ?! *Los otros* Petros *Viejos hablam* como *los* escravos... *Así* me disseram.

- Sim, é verdade... Mas os Pretos Velhos formam uma falange...Uma falange de trabalhadores espirituais, que realmente foram escravos na vida anterior, assim como eu. Existe um Mestre de Luz que coordena os trabalhos e, qual um exército, são várias as graduações dos trabalhadores e como toda falange, tem por objetivo cumprir uma determinada missão. Na dos Pretos Velhos, o principal ensinamento é Humildade e Caridade... Por trás da aparência de criatura humilde e submissa, falando errado, estão espíritos que já tendo adquirido grande conhecimento em outras vidas, exercem a caridade transmitindo sabedoria e, com o seu exemplo humilde, mostram que o Saber não deve ser motivo de orgulho e vaidade.

- *Entonces* foram espíritos como *usted*, que *no* souberam usar *de la* palavra...? - interrompe Juan, admirado.

- Não, filho... Os espíritos que compõem uma mesma falange, têm resgates diversos, de acordo com suas necessidades, porém, eles têm em comum uma única intenção. Auxiliar aos encarnados, sob a forma mais modesta na escala social da Terra, afim de ensinar-lhes a grandeza da humildade. Quantas pessoas, cultas ou ricas, que se julgam importantes na sociedade da Terra, sentam-se modestamente aos pés dos Pretos Velhos, em consulta, buscando auxílio para seus sofrimentos ou problemas. Isso por si só já não é um ensinamento de humildade...?!

- *Tiene razón,* Vovó!... *No habia* pensado nisso... *Pero eso no* explica porque *usted habla* corretamente.

Vovó sorri complacente: - Estava esperando que me perguntasse isso, pois foi o motivo maior de sua curiosidade... Pois bem, vou lhe explicar... Quando desencarnei, em virtude de minha revolta pela vida de sofrimentos, que eu mesmo havia escolhido mas, por ainda não estar suficientemente esclarecida me arrependera da escolha, fiquei vagando sem rumo no Astral, por um bom tempo... Porém, a Espiritualidade de Luz que nos assiste, irradiava amor a me envolver, até que despertei para o caminho evolutivo... A corrente dos Pretos Velhos me aceitou e comecei pelo trabalho mais humilde. Fazer, sob as ordens de meus superiores, a limpeza pesada ao redor dos encarnados. Removendo espíritos obsessores, acoplados em seus perispíritos, para que fossem levados a tratamento em um hospital do Astral. Retirando, no mais baixo Umbral, numa luta quase corpo-a-corpo os trabalhos de magia negra. Trabalho difícil e estafante, realizado pelos Exús. E assim, nessa faixa vibratória, aprendi a obedecer...

- Exús...?! - interrompe Juan impressionado - *No son* diabos...?

- Não, filho... Exús são os espíritos que recém estão despertando para a evolução e este caminho é através da Obediência. Como ainda não possuem a noção exata do Bem e do Mal, têm de aprender primeiro a obedecer... Uns, ainda recalcitrantes, não aceitam o caminho da Luz e enveredam pelo caminho das Trevas e vão servir às Entidades do Mal. Mas, ainda assim, aprendem a obedecer. Entretanto, através do trabalho dos Mestres de Luz, de sua irradiação, acabam por despertar e iniciam a jornada da evolução e passam a receber ordens dos Espíritos de Luz. Foi o que aconteceu comigo, quando iniciei minha tarefa evolutiva, conforme lhe expliquei, servindo na falange dos Pretos Velhos. Cumprindo obedientemente minhas tarefas, fui subindo na escala dos trabalhadores e hoje, sou Vovó.

- *Pero eso* continua *no* explicando *su* maneira de hablar... - insiste Juan.

Vovó volta a sorrir complacente: - Calma, filho... Ainda não terminei... Tendo cumprido satisfatoriamente a etapa inicial de meu aprendizado, pedi permissão, como forma de resgate, para usar da facilidade de expressão que tanto malefício causara naquela existência passada quando fui magistrado, para agora transmitir sabedoria àqueles que viessem a me pedir conselhos.

- Vovó*... Yo no sé lo que decir... Estoy mui, mui* perplexo com tudo que *usted me ha* explicado... *Voy* a meditar sobre tudo isso... Como *lo he dito*, *és una* teoria de difícil aceitação para *la mia* formação médica. - e trocando um olhar profundo com ela, acaba por perguntar - *Pero* Vovó... Diga-me por favor, por que *usted ha me* explicado *todo eso a lo* invés de apenas responder às perguntas que *están me* angustiando...?!

- Juan... Somente posso lhe dizer que você tem uma missão a cumprir. E terá que passar por uma série de provas...

- Que provas, Vovó...?! - ele a interrompe assustado, tomado de terrível pressentimento - *Tiene* a ver com *mi* saúde ?!

- Já lhe expliquei, filho, que nada posso adiantar a você... Não respondo nem sim nem não... Quero apenas que saiba que encontrará suas respostas no que lhe expliquei. Reforçando a sua fé em Deus, terás forças para prosseguir em frente no caminho que escolheu - e penalizada com a expressão de angústia revelada no rosto de Juan, ela afirma - Mas poderá contar sempre comigo, no momento que desejar. Estarei ao seu lado sempre que me chamar!... Desculpa, filho... Tenho que me retirar. Já falei mais do que devia! Que Jesus o ilumine, dando-lhe forças e compreensão da Vida.

Juan saiu de lá mais angustiado do que nunca. Pelas palavras veladas que Vovó lhe falou no final, ele teve certeza de que o medo que sentia da doença tinha alguma razão de ser. Entrou no carro com a sensação de que algo muito sério estava para acontecer.

No céu negro, sem nenhuma estrela, riscou um raio anunciando a proximidade de forte chuva. Juan estremeceu com o trovão.

"Estou me sentindo assim... Numa escuridão prenunciando tempestade!... Desorientado... Estupefato com tudo o que está me acontecendo... Pôrra!... Se a Vovó pode saber das coisas, por que o extenso palavrório a me confundir?!... Por que não me dizer logo, sim ou não...?!"

Apertando com força o volante do carro, ele exclama irritado: - *Estou achando que tudo é uma "empulhação"! Ela não sabe nada... Sou um idiota começando a acreditar nessas "baboseiras!"...* - mas em seguida, o suave semblante de Mãe Olinda vem à sua mente, fazendo-o recordar o olhar profundo de Vovó Maria Baiana, afastando a irritação - *" Afinal o Dr. Maori que é médico competente e com bastante experiência da vida, acredita realmente nisso tudo. Deve existir fundamento no que Vovó me ensinou...!"*

Ao chegar na pensão, apesar do adiantado da hora, a senhoria estava sentada na portaria, meio que cochilando. Ao vê-lo, de um pulo, foi ao seu encontro. Muito sem graça,

entregou-lhe um envelope: - Dr. Juan, estava à sua espera! Mil perdões!... Esta correspondência chegou ontem pela manhã e eu, muito ocupada no momento, guardei-a na escrivaninha e me esqueci completamente de lhe entregar. Por isso estava esperando o senhor chegar...

Ao segurar o envelope, o coração bate em disparada e o rosto empalidece. Eram os exames!

Dona Clementina vendo a sua expressão tensa, continua curiosa: - Espero não ter causado nenhum problema com meu esquecimento. Deve ser importante, pois vem de um grande laboratório de Porto Alegre!

Nova onda de irritação envolveu Juan. Teve vontade de soltar um palavrão, todavia controlou-se, respondendo secamente: - *No... No és* nada de *mui* importante... *Puede quedarse* descansada. *Gracias!*

Mas, enquanto subia as escadas, ansioso por abrir o envelope, o irritamento transformou-se em raiva :*"Maldita velha bisbilhoteira!!!... Além de metida é irresponsável!!!"*

Entretanto, novamente a lembrança da suavidade e paciência de Vovó Maria Baiana e Mãe Olinda, foi como um balde de água fria jogado na fervura de sua aversão: *"Coitada... É uma velha solitária, que anseia por viver a vida de seus hóspedes... Na verdade estou é com medo, um medo terrível de ler o resultado dos exames!"*

Entrando no quarto, sentou-se na beira da cama e por um momentos ficou olhando para o envelope fechado em suas mãos... Esperou a taquicardia passar.

"Se a notícia for a que eu tanto receio, é melhor que esteja tranqüilo... Se for boa, nem sei o que farei... Explodirei de alegria!..."

Sentindo-se harmonizado, rasga o envelope... O mundo desaba sobre ele!.. Lá estava, fria, impessoal, escrita cientificamente correta, a terrível marca que teria de agora em diante, levar pela vida: SORO POSITIVO.

"Meu Deus!!!... Eu sabia!...No fundo de meu coração eu sabia..." - terrível angústia faz com que ele se recrimine - *"Por que me deixei levar pela irresponsabilidade do fogo da paixão e não me precavi ???!... Desde que a mãe me contou sobre a Carmencita que eu sabia... Só não queria acreditar!!!*

Desejou ligar para Assunção e procurar consolo, como na infância, no refúgio do amor materno. Chegou a pegar no telefone.

"Não, não é justo deixar meus pais angustiados e preocupados... Ainda mais à essa hora da noite!... Que absurdo!!! Como pude pensar uma coisa dessas...?! Vovó está certa... Eu é que tenho de enfrentar as minhas provas!..."

A dor em seu peito é tão grande que ele se sente sufocar... Vai até a janela, abrindo-a totalmente. O vento forte trazendo a chuva assemelha-se a um impacto a derrubá-lo e faz com que ele recue...

"Meu Deus... Estou em plena juventude... O que fazer...??? E a minha profissão que tanto amo...? Aceitarão um médico com AIDS ?!

Os raios agora bem próximos, trazem o temporal... E a chuva caindo forte, entrando pela janela aberta, atinge Juan, despertando a sua responsabilidade médica: *"Mãe Santíssima... O que estou fazendo...?! Que loucura... Não é momento para apanhar uma gripe forte!... Sou ainda apenas um portador do vírus e não devo facilitar a entrada de uma doença oportunista que poderá me deixar aidético!"*

Fechando a janela, vai trocar a roupa molhada pela chuva. Toma uma ducha quente na tentativa de se acalmar. De nada adiantou... Prepara-se para deitar indo direto à caixa dos remédios, recorrendo a um calmante e ao indutor de sono... Precisava dormir rápido, calar a sua mente, esquecer a dor que esmagava seu peito, penetrando a alma por inteiro... A solidão se faz presente de uma forma insuportável, deixando-o abandonado ao enorme sofrimento... O pranto contido comprime seu coração... Já deitado, abraça o travesseiro deixando finalmente as lágrimas

jorrarem e o barulho da chuva pesada caindo lá fora, mistura-se aos seus soluços... Aos poucos vai se sentindo mais aliviado... O remédio começa a surtir efeito e um último pensamento brota antes de se apagar num sono reparador.

"Preciso falar urgente com Letícia... Irei vê-la amanhã..."

Apesar do tempo chuvoso, a viagem foi tranqüila. Em pouco mais de duas horas Juan chegou em Panambi. Talvez devido ao mau tempo e por ser domingo, a cidade estava quase deserta. Poucos carros circulavam pelas ruas, onde raros pedestres transitavam ligeiro, protegendo-se da chuva e do vento que soprava forte. E as moradias com as janelas fechadas pelas vidraças, completavam a melancólica paisagem de uma manhã fria de final de outono. Um ar tristonho pairava no ar, aumentando a angústia de Juan.

Em velocidade bastante reduzida, ele procurava localizar a casa de Letícia. Seguia atento por uma simpática rua arborizada, cujos plátanos já semi desfolhados, formavam duas alas imponentes sobre as largas calçadas.

"É esta aqui!...Ufa!...Finalmente achei!... Que encantadora!.. Pena esse tempo, porque tanto ela quanto esta rua, num dia ensolarado devem ser muito agradáveis..." - assim apreciando, estaciona o carro defronte ao portão gradeado, que já se encontrava aberto.

Por trás de uma cerca viva de cipreste, acompanhando a extensão da calçada, uma casa simples de madeira num estilo germânico, com jardineiras floridas sob as janelas, projetava-se aconchegante ao centro de um pequeno e bem cuidado jardim. Uma pérgula coberta por densa trepadeira, protegia a porta de entrada e, ao fundo, podia-se enxergar algumas árvores frutíferas, denunciando a existência de um pomar na parte traseira do terreno.

Juan fica olhando para a casa, sem coragem de saltar do carro... Amargurado, não sabe quando e nem qual será o melhor momento para contar tudo a Letícia... Lembra-se das palavras de Vovó Maria Baiana: *"Muitas provas terá que enfrentar..."*

A angústia comprime seu coração e deixando escapar um longo suspiro, murmura como se respondesse a esta: - *É, Vovó... O terrível vestibular começou ontem... Hoje é a segunda prova difícil que terei de enfrentar! Vovó, me ajuda... Me ajuda!!!* – e triste, profundamente triste, apóia a cabeça sobre as mãos colocadas ao volante e, inadvertidamente, toca a buzina.

Quase em seguida ao som desta, a porta de entrada da casa se abre e Letícia surge gritando alegre, espalmando a mão num gesto de parada: - Juan!... Espera... Não salta ainda!!! Vou até ai!!! - e abrindo o guarda chuva, precipita-se até o carro.

Tomado de surpresa, Juan apressa-se em empurrar a porta, para que ela se acomode ligeiro no assento ao seu lado, exclamando: - *Pero, amada mia, no* devia *hacer eso...* Entre! Senta *a mi* lado... Está *se quedando* molhada!!!

Deixando cair a sombrinha ao chão, ela vai entrando no carro, falando feliz: - Vieste mesmo, com todo esse toró!!! Não acreditei quando me telefonaste! Ao ouvir a buzina, foi como se levasse um choque!!! - e beijando-o sofregamente, não o deixa sequer responder.

Assim, por um largo espaço de tempo, aproveitando a cortina de água que embaçava as janelas do carro, ambos diluem a saudade trocando carícias. Passado esse primeiro impulso, Letícia afaga o rosto de Juan, olhando-o amorosamente: - Querido, que bom que estás aqui!!! Que bom, que bom!!! Parece até que estou sonhando...

- *Yo también* senti *mucha* falta de *su* presença... *Una* imensa saudade! - e beija-a novamente. - *Pero* creio que *és mejor* entrarmos. *Su madre* deve estar achando estranho ficarmos tanto tempo aqui no carro.

Rindo, Letícia discorda: - A mãe...?! Não! Ela está fazendo o almoço. Nem deve ter ouvido a buzina tocar... Mas é melhor entrarmos, sim. Ela está ansiosa em conhecê-lo!

- E *su padre...* Como está...?

- Infelizmente na mesma! - e de súbito a tristeza anuvia seu rosto - Não sei, Juan, se ele vai se recuperar um dia... Me corta o coração vê-lo apático, sentado naquela cadeira de rodas. Tem sido um "sufoco" para minha mãe e eu! - num suspiro, ela desabafa - Eu continuo com a minha fé, porém não consigo entender como Deus permite que um homem, que foi bom a vida toda, fique desse jeito... Pobre da minha mãe tem sofrido bastante. Ela também não merecia passar por tal situação... Às vezes me sinto meio perdida nas minhas convicções religiosas.

À guisa de consolo, Juan sente ímpetos de transmitir para ela os ensinamentos de Vovó Maria Baiana, entretanto um pensamento refreia sua vontade: *"Mas transmitir o quê...?! Se eu ainda não acredito em tudo aquilo?! Tolice!!! Não sei nem como vou enfrentar o terrível problema que me trouxe aqui!"* - e a preocupação com o objetivo de sua visita retorna, angustiante, fazendo quebrar o encanto dos primeiros momentos desse encontro.

- Infelizmente s*on los* designos de *Diós,* querida! *No hay lo* que possamos *hacer... Solamente tenemos* que aceitar!... - e forçando um sorriso, abre a porta puxando-a para fora do carro - Vamos, *amada mia,* quero *conocer sus padres* e provar de *la* famosa comida de s*u madre!*

Abraçados sob a mesma sombrinha, correm até a varanda. Respingados de chuva, entram para dentro de casa. Sentem-se felizes por estarem juntos...

Ao chegarem na sala, Juan sofre um impacto ao ver o pai de Letícia, semi paralisado em sua cadeira de rodas, aquecendo-se junto à lareira acesa. Sente-se deveras penalizado, sem saber o que dizer.

- Paizinho... - fala carinhosamente Letícia - Este é Juan, o médico paraguaio que eu estou namorando...

Este, tentando sorrir, contorce o rosto num trejeito e seu olhar aflito, de quem deseja se comunicar mas não pode, deixa o semblante envelhecido mais angustiado ainda. De nada adiantava tentar conversar com ele, não tinha condições. A fala estava tolhida...Todavia, Juan percebendo que ele ouvia e compreendia tudo, apresenta-se atenciosamente.

- *Mucho* prazer, Senhor Bertoldo... *Su* filha *siempre* falou *mui* bem de *usted...*- e com delicadeza aperta a mão trêmula que, com muito esforço, este conseguira levantar pouco acima do braço da cadeira.

Comovido, mas ao mesmo tempo constrangido sem saber bem como agir, ele é salvo pela chegada da mãe de Letícia. Demonstrando satisfação, esta vai ao seu encontro.

- Então chegaste, Dr.Juan!... Muito prazer!... Estava na cozinha preparando o nosso almoço, por isso não vim em seguida cumprimentá-lo!

Ao abraçá-lo, ela percebe que as roupas dele estão úmidas pela chuva e atenciosa se preocupa: - Oh, Dr.Juan!... Seu suéter está molhado!... Não é bom ficar assim... Não seria melhor colocar uma roupa do Bertoldo, enquanto secamos as suas na lareira...?

Juan ia recusar agradecendo, porém Letícia se antecipa: - Acho uma excelente idéia, Juan. Ia mesmo te oferecer um blusão meu... Eu também tenho que me trocar!... Venha... Venha comigo, vou arranjar algo para ti!

Fazendo das palavras ação, segura-o pelo braço, levando-o em direção aos quartos. Fora das vistas da mãe, aperta-o num abraço, afirmando com um sorriso provocante: - Não penses que vamos ficar aqui em casa o resto do dia!... Já planejei o nosso roteiro! Estou louca de saudades de ti!

Surpreendido por sua impetuosidade, Juan acha graça, fazendo uma pilhéria: - De que roteiro *me hablas...?* Por acaso vamos *a hacer una película...?*

Rindo, ela retruca da mesma forma: - Um filme de amor! - e com um ar malicioso, continua a explanar a sua idéia: - Tem um novo motel na entrada da cidade e a propaganda que fazem dele pela televisão é muito tentadora! Não queres experimentar...?!

Excitado, ele concorda de imediato. Porém, num relance, vem à consciência o objetivo de sua visita e, desprendendo-se à custo do caloroso abraço, propõe: - *Pero* primeiro, querida, precisamos conversar...*Tengo que decir una cosa a usted!...*

De tão ansiosa, ela não percebeu o tom de seriedade com que ele falou e, animada, contesta: - Aqui, não!... Lá!!!... A tarde será toda só para nós dois!

Ele ia insistir novamente quando Dona Genoveva, se aproximando do corredor, chama por eles: - Já vou servir o almoço!... Não demorem muito, porque nesse frio não dá para esperar!

Apressados, ambos vão trocar de roupa.

O motel realmente fazia jus à propaganda televisiva... Juan concordara em ir até lá achando que, talvez na intimidade, fosse mais fácil colocar Letícia a par de sua situação.

Assim que entram na estimulante suíte, ambos se beijam ardorosamente. Porém Juan, decidido, desvencilha-se logo de Letícia, fazendo-a sentar-se junto a ele no pequeno sofá da saleta, insistindo em conversar.

Assustada com a seriedade de sua expressão, ela pergunta perplexa:- Conversar agora, Juan??? O que está acontecendo?! Por acaso existe outra mulher entre nós...?!

- *No*, querida... *Mui lejos de eso*! - contesta com um olhar de profunda tristeza - *És mui* sério... *Mui* triste!

Compreendendo enfim que algo seriíssimo estava ocorrendo, ela apenas murmura: - Então me diz de uma vez... Quero saber...

Contendo com dificuldade a emoção que o sufocava, Juan expõe sua terrível situação. Letícia, apavorada, olha para ele sem querer acreditar no que acaba de ouvir. A custo consegue falar: - Não acredito!... Aids...??? Tu estás com Aids, Juan?!!! - Meu Deus!!! - e amargurada, explode num choro sentido.

Juan permanece calado, esforçando-se para segurar as lágrimas que toldam seu olhar: *"Preciso ser forte!... Não posso deixar que a emoção me domine na frente dela! Tenho que falar com calma tudo o que necessito..."*

Letícia, ainda chorando, externa a dor que está sentindo, falando entrecortadamente entre soluços: - Então era isso... Era isso... que tu querias tanto falar... Não é justo!!!... Por que... porque Deus permite isso?... Primeiro meu pai... Agora você... Por que... Por que??? - e passando as mãos sobre os olhos, tenta estancar as lágrimas que teimam em deslizar sobre a face entristecida.

Juan, afagando seus cabelos, enche-se de coragem e enfrenta o momento mais temido: - Querida... Necessito que me *hables con sinceridad... Usted* continuará *mi* namorada *así mismo...?*

Segurando o pranto, ainda com os olhos lacrimejantes, ela fica olhando pensativa para ele, que aguarda ansioso sua resposta com o coração descompassado. Após alguns momentos, que a ele pareceram horas, ela expõe o que sente, indecisa: - Juan... Eu preciso pensar... Me dá um tempo... Quero que me compreendas... Eu te amo, mas não posso... Eu sonhava em me casar contigo... Ter filhos... - ela hesita um pouco, porém aflita, fala de supetão o que lhe vai na alma - O medo do contágio é mais forte que o meu amor... Como poderei passar a vida toda a teu lado, usando sempre preservativos e temendo que alguma vez eles possam falhar...??? - e demonstrando temor, aperta as mãos de forma angustiada - E será, que durante as nossas relações, algum deles já não falhou...? Será que não estou também contaminada?!

A reação de Letícia deixa-o derrubado... Não esperava uma rejeição tão imediata.... Se antes, ao receber a terrível notícia sentira como se o mundo houvesse desabado sobre ele, agora parecia que a terra o tragara... Entretanto, dominando sua angústia, consegue responder

com calma aparente: - *Yo* espero que *no*, querida. *Pero deseo* que faça logo *los* exames necessários. *Lo más* rápido *possible!*

- Certamente que o farei - agora, mais segura de si, responde sem vacilar - Mas... Quanto a nós, me perdoa, Juan... Eu preciso de um tempo... Não sei se conseguirei superar o medo. É mais forte que eu... Sofro por ti, pelo que será tua vida daqui em diante mas, sofro também por mim, pelo meu sonho que se desfez... Se não conseguir vencer o meu receio, terei de me esforçar para te esquecer!...

Ela pousa suavemente a mão por sobre a dele. Num gesto que demonstra toda a sua amargura, ele retira rapidamente a sua, levantando-se de chofre: - *Bien*, Letícia... *Yo* compreendo a *usted*... Sinto que já *me ha dado la* sua resposta...

- Não, Juan!... Espera... Não é isso!... Deixa eu pensar melhor! - levanta, meio arrependida pela franqueza como expôs seus sentimentos, aproximando-se dele.

Juan se afasta, falando tristemente: - *Debemos* ser realistas... *Ha* chegado *la* hora de *decirmos adiós*... *Voy* retirar-me de *su* vida, *pero* serei grato por *los* momentos que passamos juntos.

A seguir, dirige-se ao telefone, pedindo o encerramento da conta. E, virando-se para Letícia que voltara a chorar, fala com delicadeza: - *No* chores, querida, *la* vida *és asi*, cheia de imprevistos... *La* sua decisão *és la más* acertada... *Puedes* crer, *yo la* compreendo...- segurando-a pelo braço, dirige-se para a porta - *Venga!* Quanto *más* depressa sairmos de *acá,* será *mejor* para *nosotros!...*

O retorno à casa foi totalmente em silêncio. A mágoa que Juan sentia pela rapidez e a forma do rompimento do relacionamento de ambos, deixou-o calado. Quanto a Letícia, não sabia mais o que dizer. Na verdade encontrava-se aturdida, quase em estado de choque.

Ao chegar frente à casa, ele não quis saltar. Pediu que ela se despedisse dos pais por ele.

- Mas que desculpa eu dou...? Eles se sentirão ofendidos por não entrares um pouco.

- Sinto *mucho*, Letícia, *pero no tengo* ânimo para me defrontar com *su madre* agora... Diga que *estoy* apressado por *la* chuva forte... *También puedes* nada *decir, o lo* que *usted* desejar... - preocupado com ela, ele insiste - *Así* que *los* exames *quedarem* prontos me telefone. *És mui* importante para *mi,* saber *lo* resultado, *és* grande *la mia* preocupação *con usted.*

Com a voz trêmula, prenunciando choro, Letícia responde enquanto abre o guarda-chuva para sair do carro: - Ligarei em seguida, qual seja o resultado.

- Sinto *mucho*, imensamente por *todo*... *Adiós*.

Juan não esperou que ela entrasse em casa para ir embora. Porém ela permaneceu parada, sob a chuva, olhando o carro desaparecer no final da rua. Depois, chorando, entrou em casa. Dona Genoveva, assustada, quis logo saber o que acontecera e por que Juan tinha ido embora sem se despedir.

- Eu não deixei que ele entrasse! - mente, não querendo que a mãe se sinta magoada - Nós brigamos.

- Brigaram por que...? – esta exclama admirada - Pareciam tão bem!

- Juan vai voltar para o Paraguai. Ele não conseguiu romper um compromisso que tinha lá... Existe uma noiva à sua espera em Assunção.

A chuva aumentava à medida que Juan se aproximava de Trilha das Palmeiras. A tarde chegando ao fim também colaborava para dificultar mais ainda a visibilidade que já não era boa. Desde que saíra de Panambi, ele não conseguira parar de pensar na desgraça que se abatera sobre ele. Agoniado, sentia-se desnorteado, sem saber quais atitudes tomar.

"Com certeza Dr. Maori não desejará mais que eu permaneça no hospital... Terei que retornar para Assunção... E os meus pais...??? Corta-me o coração pensar no desespero que irão sentir!..."

E os pensamentos multiplicavam-se em sua mente, fazendo-o prever um futuro sem esperança.

"Terrível será a discriminação de todos!... E o pior, o estigma que muitos ainda imputam, aliando a Aids ao homossexualismo!... Oh, Meu Deus! Isso é terrivelmente doloroso!... Como um médico soro positivo poderá continuar clinicando...?!!!

O encontro com Letícia volta com maior nitidez à sua lembrança, fazendo-o sofrer mais ainda.

"Nunca pensei que ela pudesse ser tão calculista!... É claro que foi melhor mesmo não continuar esse namoro... Eu mesmo iria terminá-lo, após o resultado do exame dela, se este fosse negativo...Caso contrário é meu dever ajudá-la no tratamento... Oh, Deus, tomara que ela não tenha sido contaminada!... Não... Não é possível... Pois nunca deixamos de usar preservativos!"

Faltava apenas uns vinte quilômetros para chegar ao destino e isso deixava-o mais tenso ainda. *"Amanhã será a prova pior... Vou falar com o Dr. Maori o mais cedo possível... Qual será sua reação ?! Oh, Jesus, me ajuda!!!"*

A dor que a atitude de Letícia lhe causara continuava a massacrá-lo: *Como ela pode pensar apenas nela...?! Sempre afirmou me amar... Nem por um segundo sequer, pensou em como eu estaria me sentindo... Que decepção!!!"*

Estava assim tão aturdido pela mágoa, que não viu um cavalo entrando na estrada... Com a visibilidade difícil e a desatenção provocada pela angústia, só percebeu isso quando estava quase em cima dele. Tentou desviar... Não conseguiu. Erroneamente apertou o freio e o carro capotou... Por três vezes este rolou na pista indo bater na encosta de uma colina...

Estranhamente não sentiu dor alguma, apenas tonteira e, impressionado, se deu conta de que levitava. Sem compreender o que estava se passando, sentiu que saía do local do acidente... Olhou para baixo e, aterrorizado, viu seu corpo físico imprensado sob o teto do carro amassado e coberto de estilhaços de vidro quebrado. Da cabeça corria grosso filete de sangue, que se espalhava sobre a face... Precisava pedir ajuda!... De uma casa à beira da estrada surgiram correndo dois homens... Gritou por socorro, mas eles não escutaram. Não o enxergaram também... Desorientado olhou à sua volta, sentindo-se perdido... Ao longe viu uns faróis se aproximando... *"Meu Deus... O que está se passando comigo...? Será que eu morri?!!!"* - pensava assim, quando uma luz clara, descendo do céu, o atraiu para um túnel cada vez mais iluminado e ele perdeu totalmente a consciência.

Despertou deitado em uma cama extremamente confortável. Olhou ao redor e não reconheceu o local. Um quarto espaçoso com largas janelas que deixavam à vista um primoroso jardim... Uma luz verde clara, cor de alface tenra, inundava o aposento, porém, estranhamente ela não surgia de parte alguma... Apenas existia... Na mesa de cabeceira, ao seu lado, uma jarra com belíssimas rosas brancas, cujo aroma suave se fazia sentir inebriante. Na parede fronteira à cama, um lindíssimo quadro emoldurado por larga barra de puro cristal, prendeu sua atenção... Em meio à uma luz resplandecente de um dourado róseo, mais parecendo uma projeção, surgia um rosto masculino, cujas feições difusas pareciam fundir-se com a luz. Entretanto eram realçados os olhos claros, de um belíssimo tom amendoado... E o olhar meigo, profundo, pleno de um amor intenso, parecia penetrar diretamente em sua alma.

"Meu Deus!... Que beleza!!!.. E esse olhar incrível que parece me envolver numa paz profunda, causando-me uma felicidade indescritível..? Só pode ser Jesus!!! Mas que lugar é este em que me encontro...??? Como vim parar aqui?!"

Nada lhe vinha à memória... Era como se estivesse despertando para a vida naquele momento... Nenhuma recordação... Nenhum sofrimento... Nada! Somente paz e felicidade...

Inesperadamente uma voz grave, de entonação suave, retira-o desse encantamento: - *Então o irmão já despertou...?* - era um senhor de meia-idade que pela porta entreaberta, lhe perguntava num perfeito espanhol - *Posso entrar...?*

Juan sente-se surpreso com a presença do desconhecido: - *Sim... É um prazer falar com alguém.* - o sorriso simpático e a maneira simples do visitante, deixam Juan à vontade para fazer perguntas que pudessem elucidar sua situação - *O senhor pode me dizer onde estou...? Sinto-me confuso, pois não sei como vim parar aqui e não consigo lembrar nada de minha vida. Sou seu irmão?!*

- Se me pergunta em relação à família terrena, não. Mas somos irmãos espirituais... Aqui no plano Astral costumamos chamar assim aos recém chegados.

- Aqui no Astral...??? Não entendo...

- Sim... É onde você se encontra... E seja bem-vindo, irmão! - fala o senhor, sentando-se em uma cadeira junto à cama - *Agora procure relaxar... Precisa fazer uma mentalização para recuperar sua memória* - e delicadamente coloca uma das mãos sobre a testa de Juan, comandando: - *Feche os olhos e pense em Jesus, Nosso Mestre Divino... Entregue-se totalmente em Suas Mãos, pedindo com a força da sua fé, que a energia do Amor Sublime o envolva por inteiro...*

Juan assim o fez... Uma luz rosa inundou sua mente, enquanto um calor intenso percorria seu corpo... Aos poucos, como num filme, fatos de sua vida começaram a surgir. Desde a infância até o momento do acidente que sofrera. E a lembrança dos acontecimentos que provocaram a este, causaram um impacto em seu coração... Entretanto, subitamente lembrou-se das palavras de Vovó Maria Baiana sobre o plano Astral e, admirado, exclamou: - *Então estou morto! É isso, não?!* - e sua reação a esta constatação o surpreendeu sobremaneira - *Se a morte é esse estado de felicidade e paz em que me encontro, então ela é benéfica! A ignorância sobre esse estado é que nos faz temê-la!*

Um sorriso tranqüilo estampou-se no rosto do senhor: - *Não, Juan... Ainda não chegou a sua hora. Você não fez a sua passagem.*

- Como...? Mas então não compreendo... O que estou fazendo aqui? Não é este o plano dos que já morreram?!

- Sim... Dos espíritos desencarnados, irmão... A morte não existe! Continuamos vivendo aqui. Não se lembra do que Vovó Maria Baiana lhe ensinou?

Juan se surpreende: - *Como pode o senhor saber disso...?*

- Irmão... No Astral, tudo pode ser conhecido... Porém não é momento oportuno para esta explicação... Mais tarde talvez! Outras mais imediatas são necessárias. Assim, peço que procure se lembrar do que lhe aconteceu logo após o acidente.

Juan ficou pensativo até que todos os detalhes vieram à memória: - *Sim...* - exclama admirado - *Agora me lembro bem! A luz intensa... O túnel...Como se uma força estivesse me atraindo...Em seguida adormeci... Até agora!*

- E quando isso aconteceu...?Lembra ?

- Bem, acho que foi ontem. No início da noite....

Voltando a sorrir, o senhor esclarece: - *Não, irmão... Pelo tempo da Terra, está fazendo quase dois meses que está dormindo...*

- Dois meses...??? - assusta-se Juan - *Então posso estar vivo aqui, mas na Terra estou morto!*

- Não exatamente... Mas está em coma profundo, no hospital aonde trabalhava.

- Em coma???! - e ele se aflige - *E os meus pais, como estão...?! Oh, Deus... Que situação estranha, esta!*

- *Não só estranha como muito triste para aqueles que o amam...*

- *O senhor sabe como estão os meus pais...?* - angustiado, Juan volta a insistir. - *Se sabe, por favor, diga para mim...*

Compreendendo a aflição que está se apossando dele, o senhor coloca outra vez a mão sobre sua testa.

- *Bem, irmão... Vou atender ao seu pedido. Faça a prece novamente e permaneça de olhos fechados.*

Seguindo a orientação do senhor, ele vê no quadro de sua mente uma cena acontecendo no Hospital Santo Augusto.

- *Enfermera!...* Por favor, *venga* correndo!...*Venga mirar los ojos de mi* filho!!! - agitada, Dona Esperanza acenava com a mão, procurando chamar em voz baixa a encarregada da UTI.

Pressurosa esta se acerca da cama onde Juan se encontrava ligado aos aparelhos respiratórios: - O que foi...? Aconteceu algo de novo...?! - pergunta esperançosa.

- *Si...Si.... Gracias ao* bom *Diós,* ele abriu um *poquito los ojos!* - afirma alvoroçada a mãe de Juan, procurando se fazer entender no seu idioma mesclado de português.

A enfermeira passa suavemente a mão no rosto do paciente mas verifica que este continua imóvel: - Tem certeza, Dona Esperanza...? - não querendo magoá-la, pergunta com jeito atencioso - Não terá sido a sua inabalável fé que a fez enxergar assim...?

- *No!...* - insiste com determinação - *Tengo* certeza *de que yo he visto a mi* filho com *los ojos* abertos*!... No és imaginación mia!...Usted tiene que hablar* com *el* Doutor!

- Pode ficar tranqüila, Dona Esperanza, falarei com ele tão logo chegue para o exame da tarde - e abraçando-a com carinho avisa - Sinto muito, mas o tempo permitido para a senhora permanecer aqui, já terminou. Mas, não se preocupe, estarei atenta à qualquer reação do Dr. Juan.

- *Gracias,* filha... *Yo tengo* certeza de que *ha sido verdadero lo que vi...* Vou *en la* capela *hacer una* prece *a la Virgen de Caacupé* e *despúes*, vou *hablar pelo teléfono* com *mi esposo! Fernandez vá quedarse mui* feliz! - e examinando mais uma vez o rosto do filho, ela sai da UTI.

A visão se desfaz e Juan, emocionado, agradece ao irmão pela oportunidade de assistir ao que estava ocorrendo com seu corpo físico. Triste e preocupado, lamenta: - *Pobre da minha mãe! Como está sofrendo!...*- e sentindo-se confuso, pede uma explicação: - *Se o meu corpo está em coma profundo e meu espírito está aqui, como meus olhos se abriram?!*

- *É que o seu corpo físico está começando a ser preparado para a sua volta...*

- *E quando isso vai acontecer...?! Espero que seja logo para que minha mãe pare de sofrer!*

- *O seu retorno dependerá da sua resolução...*

- *Mas eu tenho que resolver o quê...?!*

- *O Mestre, que lhe orienta, falará com você... Nada pode acontecer independente da própria vontade de cada um... É a lei do Livre Arbítrio* - e, prosseguindo num tom suave, o senhor faz algumas observações à guisa de repreensão: - *Viu, irmão, o que a sua imprudência causou...? Quanta dor e aflição para sua mãe e aos demais que o amam..*

- *Mas eu estava fora de mim!...* - Juan tenta se desculpar - *A descoberta da minha doença e a rejeição imediata que ela causou em minha namorada... De que outra maneira eu poderia me sentir?!*

- *Se aceitasse a sua provação de acordo com os ensinamentos que Vovó Maria Baiana lhe mostrou, outra seria sua atitude.*

- E como eu agiria...?!

- Você terá que pensar sobre isso. É parte do seu aprendizado. Não sou eu quem pode lhe dizer... Porém...Posso lhe dar umas explicações que talvez o ajudem a compreender melhor a sua situação...

- Se há algo que possa me esclarecer, por favor, fale de uma vez! - interrompe Juan cheio de ansiedade.

- Como você viu, devido ao grande abalo que sofreu no acidente, seu corpo físico adormeceu em coma e está sendo tratado pela medicina da Terra, que tenta despertá-lo... O mesmo ocorreu com seu espírito e enquanto adormecido, foi tratado pela medicina espiritual até agora, quando finalmente acordou... Você se encontra em um hospital astralino. O Hospital Franciscano, que é atendido pelos irmãos médicos filiados à Corrente de Cura de São Francisco de Assis.

- Aqui é um hospital..? Jamais imaginei que existisse hospital no plano espiritual...?! Incrível!!!

- Não apenas um... Muitos, pois ainda são inúmeros os espíritos doentes, na faixa vibratória onde nos encontramos.

- Nunca pensei que os espíritos ficassem doentes! - exclama Juan extremamente admirado.

- Pois as doenças do corpo físico são decorrentes das doenças espirituais e estas, por sua vez, são os reflexos dos defeitos que precisamos corrigir, para podermos evoluir... Esses defeitos e os erros conseqüentes dos mesmos, ficam registrados em nosso períspírito...

- Períspírito...?! Esse eu desconheço... Por favor, me explique!

- Bem... Eu sei que Vovó Maria Baiana já lhe expôs o nascimento dos espíritos. Portanto, vamos partir desse ponto. Nós, espíritos eternos, ao chegarmos no plano Físico-Material, adotamos três corpos necessários para o aprendizado, nesta roda reencanatória, entre o Físico e o Astral. O primeiro é o corpo de matéria condensada, o físico, próprio para habitar o plano material. O segundo é o períspírito, um corpo sutil que se amolda a este como um invólucro, estabelecendo a ligação com o terceiro, que é o corpo espiritual, que habita o plano astral após o desencarne... E durante a experiência na Terra, esses nossos três corpos permanecem unidos, como um só, sendo visível apenas o carnal...

- Mas se vivemos várias experiências de vida, com sexo, raças e formas diversas, conforme me explicou Vovó, como e por quê se processam tais mudanças...?

- Todos os atos, certos ou errados, que cometemos no decorrer de uma experiência na Terra, vão sendo gravados no períspírito, cuja função é servir como indicador, ou melhor, como molde para a formação dos próximos corpos que iremos adotar em uma nova encarnação. Assim, de acordo com as necessidades de resgate cármico, nossos três corpos recebem a forma necessária ao aprendizado a ser cumprido nesta nova experiência terrena. E, ao término desta, após o desencarne, tendo sido desintegrado o corpo físico e o perispiritual cumprido a sua missão, nosso corpo espiritual permanece aqui, no plano Astral, utilizando a última forma adotada, até reencarnar novamente.

Juan fecha-se num silêncio meditativo. Paciente, o senhor fica aguardando que ele se pronuncie. Após hesitar um pouco, como se estivesse medindo as palavras, finalmente se expressa: - *Essa teoria que acabou de me explicar, apesar de difícil aceitação para mim, acho-a muito interessante... Contudo não entendo como eu, estando aqui no plano Astral onde tudo é conhecido por todos, por que desconheço tudo isso e me sinto incrédulo, cheio de dúvidas...?!*

- Muito simples, irmão... Quando o espírito encarna, recebe o véu do esquecimento... Ou seja, é vedado à sua consciência física tais conhecimentos e a escolha de seu aprendizado.

- Mas, por quê...?! - interrompe Juan muito admirado - *Não seria mais lógico se continuássemos nos recordando do plano Astral, de vidas passadas e de tudo o que nos aconteceu, anterior ao nosso nascimento físico?!*

- Aí não existiria aprendizado... O que nos favorece corrigirmos nossos defeitos, é exatamente não nos lembrarmos dos erros que cometemos em função deles. Como exemplo: Se fomos egoístas ou maus e o nosso egoísmo ou maldade prejudicou ou causou sofrimentos em alguém, para reparamos o que fizemos, escolhemos viver novamente uma encarnação com esta pessoa. De preferência em uma situação de convivência familiar, como pais e filhos, marido e mulher, irmãos ou demais parentes. Ou em outras relações tais como amizade, coleguismo, vizinhança... Dependendo do grau de necessidade do nosso resgate.

- Mas por que a preferência no seio de uma família...?

- Porque os laços familiares facilitam o aprendizado do amor. Em momentos de dificuldades ou sofrimentos com algum membro da família, somos levados a auxiliar a esse alguém. Sendo este a pessoa que prejudicamos no passado, estaremos no presente, através da dedicação e do afeto, desfazendo os erros anteriores. E a vítima de nossos erros, por sua vez, se sentirá amada e agradecida... Assim desfazemos, através do amor, o sofrimento que lhe causamos anteriormente.

- Compreendo... Se ambos tivessem lembranças do passado, dificilmente venceriam a animosidade, relacionando-se fraternalmente. Sim... Isso faz sentido... Contudo ainda não entendo, se estou agora nesse momento no Astral, por que não me recordo de meu passado e da vida aqui neste plano...?

- Porque ainda não desencarnou... Portanto continua com o véu do esquecimento. Está apenas sendo tratado espiritualmente. E faz parte desse tratamento, ser esclarecido em pontos que lhe ajudem a tomar a decisão que vai enfrentar...

- Sinto que tal decisão deve ser muito séria, o que me deixa deveras apreensivo...- e ainda cheio de dúvidas, Juan pede mais uma explicação - *Só mais uma coisa, Irmão... Sinto que estou abusando do seu tempo, mas, como médico terreno, gostaria que me falasse mais sobre as doenças... Todas elas, mesmo as mais corriqueiras, são produzidas por nossos erros?!*

- Sim... Veja bem, Juan... As simples, facilmente curáveis, que afetam o corpo físico, decorrem dos vírus ou das bactérias existentes na Terra, desenvolvidos pela poluição, descaso e depredação com que a humanidade atinge a Natureza... Apesar de simples, elas não são decorrentes dos erros humanos...?

- Não deixa de ter razão... O ser humano, nesses dois séculos passados, vem destruindo o meio ambiente com uma velocidade incrível!

- Quanto às difíceis, as incuráveis e as fatais, as quais denominamos "cármicas", são o resultado dos atos negativos que o ser humano realiza contra seus semelhantes. Assim como também os vícios que causam prejuízos a seu próprio corpo físico. As doenças cármicas atuam sob a Lei do Retorno... Portanto tais erros precisam ser absorvidos e dissolvidos nos corpos do espírito que infringiu a lei da Harmonia e do Amor. Dessa maneira, esse espírito antes de reencarnar, programa o corpo físico que irá adotar na nova experiência de vida e, baseado no períspírito marcado com os erros passados, imprime no novo corpo as deficiências, tendências ou doenças necessárias ao resgate cármico. Me fiz entender agora...?!

Cada vez mais surpreso e com a sua consciência médica despertada, Juan analisa: - *Sim...Mas esta é uma teoria simplista que, à luz da ciência e dos ensinamentos da medicina terrena, se torna difícil aceitá-la!... Entendo que sob o enfoque espiritual, os erros cometidos é que são os causadores das doenças, tanto espirituais, como físicas... Simples ou complicadas... É isso?!*

- *Exatamente, irmão...* - e, sorrindo este se levanta, avisando: - *Então, já que compreendeu o básico, chegou o momento de conhecer e falar com o seu Mestre. Ele o espera na Grande Sala. Vamos...?!*

Juan sai da cama ansioso por conhecer o Mestre e um pouco mais da vivência no plano Astral. Admirado, percebe que está vestido com uma comprida túnica azulada, ao estilo dos monges. Calçando as sandálias que se achavam colocadas ao pé da cama, sai do quarto acompanhando o senhor por um iluminado e largo corredor. Este, com muitas portas em ambos os lados, denunciava a existência de um grande número de quartos. E à semelhança da iluminação que havia no seu aposento, uma luz clara e ligeiramente lilás, não surgia de lâmpada alguma. Estava em toda parte.

Um largo portal terminava o corredor. Parando frente à este, o senhor anuncia: - *Pronto, irmão... Chegamos. Aqui encerro a minha incumbência. Agora é com o seu Mestre.*

- *Como... Não o verei mais...?!* - exclama surpreendido - *Sua companhia é tão agradável e estou aprendendo tanto consigo!*

- *Para mim também foi muito agradável esse nosso encontro, mas é chegado o momento da sua decisão. O prazo está findando.*

Juan olha inseguro para ele: - *Se tem que ser assim...Deve ser mais uma prova que terei de enfrentar! Estou certo ?!*

- *Sim, irmão. A decisão tem que ser sua! É hora de entrar. Adeus!*

- *Só mais um instante, irmão!* - pede com delicadeza - *Por favor... Não me disse o seu nome, nem qual a sua função neste hospital. É médico...? Fala tão bem o meu idioma... Viveu no Paraguai também...?! Poderia me esclarecer sobre isso, antes que de nos separarmos ?!*

Sorrindo, o senhor acata o pedido: - *Pois não, Juan... Não sou médico, sou um Mentor. O meu trabalho é receber e orientar os recém chegados que fizeram a passagem e aqueles que, como você, vêm aqui antes da hora cármica para um tratamento. Dentre estes, uns retornam, outros acabam por permanecer aqui mesmo. Quanto ao idioma, nós Mentores, nos comunicamos com os recém chegados na linguagem de origem de cada um....*

- *Interessante... E de grande auxílio para nós! Se não fossem os seus esclarecimentos, estaria me sentindo perdido!...Muito obrigado por tudo!* - porém, um tanto hesitante, Juan volta a insistir - *Mas... E o seu nome...? Não posso ficar sabendo ?!*

Olhando para este profundamente, o Mentor responde de uma maneira inesperada: - *Quando retornar ao seu corpo físico, pouco se lembrará do que viveu aqui... Apenas alguns lampejos serão projetados na sua mente física, mas, com certeza algo sobre o nosso encontro haverá de recordar..* - e com um sorriso um tanto misterioso, ele termina a conversa - *Quanto ao nome e a nacionalidade que adotei em minha última encarnação, deixo para que você descubra entre as fotos antigas guardadas com sua mãe...*

Sem dar tempo de Juan responder, o Mentor abre a porta, fazendo-o entrar no recinto.

Em caráter excepcional, o Dr.Maori hospedara Esperanza em um quarto ao lado da enfermagem, próximo a UTI.

Norma, sua esposa, havia oferecido hospedá-la na casa deles, mas a mãe de Juan, apesar de agradecida com o convite, tinha preferido ficar o mais perto possível do filho e, para tanto, havia escolhido uma pensão na vizinhança do hospital. Contudo, o casal não quis deixá-la sozinha com o enorme sofrimento pelo qual estava passando e assim, o Diretor Médico acomodou-a no hospital.

Forte na sua fé, Esperanza acredita na total recuperação do filho. Contudo os médicos não têm a mesma expectativa. Foi grave o traumatismo craniano e, além do mais, em função da longa permanência sob a chuva, enquanto aguardava atendimento na estrada, Juan sofreu uma pneumonia dupla. Esta, tendo custado muito a curar, enfraqueceu por demais seu organismo. Mesmo com tratamento intensivo, nenhuma melhora foi constatada e ele permanece em coma.

Apesar de estar estagiando há menos de um ano no Santo Augusto, Juan granjeou a simpatia do Corpo Médico e dos funcionários do hospital e o seu acidente causou grande comoção em todos eles. Até novena em prol da sua recuperação, alguns estão fazendo... Todavia, à medida que os dias passam, as esperanças vão diminuindo. Somente Esperanza continua acreditando na cura do filho, afirmando: *És* algo dentro de *mi* que me *hace* crer que *mi hijo se quedará* curado *de todo!"*

Por força dessas palavras, é que Lurdes, a enfermeira, passara a observar mais seguidamente seu paciente.

"Talvez ela tenha visto mesmo os olhos do Dr.Juan se mexerem... Mãe tem um sexto sentido mais apurado em relação aos filhos... Eu acredito nisso!"

E assim, todas as vezes em que verifica o funcionamento dos aparelhos, ela permanece mais tempo que o necessário à cabeceira da cama, observando atentamente o rosto de Juan. Tornou-se até uma rotina... Já se passara mais de uma semana que Esperanza julgara tê-lo visto piscar as pálpebras... Mas, até agora, nenhuma novidade ocorrera.

Os médicos especialistas, que estão fazendo o tratamento, acham que somente um milagre trará o jovem colega de volta à vida... Maori se condói de Esperanza e não encontra mais palavras de estímulo para lhe dizer. Mas esta continua forte, acreditando piamente no restabelecimento da saúde do filho. O tempo em que permanece ao seu lado, acaricia seu rosto, suas mãos e fala ao seu ouvido, estimulando-o a viver...

Juan entrou meio receoso na Grande Sala... E surpreendeu-se com a beleza simples e a harmonia do local. Uma grande paz se fazia sentir...

Era uma espaçosa sala de forma arredondada. Da abóbada, semelhante a um cone, surgia uma luz violácea que se projetava sobre um grande cristal de duas pontas, pendurado ao centro. De extrema pureza, este refletia a luz espargindo-a como em raios, ao seu redor e sobre o piso revestido por pedra opalina, onde não se viam emendas. Várias almofadas brancas estavam dispostas diretamente no chão, formando, em três fileiras, um semicírculo que quase se fechava em um pequeno tapete redondo. Sobre este, sentado com as pernas cruzadas na posição oriental, o Mestre, iluminado por uma aura azulada que envolvia seu corpo, esperava-o tranqüilamente. O rosto, de feições características da raça hindu, deixava transparecer uma harmonia interior. Suas vestes eram de fina seda, na cor marfim e brocada com fios dourados. Sobre o peito pendia um grande medalhão de ouro que cintilava sob a luz surgida da abóbada. E um turbante de seda dourada, a esconder os cabelos, ostentava junto à testa, um grande e rutilante rubi.

Vivamente impressionado, Juan fica olhando-o com admiração, sem saber o que dizer ou fazer.

Os lábios, semi ocultos pela sedosa barba bem aparada, se abriram num sorriso que transmitia uma paz envolvente. Mas nenhuma palavra brotou... O olhar profundo dos olhos escuros, de intenso brilho, penetrou na mente de Juan que, comovido, escutou em seu íntimo a voz tranqüila do Mestre.

- *"Senta à minha frente, Juan..."*

Obedecendo, acomodou-se na almofada fronteira ao Mestre, cruzando as pernas da mesma forma que este. E, apesar de desejar articular várias perguntas, permaneceu num silêncio respeitoso.

-*"Juan.... Não te acanhes... Mas não precisas perguntar-me o que desejas... Eu sei o que tu anseias saber e vou responder-te agora... Não era o momento de fazeres tua passagem... De acordo com o que determinaste realizar nesta encarnação, ainda existe um bom tempo pela frente... Entretanto, cometeste um ato de imprudência que poderá antecipar o teu retorno à espiritualidade! ..."*

Um pensamento rápido surge na mente de Juan :*"Então eu ainda posso morrer... Isso me confunde!"*

Seu pensamento é como uma pergunta para o Mestre que responde em seguida: *"Jamais deverias ter dirigido o carro naquele estado emocional tão abalado. Ainda mais sob chuva intensa, tão perigosa ao tráfego na estrada... Deverias primeiro ter acalmado o coração e com o equilíbrio emocional restabelecido, poderias enfrentar com tranqüilidade a tua prova. Arriscaste a integridade do teu corpo físico, que é de tua responsabilidade. Tens obrigação de preservá-lo, pois ele na verdade, não te pertence... Foi confiado a ti por empréstimo para ser utilizado nesta encarnação.*

"Mas como por empréstimo...?!" - pensa Juan atônito.

A resposta do Mestre surge de imediato em sua mente: *"Quando acontece a decomposição do corpo carnal, após o término da vida física-material, os átomos que compunham esse corpo retornam ao grande reservatório espiritual, para que novos corpos possam ser formados... É o ciclo da criação na matéria. A Vida, Juan, é Única. Tudo pertence ao Todo! Por isso o ser humano tem o dever de preservar o corpo físico que recebeu, para um determinado aprendizado, durante o tempo em que estiver utilizando-o."*

Juan se surpreende... O Mestre, olhando-o compreensivo, continua: *"Acresce ainda que com tua imprudência poderias também ter causado graves prejuízos a outras pessoas, caso colidisses com outro veículo... E a responsabilidade, do que quer que acontecesse aos teus semelhantes, seria exclusivamente tua... Estás avaliando agora o erro que cometeste...?"*

Apesar de encabulado, ao enxergar com clareza a irresponsabilidade de sua desastrosa atitude e cônscio do erro cometido, ele não consegue afastar as dúvidas que abalam seu raciocínio lógico, sobre o que está recebendo como aprendizado.

Com paciência o Mestre continua: *"Compreendo como te sentes e sei das dúvidas que assaltam tua mente neste momento... Há muito te acompanho... Porém tua consciência física não percebe a energia que irradio continuamente em teu íntimo. Quantas vezes, durante o sono que adormece teu corpo físico, teu espírito liberto vem a este plano Astral, para entrar em contato direto comigo...Como agora."*

Respeitosamente Juan o interpela mentalmente: - *"Mas por que não me lembro disso...?!"*

- *"Porque tua mente física está envolta pelo esquecimento necessário ao aprendizado na Terra. Precisas desenvolver a tua intuição no plano físico-material, para estabeleceres a ligação entre um plano e outro... Assim se processa a evolução..."*

Sentindo-se mais seguro, Juan prossegue: - *"O Mentor falou-me que devo retornar ao meu corpo físico. Que não é chegada ainda a hora de minha morte física... Mas... Antes de voltar preciso me decidir por algo que desconheço... O que pode ser...!?*

- *"Juan... Os teus erros passados quando viveste nos idos de 1601, já os resgataste... Iniciaste naquela mesma encarnação, através do amor e da doação, tal resgate. Deste continuidade a este, na encarnação posterior nos idos de 1760... Difícil e sofrida missão de estruturar uma nova vida, para os índios missioneiros sobreviventes do massacre às Missões Jesuíticas, na mata desconhecida por todos. Foi grande o esforço e o sofrimento...*

Posteriormente, por volta de 1890 pediste uma experiência como mulher desprotegida, para dissolver em teu próprio corpo, os maus tratos que deste às tuas companheiras guaranis...E entre uma encarnação e outra, trabalhaste muito aqui no Astral... E neste período, teu espírito desejou seguir além dos resgates... Auxiliar... Ajudar no despertar de outros irmãos! " - e espalmando as mãos em direção a Juan, o Mestre irradia uma forte energia sobre sua cabeça - *"Agora procure se lembrar o que determinaste como missão..."*

Uma onda energética percorreu todo o corpo de Juan... Uma luz amarela bem clara iluminou sua mente e, num relance, recordou um encontro com o Mestre... Presenciou o momento em que optou pelo caminho da medicina e, surpreso, constatou que a sua escolha também incluía adquirir uma séria doença... Mas da mesma forma rápida como surgiu a lembrança desse fato, o esquecimento tornou a envolver sua mente. Ansioso, quis saber o motivo de escolha tão traumática: *"Se eu resgatei meus crimes, por que sofrer tão terrível doença...?"*

- "Um médico que batalha contra um mesmo mal que atinge a seus pacientes, além de testar em si mesmo o tratamento adequado, leva a estes, com o seu exemplo, a esperança da cura e o fortalecimento do ânimo para que persistam no difícil e demorado tratamento... Sem contar que a luta tenaz e esperançosa na busca da saúde, propicia a compreensão da valorização da vida. Foi por isso que escolheste a Aids, doença ainda incurável, para auxiliar a muitos necessitados, em resgate cármico... Foi a escolha de um espírito que inicia novo aprendizado. O aprendizado da doação...Compreendeste agora o porque da tua escolha...?!

-"Sim... É um novo caminho a percorrer... Muito sofrido e difícil, porém, de grande aprendizado!.. Mas, e agora...? Que decisão tenho que tomar ?!"

- "Bem.... Não havia necessidade, de acordo com a tua escolha, de passares por um longo tratamento para recuperar o teu corpo físico das lesões que o acidente causou... Tua imprudência resultou num novo resgate... Causaste danos não somente a teu próprio corpo, mas causaste sofrimentos desnecessários naqueles que te amam... Responsabilidade tua... Mas... Como tens merecimento porque soubeste resgatar teus erros passados, tens uma nova oportunidade: Continuar com a escolha inicial, porém acrescida de um grande esforço e sofrimento para a tua recuperação, que causará um atraso no cumprimento da missão que escolheste. Assim como retardará a união com tua alma gêmea, que comunga dessa escolha, conforme ambos decidiram antes de encarnarem...."

Juan leva um susto. Não recordara nada sobre isso: *"Alma gêmea...? Como assim?!"*

- "Aquela que caminha contigo desde 1601... Isso tu irás descobrir no devido momento."

- "E a outra oportunidade...?! Nela se inclui também a minha alma gêmea...?"

- Sim... Os caminhos de vocês se fundiram em um só, desde que se tornaram almas gêmeas... Quanto a nova opção de escolha, é desencarnares neste momento. E, após uma curta preparação, voltar novamente para a Terra, tendo escolhido uma nova missão, diferente da atual, entretanto com a mesma energia de doação. Somente a partir dos teus 23 anos terrenos é que se apresentará a oportunidade de iniciá-la. E nascerás da carne de tua alma gêmea para seguirem caminhando juntos..."

Sentindo-se confuso com tais explicações, ele olha interrogativamente para o Mestre: *"E como ela vai saber disso?!"*

- "Antes que eu falasse contigo, chamei-a ao meu encontro... Pois nada pode ser resolvido sem a concordância e o desejo das almas envolvidas na situação...

- "E ela concordou...?” - deseja saber, cheio de ansiedade.

- "Sim... Seu desejo é continuar ao teu lado em qualquer decisão que tomares... Como já expliquei, ambos têm um mesmo caminho... Agora chegou o momento da tua escolha... E se a tua decisão for a primeira, tua consciência voltará a perder a memória...Tudo o que

aconteceu neste período ficará no esquecimento! Caso contrário, permanecerás aqui no Astral em tratamento e aprendizado até o novo reencarne!"

Lentamente as pálpebras de Juan piscaram. Aos poucos seus olhos foram se abrindo... Ele retornava à consciência. Olhando ao redor, reconheceu a sala da UTI. Mas não se lembrava do que lhe acontecera... Nem porque estava ali... Não conseguia se mexer. Tentou falar, mas nenhum som saiu de sua garganta.

"Meu Deus! Estou vivo!!!..." - tomando noção da sua imobilidade, se angustia - *Não... Sou um morto-vivo!!!"*

Neste momento Lurdes, preocupada com o que Esperanza lhe afirmara, se aproxima da cama e, vendo-o com os olhos abertos, exclama feliz: - Dr.Juan!... Está acordando! - e chegando bem junto a ele, pergunta - Está me ouvindo...?!

Ele não consegue articular nenhuma palavra, mas bem devagar move as pálpebras.

- Oh!... Graças ao Bom Deus!!! Vou chamar o Dr.Maori e o Dr. Ernesto!!! – e, empolgada, corre para o interfone. Em seguida pede para a auxiliar de enfermagem chamar a mãe de Juan.

Esperanza saiu do quarto quase correndo e chegou antes dos médicos à cabeceira da cama de Juan: - *Filho...Meu filho querido!!! Eu sabia... Eu tinha certeza de que tu retornarias à vida!...* - muito emocionada, com as lágrimas correndo pelo rosto ela beija repetidamente a testa do filho, enquanto acaricia sua face - *Rezei tanto para a Virgem!... Sabia que ela atenderia minhas preces!...*

Juan, fixando o olhar no rosto da mãe, tenta falar, porém de seus lábios rígidos sai apenas um rouco murmúrio. Tomado de angústia tenta se comunicar através do olhar já meio embaçado pelas lágrimas que brotam incontidas: *"Mãe... Mãe querida... Estou muito confuso... O que aconteceu comigo...?! Me ajuda, mãe!"*

Acompanhado do Dr. Ernesto o Diretor Médico entra neste momento na UTI. Ambos se acercam ligeiro de sua cama, enquanto Esperanza fala por entre lágrimas de alegria pelo despertar do filho e de preocupação com seu estado inerte: - Oh... *Gracias* por *tenerem venido tan* ligeiro!... *Mi hijo ha* retornado a *la vida, pero no habla ni se mueve... Pero tengo la certeza de que me comprende!... Lo que sucede...???*

- Dona Esperanza, suas preces foram atendidas... Juan está saindo do coma... Pode considerar um milagre! - e enlaçando-a pelos ombros, Maori procura acalmá-la com carinho - Não se preocupe... O Ernesto e eu vamos fazer uma avaliação do seu estado geral.

- *Pero* vai demorar *mucho* para que *mi hijo vuelva a hablar e caminar...?!*

- Isso não podemos dizer agora... Vão ser necessários vários exames... - desfazendo o abraço e condoído pela angústia que transborda do olhar materno, ele segura sua mão trêmula, procurando transmitir esperança e consolo - Continue rezando, Dona Esperanza... Suas preces são milagrosas! Faremos tudo o que for possível para que Juan retorne à vida por completo em curto tempo!

- *Si... Tienes razón,* Doutor Maori*!... Voy* continuar com *mis preces... Me voy ahora a la* capela orar *a la Virgen! Tengo* que agradecer por *mi hijo* ter despertado! E *muchas gracias a usted e a lo* Doutor Ernesto*!... Gracias por todo!*

E aproximando-se de Juan, beija mais uma vez seu rosto, falando ao ouvido: - *Meu amado... A Virgem de Caacupé vai te curar!...Sei que estás me ouvindo e entendes o que estou falando... Acredita que voltarás a ser o mesmo Juan de meu coração!*

Piscando os olhos, Juan sinaliza para ela que está compreendendo tudo.

Sob forte emoção Esperanza deixa os médicos examinando-o e se retira para a capela com a fé fortalecida e o coração cheio de gratidão a Virgem.

Neste momento inicia-se o difícil resgate de Juan pela imprudência cometida... Fora a escolha de sua alma.

- Meu amigo!... Tão logo soube que estavas acordando, vim o mais rápido possível! - fala Jurana com a voz toldada pela emoção, acariciando a mão de Juan - *Tu nem imaginas o quanto todos têm rezado por ti! Acho que o hospital inteiro!...* - sorrindo, continua falando com a certeza de que ele está escutando e compreendendo tudo o que lhe diz - *Tua mãe então, nem se fala! É incrível a fé que ela possui!...*

Juan pisca os olhos repetidas vezes, na tentativa de comunicar-se. *"Jurana querida... Que alegria desperta em mim a sua presença!!! "*- e num grande esforço tenta sorrir. Mas somente um ligeiro tremor surge no canto esquerdo de sua boca.

Atenta a qualquer possível manifestação, Jurana exclama feliz: - Juan!... Teus lábios se mexeram!!! Isso é um maravilhoso sinal de que o processo de recuperação está em andamento!!! - e num impulso beija suas faces.

"Minha querida amiga... O seu carinho reforça o meu desejo de retornar em breve à vida normal! Obrigado por ter vindo me ver!!!" - e fazendo o máximo de esforço ele procura se comunicar, entretanto, emite nada além de um som roufenho. Frustrado e terrivelmente angustiado, cai em uma prostração que o leva a adormecer.

Comovida, com os olhos cheios de lágrimas, Jurana afaga carinhosamente os cabelos de Juan. Aproximando os lábios de seu ouvido, deixa aflorar seus sentimentos, em palavras quase inaudíveis, contidos há muito tempo no fundo de seu coração: - *Querido... Eu te amo! Muito!!! Não importa o tempo que levar a tua recuperação, estarei ao teu lado o máximo que puder!*

Na verdade, Jurana não deixou de visitá-lo em nenhum fim de semana. Contrariando o desejo dos pais, que se aborreciam achando um exagero tantas visitas, todos os sábados à tarde ela seguia para Trilha das Palmeiras, retornando a Porto Alegre no ônibus de meio-dia de domingo.

Após um sem número de exames, os médicos constataram que Juan tinha oitenta por cento de possibilidade de cura em sua locomoção motora. Talvez com um longo tratamento de fisioterapia ele pudesse recuperar seus movimentos integralmente. Quanto ao funcionamento perfeito de seu cérebro, ainda era cedo para um diagnóstico correto. Continuava uma terrível incógnita se ele voltaria a ser o mesmo homem inteligente e capaz de antes...

Esperanza sempre confiante na recuperação total do filho, continuava orando fervorosamente. E tão logo ele pode sair da UTI, ficou ao seu lado em um quarto particular. Lentamente Juan começou a demonstrar alguma melhora... Com muita dificuldade conseguiu mover ligeiramente a cabeça sobre o travesseiro e pronunciar umas poucas palavras monossilábicas, contudo, inteligíveis. Em vista disso, os médicos agora esperançosos aceitavam a possibilidade de Juan retornar à vida plena.

Considerando tal probabilidade e vendo a dedicação e o carinho que Jurana dispensava a este, Maori resolveu ter uma conversa séria com ela. Ao cair da noite, convidou-a a sentar-se à sós com ele, na varanda de sua casa.

- Querida... Sabes o quanto gosto de ti... Por isso preciso tocar num assunto muito delicado...

Percebendo a seriedade de sua expressão, Jurana pressentiu algo de muito grave e um arrepio frio a fez estremecer: - É sobre o Juan, tio...?!

- Sim, minha querida... É evidente o quanto estás apaixonada por ele. Por isso...

Aflita, Jurana o interrompe: - Ele não tem chance de ficar perfeitamente curado... É isso ?!

Penalizado, olhando-a em seus olhos, ele hesita um pouco antes de responder: - Não, meu bem, não é isso... Muito pelo contrário. Apesar de necessitar um longo tratamento, acredito que ele se recupere totalmente desse acidente...

- Então é falta de recursos para realizar tal tratamento...?! Os pais não podem arcar com esta despesa ?! - corta apreensiva.

- Não, querida... Eles não são ricos, mas possuem boa situação financeira...

Tomada de tristeza, ela interrompe o tio novamente: - Entendi... Juan vai voltar para o Paraguai!... É claro que os pais desejam que ele se trate em Assunção junto deles... Já imaginava isso!

- Também não se trata disso, meu bem... Eles estão com a maior confiança no nosso tratamento. Tanto que o senhor Fernandez já alugou uma casa próxima ao hospital, para que Dona Esperanza permaneça aqui até que o filho se recupere completamente... O que eu preciso te dizer vai te magoar muito... - ele se cala por um instante, olhando-a penalizado, com enorme preocupação estampada no rosto.

O gélido arrepio, prenunciando sofrimento, novamente envolve Jurana. Ansiosa, olha para Maori interrogativamente. Como este demorasse em continuar o que dizia, ela se angustia: - Mas tio... Então o que está acontecendo de tão grave para te deixar com esta expressão de tamanha apreensão...?! - colocando a mão trêmula sobre o braço dele, pede aflita - Diga de uma vez, tio!... Se é algo ruim, prefiro saber logo!

Suspirando fundo, ele recomeça com tristeza: - Querida... Eu também me afeiçoei a Juan... E o que aconteceu com ele, me deixa muito triste...

Os verdes olhos de Jurana tornam-se maiores ainda pela ansiedade que está sentindo. Seu coração bate acelerado, mas permanece em silêncio, aguardando a notícia. Em seu íntimo, sem saber como nem porquê, ela já tem a certeza de que se trata de um grande sofrimento para ambos.

- Quando a pneumonia dupla, adquirida pelo longo tempo de permanência sob a chuva e o frio que fazia na noite do acidente, não cedia à medicação usual, mandei fazer um amplo exame de sangue... - Maori faz uma pausa, olhando-a com ternura enquanto segura firme as suas mãos - E constatei, com profunda tristeza, que Juan é portador de grave doença... Minha querida... Ele é soro positivo... Aids.

Uma dor aguda atinge o coração de Jurana, qual adaga afiada, fazendo-a estremecer. Lágrimas embaçam seu olhar e sua voz não é mais que um murmúrio: - Não!... Aids ??? Não pode ser!... Deve ter havido algum engano...

- Infelizmente não, minha querida... - e desejando confortá-la, ele a envolve num abraço.

Angustiada, ela preocupa-se também com a mãe de Juan: - E Dona Esperanza já sabe...?!

- Sim... Tão logo obtive o resultado dos exames, coloquei-a a par do real estado de saúde do filho. Era a minha obrigação... E foi por isso que ela e o marido resolveram deixar Juan aos nossos cuidados... Ficaram receosos de removê-lo para Assunção, com a saúde assim enfraquecida.

Jurana dá vazão à amargura que invade sua alma, deixando correr livre o pranto sentido, sofrido, que lhe sacode os ombros. Apoia a cabeça sobre o ombro do tio, como em busca de proteção...

Maori afaga carinhosamente os ruivos cabelos, que lhe trazem sempre à lembrança a figura de sua mãe. E é a ela, mentalmente, que recorre em busca de auxílio: "Mãe, me inspira como dizer o que se faz necessário... Não quero magoá-la mais do que ela se encontra..."

Gradualmente uma paz envolve a ambos. Jurana pára de soluçar e enxugando as lágrimas, olha para ele interrogativamente: - Não há mesmo uma chance de ter sido um engano...?

- Não, querida... E com a pneumonia, a doença se instalou... Ele deixou de ser apenas um portador do vírus. - e, relutante, finalmente diz o que achava necessário - Por isso, querida, não alimente mais seus sonhos com ele... O mais acertado é transformares teu sentimento de amor em mera amizade... E a distância física que os separam, facilitará essa transformação.

Jurana, surpresa, apruma o corpo e afirma decidida: - Em absoluto!... Agora mais do que nunca quero estar ao lado dele! Quero ajudá-lo a se recuperar!

- Mas, querida... Se ambos desenvolverem um amor mais profundo, virá o desejo de se casarem... E um casamento assim não será fácil!

- Tio... Muito me surpreende esse teu preconceito!... - e olhando-o com determinação ela afirma - De minha parte o amor já é profundo... Desde o primeiro momento em que me correspondi virtualmente com Juan, tive a sensação... não sei nem como explicar... de ser um reencontro de nós dois. Amo-o como se sempre o tivesse amado!...

Maori se surpreende, porém em seu íntimo, percebe que existe alguma razão no que ela diz. Entretanto sente-se obrigado a insistir à luz da lógica: - Teus pais, querida, dificilmente aceitarão de bom grado tal situação... E além do mais... Terás de abrir mão de conceberes filhos...

Jurana não deixa que ele continue, exclamando impetuosamente: - Tio... Que absurdo estás falando!... O que importa gerar filhos...?! O amor materno nada tem a ver com a concepção física!... Muito me admira tu falares assim... Pois o vô Daniel e o tio Pedro não são provas mais do que evidentes disso...?!

Maori sorri olhando-a com carinho: - Mas eu precisava ter certeza da sua maneira de pensar e agir sobre isso... Eu também tenho inexplicavelmente um carinho especial por Juan... E se realmente existe, o que eu acredito ser possível sob o prisma espiritualista, um amor antigo entre vocês dois mais forte que qualquer doença ou empecilho, não serei eu a criar obstáculos à sua concretização.

- Oh, tio... - e dessa vez ela sorri animada - Eu sempre senti uma grande afinidade a nos unir!... Eu sei que se o Juan nutre esse mesmo amor por mim, a minha luta será grande! Mas também sei que poderei contar sempre contigo!

E um demorado abraço confirmou o que sentiam, selando um velado compromisso.

Quase um ano se passou, de muita luta, persistência e sofrimento. A inquebrantável fé e dedicação de Esperanza, acrescidas do amor atuante de Jurana, ajudavam a acelerar o processo de cura de Juan.

Primeiro foi a fala que se restabeleceu integralmente... Em seguida a memória começou a retornar e, aos poucos, Juan foi tomando conhecimento do que lhe acontecera... Entretanto não se lembrou da sua doença e nem de Letícia. Ao recordar o acidente e o estado emocional em que se encontrava na ocasião, sua mente agoniada bloqueou o motivo que causara tal desequilíbrio... Aflito, imaginava apenas que algo de muito grave acontecera com ele, mas, por mais que se esforçasse nada vinha à sua lembrança. E isto o angustiava imensamente.

Maori achou então que era o momento de colocar Juan a par do real estado de sua saúde... Até então os médicos temiam que quando ele ficasse sabendo que era portador do vírus HIV, seu lado emocional sofresse um forte abalo que talvez ocasionasse um retrocesso na sua reabilitação... Contudo, era preciso que tomasse conhecimento do tratamento que estava sendo feito à sua revelia. Tal situação não poderia continuar indefinidamente...

Portanto, preocupado e um tanto inseguro, Maori chegou à casa de Juan determinado a esclarecer o que estava se passando com ele.

Dona Esperanza recebeu-o vibrante de alegria: - *Tengo una* excelente notícia para dar a *usted!* Ansiava por *su* visita!

- Por seu contentamento imagino que algo de novo sucedeu com seu filho... E já estou ansioso para saber!...

- E *yo* para *contarlo*!... - exclama esta se abrindo num sorriso de felicidade - Juan *ha dado sus primeros* passos com *lo* fisioterapeuta!!! Ernani *acabó* de sair de *acá ahora mismo!*

- Mas isso é esplêndido, Dona Esperanza!... Aonde está Juan...? Quero vê-lo imediatamente!!!

- *Si... Venga! El se encuentra frente a la televisión... Pero de tan emocionado solamente mira la TV sin* nada ver!... *El* está aflito para *hablar* com *usted!...* - e encaminha o dedicado amigo para uma saleta próxima à cozinha.

Juan realmente se encontrava sentado em sua cadeira de rodas defronte à televisão, porém com o olhar distante. Uma expressão de intensa felicidade iluminava seu rosto.

Maori sentiu um aperto no coração por ter que dar a ele a notícia da sua doença... E após uma conversa preliminar, alegre, sobre a boa nova dos primeiros passos, enchendo-se de coragem, ele dá início ao assunto que não poderia ser mais adiado.

- Amanhã Juan, vais conhecer a Dra. Clarissa, catedrática em infectologia da faculdade de Santa Maria. Ela chegou recentemente ao Santo Augusto para dirigir o setor de doenças infecto contagiosas. É quem vai assumir, nessa especialidade, o teu tratamento daqui para frente.

Ele se assusta: - Doenças infecto contagiosas...? *És eso* tipo de tratamento que *estoy* recebendo...? Por quê ?! - e repentinamente sente-se angustiado.

- Bem, Juan... - Maori fala pausadamente, buscando a maneira menos dolorosa de contar-lhe a verdade - Como sabes, tiveste uma gravíssima pneumonia dupla... Na ocasião, precisei fazer uma série de exames de sangue mais acurados...

Juan fica lívido e o interrompe abruptamente: - *No és* preciso *decir más* nada!... *Yo he* compreendido *lo* que está querendo me *decir!!!* - e com a voz embargada pela dor, balbucia: - É Aids, *no és...?!*

Maori, imensamente triste, concorda com um leve movimento de cabeça.

O desespero se estampa no rosto de Juan e ele empalidece, deixando tombar a cabeça sobre o peito em profunda prostração. Maori, preocupado, coloca a mão sobre seu ombro num gesto paternal e procura consolá-lo: - Mas Juan... Hoje em dia o tratamento favorece ... - porém não chega a completar, pois este num gesto repentino levanta a cabeça, com um olhar lúcido de quem finalmente encontra algo que há muito tempo procurava.

Felizmente, como às vezes acontece na vida, os traumas podem ser benéficos. Relembrar o momento em que descobrira ter contraído tão terrível doença, ocasionou um choque emocional tão grande em Juan, que provocou o retorno imediato de sua total memória.

E, angustiado, ele esclarece o que lhe acontecera: - Doutor Maori... *Recuerdo ahora mui bien de todo!...* Quando retornava para *acá,* estava desesperado e pensava qual seria *su reación* quando contasse a *usted* sobre esta *pérfida* doença!... - e com o olhar traduzindo o tormento que lhe ia na alma, continua com a voz embargada pelo medo - *Si yo* poderia continuar a clinicar... *Si usted* permitiria que *yo* permanecesse *acá en su* hospital...

Maori sorri e responde serenamente: - Juan... Fica tranqüilo... Eu tive muito tempo para meditar sobre a tua situação... Não precisas temer nada disso!.. Se tu recuperares completamente os movimentos... Se seguires religiosamente o tratamento adequado ao combate do HIV, tomando a medicação sem interrupção... Mesmo que sintas efeitos colaterais

desagradáveis... Não vejo nada que impeça o retorno às tuas atividades médicas. O Santo Augusto continua à tua espera.

Um grande alívio estampa-se na fisionomia de Juan. Com os olhos marejados de lágrimas, custa a responder de tão emocionado: - *Yo* sabia que *usted* era *mi* amigo... *Pero* vejo *ahora* que *és más que eso!... Usted és* como um *padre para mi!... Toda mi vida* será pouca para agradecer *todo lo que usted* está *haciendo por mi!*

- Ora, meu amigo... Tenho certeza de que tu farias o mesmo por mim... E além disso, apesar do pouco tempo em que estamos trabalhando juntos, já deu para perceber que a medicina está em seu sangue... És competente e poderás aprimorar teus conhecimentos cada vez mais... Como vou perder um profissional tão promissor ?!

Profundamente grato e comovido, Juan reage animado: - O conceito que *usted hace de mi,* será a mola que me impulsionará a *la reabilitazión total de mis movimientos!... Yo lo* prometo!!! - contudo, uma dúvida tolda o recente entusiasmo - *Pero los* pacientes aceitarão *un* médico aidético...?! Responda com *sinceridad!*

- Também analisei bastante sobre isso... Entretanto penso que se fizeres especialização em doenças infecto contagiosas, talvez seja o caminho mais adequado a seguir. Buscando a cura e o alívio para ti mesmo, poderás ser de grande auxílio com teu próprio exemplo, aos pacientes portadores do HIV. O que achas...?!

Juan olha surpreso para ele... Pois à medida que Maori falava, suas palavras soavam conhecidas... Era como se antecipadamente ele já as tivesse escutado... E, de roldão, vem à sua mente os fatos que aconteceram imediatamente após o acidente. A luz... O túnel... E um rápido relance do despertar no quarto do hospital astral e a presença do Mentor. Impressionado com esta recordação, em seguida faz um relato minucioso do que lhe acontecera.

Maori, após escutá-lo atentamente, fala convicto: - Tiveste, meu amigo, uma prova da continuidade da vida após a morte física!... - e, sentindo uma estranha força interior a intuí-lo, afirma: - E acho que a tua doença faz parte de uma missão!

- Que estranho, Doutor Maori... *Lo que usted* acaba de *mi decir,* era como *una reprodución de lo* que estava soando em *mi cabeza*! Parecia *venir* do fundo de *mi alma...* Como *és possible eso...?!* - pergunta espantado.

- Pode ser que eu tenha captado algo que estava sendo transmitido à tua mente!... Quem sabe se o que estávamos falando não é realmente o melhor caminho a ser seguido...?!

Intrigado, Juan fica pensativo com o olhar distante... Sentia como se houvesse outra pessoa, a seu lado, participando da conversa. Sente-se estremecer...

Maori levantando-se da poltrona, onde se achava sentado ao lado de Juan, prepara-se para sair. Porém este pede preocupado: - *Perdoname... Solamente una otra cosa...*- e, hesitante, faz a pergunta que está angustiando-o - *Mi madre* já sabe sobre *eso...?!*

- Sim... Não somente tua mãe, mas teu pai também. Como eu poderia esconder deles tal situação...? Tu estavas inconsciente e eu precisava colocá-los a par do que estava se passando contigo...

- E eles... Como *se quedaran...*?!

- Sofreram muito, mas têm esperanças no teu tratamento... Foi por isso que acharam melhor que tu permanecesses aqui. Mas entenda, Juan... Ficarás aqui até quando quiseres. Não tens a obrigação de te tratares comigo se não desejares...

- *Pero és lo* que *yo más* desejo... *Tengo la* máxima confiança em *usted!...*- exclama com firmeza e, fazendo uma pausa, em seguida interroga temeroso - E Jurana...?

Maori sorri tranqüilizando-o: - Ela está com tanta freqüência a teu lado, exatamente porque sabe. Deseja transmitir para ti a certeza que ela sente, em seu coração, de que tu irás vencer esta prova!...

Comovido, ele apenas balbucia, sentindo-se revigorado: - Querida... *Mui* querida amiga...

Batendo de leve no ombro de Juan, Maori se despede, indo ao encontro de Esperanza que, na cozinha, preparava o almoço.

- Dona Esperanza... Agora sou eu quem tem boas novas para lhe contar!

Surpresa, ela larga a vasilha que estava lavando, voltando-se para ele com esperançosa curiosidade luzindo em seu olhar: - *Lo que se pasó ahora...???*

- Juan recobrou totalmente a memória!... Ele está aguardando-a ansioso para lhe contar!

- Oh!... *Gracias a la Virgen!!!* - enxugando as mãos no avental, exclama jubilosa - *Yo* sabia que *la Virgem* atenderia a *mis preces!...* - e imensamente feliz, acompanha Maori até a porta. E tão logo este se retira, ela vai correndo ver o filho.

- *Que benção dos céus, meu querido!... Voltou à vida por completo!!!* - contudo, seu coração se aperta de dor, ao ver a imensa tristeza que tolda o olhar de Juan...- *Então já sabe, meu amor, o que aconteceu...?!*

- *Sim, minha mãe!... Sinto muito fazer você e o pai sofrerem por minha causa... E isso me deixa profundamente angustiado!*

- *Ora, meu filho!... O que se pode fazer contra o Destino ?!... Se Deus assim quer, tem os Seus motivos...* - e, abaixando-se, enlaça-o pelos ombros, deixando fluir todo o seu maternal amor - *Vamos à luta, meu amor!*

Levantando os braços, ele aperta com força as mãos de Esperanza, falando com a voz embargada: - *Que bom poder contar com você e o pai!...*

- *Não somente conosco, meu filho!... O Dr. Maori é como um dedicado irmão mais velho e a sua sobrinha tem sido incansável!*

- *Sim, mãe... Eu sei disso! Não são todos os portadores dessa doença que têm o apoio e o carinho que eu recebo! Alivia em muito a minha dor!* - entretanto uma sombra anuvia seu olhar e, à custo, deixa sair a pergunta que está angustiando sua alma - *Mãe... Em seguida ao desastre, a Letícia me procurou...?!*

- *Sim... A Lurdes me disse que essa moça que você estava namorando, telefonou para ela uns quinze dias depois. Queria saber onde você estava, porque seu telefone não respondia.... Foi aí que ela ficou sabendo do que lhe acontecera...*

- *E o que ela disse...?!*

- *Bem... Ficou muito chocada, triste e disse que sentia muito...Pediu que a Lurdes avisasse a ela, assim que você saísse do coma. Tinha uma notícia boa para lhe dar, mas não quis dizer o que era.*

Profundamente magoado, ele ainda perguntou esperançoso: - *Mas ela não veio me ver...?!*

- *Não, filho...* - percebendo a tristeza que ele está sentindo, acaricia seu rosto, tentando animá-lo - *Porém telefonou mais algumas vezes e tornou a pedir que avisasse a ela tão logo você se recuperasse...*

Amargurado, ele pergunta quase afirmando: - *Depois disso nunca mais deu notícias, não é isso...?!* - mas vendo a apreensão no olhar materno, fala tentando demonstrar indiferença - *Não se preocupe, mãe... Eu já esperava por essa atitude!... Mas é muito bom saber que ela tem uma boa notícia para me dar...*

- *Ela deixou o número do telefone...Queres que eu fale com ela...? Assim ficarás sabendo do que se trata!*

- *Não, mãe... Não é preciso! .Ela ficou de me comunicar o resultado dos seus exames... Se a notícia é boa, é porque está tudo bem... O que me deixa muitíssimo aliviado!...Quanto ao mais, não importa... No momento em que ela soube da minha doença, não*

quis mais me ver... - Mas isto é um absurdo! – exclama Esperanza indignada – *Além de demonstrar total falta de sensibilidade!*

- Ora, minha mãe... É uma rejeição muito comum na maioria das pessoas, à qual eu tenho que me habituar!... – e lembrando-se da amiga internauta, sorri comovido – *Nem todos são como a Jurana!...* – a seguir, manobrando a cadeira de rodas, dirige-se para o computador – *E por falar nela, vou ver se chegou mais um e-mail...*

Além das visitas, todos os dias esta lhe enviava e-mails transmitindo, com suas observações sempre alegres e inteligentes, uma força interior a animá-lo na luta pela recuperação da saúde, tanto física como emocional.

Vários meses se passaram... O tratamento com a Dra. Clarissa estava propiciando uma melhora no estado geral de Juan, mais rápido do que ela mesma esperava. Este acompanhava e estudava o próprio caso juntamente com sua médica. A fisioterapia acelerava a recuperação de seus movimentos, até que chegou o dia em que ele pode sair da cadeira de rodas. Muito emocionado, firmou os primeiros passos com o auxílio das muletas. A comoção de todos que o estimavam, foi geral.

Durante todo esse período, Juan passara a ler sobre a teoria espiritualista, absorvendo muitos conhecimentos. E assim, liberto da cadeira de rodas, resolveu freqüentar a Casa do Amor Cósmico, sempre acompanhado de Maori e Jurana. Esta, com a leitura do diário espanhol e com os acontecimentos surgidos, resolveu se aprofundar nos ensinamentos esotéricos. Vovó Maria Bahiana com carinho auxiliava a ambos no despertar de suas consciências cósmicas.

Com a freqüência constante de Jurana a seu lado, Juan foi desenvolvendo um amor fraterno por ela. Quando os estudos da faculdade impediam sua visita semanal, ele era tomado por um sentimento de frustração. Nem a companhia ainda presente de sua mãe, amenizava o vazio interior que a ausência dela lhe causava.

Esperanza, preocupada, percebia o quanto o filho estava se apaixonando, sem sentir, pela jovem e o quanto a presença desta era importante para o seu equilíbrio emocional. Tinha medo de que ele sofresse uma grande decepção... Pois, apesar do amor flagrante de Jurana, esta sofria uma forte pressão por parte dos pais, que não viam com bons olhos tal namoro. Compreendendo a atitude destes, temerosos de que a filha pudesse se contaminar, caso o namoro se transformasse em uma união, Esperanza sofria duplamente. Gostava da jovem e era profundamente grata a esta por tudo o que ela fazia pelo filho. Não desejava que o abandonasse, mas, ao mesmo tempo temia, como seus pais, por sua integridade física. Assim, sob tal sofrimento, rezava fervorosamente para que surgisse uma cura milagrosa para o filho.

Juan, não tendo podido voltar ainda ao seu trabalho profissional, ficara sem proventos. Para fazer frente às despesas com sua permanência em Trilha das Palmeiras e com a dispendiosa medicação necessária ao combate de sua doença, ele vendera o automóvel. Não queria que o pai fosse sacrificado em suas economias, mais do que já fora. Contudo, o dinheiro obtido com a venda estava começando a findar. Preocupado, expôs a situação para a mãe.

- Mãe, penso que é hora de retornarmos a Assunção.

- Mas filho... O tratamento com a Dra.Clarissa pode ser interrompido...?!

- Esse tratamento, mãe, será por toda a vida que eu vier a ter...E posso continuá-lo à distância... Não pretendo mudar de orientação. Ela é uma médica notável, muitíssimo competente!

- Então por que este repentino desejo de mudança...?!

- Ocorre que o dinheiro está acabando e eu ainda não me encontro pronto para voltar ao trabalho. Preciso fazer um curso de especialização em doenças infecto contagiosas,

em São Paulo, para começar a clinicar nesta área, conforme combinei com a Dra. Clarissa. Sinto que este é o meu caminho.

- Sendo assim, meu filho, é melhor mesmo voltarmos para casa... Eu também preciso retomar a vida normal com o seu pai, agora que você está bem, com sua doença sob controle e podendo se locomover. Entretanto...Seu pai e eu gostaríamos que pudesse permanecer aqui por mais algum tempo, apesar do enorme desejo de tê-lo ao nosso lado. É que nos sentimos mais seguros com o tratamento que você tem recebido. Sabe...De acordo com o ditado popular, "Em time que está ganhando, não se mexe". Mas, já que não pode ser assim...

- Eu sei que seria melhor permanecer um pouco mais... Também gostaria! Porém, financeiramente é impossível no momento. Preciso arranjar os meios para fazer o curso em São Paulo.

- E como pretende conseguir isso...?!

- Vou tentar uma bolsa ou algo semelhante junto ao nosso Ministério da Saúde. Uma vez que pretendo com essa especialização trabalhar em nosso país no combate a Aids.

Esperanza olha orgulhosa para o filho e sorrindo fala num tom misterioso: - *Aprecio o seu empenho, querido, mas... Existe um outro meio mais fácil!*

-Mais fácil...? – surpreende-se Juan - *O que pode ser mais fácil?!*

-Leiloar o "liuro kue"!!!

-Mãe... O que está tramando que eu não sei...?

Rindo, ela explica: - *Lembra que eu lhe disse, quando retornei para Assunção antes do seu acidente, que iria me informar dessa possibilidade...?*

- Sim... Agora eu me lembro... Havia me esquecido disso.

- Pois bem... Pouco depois de minha chegada fui em busca dessa informação. E levei um susto! O diário espanhol pode alcançar um bom dinheiro em um leilão de antiguidades! O velho índio, meu filho, deixou para você uma excelente herança! Mas com o seu acidente, não tive oportunidade de lhe contar isto e diante de todo o seu sofrimento, acabei por me esquecer desse assunto.

- *Inacreditável!!!* – exclama Juan empolgado com tal possibilidade – *E eu que me encontrava esquecido dele e do velho índio!...*- seu pensamento se perde em lembranças e, com a voz tomada de emoção, expressa o sentimento de carinho e gratidão que brota do fundo de seu coração – *Querido amigo Guarabira! Você vai me proporcionar a realização de meus projetos de vida ativa!!! Muito obrigado! Espero que o meu pensamento lhe alcance onde estiver! Mil vezes obrigado!!!*

Feliz com a alegria do filho, Esperanza o incentiva: - *É isso, meu querido... Você vai retomar sua vida ativa! Vai poder exercer novamente a profissão que escolheu, sob a proteção da Virgem de Caacupé!*

- Mãe... Por mais que eu tenha apego ao "liuro kue", sinto que sua venda é a salvação para o novo caminho que pretendo tomar nesta vida! E por falar nele, onde está guardado...?

- Desde o dia que o Dr.Maori o deixou sob a minha guarda, em seguida ao seu acidente, que o escondi entre meus pertences pessoais qual uma jóia, consciente de seu valor. Vou buscá-lo.

Após um longo telefonema para Jurana, no qual contou as últimas novidades, Juan foi se deitar cedo. Porém, ter novamente em suas mãos o velho diário de Rodrigo e a perspectiva de se desfazer dele, deixara-o excitado e insone.

Por todos os longos e sofridos meses de luta por sua recuperação, perdera o interesse por ele. Deixara-o esquecido... Tomara conhecimento apenas que lhe fora devolvido por Maori. Mas, agora, queria apreciar um pouco mais aquela relíquia...

"Ainda bem que posso guardá-lo em xerox... Assim não o perderei de todo... Que estranho... Minha vida mudou completamente desde o momento em que o recebi..."

E, cuidadosamente, foi folheando as velhas páginas, pela noite adentro.

Chegando aos retratos, seu olhar se aprofunda nos olhos do artista. *"Que belo desenho!... Seus olhos parecem vivos... Quão talentoso você foi um dia, Rodrigo... E, afinal, o seu talento não foi desperdiçado, pois suas esculturas devem estar preservadas em mosteiros ou igrejas, espalhadas pela Europa!..."*

Uma fugaz vertigem embaça o olhar de Juan... Sentindo o coração começando a bater mais forte, ele espalma a mão sobre o rosto de Rodrigo... Uma estranha sonolência o envolve... Aos poucos, como trazidas pelo tempo, palavras soltas, transmitidas por uma voz suave, invadem sua mente: *"Os teus erros passados... idos de 1601... já os resgataste... 1760... estruturar uma nova vida... seguir além dos resgates... auxiliar... ajudar... tua escolha... um novo caminho a percorrer..."*

Repentinamente, assim como veio, essa estranha sensação desaparece e Juan retoma o equilíbrio emocional. E, num impulso, procura a última data registrada no livro. A primeira sabia perfeitamente que se referia a Rodrigo de Almadén e Castela. Porém, a última, 1760 não havia registro algum sobre ela.

"Mas, então por que esta data de 1760...? Bem... A não ser que seja correlata com a reestruturação da nova vida, na mata virgem, realizada pelos guaranis sobreviventes ao massacre... Sendo assim, essa data se refere a Juracy!... Então está ligada ao sonho que eu tive!!!"

Ainda meio confuso, relutante, ele acaba por aceitar o que já desconfiava em seu íntimo: *"Acho que é uma confirmação! Fui Rodrigo e Juracy... Meu Deus!... Parece loucura... Mas tem uma certa lógica!... Por isso o diário veio às minhas mãos!...Virgem Santa... Fui eu, num passado remoto, quem o escreveu!!! Meu Deus... Meu Deus! Se isso é real, é espantoso eu recuperá-lo agora!...Precisamente no momento em que eu mais necessito de auxílio para iniciar um novo caminho!..."*

Aturdido, ele fecha os olhos em busca de um equilíbrio. Aos poucos uma paz começa a envolvê-lo... Uma luz violeta preenche sua mente e Juan sente como se esta se expandisse a um plano infinito, onde o passado, o presente e o futuro se fundem num só momento. Tomado de uma extrema felicidade, agradece a Vida:

"Pai... Finalmente eu compreendo... Sou parte integrante dessa Vida Única que permeia todo Espaço... Sou parte da Energia Criadora e preciso evoluir para assumir o meu lugar. Obrigado por eu existir!" – e sob tal emoção, ele cai num sono profundo.

A viagem aérea transcorria tranqüila. Tempo claro, céu azul. Esperanza adormecera em seguida ao serviço de bordo. Ainda tentara conversar um pouco assim que terminara seu lanche, mas o atropelo dos últimos dias com a mudança do filho, deixara-a cansada, sonolenta. Ao contrário de Juan que, de tão excitado com a perspectiva de realizar sua nova meta de vida, passara quase toda a noite desperto. Mas não sentia cansaço algum... Olhava a beleza da paisagem se distanciando muito abaixo do avião, enquanto seu pensamento também voava imaginando o quanto ainda poderia realizar na vida.

Ao chegar no aeroporto de São Paulo, escala para a troca de aeronave com destino a Assunção, emocionou-se com a possibilidade de retornar ali, não de passagem, mas sim para realizar o curso de doenças infecto-contagiosas. Pensando assim, sentado ao lado de Esperanza

na sala de trânsito, enquanto aguardam a chamada para o próximo vôo, ele deixa transparecer seus anseios.

- Mãe... Eu quero muito, muito mesmo, vir para São Paulo! Espero que eu consiga realizar o curso de especialização o mais rápido possível!...

- Vai conseguir, meu filho... Tenho certeza de que a Virgem continuará ajudando a você...Tenha fé!!! – e sorrindo, ela o encoraja afirmando – *Já estou me vendo em visita a você, andando alegre pelas ruas desta cidade, que deve ser imensa e cheia de novidades para mim!*

Com o sorriso voltando a iluminar suas feições, ele enlaça com carinho os ombros da mãe, exclamando: - *Esperanza, Esperanza... Realmente você é a própria esperança! O seu incrível otimismo sempre me anima!*

Mais tarde, sobrevoando a imponente cidade paulista, seu pensamento foi quase uma prece: *"Oh, Jesus... Tomara que eu consiga vender imediatamente o "liuro kue"! Voltar a clinicar... Ajudar a mim mesmo e a outros tantos que estão num calvário similar ao meu... É tudo o que eu mais desejo no momento!"*

Todavia, tomado de uma incerteza aflitiva a oprimir seu coração e não querendo que a mãe percebesse sua insegurança, procura lenitivo recordando os conselhos de Vovó Maria Bahiana. A dúvida, entretanto, assalta-o novamente: *"Apesar da Vovó me alertar que estou consumindo muita energia com esta terrível ansiedade em querer resolver tudo de imediato, não consigo pensar noutra coisa!... Ainda não entendi bem o processo da "entrega a Deus"... Como deixar por conta Dele, aquilo que cabe a nós mesmos resolver aqui no mundo material...?!*

Jurana também acha que estou ansioso por demais... Que tudo está correndo bem, que eu vou alcançar o que desejo... Será que ela fala assim somente para me animar, ou realmente acredita nisso...? Ou será o amor que sente por mim que a leva a pensar assim...?

A lembrança da despedida no aeroporto vem com a força da saudade à sua mente. Na véspera, Juan fora até a casa dela para se despedir também de seus pais. Estes o trataram polidamente como sempre. Contudo deu para perceber, no olhar de ambos, o alívio que sentiam com a sua ida para São Paulo e, posteriormente de acordo com seus planos, o retorno definitivo ao Paraguai.

Juan pedira que ela não fosse ao aeroporto. Não queria que ela se indispusesse com os pais por sua causa, entretanto Jurana surgiu pouco antes do embarque. Afogueada pela pressa e com os olhos marejados de lágrimas abraçou-se a ele.

Percebendo o amor que transbordava de seus grandes olhos verdes e o tremor dos lábios denunciando o desejo de beijá-lo, Juan a custo se contém. Refreando o igual anseio de tomá-la em seus braços, confessar seus verdadeiros sentimentos e trocar com ela um beijo de amor, limita-se a beijá-la fraternalmente em ambas as faces. Todavia, sentindo a decepção que essa atitude lhe causara, compromete-se a continuar se correspondendo através do computador, colocando-a a par dos novos acontecimentos.

Tal lembrança aumenta sua angústia... Olhando para o céu infinitamente azul, sobrevoando um extenso colchão de nuvens brancas como a neve, Juan analisa suas emoções:*"Oh, querida Jurana, eu sofro muito com isso!... Mas não tenho o direito de alimentar suas ilusões!... Não sei como poderei resolver essa nossa situação sem magoá-la profundamente!"*

Esta relação mais que amistosa, entre ambos, preocupa-o demais. Aos olhos da família é vista como namoro. Mas, prudentemente, ele sempre procurou demonstrar que é apenas uma grande amizade o que existe entre eles dois. Sempre fingiu não perceber o amor que ela deixa transparecer... Contudo, a cada dia, a amizade fraterna que ele sentira inicialmente, foi se transformando num amor profundo, tecendo fortes amarras em seu coração... Tenta, então, evitar situações que tragam à tona o seu real sentimento. Não deseja que Jurana perceba o que ele está

sentindo... Quer que ela continue pensando que, para ele, será sempre a querida amiga fraternal, por mais que isso o faça sofrer...

“Não posso permitir que ela perceba o amor que vem surgindo do mais profundo do meu ser, com tal força, como se eu o tivesse mantido adormecido ali por muito tempo... Eu mesmo nem sei como explicar o que sinto...”

Com a mente atormentada por esse turbilhão de emoções, a angústia se avoluma de uma forma contundente: *“Oh, meu Deus!... O que poderei oferecer a ela em uma vida a dois...? A minha saúde danificada... O receio do contágio... A dura batalha em busca de minha sobrevivência... A impossibilidade de gerar filhos... Ainda por cima, um homem claudicante?! Meu Deus, apenas o meu amor... Não é justo! Tenho que colocar um ponto final em nosso relacionamento!”*

Juan é retirado de tais pensamentos angustiantes pelo comunicado do comandante da aeronave, avisando que estavam se aproximando de Assunção.

... Tempo encoberto, porém com boa visibilidade... Vamos adentrar neste momento no colchão de nuvens, abaixo da aeronave, o que ocasionará alguma turbulência...

E o balanço causado por esta, o afasta momentaneamente de suas preocupações, trazendo de volta a ânsia de retornar ao rincão natal.

A visão de sua querida Assunção, surgindo ao longe apesar do tempo nublado, é um alento a seu espírito conturbado, deixando-o novamente envolto na benéfica perspectiva de um novo caminho à sua frente... Seu olhar se perde pela extensa planície que acolhe a cidade, tão distante do aeroporto... Memoriza o imponente Palácio do Governo... A Catedral... A Casa da Independência... Outros tantos lugares belos de seu chão natal... A parte humilde da cidade... O caminhar nas ruas movimentadas pelo comércio ativo... Lado-a-lado com o amado povo paraguaio... E o pouso suave do avião rolando na pista, é como um bálsamo a aliviar a dor em seu coração.

- *Mãe, retornar à nossa pátria, faz-me crer que estou renascendo para uma nova vida!* – fala sorridente para Esperanza que, com os solavancos ocorridos durante a turbulência, permanecera tensa até a parada da aeronave - *Não vejo a hora de abraçar o pai!... Tenho certeza de que ele está nos esperando no desembarque.*

- *Disso não tenho a menor dúvida! Estou louca de saudades dele!* – afirma esta, levantando-se ligeiro do assento e, enquanto espera ansiosa o desembarque dos passageiros à sua frente, murmura para o filho – *Não gostei nada do final dessa viagem!...Temi que o avião fosse cair!*

Juan não contém uma risada: - *Dona Esperanza... A senhora com medo? Difícil acreditar!*

O leilão de antiguidades foi um sucesso e o alto preço que o diário espanhol alcançou surpreendeu a todos. Empolgado com o fato, Juan, durante o jantar, não parou de comentar com os pais sobre o assunto em seus mínimos detalhes, tecendo planos para o futuro.

Após o término da refeição, pai e filho resolvem sair para a varanda a fim de aproveitarem a cálida noite primaveril. Uma brisa morna agitando levemente a ramagem da “dama da noite” faz com que esta exale seu suave aroma, deixando perfumada a atmosfera. Uma paz está presente no ar... Na rua tranqüila, meio adormecida, poucos pedestres transitam e apenas um ou outro carro passa, sem que seja quebrado o encanto e a serenidade do bairro estritamente residencial.

Confortavelmente instalados nas cadeiras preguiçosas, ambos apreciam o pouco do céu estrelado que se deixa entrever pelas copas das generosas árvores que rodeiam a casa.

- Pai... Olhando essas estrelas pontilhando esse manto que se estende ao infinito, me ponho a imaginar por onde andará o velho Guarabira... Tenho esperança de que ele esteja vendo a volta que a minha vida deu, desde que me deixou de herança o "liuro kue"...

- Com certeza, meu filho, da morada celeste em que está habitando, ele deve estar observando a tudo e sentindo-se feliz...

- Tomara que sim!... Eu tenho enviado ao espaço sideral, quais e-mails mentais, uma centena de agradecimentos por ele ter preservado esse diário... Quanto mais eu penso, mais me admiro com o que está me acontecendo!... Pensar que há uma semana atrás eu não tinha nem um "cent" e agora estou com cinqüenta e dois mil dólares, é realmente espantoso!!!... Jamais poderia imaginar que o velho Guarabira, em seu último alento, estava me deixando essa pequena fortuna!

- A vida é assim, meu filho!... Cheia de surpresas. O inesperado está sempre presente em nosso caminho - retruca Fernandez satisfeito com a alegria do filho - *Somente precisamos estar atentos aos sinais que nos são mostrados continuamente... Quando acreditamos que existe uma Força Maior a nos conduzir, deixamos de ser ansiosos e nos tornamos mais observadores dos acontecimentos do dia-a-dia.*

Juan surpreende-se com tal observação do pai: - *Nunca me falou desse jeito... Essa sua maneira de encarar a vida é nova para mim!...*

Sorrindo, este responde complacente: - *Não, meu filho... Sempre pensei assim. Você é que na imaturidade da adolescência não absorvia totalmente o que eu dizia.*

- É... Acho que tem razão... Sempre o admirei muito pelo seu bom humor e compreensão para com todos à sua volta, mas nunca me detive a analisar o "porquê" desse seu temperamento tão calmo. - e olhando com maior profundidade para o pai, pergunta curioso – *E a reencarnação, acredita nela...?!*

- Sim... Penso que é a maneira mais clara e objetiva de se encarar a vida.

- Mas, pai... Como você nunca me falou sobre isso...?!

- Porque entender a vida sob um prisma novo, e não ainda comprovado pela ciência, é difícil dentro dos conceitos limitados que sempre nos foram ensinados, tanto pelas religiões, como pelo meio científico. Acreditar na reencarnação e numa expansão maior de vida cósmica é um despertar da nossa própria consciência... E isto não pode ser ensinado... Acontece à medida que vamos aprendendo a viver observando a nós mesmos e a vida ao nosso redor.

- Estou realmente muito impressionado, pai... Nunca imaginei que você tivesse esse enfoque espiritualista sobre a vida!... A mãe é tão católica!... Então era por pensar assim que você nunca ia à igreja, nem me forçava a ir com ela...?!

- Exatamente, Juan... A escalada espiritual, conforme já disse, não pode ser forçada... Tem que partir do próprio desejo de se querer conhecer e alcançar sempre algo novo e maior.

- E quanto à mãe...?

- Respeito sua maneira de ser... Ela encontra na igreja católica o lugar em que se sente bem... Aliás, isto serve para todos... Cada um de nós deve permanecer no ponto de vista em que encontra sintonia, até almejar algo além.

- E quanto a mim...?

- Sempre procurei demonstrar a você o melhor modo de se posicionar frente à vida, através de exemplos... Não se recorda que sempre o aconselhei a procurar vencer o egoísmo, a faceta mais forte da nossa personalidade humana...? Praticando o respeito, a moral, a ética, a bondade, o desprendimento... Enfim, os demais atributos básicos necessários à nossa evolução...?

- É bem verdade... Sempre me alertou para isso e sempre vi você tomando atitudes corretas!

- Sempre procurei tomá-las, meu filho... Mas nem sempre consegui o meu intento, pois ainda não consegui me corrigir o quanto gostaria... Afinal, o plano aonde nos encontramos, é o plano dos seres imperfeitos... Considero a Terra, Juan, um reformatório... E dele só poderemos sair, depois que nos transformarmos para melhor!

Admirado com a descoberta da espiritualidade do pai, baseada em conceitos que somente agora estavam sendo descortinados para ele, Juan permanece meditativo, olhando as estrelas refulgindo soberanas, na infinita escuridão do céu noturno.

Fernandez, silenciosamente, respeita o momento de introspecção do filho, até que este, após alguns minutos, quebra o silêncio.

- Pai... Estes meses todos que modificaram tão profundamente a minha vida, transformando minhas expectativas, deram-me uma nova visão sobre a nossa passagem pela Terra. Fizeram-me aprender bastante...Hoje eu percebo coisas que antes eram invisíveis para mim... - fazendo mais uma pausa, ele olha de frente para o pai - *E o mais incrível é que, apesar das angústias e frustrações que ainda me acometem com freqüência, sinto que uma grande mudança está se operando em meu íntimo! Como se outra pessoa estivesse surgindo dentro de mim! Isso é compreensível...?!*

Colocando a mão sobre o ombro do filho, Fernandez se expressa convicto e amorosamente: *- Perfeitamente compreensível!... Juan, o seu sofrimento está fazendo você amadurecer com rapidez... Sua mente está se expandindo a um plano mais evoluído... E apesar de eu estar sofrendo muito, como pai, por sua dolorosa prova, agradeço ao Mestre de Luz que lhe orienta, pelo despertar da sua consciência cósmica!...*

Correspondendo ao afetuoso gesto paterno, Juan coloca a mão sobre a dele, pressionando-a com carinho: *- Pai... Enquanto eu viver, jamais esquecerei esta noite. Suas palavras tocaram fundo o meu coração e a minha mente... Transmitiram a segurança que eu necessitava...*

- E o que lhe deixava inseguro, filho...?

- Não ter certeza se a minha busca espiritual estava no caminho certo!... Agora vejo que sim! E, finalmente, compreendi o que é a "entrega a Deus"!

- De que forma...?

- Se acreditarmos, como você disse, que uma Força Maior nos conduz, nos acalmamos perante as dificuldades e assim, mais tranqüilos, conseguimos perceber o melhor caminho a tomar. Não é ficar inativo aguardando um milagre, mas sim, batalharmos atentos a tudo o que se nos apresenta, para tomarmos a melhor decisão.

- Este é o modo mais sábio, Juan... Pelo menos é assim, meu filho, que eu acredito!

E uma profunda afinidade entre pai e filho se estabelece, reforçando os laços de amor que une a ambos.

A chamada do vôo para São Paulo ecoava por todo o aeroporto. Juan se despede pela última vez, em abraços e beijos trocados com os pais. Chorosa, Esperanza deixa escapar o seu receio, murmurando ao ouvido do filho: *- Se cuida, meu filho!... Não relaxa o tratamento, tá?! E você não vai ficar por lá, não é mesmo, querido...?!*

- Mãe... - ele retruca um tanto irritado - *É claro que eu vou me cuidar... Afinal seu filho é médico, está se esquecendo disso...?! E quantas vezes preciso lhe dizer, para que você acredite, que a minha intenção é de retornar tão logo eu esteja pronto para exercer minha clínica em Assunção...?!* – entretanto, em seguida, arrependido pela súbita impaciência beija-a mais uma vez afirmando carinhosamente – *Deixe de tolice, Dona Esperanza... Enxugue essas lágrimas bobas!... Assim não estou lhe reconhecendo!... Aonde está a Esperanza otimista e segura de si...?!*

- *Juan tem razão, querida...Vem cá...* - fala Fernandez acercando-se dela – *Vamos enxugar essas lágrimas!...* – abraçando-a, retira o lenço do bolso passando-o sobre seus olhos – *Graças a Deus nosso filho está bem e o curso será ótimo para ele!*

- *Correto pai!... - e* piscando os olhos para este, num gesto de cumplicidade, comenta *– O curso é um "daqueles sinais"!*

Nesse instante a última chamada se faz ouvir e Juan se encaminha para a sala de embarque após afirmar sorridente: - *Vocês bem sabem que este é o meu lugar... Não foi por acaso que nasci aqui! E vou voltar o mais cedo que puder!*

O táxi seguia rápido pela estrada que liga o aeroporto de Guarulhos à cidade de São Paulo. Percebendo que era a primeira vez que seu passageiro a visitava, o motorista posicionou-se como guia turístico e foi indicando os principais pontos do trajeto. Quando finalmente entrou na capital, Juan impressionado com o tráfego intenso e a pujança da maior cidade brasileira, achou que esta excedia às suas expectativas.

- *És* verdade *lo que me* falaram... Parece *mismo* que estamos *en el primero* mundo!... - comenta, no seu "portunhol", realmente admirado – *No la* imaginei *tan* grande e populosa...

E seu pensamento divaga ansioso: *"Como será o hospital que me espera...?! Pelo que a Clarissa me informou, é o melhor que existe na América Latina para o tratamento da Aids... Oh, meu Deus... Parece um sonho!...Há pouco mais de um ano atrás, eu não podia sequer imaginar que um dia viria realizar qualquer curso em pólo de medicina tão importante!"*

Imerso nessas considerações, não percebe que o motorista já estacionara o carro defronte ao apart-hotel, onde reservara acomodações.

- Pronto rapaz!... Chegamos!... É o endereço que me deu. Confere...? - avisa o chofer de meia-idade, olhando-o pelo retrovisor.

Saltando do táxi, emocionado ao se ver defronte de seu novo pouso, com dificuldade, procura retirar ligeiro sua bagagem do porta-malas, despedindo-se do motorista: - *Gracias,* amigo, por *sus informaciones!* Foi *mucha* gentileza sua!

De arquitetura simples, o hotel não se localiza em bairro nobre. Sua diária acessível oferece instalações modestas, porém bem cuidadas e confortáveis. Uma sala de tamanho médio unida por um balcão à uma pequena cozinha. Quarto com cama de casal e armário embutido, formando uma suíte com um banheiro completo. Mobiliário simples, mas de bom gosto e tudo em perfeitas condições. Juan se encanta com sua nova morada... Das janelas a vista se estende por sobre parte da cidade, da altura do vigésimo terceiro andar onde se encontra.

"Realmente é uma nova experiência de vida para mim!... Sinto-me quase um "dono do mundo", a olhar dessas alturas!"

Em pouco tempo ele desfaz as malas, arrumando seus pertences. Com agradável surpresa encontra na última parte do armário um compartimento fechado à chave, para guardar objetos de valor. E uma de suas pequenas preocupações desaparece com esta descoberta.

"Maravilha!... Por esse conforto eu não esperava!... Posso guardar bem protegido o meu"laptop!..."

Ele o comprara dias antes de viajar. Havia deixado o seu computador para o pai e adquirira este pela praticidade de levá-lo consigo para onde fosse. Era o modelo mais atualizado do mercado, ligado à telefonia celular. Mas também, facílimo de ser roubado... E isso o preocupara. Aliviado, coloca-o dentro do armário, juntamente com uma caixa contendo os e-mails que Jurana lhe enviara. Tivera o cuidado de salvá-los em disquetes, deletando-os de seu antigo computador. Eram preciosos demais para ele, portanto queria preservá-los... Iria continuar se correspondendo com ela, conforme prometera, e já estava ansioso para inaugurar à noite o seu

novíssimo companheiro... Enviar notícias, contando em minúcias a viagem e relatando a entrevista que teria ainda esta tarde com o Diretor Médico.

Ao pensar no encontro, se dá conta de que precisava se apressar... A manhã já se aproximava de seu término. O relógio marcava 11:20 e a entrevista estava prevista para as três horas da tarde. Apressado, ele vai para o banheiro e a forte ducha quente deixa-o satisfeito, diminuindo sua ansiedade.

"Nossa!... Só pelo movimento contínuo dessa enorme quantidade de carros entrando e saindo do estacionamento, dá para se imaginar o número imenso de pessoas neste hospital!" – pensa Juan impressionado, dirigindo-se à entrada principal do prédio.

O Hospital Saint Germain ocupava os quinze andares do imponente edifício. Entrando no saguão, onde vários elevadores atendiam aos inúmeros pacientes, ele se encaminha para o balcão de atendimento. Sente-se meio perdido nesse extenso complexo hospitalar... Mas, para sua surpresa, é orientado com presteza pela atendente que, solícita, lhe fornece todas as informações necessárias. Ansioso, ele vai ao encontro do Dr. Isaac Aguiar Schuartz.

Em uma sala espaçosa, muito bem instalada, o Diretor Médico da Unidade de Infectologia, já o aguardava.

Juan se surpreende com seu aspecto jovem. Imaginara-o entrado em anos... Os olhos claros e o nariz protuberante denunciavam sua origem judaica e, apesar dos fios brancos entremeados aos cabelos castanhos deixando as têmporas grisalhas, ele não aparentava mais de 45 anos. Clarissa não fizera referência alguma sobre sua aparência física, mas sim, ressaltara repetidas vezes a grande competência profissional... Contara apenas que ele havia sido seu professor de pós-graduação na Faculdade e que, sob sua orientação, durante dois anos ela fizera residência nesse mesmo hospital.

Estendendo a mão com firmeza, o Dr. Schuartz, como era conhecido, recebe o jovem paraguaio com um simpático sorriso, fazendo-o sentar-se à sua frente.

Um tanto acanhado, Juan coloca a muleta encostada à cadeira. Mas, o semblante tranqüilo do diretor e seu olhar inteligente, conquistam-no de imediato, desfazendo a tensão que sentia, deixando-o seguro de si.

Terminando de ler a carta de recomendação que Clarissa lhe enviara e o histórico sobre o tratamento que esta dera ao seu paciente, o Diretor se dá por satisfeito.

- Seu tratamento está correto Juan... Você foi atendido por uma de minhas melhores alunas. Clarissa é uma profissional muito competente e dedicada... Durante a sua residência aqui no hospital, nos tornamos amigos, portanto uma recomendação dela é de suma importância para mim. Contudo, o seu currículo também é satisfatório, o que lhe confere ótimas referências.

Aliviado, Juan indaga quando poderá começar o curso prático.

- Imediatamente... – afirma Schuartz sem vacilar - Não devemos perder tempo. Vai realizá-lo da mesma forma como Clarissa o fez... E quanto ao seu tratamento, estaremos atentos, mantendo-o sob controle. – e com um sorriso a transmitir uma forte energia positiva, se expressa com admiração - Aprecio a decisão que tomou! Trabalhando para conquistar uma sobrevida útil, estará sendo proveitoso não apenas a você, mas igualmente aos pacientes que irá atender! Parabéns pela escolha!

Modestamente Juan contesta: - Esta orientação e incentivo, eu devo a um grande amigo. Que foi muito mais que meu chefe... Foi um pai para mim todo esse tempo... Dr.Maori Schneider, o Diretor Médico do Hospital Santo Augusto em Trilha das Palmeiras. Foi ele quem me colocou aos cuidados da Dra.Clarissa, que também apoiou esta minha decisão.

O diretor olha demoradamente para Juan que, sentindo-se ansioso novamente, aguarda a orientação sobre quais seriam suas atribuições no hospital. Entretanto, é surpreendido por inesperada observação.

- A gratidão, Juan, é um fator muito importante para a nossa evolução... Se não soubermos agradecer devidamente o que recebemos, nos fechamos à novas benesses... – e novamente com seu simpático sorriso, ele muda de assunto – Bem... Vamos deixar de lado a filosofia e retornar ao seu tratamento! Você continuará com a fisioterapia intensiva... Ao que tudo indica, penso que em breve poderá aposentar esta muleta!... – e sem dar tempo de Juan fazer qualquer comentário, ele se levanta convidando-o – Vamos... Vou apresentá-lo à minha enfermeira chefe, que irá mostrá-lo todo o setor onde irá colocar em prática os novos conhecimentos, à medida que for adquirindo-os.

Juan acabara de falar por telefone com os pais e Jurana. Entusiasmado, descrevera em minúcias a viagem e seu primeiro dia na capital paulista. Fisicamente cansado, foi se deitar para dormir... No dia seguinte começaria bem cedo. Todavia, excitado com tanta novidade, não conseguia adormecer. A emoção dos últimos acontecimentos fazia com que ele rememorasse ininterruptamente todos os detalhes do início da nova experiência de vida.

As instalações moderníssimas do hospital haviam lhe causado forte impressão. Todos os equipamentos, de última geração, montados em salas amplas, perfeitamente dimensionadas para seu funcionamento e sob impecáveis normas higiênicas, davam a impressão de terem sido instalados naquele momento. Podia-se sentir que ali se praticava uma medicina de Primeiro Mundo.

Ao ser apresentado à jovem e bonita enfermeira chefe que seria sua cicerone, ele sentira uma estranha sensação... O belo sorriso que iluminava o rosto de suave tez morena, emoldurado por brilhantes cabelos negros, irradiava uma harmonia interior. E o olhar inteligente dos lindos olhos castanhos-esverdeados, parecia analisá-lo profundamente. Um leve arrepio perpassara seu corpo e uma forte empatia causara-lhe a impressão de conhecê-la de algum lugar.

"Não... Não posso tê-la conhecido antes, pois jamais esqueceria tanta beleza e simpatia..." - pensara enquanto caminhava a seu lado percorrendo o hospital.

Betina fora além de sua obrigação... Gentilmente o levou a conhecer todo o complexo hospitalar, explicando o funcionamento de cada setor, num perfeito espanhol.

- *Assim tenho a oportunidade de praticar os meus recentes conhecimentos de sua língua pátria...* – explicara sorridente.

Para Juan, esta fora uma grata surpresa que intensificou a sensação de já tê-la conhecido em outra ocasião. Ao se despedirem, agradecendo a sua atenção, exclamara realmente admirado: - *Eu não conheço a medicina aplicada em todo o território brasileiro, mas tenho a impressão de que ela deve girar em torno de São Paulo!*

Insone, com tantas reminiscências, buscou o auxílio do indutor de sono. Estranhamente este não foi tranqüilo. Situações confusas, sem propósito, alternadas com rápidas visões de índios na mata, alguns relances do trabalho no hospital Santo Augusto e o momento do desenlace de Guarabira, povoaram o sonho de Juan, causando-lhe desconforto no despertar.

Mas, mesmo assim, desgastado pela noite agitada, a estréia no hospital foi gratificante. Juan sentiu que realmente sua vida teria um novo sentido daí em diante.

As semanas e os meses foram transcorrendo em um equilíbrio satisfatório e promissora amizade foi se estabelecendo entre ele, Betina e o Dr. Shuartz... O tempo de Juan era integralmente dedicado aos estudos e ao trabalho. Os poucos momentos de lazer, empregava-os

para conhecer superficialmente a cidade e para manter o intercâmbio virtual com seu pai e Jurana.

O convívio com os pacientes estava lhe trazendo um grande aprendizado, vantajoso para ambas as partes.

Com determinação, realizava o tratamento médico e a fisioterapia. Os efeitos colaterais provenientes da medicação, ele os suportava, disfarçando aos olhos dos demais o incômodo terrivelmente desagradável que estes lhe causavam.

Porém, um determinado dia seu organismo começou a rejeitar os habituais remédios, surgindo alterações que o levaram a correr sério risco. Precisou ser internado por uma semana. Mas fez questão absoluta de ocultar de Jurana e dos pais o que estava lhe acontecendo.

Felizmente o tratamento intensivo surtiu efeito positivo e uma nova medicação foi adotada. Recuperado, sentiu-se feliz por ser, de certa forma, útil aos demais pacientes, sendo alvo de estudo na aplicação de um outro tratamento.

Contudo, o susto pelo qual passara deixou-o mais saudoso de seus entes queridos. O amor por Jurana, ao invés de minorar com a distância e o convívio com outras jovens, intensificava-se mais ainda.

Apesar de todos os atributos que Betina possuía, seu relacionamento com esta era de pura amizade. Sólida e desinteressada. Ele jamais pensara que um dia pudesse sentir-se assim, em relação à jovem tão interessante. Quanto a esta, muito apaixonada, nutria esperança de que o Dr. Schuartz, saído há um ano de um casamento fracassado, percebesse seu amor.

Decorrido uns dois meses, Juan foi surpreendido por um telefonema de Jurana. Esta comunicava uma pequena viagem que faria em companhia de três conhecidas e gostaria que ele fosse também, para participar de uma experiência inusitada.

- Juan... Isaura é minha colega de turma. Tem uma irmã que está com leucemia. Esta assistiu uma reportagem sobre um médium que está realizando curas milagrosas no interior de Goiás e desde então não pensa em outra coisa. A mãe resolveu então levá-la até lá e Isaura, como sabe que eu estou estudando sobre esoterismo, me convidou para acompanhá-las.

- E seus pais concordaram...? – pergunta Juan admirado.

- Sim... Na esperança de que eu me decepcione de vez com a teoria espírita. Eles acreditam que este médium não passa de um mistificador, um embusteiro.

- Pois estou muito surpreso que eles deixem você viajar com pessoas estranhas!...

- Mas eu não vou sozinha com elas!... Convidei tio Maori e ele topou ir com a gente! Quer ver, sob a visão médica, o que está acontecendo pôr lá.

- Mas isto é ótimo! – exclama entusiasmado – *Entretanto não sei se poderei ir... Mas, caso eu consiga uns três dias de folga, como poderei encontrá-los?!*

- Nós vamos de avião até Brasília. Podemos nos encontrar no hotel aonde formos pernoitar. Lá o tio alugará uma caminhonete para seguirmos no dia seguinte até Sertaneja...O que achas...?!

- Excelente oportunidade de estar com você e o Dr. Maori! Sinto imensa saudade!...E o objetivo da viagem também me fascina. Mas... Não sei se poderei acertar minha folga com o dia escolhido... Já está marcado?!

- Não... Vai depender de ti!... Tio Maori acha que a data deve ser escolhida de maneira a não atrapalhar tuas atribuições aí... É mais fácil para ele remanejá-la na própria agenda de atendimentos do Santo Augusto!

- Sendo assim, podem contar comigo!...- concorda satisfeito - *Avisarei tão logo tenha uma resposta do Dr.Schuartz!* – mas, apesar de feliz com a surpresa, ele se preocupa – *Seus pais sabem que eu vou também...?!*

- Bem... Infelizmente isto eu terei que omitir por enquanto... Na volta enfrentarei o problema!

- Mas, Jurana, não acho conveniente que seja assim!...Melhor avisá-los antes, inclusive para não criar um problema para teu tio!...

- Ora, Juan...Não quero pensar sobre isso agora... Mas prometo que irei analisar essa questão!...

O avião de Juan chegou à noite em Brasília. Maori e Jurana o aguardavam no saguão do hotel. As três companheiras já haviam se recolhido no quarto duplo que repartiriam com Jurana. Quanto a ele, ficaria no mesmo aposento de Maori. Após a satisfação do encontro e uma pequena conversa, este discretamente se retirou para dormir, deixando os dois a sós, para que pudessem conversar mais à vontade.

Acomodados em um dos sofás do salão, eles iam colocando em dia os últimos acontecimentos.

- Como reagiram seus pais quando souberam que eu participaria dessa viagem...? - indaga Juan preocupado.

- Ficaram indignados com o tio Maori!... Mas este os acalmou, dizendo não ser justo que tu perdesses tal oportunidade... Quem sabe, ele disse, não estaria ali a tua cura total... E expôs com veemência que a medicina não pode ficar indiferente a fenômenos extra sensoriais que estão eclodindo por todo o planeta. É necessário que médicos como tu e ele, que acreditam no desenvolvimento da consciência cósmica, procurem analisar tais fenômenos para comprovar a veracidade dos mesmos! Se estes em Sertaneja forem reais, afirmou, é uma excelente ocasião para serem testados com a tua presença e a de Lúcia, a irmã da Isaura. Seria injusto impedir que tu participasses dessa pesquisa!

- Como teu tio é meu amigo, Jurana!... Isso me comove sobremaneira!

- É verdade!... Foi assim que o tio os convenceu... Acabaram por acatar, não de muito bom grado, o pedido que ele fez para que tu nos acompanhasses.

- Fico feliz por todos os motivos... Realmente é uma ótima oportunidade de pesquisa para nós! Acho também que tanto os médicos como os cientistas, não devem ficar indiferentes ao desconhecido que vem surgindo... Pois se a vida é evolutiva, tudo deve ser estudado, mesmo com incredulidade e divergência de opiniões!

- Juan... Por falar em divergência de opiniões, não vou esconder de ti a polêmica que tive com meus pais... - fala Jurana com expressão ansiosa.

- Brigaram com você por minha causa...?! – ele se angustia.

- Não, não brigaram... Mas discutimos bastante! – ela faz uma pausa, olhando para ele com determinação – *Acho que é hora, Juan de não escondermos mais os nossos sentimentos...Eu sei que tu sentes por mim o mesmo que sinto por ti!*

- Jurana... - surpreso, ele procura interrompê-la.

Todavia ela não o permite: *- Por favor, Juan... Não me interrompa! Não sei se terei outra chance, ou coragem, de abrir meu coração em outro momento... Preciso falar tudo o que sinto! Minha vida depende do que me responderes agora!*

Com o coração acelerado, Juan acata o pedido e, atento, permanece silencioso.

- Eu sei que tu bem sabes que te amei desde o primeiro instante em que o conheci... Aliás, talvez mesmo ao trocarmos o nosso primeiro e-mail. Senti naquele momento que eu já o conhecia de longa data. A princípio isso me pareceu louca imaginação de minha mente... Porém, ao iniciar o despertar de minha consciência para a continuidade da vida, passando a acreditar na multiplicidade da existência, comecei a analisar meus sentimentos. E a leitura do diário de Rodrigo levou-me a perceber que realmente já nos conhecemos de há muito!... Como também acredito que tu sentes o mesmo!... – colocando as mãos sobre as dele, ela continua ansiosa – *Eu sei que nunca irá partir de ti a pergunta que pretendo fazer... Conheço teus*

motivos... Já conversei com o tio Maori sobre eles e meus sentimentos... Tenho o apoio dele... À luz da lógica também não se explica a afeição que ele tem por ti... Somente vivências passadas podem explicar tais sentimentos... O porque da tua vinda para o Brasil e de nossos encontros... Há uma razão oculta para tudo o que tem acontecido... Não sei qual é, mas acredito na sua existência!... Hoje eu sei que nada na vida acontece por acaso... Tudo tem sua razão de ser!... – em uma pequena pausa, ela comprime com força as mãos dele e, tomada de muita emoção, prossegue – *Juan... Eu quero viver minha vida a teu lado... Quero te ajudar nessa terrível prova pela qual estás passando... E acredito que não seja somente tua, mas minha também, porque te amo de todo meu coração!... Juan... Casas comigo...?!*

Ele não acredita no que está ouvindo... Apanhado de surpresa leva algum tempo para concatenar as idéias. Inicia por expor suas razões e seus temores em relação a um convívio íntimo com ela. Ao que ela contesta:

- Juan... Tudo isso eu já conversei com tio Maori. Podes comprovar que não estou falando por impulso... Meditei sobre os problemas, os riscos e nada disso tem importância alguma para mim. Quero viver contigo!... Eu te amo, Juan!!!

- Mas... E a Dona Bianca e o Dr.Gustavo...?! Não acredito que eles concordem... Eu mesmo acho inconcebível a nossa união!...

- Foi por eles pensarem assim, que discutimos muito. Mas tio Maori intercedeu... Opinou como médico, tranqüilizando-os quanto à preservação de minha saúde... E eu me posicionei firme e decidida. Fui clara ao expor meus sentimentos... Por maior amor e respeito que eu tenho por eles e, apesar de compreender que eles agem dessa forma por me amarem e desejarem o melhor para mim, eu é que tenho de decidir qual o caminho devo seguir... Sou maior de idade e termino a faculdade este ano... Sou adulta, a única responsável por meus atos! Sou muito grata a eles, pelo seu amor, por tudo que sempre fizeram por mim... Contudo a escolha é minha!

Incrivelmente emocionado, ao mesmo tempo assombrado com a firme decisão de Jurana, Juan não se contém mais e solta as amarras de seu coração: - *Querida... Minha querida... Se você está mesmo decidida a compartilhar de minha problemática vida, lhe ofereço todo o amor que venho trazendo oculto bem fundo em minha alma... Eu a amo, Jurana, com a intensidade do amor que transcendeu aos séculos!... E estou disposto a lutar com todas as minhas forças para transpor os obstáculos de nosso caminho e merecer a ventura de tê-la a meu lado!*

Um longo beijo apaixonado, por tanto tempo almejado, selou o compromisso de conquistarem felicidade e evolução, caminhando juntos.

Após o pernoite em Brasília, o pequeno grupo iniciou a viagem às 5:00 hrs. da madrugada. O trajeto até a pequena cidade de Sertaneja, quase uma vila, levaria de duas a três horas, pelo menos. Habituado a hospedar as várias pessoas que por ali passavam rumo ao encontro com o "Médium dos Milagres" (como o curador era chamado por muitos) o gerente do hotel havia alertado seus hóspedes para o horário do atendimento. As fichas começavam a ser entregues às sete horas da manhã. Cerca de quinhentas a seiscentas pessoas eram atendidas, diariamente, até às dezoito horas, com intervalo de apenas uma hora para almoço.

A estrada, bem asfaltada, facilitava manter constante o limite de velocidade, permitindo, assim, apreciarem o belo panorama que ia se descortinando à medida que o dia nascia. A acentuada ondulação do planalto central se perdia ao longe... A vegetação agreste, quase rasteira, de um verde vivo que brilhava sob os primeiros raios solares, era entremeada por árvores baixas, de troncos retorcidos e copas largas. O ar puro e a energia que provinham da terra ainda úmida pelo orvalho, tornava o local propício à meditação... Por todo o caminho, os

viajantes sentiam uma aura mística a envolvê-los. Talvez pela fé, ou mesmo, pela imaginação exacerbada com a expectativa de participarem de um encontro mediúnico de tão grande proporção...

Durante o trajeto, os namorados não deram a perceber às companheiras, o que se passara entre eles. Apenas Maori tomara conhecimento na mesma noite quando Juan, "pisando em nuvens", entrara no quarto para se deitar. Alvoroçado por tamanha felicidade, despertara o amigo já adormecido. Queria que ele soubesse o que acontecera e agradecer-lhe o inestimável apoio junto à sua irmã e ao cunhado.

O grupo, já bem entrosado, conversava amigavelmente. Além dos comentários sobre a reportagem que motivara a viagem, o estado de saúde de Lúcia se tornou o principal assunto, com o relato minucioso da sua luta contra tão terrível doença.

Ela ainda não havia completado quatorze anos, quando a leucemia surgiu. Durante os dois últimos anos, sua vida se resumiu a muito sofrimento, esperanças desfeitas e a espera angustiante por um transplante de medula... A única possibilidade de cura... E a família, unida na luta pela sobrevivência da jovem, sentia-se frustrada por não ter entre os parentes, nenhum que fosse compatível para a doação da medula. E o tempo passava sob a esperança de que um dia viesse a surgir um doador. Enquanto isso, seu estado se agravava...

Lúcia que, desde criança, possuía uma fé inabalável na Virgem Maria passou a acreditar que Ela lhe enviaria um milagre. Assim, impressionada com a reportagem televisiva imaginou que, talvez, através desse "Médium dos Milagres" pudesse alcançar a Graça Divina. Entretanto, é visível no olhar de sua mãe a preocupação e o medo de que esta venha a sofrer mais uma grande decepção.

Em meio às emoções contraditórias de fé, esperança, temor, curiosidade e cautela para não se deixarem enganar por alguma mistificação, o grupo se aproxima de Sertaneja.

Deixando a estrada estadual, asfaltada, a caminhonete segue adiante uns quinze quilômetros por uma vicinal, de terra, até a entrada da pequena cidade.

Chegaram pouco depois das sete horas e a fila já se achava longa. Os trabalhos iriam ter início a partir das oito.

Um grande número de médiuns, vestidos de branco e fervorosamente concentrados, formava fileiras que se estendiam pelas várias salas do extenso galpão. Este, apesar de ter sido construído especificamente para tal atendimento, já não comportava o número sempre crescente de pacientes e seus familiares. Portanto, muitos também seriam atendidos, a céu aberto, no terreno ao redor da construção.

Na medida em que recebiam as fichas, as pessoas iam se posicionando em uma outra fila, formada em frente à porta principal do galpão. Em uma breve palestra, através de potente alto-falante, uma senhora falava sobre o médium José dos Santos, explicando seu modo de trabalhar e as inúmeras curas já realizadas naquele local. Oito horas em ponto, este chegou para o início da sessão.

Um homem simples, de aparência comum. Nada indicava, aparentemente, que ele possuísse dons paranormais. A seu pedido, pelo microfone a senhora deu início a uma prece, pedindo que todos se concentrassem. Porém poucos atenderam a este apelo, pois a maioria do grande público, curiosa sobre o que poderia acontecer, continuava atenta ao que se passava, conversando em voz baixa. Mas tal fato em nada abalou o médium que já se encontrava incorporado pela Entidade, que se dizia Don Ignácio de Loyola em sua última encarnação na Terra.

De pé, em frente à entrada principal do galpão, ele iniciou o atendimento, acompanhado por outro médium. Neste, também dotado de mediunidade inconsciente, estava acoplado o espírito de um médico, Dr. Bernardo, que desencarnara à época da 1ª Guerra Mundial.

Em poucos minutos, uma a uma, as pessoas iam sendo atendidas. Ao término da consulta, todos recebiam uma receita prescrita pelo médium assistente com o número, adequado à cada paciente, de frascos contendo um chá de ervas medicinais. Manipulada sob orientação da espiritualidade, essa medicação era vendida em uma outra construção mais ao longe e o dinheiro apurado destinava-se às obras assistências mantidas por José dos Santos.

Se alguém precisasse de um tratamento mais demorado, era encaminhado para uma das salas no interior do galpão. Lá permaneceria deitado sob a energia espiritual de cura, irradiada através dos médiuns, pelo tempo necessário. Cirurgias mais sérias seriam realizadas na sala maior ao fundo do galpão e os doentes, delas necessitados, eram levados para lá. Outras menores, como oftálmicas ou cistos na parte externa do corpo, eram feitas ali mesmo do lado de fora, defronte à fila e com bisturis sem nenhuma esterilização, dispostos em bandejas amparadas pelos ajudantes.

Juan e Maori, ao assistirem de longe tais intervenções, se entreolharam abismados. Resolveram então se apresentar à Entidade, declarando sua profissão. Esta, satisfeita com a presença de médicos na assistência, os convidou para acompanharem de perto o trabalho.

- O dia em que os médicos da Terra compreenderem que a medicina terrena deve ser exercida em consonância com a medicina espiritual, o ser humano sofrerá muito menos, porque estará curando os males de sua alma... – explica Dom Ignácio com voz tranqüila, fazendo uma interrupção no atendimento - Eu sou um dos muitos espíritos que têm como missão trazer para os médicos terrestres este ensinamento. Não se pode curar o físico, sem curar o espírito!... E, para despertar as mentes incrédulas da continuidade da Vida Única e da força do Amor Cósmico, recebemos a tarefa de demonstrar, com a ajuda de seres encarnados que se doam como canais, como se processam as curas realizadas pelo plano espiritual.

- E o médium, *se queda* inconsciente...? – pergunta Juan impressionado com a explicação.

- Sim... É mais fácil a execução das cirurgias, sem a interferência da mente humana. Assumimos completamente o corpo físico do médium.

- E quanto à falta de assepsia...?! – admira-se Maori – Como se explica isso?!

- Os olhos físicos, quando não possuem a mediunidade da vidência, não captam o que aqui se passa. Um grande hospital astral existe, interposto, em todo este local. A assepsia, assim como a anestesia, são realizadas a nível espiritual. Nenhum paciente sente dor, nem corre risco de infecção alguma. Vocês podem atestar isto com seus próprios olhos...

Maori, agradecendo a atenção dispensada a eles, pediu permissão para filmar tais espantosas cirurgias. Pedido concedido, impressionadíssimo, ele começou a filmagem... Havia trazido uma filmadora com a intenção de registrar uma prova da veracidade dos fatos, caso estes ocorressem.

Sem nenhuma anestesia, perfeitamente conscientes e em pé, alguns pacientes iam se submetendo à incisão do bisturi em seus olhos... Sem demonstrarem a mínima dor e sem perda de sangue, eles tinham o globo ocular lancetado em poucos segundos... Em seguida, eram levados para uma sala de recuperação, onde sentados, permaneciam por curto espaço de tempo.

O mesmo processo era realizado em cistos, adenóides, amídalas, sinusites, joanetes e outras tantas formas de doenças simples.

Maori ainda estava filmando quando chegou a vez de Lúcia ser atendida. A Entidade colocou a mão sobre a cabeça da jovem e, fechando os olhos, concentrou-se por alguns segundos. Em seguida, sorrindo, afirmou suavemente: - Mas, filha... Você já está curada!... Contudo não deixe de tomar os remédios da medicina terrena e a nossa medicação... - em seguida, iniciou o atendimento a Juan, que portava a ficha seguinte.

Com a receita na mão e transparecendo no rosto a expressão de extrema felicidade de quem acabou de receber uma graça almejada, a jovem vai ao encontro da mãe.

Maori se surpreende com a afirmativa da Entidade... "Como curada, se o estado dela é flagrantemente terminal...?!!! Fazê-la acreditar que a doença não existe???! Tal afirmação contradiz a veracidade das incríveis cirurgias que estou presenciando!!!" – pensa confuso e revoltado ao mesmo tempo.

Captando seu pensamento, o Dr. Bernardo, que se achava próximo, dirige-se pausadamente a Maori: - Sei o que está pensando, irmão... Realmente a jovem está curada... Espiritualmente curada! Você que já possui um certo grau de entendimento espiritual, não pode compreender isso...?! Os olhos humanos erram ao se fixarem somente na parte física... Nós enxergamos além... Ela já cumpriu seu carma e seu tempo na terra está findando... Mas o carma familiar ainda não terminou... Continuará através da dor causada pela desilusão e pela separação... E nós, você bem sabe... Na missão que nos compete, não podemos interferir no carma de nenhum ser... Realizamos a cura das doenças que não tenham implicações cármicas fatais, para que sirvam de alerta ao ser humano. Principalmente àqueles que escolheram, antes do reencarne, a medicina como missão caritativa! – e olhando significativamente em direção a Juan que, naquele instante, estava sendo energizado por Don Ignácio, conclui – Por isso, nem todos podem ser curados!...

As palavras de Bernardo calaram fundo na mente e no coração de Maori... E fortemente impressionado este continuou filmando as espantosas intervenções cirúrgicas, até o término do turno da manhã.

Como neste período o grupo já havia sido atendido, Maori sugeriu retornarem em seguida ao almoço. Assim não precisariam pernoitar novamente em Brasília. Aprovada a sugestão, eles tomaram o caminho de volta, após uma ligeira refeição servida numa rústica cantina. Admirados com tudo o que assistiram e mais os relatos que ouviram de algumas pessoas que já haviam sido tratadas em outras ocasiões e agora retornavam se dizendo curadas, conversaram ininterruptamente por todo o percurso.

A mais excitada do grupo era Lúcia que já se sentia a caminho da cura total... Preocupado com isso, ao se aproximarem de Brasília, Maori achou por bem alertá-la para uma possível desilusão. Contudo, não querendo abalar a fé e a esperança, quase certeza, que ela nutria tão fortemente, resolveu comentar com naturalidade, em meio à conversa, as explicações de Bernardo.

Mas a reação da jovem veio de imediato, surpreendendo a todos pelo tom de voz alterado: - Não acredito nisso!!! Agora mesmo estávamos falando sobre aquelas operações incríveis... E dos casos que ouvimos das pessoas que ficaram curadas... Afinal, não são milagres...?! Eu também vou receber um milagre, pois sinto dentro de mim que a cura está acontecendo!... Vou tomar direitinho a medicação que me deram!

- Filha, por que tanta irritação, querida?!... – interveio a mãe, deixando transparecer um leve tremor na voz – A entidade não estava falando especificamente sobre você... Estava falando em geral... Não foi isso, Dr. Maori...?

- Exatamente... O Dr. Bernardo estava explicando o processo de cura espiritual...

Temendo mais uma explosão da filha, a senhora o interrompe, procurando desfazer a tensão que surgira no grupo, forçando uma voz tranqüila: - Que, por sinal, achei muito coerente... Apesar de ser de difícil compreensão, para uma católica praticante como eu.

- Mas, Dona Esmeralda, tais manifestações mediúncas não interferem na prática das religiões – Jurana procura explicar atenciosamente – Elas são mais científicas do que uma manifestação de fé... A humanidade está despertando para uma nova realidade. A compreensão de que a vida continua em outras dimensões.

- Concordo com você, amiga! - reforça Isaura – Cabe mais aos cientistas a explicação desses fatos que estão surgindo por toda parte!... Porque a fé, esta não precisa de

explicações ou compreensões. Não tem lógica...Vem naturalmente da nossa consciência interna! Acreditamos em algo, ou não!

- Mas então... – fala Lúcia sentindo-se mais segura – Deixem que eu acredite na cura de minha doença. Se ela for ilusória, aí sim, eu terei que buscar dentro de mim uma força maior para enfrentar minha desilusão!...

- *Mui bien!...* Agora *usted* está certa! – cumprimenta-a Juan – *Yo también tengo una* grave doença, *posiblemente* fatal! *No estoy* esperando *milagros... Estoy* esperando o que a vida me destina. Se *voy* curar-me, *muy bien... Pero* se *no* for *así, és* porque *mi* caminho *acá* na Terra está terminando. Hoje *yo creo* que a vida continua em diferentes formas e, no momento, *estoy acá* nesta vida terrena para um aprendizado necessário *a mi evolución...*

- Como...? Você também tem uma doença fatal...?! – Lúcia, surpresa, o interrompe – Eu pensei que você tivesse vindo a Sertaneja por curiosidade médica e aproveitado para curar a sua deficiência de locomoção!... O que você tem ?!

- Aids... – ele responde com serenidade.

Esta declaração de Juan surpreendeu a todos. A Jurana e Maori, porque estes não esperavam tal reação da parte dele, mas sim, que ele preferisse manter em segredo a condição de sua saúde a fim de evitar a discriminação que esta ainda causava em muitas pessoas. Quanto às demais companheiras, de tão chocadas, permaneceram caladas.

Porém, Juan sorrindo desfez a tensão que causara, concluindo seu pensamento: - *Creo* que *estoy* aprendendo *mucho* com *todo lo* que está me acontecendo. *Estoy* vendo *ahora* a vida sob uma nova luz. A Luz Divina!... E aproveitando *mejor lo* cotidiano, nas *pequeñas cosas* que antes *no las* percebia...

- Incrível como você pode encarar com tanta calma uma situação assim tão grave!... – exclama Lúcia muito admirada – Eu não consigo! Sinto-me injustiçada...

- *Pero* se *usted* acreditar no *mismo* que *yo estoy* acreditando, encontrará harmonia e forças para suportar e enfrentar *su provación*.

Suspirando fundo ela responde*:* - Vou tentar, Dr.Juan... Prometo que vou tentar! Mas continuo esperando um milagre da Virgem Maria!

Retornando ao clima descontraído, em uma conversa mais leve, o grupo passou a comentar sobre a beleza da paisagem que se mostrava à luz do sol vespertino. Encantados, viram o perfil de Brasília surgindo ao longe no horizonte...

O vôo para Porto Alegre estava marcado para as dezoito horas... Afastados dos demais, os dois enamorados estão sentados num canto do saguão. Com as mãos entrelaçadas e indiferentes ao movimento em seu redor, eles aproveitam o resto do tempo que ainda têm, para fazerem sua despedida.

- Querida... Essa viagem foi tão inesperadamente maravilhosa para mim, que ainda penso estar sonhando... No final do ano, no Natal, irei falar com seus pais.

- Ficarei aguardando ansiosa, amor...Vou rezar bastante para que tudo se acerte com harmonia!...

- E quanto aos seus irmãos, já contou para eles o que se passa comigo...?

- Não ainda... Sabes como são os pré-adolescentes. Imprevisíveis nas suas reações. Por isso, de comum acordo com meus pais, tenho tido o cuidado de deixá-los à parte desse assunto.

- Pode ser mais prudente... Mas talvez a minha situação física sirva de alerta para eles, nesse momento em que estão despertando a sexualidade.

- Concordo contigo, querido... Mas prefiro esperar até firmarmos o nosso noivado no Natal!

Juan dá um sorriso alegre: - *Então já tem uma data prevista à minha revelia...?!*

- Ora... Tu mesmo falaste no Natal, não foi...?! E eu faço questão de um noivado à antiga. Com aliança e comemoração!

-Tudo o que você quiser, minha querida!... – concorda amorosamente, olhando-a com admiração: *- Seus olhos estão com um brilho tão intenso que parecem duas esmeraldas!... Lindo... Muito lindo!*

- É porque estou feliz!... – ela retruca sorrindo, porém em seguida, num tom sério, comenta – *Fiquei surpresa, Juan, quando revelaste para a Lúcia o que acontece contigo... Apreciei a tua coragem e a tranqüilidade com que trataste do assunto... Mas não seria mais cauteloso, querido, evitar comentários ou discriminações que possam perturbar tua vida profissional?!*

- Evidente que eu não irei me expor assim para todas as pessoas, amor... Mas aquela jovem precisava compreender melhor a própria situação. Infelizmente, se dentro de poucos meses ela não encontrar um doador, seu tempo estará terminado... E, caso isso aconteça, será melhor que ela esteja preparada para enfrentar a passagem para a espiritualidade...

- Tens razão, querido... É que eu me preocupo contigo!

- Mas não quero que fique assim tão preocupada... Tenho aprendido muito no atendimento aos meus pacientes no hospital. O fato deles saberem que eu luto, em pé de igualdade com eles, para conquistar uma sobrevida harmoniosa, tem sido muito positivo tanto para eles como para mim. Inclusive, perdi o medo da discriminação... Não saio alardeando o que eu tenho, mas não me preocupo mais com a atitude das pessoas que não têm compreensão da vida.

- Oh, querido... Cada vez te aprecio mais! Te amo!!!

Neste momento é anunciada a chamada para o vôo. Com um longo beijo de amor, eles encerram a despedida.

Pouco depois, da ampla janela de vidro que permitia a visão das aeronaves partindo, Juan ficou acompanhando a decolagem do avião até seu desaparecimento no céu vermelho do sol poente... Sentia como se parte do seu ser tivesse voado junto...

Sob a dor da saudade que já se fazia sentir contundente, num caminhar moroso e com a mente repleta de recordações, retornou ao saguão de embarque. E por mais de meia hora, aguardou o vôo da ponte aérea para São Paulo.

- Realmente é impressionante o que Maori Schneider filmou... Se fosse a cópia de uma fita, comprada ou emprestada de alguém desconhecido, eu teria dúvidas quanto a sua autenticidade... Mas não posso duvidar da palavra de um colega, um Diretor Médico, que goza de um alto conceito profissional na cidade onde mora e exerce a sua profissão! Tais cirurgias e tudo o mais que você me relatou, Juan, não têm explicação!... – comenta Shuartz ao terminar de assistir no vídeo do hospital, a cópia da fita de Sertaneja que Maori enviara para este.

- *Entonces, usted puede* imaginar o espanto que *nosotros* sentimos ao assistir de perto *los* pacientes *siendo* operados em pé, *sin dolor, sin* perda de *sangre* e com *una* total falta de assepsia...

- Torno a repetir, Juan... É realmente impressionante e sem explicação plausível, o que me deixa muito chocado!... – e dando por encerrado o assunto, levanta-se afirmando num tom de voz que denuncia uma opinião irredutível – É extremamente difícil para mim, Juan, aceitar estes fatos, pois eu não tenho a mesma visão espiritualista que você e o Maori Schneider possuem... Não acredito na reencarnação e nunca considerei fato algum que não fosse cientificamente comprovado.

Essa afirmativa do diretor médico deixa Juan desarmado para expor seu pensamento. Mas enquanto recolhe a fita do vídeo, tenta ainda falar com naturalidade: - *Pero pienso* que talvez *sea* por *lo* menos *una oportunidad* de iniciarmos um estudo sério... Afinal, dizem... *No se si és verdad*...Que *la* NASA já enviou um representante para que *sea hecho um* estudo sobre esse médium, José dos Santos.

Preparando-se para deixar a sala de projeção, Shuartz termina com a conversa que, de certa forma, estava perturbando-o: - Pois então, meu caro Juan, vamos deixar para a NASA o estudo desses fenômenos. A nossa obrigação é nos atermos às pesquisas feitas pelos cientistas. O nosso trabalho, de minorar os males que acometem a humanidade, buscando incessantemente a cura das doenças, é de suma importância!

Durante todo o mês que se seguiu, Juan ainda trocou alguns e-mails com Maori sobre Sertaneja, contudo o absorvente exercício da medicina, dedicado e contínuo, nos hospitais, foi amortecendo o interesse de ambos pelo assunto.

A saúde de Juan continuava estável e os efeitos colaterais da nova medicação eram mais toleráveis. O atendimento que ele prestava a seus pacientes resultava cada ver melhor e aproveitando essa oportunidade trabalhava discretamente o lado espiritual de cada um. Isso o deixava satisfeito e com a certeza absoluta de estar no caminho certo.

Essa segurança assim adquirida lhe valeu manter firme a sua fé nos ensinamentos espirituais, quando recebeu de Isaura um telegrama com a notícia do falecimento de Lúcia. Esta, não tendo conseguido o transplante de medula, não resistira por mais tempo. Na mesma mensagem a jovem agradecia pelas explicações que ele dera à irmã, durante a viagem a Sertaneja. Fora calcada nas mesmas, que Lúcia conseguira enfrentar com serenidade a sua passagem para o plano espiritual.

O telegrama chegara quando Juan estava saindo da enfermaria dos pacientes terminais. Profundamente comovido, ele sentiu naquelas palavras um sinal a confirmar que a meta atual de sua vida estava correta.

Quando, à noite, Jurana telefonou confirmando o acontecido, as palavras de Bernardo vieram imediatamente à sua mente. E ambos voltaram a comentar a missão exercida pelo médium José dos Santos.

- Porém é muito difícil tentar desenvolver uma medicina espiritual - ele fala com um tom de voz desanimado - *Corremos o risco de sermos qualificados, por nossos colegas, de charlatões ou idiotas... Penso que a maioria deles tem medo de admitir que exista algo além da vida física. Pois isto modifica por completo a nossa concepção científica da existência...*

- Mas, querido... Quer acreditemos ou não, a verdade é que a humanidade está caminhando a passos largos para uma expansão de consciência... Hoje eu acredito que existe realmente um plano Divino de evolução para o nosso planeta e seus habitantes. Entendo agora também, o que Jesus disse quanto à separação do joio e do trigo... Num dos livros de um escritor esotérico, Trigueirinho, que eu li há poucos dias atrás, ele explica que à medida que vamos desencarnando, vamos sendo selecionados para reencarnarmos em planetas diferentes, de acordo com a nossa evolução.

- E quanto a Terra, o que ele diz...?! – pergunta Juan interessado no assunto.

- A Terra como planeta, sendo um organismo vivo, também está evoluindo. E após o caos que se apresenta no momento, ela será purificada para receber novos habitantes. E estes serão os seres que tiverem alcançado uma evolução maior...O que quer dizer mais ou menos, que ela deixará de ser uma escola de expiação cármica.

- E o prazo para que isso aconteça... Ele faz alguma previsão?!

- Não... Ele afirma que isso é imprevisível, pois dependerá da atitude da humanidade quanto à preservação ambiental e ao término das guerras e dos armamentos nucleares. Se

continuar toda essa devastação que vem sendo feita e se explodir alguma guerra mundial, o processo de purificação será acelerado.

- *Muito interessante a leitura desse livro... Você o enviaria para mim...?*

- *Claro, querido...* – e deixando transparecer novamente alegria em sua voz, ela muda o teor da conversa - *Mas, vamos deixar de lado esse assunto tão preocupante e vamos falar de nós dois... Então está certa a tua vinda para o Natal...?!*

- *Certíssima!* – e não conseguindo guardar um segredo, ele conta – *Até já comprei as alianças!*

- *Oh, amor!!!...* – Jurana exclama exultante – *Que notícia maravilhosa!.. Vou começar a planejar a nossa festa de noivado! Te amo, te amo!!!*

E após uma fervorosa troca de palavras amorosas e saudosas, a ligação foi desfeita e Juan foi se deitar. Contudo, em meio às sensações conflitantes de alegria, saudade, apreensão e análise sobre os aprendizados adquiridos até então, o sono demorou a chegar... E o sonho que se seguiu trouxe visões e premonições, perturbando o seu descanso noturno.

Juan se viu sozinho, deitado em um catre de palha. Sentia-se muito mal... A respiração ofegante parecia que ia faltar... De repente surgiram a seu lado duas pessoas aflitas... Reconheceu, sem saber de onde, a índia que aos prantos se ajoelhou no chão ao seu lado... *“Padre Anselmo... Padre Anselmo, ele está indo embora!...”* ela falava entre soluços, enquanto se abraçava a ele. O padre colocou uma das mãos em sua testa e nesse instante uma lufada de vento penetrou na choupana. Num ápice de segundo, o rosto do jesuíta se transformou, surgindo sorridente a imagem de Maori... Confuso, Juan olhou para a índia e o mesmo aconteceu com esta... Não era mais a sua face indígena, mas sim, Jurana que também sorria em seu lugar... O vento girou fortemente desfazendo essa visão e levando-o a um extenso campo verde, onde se encontrava sentado sobre a relva, um Mestre Oriental. Um brilhante rubi cintilava em seu turbante dourado. Tranqüilo, este falou em sua mente: *“Mais uma dura prova enfrentarás... Firma a tua fé!”* E como num passe de mágica, aquele ser espiritual desapareceu. Ao mesmo tempo, inesperadamente, Juan viu surgir em suas mãos uma corrente dourada. Com um estampido esta se arrebentou deixando cair, no solo verde, dois elos partidos...

Ele acordou sobressaltado... A luz da aurora penetrava tênue pela janela veneziana... Olhou ao seu redor e, estranhamente, uma luz violeta envolvia tudo o que seus olhos fixavam. Cerrou as pálpebras com força, temeroso de que algo estivesse acontecendo com sua visão...*”Será que tive durante o sono um pequeno derrame no globo ocular...?!”* pensou aflito... Bem devagar abriu os olhos novamente e agora a luz se irradiava por todo o ambiente, alternando-se com uma luz verde claro brilhante. Sem entender o que se passava, sentiu uma agradável presença a seu lado... E a imagem do Mestre Oriental veio à sua mente, levando-o a recordar suas palavras de alerta, transmitidas através do sonho...*“Meu Deus!... Que dura prova terei que passar...?!”* e um arrepio frio, eriçou seus cabelos. Mas, em seguida a sensação agradável de estar acompanhado trouxe paz a seu coração... *“É meu Mestre! Tenho certeza de que é ele ao meu lado!... Eu vou vencer, Mestre... Seja lá o que for, eu vou vencer! Eu sei que tenho a sua proteção... Obrigado!”* Uma onda de calor o envolveu e as luzes desapareceram, mas em seu íntimo, instalou-se a serenidade espiritual... Então a lembrança do sonho inicial surgiu nítida. Comovido ele constatou o que já suspeitava... Jurana fora Gracy Ara naquela vida passada... Esta constatação explicava a força do amor existente entre eles... Contudo, reconhecer Maori no Padre Anselmo acelerou seu coração... *“Por isso Dr.Maori, você é inexplicavelmente tão meu amigo... Sempre me ajudando e protegendo através do tempo!..O quanto eu tenho para lhe agradecer!..”*

O trabalho intenso no hospital, principalmente com a assistência aos pacientes terminais, fez com que Juan se esquecesse do estranho aviso que tivera através do sonho. E, a cada dia, aumentava mais a sua capacidade de minorar o sofrimento destes com o auxílio espiritual.

Em uma certa manhã, um jovem homossexual do interior paulista se aproximava de sua passagem... Entubado, tinha as mãos presas à cama para evitar que arrancasse os tubos respiratórios, o que lhe causava angústia... E o medo se estampava em seu pálido rosto...

- Doutor... – ele balbucia em agonia, por entre os lábios bloqueados pela tubagem – Se Deus me deixasse viver... Se eu me curasse dessa maldita doença...eu juro Doutor... que não faria mais as loucuras... as besteiras que fiz... – e com um olhar desesperado, se agita na cama – Eu não quero morrer, Doutor... Eu não tenho culpa... de ter nascido... num corpo de homem... com desejos de mulher...

Condoído, Juan sente-se compelido a impor as mãos sobre a cabeça e o coração de seu paciente. Uma onda de calor o envolve e, inesperadamente, sem pensar, palavras fluem de seus lábios, num português correto: - Irmão... Não tenha medo de enfrentar a nova vida para a qual está iniciando a sua passagem... O Pai não nos condena... Ele compreende a nossa imperfeição... Ele deseja a nossa evolução e perdoa os nossos erros, nos conduzindo com amor pelo caminho da luz... O que você fez de errado nesta experiência de vida, terá a oportunidade de corrigir... O que fez de bem servirá ao seu crescimento... Não tenha medo... Você já está sendo aguardado à entrada do portal, por aqueles que irão tratá-lo, ajudando-o e orientando-o no resgate e no aprendizado necessário...

O jovem olha surpreso para ele... Tais palavras ditas pausadamente e em entonação suave penetram fundo em seu coração, fazendo com que este bata mais harmoniosamente. - Se é assim mesmo como diz... eu posso partir em paz... Se minha mãe chegar aqui ... depois da minha partida... por favor... diz para ela que eu a amo... que me perdoe ... pelo sofrimento que ... lhe causei...

A respiração do rapaz tornava-se cada vez mais ofegante... Mas, de certa forma, seu semblante perdera a expressão de medo, aparentado agora uma paz interior. Aos poucos seu olhar foi perdendo o brilho e o corpo caindo em lassidão. Com a voz quase um murmúrio, exclama com dificuldade: - Alguém está vindo... luz... estão me chamando... – um meio sorriso aflora em seus lábios e seu espírito se desprende.

Juan tocado profundamente em seu íntimo, sente a onda de calor se desfazer numa fresca aragem. Fecha os olhos do rapaz e ao se levantar da cabeceira da cama, se depara com a enfermeira-chefe junto à divisória do leito, olhando-o admirada.

- Betina... *No* percebi *su* presença... – fala surpreso – *Usted* chegou *ahora...?*

- Não, doutor Juan... Cheguei a tempo de assistir uma coisa impressionante!

- O que *la dejó asi tan* impressionada...?!

- Quando eu cheguei, você estava começando a falar com um tom de voz diferente e se expressando num português correto... E para maior espanto, eu vi sobre suas mãos, outras fluídicas que irradiavam uma linda luz violeta... – um tanto sem jeito ela comenta – Acho que você incorporou alguma entidade de cura!...

- *Entonces usted és* vidente!... – exclama surpreso - Que *bueno usted* ter assistido a *eso... Yo estaba* me sentindo confuso com *lo acontecido.*

- Fico satisfeita por minha vidência ter sido útil de alguma forma... Realmente eu enxergo coisas de um outro plano de vida.

- *Entonces usted és* espírita!... Por que nunca falou sobre *eso* ?

- Porque sei que é um assunto que desagrada ao Doutor Schuartz... Como judeu praticante, ele não admite nenhuma outra teoria religiosa.

Juan sorri compreensivo: - *Yo* sei disso... Já *tuve* oportunidade de *comprobar eso...*

- E além do mais, eu não gosto de misturar minha vida particular com a profissional.

- Certamente... *Pero...* Já que *usted* compreende e aceita *las manifestaciones* mediúnicas, poderia me indicar *uno* centro espírita *acá* em *San* Paulo...? *Tiene* acontecido *muchas* cosas estranhas comigo que *yo* gostaria de entender.

- Infelizmente, Juan, eu não conheço nenhum... Gosto muito da doutrina, leio bastante sobre ela e outros livros esotéricos, mas não freqüento nenhuma casa espírita, nem espiritualista...

- Que *lástima!...* – e cobrindo o jovem falecido com o lençol, ele comenta -Pois além de buscar harmonia para *mi mediunidad*, talvez encontrasse *una explicación* espiritualista sobre o homossexualismo... Qual será o motivo espiritual que *hace* tantas *personas* nascerem *así...? És uma pregunta* que *tiene* perturbado ultimamente *mis pensamientos,* sem que *yo* encontre *una* resposta além da científica...

Betina fica pensativa alguns instantes enquanto auxilia Juan a desligar os aparelhos, para em seguida se pronunciar: - Bem... Na verdade eu também ainda não encontrei uma explicação, sob a luz espiritual, para isso... Acho interessante mesmo procurarmos alguém que possa esclarecer esse fato.

- Procurarmos...?! – pergunta Juan surpreso.

- Sim... – responde ela sorrindo – Interessei-me pelo assunto... Se você não se incomoda, o acompanharei nessa pesquisa!

- Contar com a *su* companhia *és* ótimo, Betina! E como *nosotros* iremos *hacerlo...*?

- Vou me empenhar a fundo... Tenho um conhecido que é espiritualista. Ele deve conhecer algum centro que seja de confiança...Vou procurá-lo!

Verificando se tudo estava correto, Juan se afasta em direção à enfermaria: - Combinado, Betina! *Pero ahora tengo* que providenciar a remoção do corpo e tentar *hablar* com *la madre* desse pobre rapaz. Preciso transmitir a ela *las* últimas *palabras* que ele *há* dito antes de partir.

- *Uma boa-noite para você, querida!... Agora sei que vou dormir bem. Ouvir a sua voz e conversar com você, é o melhor calmante para mim... Eu a amo!!! Muito... Muito...*- e sem vontade de desligar o telefone Juan coloca o fone no gancho.

"Ainda bem que existe este maravilhoso aparelho! Bendito Grahm Bell que tornou possível a comunicação à distância. E benditos também os que, anonimamente, aprimoraram sua invenção! Oh, Jurana querida, graças a eles não me sinto tão longe de você!..."

Com a saudade apertando seu coração, ele se prepara para dormir. Conversara por mais de meia hora ao telefone... Já acomodado na cama ele rememora a longa conversa. Sorri ao lembrar a pontinha de ciúme que detectara na voz de Jurana, quando ele mencionara a conversa com Betina. *"Como eu gostaria de estar junto a ti, realizando também essa busca!..."* Ela comentara sentindo-se frustrada por estar distante dele. *"Mas, querida, o Natal já se aproxima e logo, logo, estaremos juntos outra vez e iremos decidir a nossa vida!"* Ele afirmara consolando-a.

Sonolento, quase adormecendo, a imagem dela se fixa com firmeza em sua mente. Comovido, ele pensa satisfeito consigo mesmo: *"Como a vida tem me transformado... Como o amor também nos modifica!... Não sou mais aquele tolo que se impressionava apenas com o aspecto físico das jovens que namorava... Fisicamente Jurana nada tem a ver com o meu antigo padrão de beleza... Hoje sou capaz de enxergar a verdadeira beleza que vem de dentro das pessoas..."* – e abraçado à sua amada ele mergulha num sono profundo, murmurando apaixonado *– Meu amor, como você é linda!..."*

Juan acordou bem disposto, contente com a parcela de felicidade que a vida lhe proporcionava, apesar da dura prova que estava enfrentando.

Tão logo chegou no hospital, encontrou-se com a mãe do rapaz falecido na véspera. Esta já havia providenciado o enterro do filho. Seria mesmo em São Paulo, pois a remoção para a distante cidade onde morava seria onerosa, muito além de suas possibilidades monetárias. Assim que ela avistou Juan, dirigiu-se ligeiro ao seu encontro. Agradecendo a atenção que ele dispensara ao filho, fez um pequeno relato sobre a curta e tumultuada vida que este levara.

Juan ficou assim sabendo que o pai do rapaz abandonara a mãe quando ele tinha apenas três anos de idade. Com muita dificuldade, trabalhando em casas de família como doméstica, esta o criara da melhor maneira que pudera. Desde cedo ela percebera a sua tendência afeminada, mas não soubera como orientá-lo nesse sentido. O filho crescera revoltado e, bem cedo, descobrira sua homossexualidade. E de uma forma prostituída, deixou-se levar por esta inclinação. Em todos os eventos *gays*, na sua cidade e nas demais vizinhas, ele se achava presente. Foi Rainha do Carnaval, Miss Simpatia, Glamour Gay e assim por diante. A princípio ela revoltou-se contra isso. Porém, mesmo não aceitando em seu íntimo tais atitudes, por amá-lo acabara ajudando-o nas suas fantasias, costurando as roupas que ele desejava para desfilar em seus concursos.

- Por favor, doutor Juan... Gostaria que o senhor, como médico, me dissesse... Acha que eu fui a culpada dele ter se transformado num *gay*...?!

Penalizado com o sofrimento daquela mãe, ele procura tranqüilizá-la, pois de nada adiantaria analisar o que já fora feito... O filho já partira, agora era prioritário minorar a angústia que ela estava sentindo: - *No*, minha senhora!... *Usted no tiene* culpa!.. O homosexualismo *és una* doença, que *aún no* se conhece *bien lo mejor* tratamento... *Su hijo* está liberto *ahora* de todo *aquel* sofrimento. Está amparado por Jesus na Espiritualidade. Ore por ele que a aflição que *usted tiene* em *su corazón*, terminará...

Sentindo-se consolada e agradecida, a senhora foi para a sala de espera a fim de aguardar a liberação do corpo do filho. E Juan, pensativo, se dirigiu para a enfermaria.

"*Eu preciso entender se a homossexualidade é uma forma de resgate, uma punição, uma deterioração da espécie humana ou mesmo uma implantação de um terceiro sexo na nossa raça... Eu preciso saber disso sob a luz da espiritualidade...*"

Ele estava sentado ao lado da cama de um paciente, terminando uma consulta rotineira, quando Betina se acercou por trás dele.

- Juan... Desculpa-me... Sei que este não é o momento adequado para falar com você, só quero avisar que precisamos conversar logo mais, pois acho que consegui o lugar certo para a nossa consulta.

Virando-se para olhá-la, ele concorda: - *Mui Bueno!*... Após o expediente ficarei esperando a *usted* no saguão de entrada... Está *bien*....?

Concordando, ela vai se afastar quando seu olhar cai sobre a nuca de Juan que abaixara a cabeça para examinar algo em seu paciente. Estranhando uma mancha arroxeada, por trás da sua orelha esquerda, fala preocupada: - Desculpe a interrupção, Juan... Mas acho bom você examinar, com o Shuartz, uma mancha estranha em sua cabeça. – e procurando disfarçar sua apreensão, se despede sorrindo – Até mais tarde!

Este sofre um impacto. O medo se instala de imediato em seu coração, mas ele procura não demonstrar ao seu paciente o que está sentindo. Com aparente tranqüilidade continua seus exames na enfermaria. Contudo, durante boa parte do dia, um pressentimento angustiante atormentou sua mente.

“Será o câncer que está se instalando nos vasos linfáticos...? Esse tipo de mancha eu conheço bem... E a Betina também... Por isso ela me alertou... É uma das doenças oportunistas decorrentes da baixa resistência causada pela Aids... Oh, meu Deus! Estava indo tudo tão bem...”

Esses pensamentos o angustiavam enquanto aguardava no consultório do Schuartz para ser atendido. Repentinamente surgiu à lembrança o aviso de seu Mestre. *“Então deve ser essa a nova prova que terei de enfrentar...”* - um suor frio brotou em sua testa – *“Oh, Jesus, os elos partidos da corrente devem significar as alianças que comprei... O cancelamento de meu casamento... Jussara querida... O que fazer, meu Deus...??? E os meus pais...? A angústia que irão sentir...”*

Ainda imerso nessas considerações, ele foi chamado à sala de exames. Infelizmente o seu próprio diagnóstico foi confirmado pelo Schuartz. Existiam outras manchas nas costas, em locais que sua vista também não alcançava, à semelhança da que fora vista por Betina. Felizmente a enfermeira ao perceber esta, pudera alertá-lo, adiantando assim o tratamento.

O Diretor Médico, sentindo a aflição do jovem colega, tenta transmitir esperança para ele: - Juan, vou encaminhá-lo para o Almeida... O oncologista que trata de alguns dos nossos pacientes... Você já o conheceu aqui, não é mesmo?

- *Si*... Estive com ele *solamente* duas vezes... *Pero* conheço *su* fama de excelente profissional.

- O que é a pura verdade... Por isso quero que você o procure. Vou lhe dar o telefone de seu consultório para que marque uma consulta o mais depressa possível – e, apesar de preocupado, Schuartz procura animar o jovem colega – Juan... Sei que não é fácil... O tratamento ocasiona efeitos colaterais muito desagradáveis, mas não perca a esperança de se curar. Alguns pacientes meus conseguiram... Por que você também não irá conseguir...?! Afinal, já conquistou outras vitórias... Conquistará esta também... Acredito nisso!

Não obstante a depressão causada pelo conhecimento da nova doença, ele sai mais calmo do consultório, indo ao encontro de Betina. Esta conseguira o endereço de uma casa espiritualista, da linha Oriental, que funcionava nas noites de sábado. Combinaram então comparecer à próxima sessão, que seria dentro de três dias.

Ao sair do hospital, Juan resolve ir ao Shopping Iguatemi. Queria espairecer um pouco... Não sabia ainda como comunicar a Jurana a mudança imperiosa em seus planos de casamento... O Natal estava próximo, era preciso enfrentar logo a nova situação... Quanto aos pais, deixaria para mais tarde, quando tivesse certeza do rumo que teria de dar à sua vida. Não era necessário angustiá-los antecipadamente.

Após jantar em uma cantina italiana, ele fica andando distraído, olhando as vitrines das lojas, sem se deter em nada. Casualmente entra no pavimento onde se localizam os cinemas. Seu olhar se perde pelos cartazes dos filmes que estão em exibição. Um deles prende a sua atenção: “Um fio de esperança”. A estória apresentada nada tem a ver com a sua vida, contudo o título penetra fundo em sua mente, despertando nele a energia do combate. *“Sim... Existe um fio de esperança para mim também... Vou me apegar a ele e lutar!”* Recorda o Mestre e firma a sua fé. *“Vou vencer, meu Mestre!... Conto com a sua valiosa ajuda!”*

Mais animado, resolve ir em seguida para o apart-hotel a fim de entrar em contato imediato com Jurana. Porém, quando chega em seu quarto, fica indeciso como contar tudo para ela. *“De que maneira... Por telefone..? E-mail...? Não! O melhor será escrever uma carta. Posso entrar em detalhes... E ela podendo ler e reler quantas vezes desejar, entenderá a minha atitude em relação a nova situação.... Tenho que adiar “sine die”o nosso noivado...Sim... Casamento nem pensar! Só se eu me curar totalmente!”*

Profundamente triste, porém decidido, atravessa a noite transformando em escrita tudo o que lhe vai na alma...

Após um longo trajeto, o táxi parou no final de uma rua tranqüila de um subúrbio paulista.

Juan e Betina desceram do carro frente a uma casa antiga. Bem conservada e totalmente pintada de branco, esta guardava ainda a imponência dos velhos tempos. Na fachada destacava-se uma placa redonda de um azul bem claro, tendo em seu centro um meio globo em azul violeta, representando o planeta Terra. Projetada sobre este e acompanhando sua curvatura em alto relevo, uma Cruz dourada iluminada por baixo, simbolizava a Proteção de Cristo à Humanidade. Na parte de cima da placa, em letras de um azul escuro *"Luz do Oriente"* e abaixo, *"Amor, Fraternidade, Evolução"*, indicavam uma casa de oração.

Não havia porteiro à entrada do pequeno jardim. A casa aparentemente deserta, mas toda iluminada, com a porta principal e as janelas abertas deixando escapar de seu interior os acordes melodiosos de uma sonata ao piano, convidava a um momento de paz. Na espaçosa sala da frente, umas poucas pessoas se encontravam sentadas nas cadeiras dispostas em várias fileiras, frente a uma extensa e estreita mesa, quando Juan e Betina entraram. Sem ninguém para orientá-los, eles procuraram assento mais ao fundo do aposento e ficaram aguardando o início da sessão por mais de vinte minutos. Haviam chegado muito antes da hora marcada.

Aos poucos a sala foi se enchendo. As pessoas iam se acomodando de preferência nas primeiras filas. Quase na hora marcada faltavam poucas cadeiras vazias que eram atropeladamente ocupadas pelos retardatários que, afobados, demonstravam terem corrido para chegar a tempo. Às oito horas em ponto, com a casa já lotada, a porta de entrada foi fechada e uma música para meditação tomou conta do ambiente...

Rosas brancas enfeitavam a mesa coberta por uma toalha de suave tom lilás. Colocados nos extremos desta, dois candelabros prateados sustinham esguias velas de um amarelo dourado e, mais ao centro, duas jarras de vidro cheias de água. Presa à parede, por trás desta mesa, somente uma pequena, porém belíssima cruz em cristal branco, toda terminada em pontas.

Por uma porta lateral ao canto da sala, entraram dois senhores e cinco senhoras entre 40 a 60 anos de idade, acompanhados de um rapaz jovem, todos vestidos com uniformes impecavelmente brancos. Em silêncio e com o semblante de quem já se encontrava concentrado, eles se sentaram atrás da longa mesa, de frente para a assistência, com exceção do rapaz. Este, após acender as velas, apagou as luzes do teto deixando a sala em penumbra e, em seguida, foi sentar-se em uma cadeira afastada da mesa.

A luz tremulante das velas se refletindo na cruz de cristal emitia faíscas coloridas, que pareciam lembrar a irradiação das luzes cósmicas emanadas para a Humanidade, pela Espiritualidade de Luz. Toda a beleza simples deste local acolhedor convidava ao recolhimento...

Sem nenhum preâmbulo, o senhor que se sentara no centro da mesa, o dirigente da casa, iniciou uma prece ao Mestre Divino Jesus. Com humildade pediu a Este a permissão para entrar em sintonia com o Mestre Oriental, protetor e diretor dos trabalhos espirituais e a sua Corrente de Luz e Caridade, para mais uma noite de assistência ao público. Invocando a Iluminação e a Proteção Divinas, agradeceu a presença de todas as Entidades Espirituais que compõem a Corrente. Sua voz foi se tornando mais suave enquanto passava, sem interrupção, da prece para uma curta palestra elucidativa sobre a vida espiritual. Ao término desta comunicou às pessoas que ali se encontravam em busca de um auxílio, que seriam atendidas nas salas adequadas aos seus problemas. E solicitou aos demais freqüentadores que permanecessem em seus lugares, até o término da sessão, ouvindo as mensagens que passariam a ser lidas.

Levantando-se, três médiuns saíram pela porta lateral indo para uma ante-sala, onde permaneceriam sentados diante de pequenas mesas distantes uma da outra, para fazerem a triagem dos atendimentos especiais. Enquanto isso na sala da frente, em silêncio, o rapaz jovem começa a encaminhar os consulentes para esta seleção, começando pela primeira fila de cadeiras. Um de cada vez, estes vão expondo seus problemas aos médiuns que, em seguida, os direcionam às salas correspondentes ao tratamento de cada um, situadas no restante da casa.

- Betina, nos sentamos *mui lejos*... - cochicha Juan ao ouvido da amiga – Pelo jeito, *nosotros* vamos ficar *la noche toda acá*...

- Não... O Aluízio me disse que no máximo três horas! – responde esta baixinho – E que é muito interessante o trabalho... Repare que dois médiuns começaram a escrever... Devem estar psicografando... Às vezes eles recebem mensagens especiais para nós da assistência...

- *Eso és mui* interessante!...Será que *nosotros* receberemos algo sobre *lo* que buscamos...? – comenta animado com essa possibilidade.

- Quem sabe...? O melhor é nos concentrarmos... Isso deve ajudar! – e fazendo sinal de silêncio ela fecha os olhos em recolhimento para prece.

A leitura dos textos levava à meditação... Estes, escritos na atualidade ou num passado remoto por religiosos ou médiuns psicógrafos, uns desconhecidos e outros conceituados universalmente, enfatizavam igualmente a necessidade da humanidade evoluir através do Amor. A lição de Cristo através dos tempos...

À medida que os médiuns iam terminando de psicografar, entregavam suas mensagens para o dirigente que ia transmitindo-as em voz alta. Porém nada vinha que elucidasse a Juan sobre o homossexualismo. Quase chegando a sua vez, ele começava a se sentir frustrado quando repentinamente lembrou-se do conselho de seu Mestre acerca da fé e, conformado, pensou: "*Com certeza ainda não é o momento de receber respostas... Tenho que firmar a minha fé e aprender a persistir com paciência...*"- e desinteressando-se do assunto em questão, mergulhou absorto no próprio problema, pois a essa altura faltavam somente três pessoas à sua frente para serem atendidas. Quase adormecido, estremeceu assustado quando sentiu Betina apertar seu braço, chamando sua atenção para a mensagem que começava a ser lida.

"Um das mais tristes condutas da humanidade atual é a prática do sexo sem limites, num tal desvario que a faz se esquecer da finalidade espiritual do mesmo... O incentivo à prostituição e à prática do homossexualismo, estão corrompendo a moral e a integridade do ser humano, levando-o a se comportar prioritariamente pelo instinto animal ainda existente em sua matéria, esquecendo-se da sua origem divina...."

Juan empertigou-se na cadeira, agora atento às palavras proferidas com clareza pelo médium.

"...A humanidade encontra-se no momento em uma fase de transição... O ser humano está sendo chamado a despertar sua consciência para uma evolução maior. Se atender a esta convocação, em sua próxima encarnação utilizará corpos mais sutis, em um plano mais elevado de aprendizado...

Mas, infelizmente, a humanidade em sua maioria não deseja o desligamento da matéria densa... Ao invés de atender ao apelo Divino, deixa-se iludir pelas tentações primárias das entidades retrógradas, que vibram em consonância com a energia negativa existente no planeta e que não almejam a uma evolução maior. E a tentação mais constante e de mais fácil penetração na vida dos seres humanos é a do sexo... As demais, como o desejo de poder, de acúmulo de riqueza, de domínio do mais forte sobre o mais fraco, entre outras tantas, dependem da evolução de cada ser... Porém, o sexo, este faz parte da natureza humana. Canal para a procriação, tem a força do desejo da carne... E o ser humano tendo descoberto um prazer físico

ilimitado na forma do ato sexual, confundiu o sentimento de amor que deveria unir o espírito à carne no momento da concepção, com pura atração sexual. Assim, tendo adotado o ato sexual como fonte de prazer dos sentidos físicos, esqueceu-se de sua natureza espiritual, como meio de reprodução da espécie humana.

A prostituição campeia, sob os olhos complacentes da humanidade, entre todas as faixas etárias do ser humano. Os mais velhos que deveriam ter armazenado em sua vivência ensinamentos sábios para delegarem aos mais jovens, perdem-se numa tentativa de preservar até os últimos dias de sua velhice o ardor sexual da juventude. Sem tomar conhecimento de que este chamamento da carne esmorece, com o tempo, para que seja aproveitada a energia sexual no fortalecimento de outras tantas necessárias à evolução espiritual.

E as crianças... Com tristeza infinita vemos a destruição da inocência tão importante aos primeiros anos de adaptação do espírito na matéria, para que este desenvolva bases sólidas à realização da tarefa de aprendizado, proposta antes do seu reencarne. Extremamente pesado é o carma adquirido pelos seres que causam tais perturbações nos corpos, espirituais e físicos, das crianças indefesas...

Quanto aos seres jovens e maduros, enorme é o número que se desvia da verdadeira meta de suas vidas, por não saberem dominar o ego inferior, sendo levados a atitudes errôneas e negativas pelo incontrolável desejo sexual, em nome de um equivocado sentimento de amor.

Maior ainda é a incompreensão dos seres acerca do homossexualismo... Se um espírito renasce na matéria física trazendo anomalias em seu corpo carnal, como a cegueira, incapacidade para ouvir e falar, membros atrofiados, deficiências mentais e em diversos órgãos, todas são consideradas doenças genéticas, passíveis de compreensão, tratamento e harmonização para um equilíbrio no modo de viver. Contudo, a anomalia de um ser nascer em um corpo físico oposto ao seu corpo emocional, não é levada em consideração como doença, buscando tratamento e harmonia, mas sim motivo de desprezo, chacota e muitas vezes de repúdio. Terrível é o sofrimento de um ser com um sexo aparente sentindo as emoções de um sexo oposto...

Diversas são as doenças que se abatem sobre os humanos... Em seus corpos físicos, mentais e emocionais... De diversas formas, como resgate, as doenças se instalam no corpo humano em virtude de erros passados. São resultantes das doenças do espírito, causadas por suas atitudes errôneas. O desconhecimento e a não aceitação desta causa, fazem com que muitos seres se revoltem contra a vida e outros se coloquem em posição de vítimas injustiçadas... Poucos admitem a existência da própria culpa em relação ao que estão passando...

À luz da compreensão espiritual, uma das causas mais comuns ao homossexualismo é a de extremo abuso sexual em vidas passadas, ocasionando sofrimento e infelicidade a outros seres. Como resgate, o espírito escolhe uma deficiência ou deformidade no sexo de seu novo corpo físico, para compreender a dor causada a seus irmãos no pretérito. À luz da ciência humana são diversas as explicações sobre o que ocasiona a homossexualidade, todavia todas elas se originam da necessidade em resgatar erros passados.

O Amor Cósmico, irmãos, é energia Divina. O aprendizado do amor é o início do despertar da consciência cósmica... Jesus reencarnou na Terra para ensinar a humanidade a amar de forma espiritual, divina...

Quando os seres humanos se conscientizarem de que fazem parte de uma Vida Única e que o Amor é o elo de ligação entre todos, compreenderão que o verdadeiro amor é aquele que une as almas, não os corpos. E este amor existe latente em todos os seres... Independente de suas condições físicas.

Os seres são atraídos uns pelos outros, inconscientemente, por esse Amor Cósmico. Uns pela necessidade de trilharem um caminho de resgate para aprenderem a se amar, desfazendo animosidades ou ódios passados... Outros para um novo conhecimento e outros tantos em reencontros a fim de continuarem unidos num mesmo caminho. Porém todos

cumprindo a missão evolutiva de desenvolver o amor entre as almas. É o aprendizado na escola da Terra... O Ensinamento do Cristo Jesus.

Sob esta compreensão, devemos aceitar o amor que se desenvolve entre os seres humanos, independente das formas físicas adotadas por seus espíritos antes do reencarne. O que é inaceitável é a prostituição do Amor, sob todas as deprimentes e vis condutas adotadas... Não se deve compactuar com o desvirtuamento da verdadeira finalidade do Amor que é a unidade das almas na Perfeição Divina, a Energia Criadora.

Que Jesus ilumine suas mentes, expandindo suas consciências cósmicas na compreensão da Verdadeira e Eterna Vida Espiritual.

Um Irmão na Luz ”

Juan se surpreende com o teor da mensagem... Era a resposta que pedira... Uma onda de calor repentino o envolveu fazendo-o entender a lição contida no texto. “Amor e compreensão, sem recriminações ou julgamentos para com os semelhantes, mas sem compactuar com seus erros aceitando como normais as atitudes contrárias à meta evolutiva. Procurando esclarecer, na medida do possível, o verdadeiro sentido da Vida, àqueles que procurassem auxílio”.

Nitidamente sentiu que esta era a missão que escolhera... E o tempo de vida que viria a ter, seria dedicado ao seu cumprimento.

Absorto nessas considerações surpreende-se com a presença do rapaz jovem à sua frente, chamando-o para o atendimento especial. Sob a forte emoção que estava sentindo, o acompanhou. Contudo, ao se aproximar da mesa pára um instante, falando ao dirigente: - Senhor... *Disculpa hablar com usted sin permisso... Pero,* seria *possible* conseguir *una* copia dessa *mensaje*...?

Este, sorrindo, faz a entrega da mesma para Juan: - É sua, pode levá-la!

Admirado com a rápida resposta do médium, ele agradece, continuando o caminho para a ante-sala. Somente mais tarde em seu quarto, ao reler o texto, é que entendeu as palavras e a facilidade com que o dirigente lhe entregara a mensagem. Ao pé da página final, uma observação: “Para ser entregue a quem pedir.”

Tinha sido escrita para ele... Essa frase explicava também o que a Entidade lhe dissera durante o tratamento que recebera na sala especial. “Irmão... Seu estado físico é grave... Sofrida será a batalha... Entretanto, firme a sua fé no Amor Divino, pois o tempo necessário ao cumprimento de sua missão, ser-lhe-á será concedido... O prazo dependerá unicamente de você...”

A sua intuição estava certa... Já iniciara a sua missão!

Empolgado com os acontecimentos da noite, sente desejo de relatar tudo para Jurana, esquecido momentaneamente da carta que lhe enviara. Dirige-se para o telefone, porém olhando o relógio verifica o adiantado da hora: *“Quase uma hora da madrugada... Não, é muito tarde! E ademais, a carta!... Sim... Não devo falar com ela antes que me responda essa carta... Se ela ainda não me telefonou é porque não a recebeu... Ou será que me mandou um e-mail...?”*

Entristecido agora pela lembrança de seu problema, liga o computador. Na caixa postal, encontra uma mensagem de Jurana:

Querido... Assim que entrei em casa à noite, me entregaram a sua carta...Li várias vezes para assimilar o que me escreveste... Sem admitir nem aceitar a tua absurda proposta, chorei até agora, encerrada em meu quarto para que minha família não tomasse conhecimento do que está se passando...Telefonei para ti várias vezes... Como não atendias, calculei que deverias estar de plantão e, para o hospital, apesar do enorme desejo de ouvir a tua voz e responder à tua absurda proposta, sei que não é oportuno telefonar... Mas foi melhor assim,

porque não conseguiria falar sem chorar... Amanhã, mais calma, conversaremos bastante... Juan... Acho que tu não avalias a intensidade de meu amor por ti... Pensas que vou abandonar-te quando mais necessitas de um apoio...?! Nunca!!! Eu te amo, querido!!! E sofro por tua causa...Pelo que estás passando! Quero cuidar de ti!...E tenho dentro de mim a certeza de que irás vencer mais esta prova!!! Beijo-te e abraço-te com toda a força do meu amor!!! Até amanhã, querido!!!

Lágrimas transbordaram dos olhos de Juan enquanto lia e relia as palavras de Jurana. Estas eram como um bálsamo para sua alma ferida... Imprimiu o e-mail e foi deitar-se segurando-o contra o coração... Liberou a mágoa que o massacrava, transformando-a em sentidos soluços... Aos poucos foi se acalmando, deixando-se adormecer enquanto os pensamentos giravam em sua mente:

"Querida... O seu amor me fortalece... Me dá ânimo para lutar... Mas não tenho o direito de estragar a sua mocidade amarrando-a em minha provação... Estou decidido! Só me casarei com você se me curar! Eu a amo!!! Eu a amo!!!..."

E um sono profundo, reparador, levou-o a uma tranqüila praia ribeira onde, abraçado à sua amada, ambos caminhavam felizes sob a luz vibrante do sol nascente, que se refletia nas águas límpidas do caudaloso rio.

Betina convidou Juan para almoçarem juntos no refeitório do hospital. Desejava comentar mais sobre a noite anterior.

- Mas é incrível o que está me contando!... Então a mensagem era mesmo específica para você!...Impressionante!... Bem que meu amigo me disse que aquele Centro é excelente.

- Ele *tiene razón*! – concorda Juan convicto da integridade do trabalho daquela corrente – Sabe, Betina... *Yo voy* freqüentá-lo *con asiduidad. La* Entidade me recomendou *lo mismo* tratamento de irradiação das energias cósmicas *una* vez por semana.

- E eu acho que vou freqüentá-lo também... Importa-se que eu vá junto?!

- Em absoluto! Será *uno* prazer contar com *su* companhia! – ele responde satisfeito.

- Juan... Ontem no táxi falamos tanto sobre o homossexualismo, que me esqueci de perguntar como foi seu tratamento...– ela deseja saber interessada.

- *És mui* semelhante ao que se recebe em *la* Casa do Amor Cósmico, em Trilha *de las* Palmeiras, onde *yo* estive com *el* doutor Maori... *Los* pacientes se deitam em colchonetes sobre o chão, formando *uno* círculo, com *las cabezas* voltadas para *el cientro.* Os médiuns incorporados com *las* Entidades médicas de *la* espiritualidade, vão impondo *sus manos* sobre *los* pacientes, repassando as energias cósmicas de cura.

- Mas não dão consulta...?! – admira-se Betina.

- *No... Solamente hablan* quando *tienen* algo para *aconsejar* ou transmitir *alguna información.*

- E falaram alguma coisa importante para você...?

Juan não responde de imediato. Fica indeciso se deveria contar tudo o que a Entidade lhe dissera. Betina percebendo sua hesitação fala encabulada: - Desculpe-me Juan... Estou sendo indiscreta.

- *No,* Betina... *Solamente me quedé* pensando *naquel* momento... *El* médico espiritual confirmou o que *nosotros* sabemos. *És mui* grave *lo que tengo... Pero yo* devo ter *mucha* fé e confiar na proteção Divina.

- Oh, Juan... Sinto muito!!! – e desejando confortá-lo, coloca com carinho a sua mão sobre a dele – Tenho certeza de que a sua fé vai ajudá-lo!... Afinal, você tem ajudado a tantas pessoas... É claro que vai ser ajudado também!

- Dessa ajuda *yo no tengo* dúvida... *Pero...*- e com uma expressão tranqüila ele afirma - Se *no* conseguir vencer *la* doença, *es* porque *ha llegado mi* hora... Isso *yo* já comprendo!...

- Sabe, meu amigo... Gostaria de ter a mesma certeza que você tem acerca da continuidade da vida!... Tenho lido muito sobre o espiritualismo, mas ainda não me sinto plenamente convicta desses ensinamentos.

Eles haviam terminado de almoçar. Quando se preparavam para deixar o refeitório, Betina observando a hora verifica que ainda tem tempo para uma pergunta que a está preocupando.

- Juan... Apesar de termos debatido bastante sobre o homossexualismo ontem, ainda fiquei com uma dúvida.

- Sobre o quê...?

- A espiritualidade aprova o casamento entre os homossexuais...?

- *Yo he* entendido que *no es* considerada *una* atitude natural de *la nuestra* existencia... Contraria *la* ordem regular *de las cosas en la* vida. *Pero...* Se existe amor cósmico entre *las* almas e sendo *la homosexualidad* considerada *uno* disturbio físico, *nadie* impede que *dos personas* sigam juntas *uno mismo* caminho. Desde que *sea uno comportamiento* digno, sem prostituição. *No es* vedado *a los* deficientes físicos *una* vida normal... *Mucho* pelo contrário... *La* dificuldade em conseguir superar *las* deficiências físicas ou emocionais *es onde se encuentra* o resgate cármico... Foi *así* que *yo he* comprendido.

Betina olha pensativa para ele, falando em seguida: - É... Dá o que pensar... Essa mensagem, Juan, mexeu muito comigo...Gostaria de ter um xerox dela para poder refletir mais sobre o assunto... Você me consegue um...?!

- Certamente, *mi amiga...Voy* tirar *uno para usted!* – e levantando-se a convida para retornarem ao trabalho – Vamos...? *Nuestros* pacientes nos aguardam!

Já sozinho, a caminho da enfermaria, Juan segue pensando comovido: *"Quanto já consegui abrir a minha mente para uma maior compreensão... Como mudei!... Graças ao meu grande amigo Maori! Como sinto falta do convívio que tínhamos!... De nossas conversas... Hoje à noite, antes de ligar para a Jurana, vou telefonar para ele!"*

A conversa telefônica com Maori fora longa. Como sempre este aconselhara a Juan demonstrando a amizade fraterna que nutria por ele. Achou acertada a decisão em adiar o noivado com Jurana, pois não se poderia prever quanto tempo levaria o tratamento com a quimioterapia e qual seria o resultado do mesmo... "Mas vocês devem continuar o namoro!", afirmara convicto, "Pois o amor verdadeiro sobrevive às provações e às distâncias. Não se abate nem fenece perante os obstáculos que surgem no caminho!" e, esperançoso, falara com firmeza, "Vamos partir para a luta, meu amigo! Conte comigo em tudo o que necessitares. Dentro de dez dias estarei aí contigo e tomarei conhecimento do teu tratamento!"

Animado com a perspectiva da visita do amigo, Juan desligara o telefone sentindo uma esperança fortificada pela fé e pela energia da amizade e do afeto.

Difícil fora convencer Jurana que o mais prudente era adiarem o compromisso que ela tanto desejava... *"Querida... Nós não necessitamos de uma cerimônia formal para comprovarmos, perante os demais, o nosso amor e o desejo de um dia caminharmos juntos."* dissera, procurando controlar sua emotividade, ocultando a ânsia de estar perto dela. *"E, por maior que seja o nosso desejo de nos encontrarmos novamente... Por favor... Não venha aqui com seu tio... Irá deixar seus pais mais desgostosos ainda com a nossa situação..."*

Após quase uma hora de conversação, ela se deixara convencer. Afinal faltava pouco mais de dois meses para o Natal. Combinaram que ele passaria a festa natalina em Assunção e o Ano Novo com ela, permanecendo uns poucos dias em Porto Alegre antes do retorno a São

Paulo. E mais uma vez deixou para contar tudo aos pais quando estivesse em casa. Pessoalmente o choque seria menor...

E os meses que se seguiram pareciam transcorrer mais rápidos com tantas situações inusitadas em seu cotidiano.

Juan começara a quimioterapia que lhe ocasionava efeitos colaterais de muita indisposição. Além das náuseas que provocavam desgastantes vômitos e falta de apetite, era tomado por estados febris e extremo cansaço. Continuava clinicando com muito sacrifício, mas não se descuidava de seus pacientes e o seu exemplo de coragem e determinação, incentivava-os a lutarem por sua vez.

Aumentou a freqüência ao Centro Espiritualista para duas noites por semana. Sentia-se revigorado após as sessões. E o convívio com outros freqüentadores, portadores das mais diversas doenças ou deficiências, colaborou para sedimentar sua compreensão espiritual.

Travou conhecimento com alguns companheiros de luta pela conquista de uma vida física mais harmoniosa. Entre eles, um homem de trinta e sete anos que ficara cego aos vinte. No vigor da juventude, não cuidara direito da diabete que descobrira existir por volta dos dezessete anos. Pessoa de fibra e muita fé, fizera questão de dar testemunho a Juan de sua batalha em meio à escuridão. E com naturalidade começou a contar como tudo lhe acontecera.

- Eu não levava muito a sério o meu tratamento. Era muito jovem e não acreditava que a cegueira poderia acontecer comigo... Havia recém passado no vestibular para a faculdade de Direito e me sentia dono do mundo! Porém, um dia, acordei e pensei que ainda era noite... Estranhei a falta total de luz...Chamei por meu irmão que dormia na cama ao lado e perguntei o que acontecera com a energia elétrica. Ainda meio dormindo, ele me perguntou espantado: “De que luz está falando, *mané*...?! Tá sonhando...?! Acorda, *bixo*, que já deve estar na hora da sua estréia na faculdade!” Confuso perguntei pela hora e ele me respondeu rindo: “Deixa de brincadeira!... Você tá é com medo de enfrentar o trote!” Apavorado, verifiquei que meus olhos nada enxergavam... E aí começou o meu calvário!

Revoltado, mesmo recebendo todo o apoio da minha família, fui ao fundo do poço... Ficava a maior parte do tempo fechado em meu quarto, de onde saía somente para ir ao médico e ao hospital na tentativa de recuperar minha visão. Operei os olhos duas vezes, sendo que uma delas foi nos Estados Unidos e de nada adiantou... Até que uma noite minha mãe conseguiu que eu fosse a um centro espírita, que ela estava freqüentando já algum tempo... A contragosto a acompanhei, apesar de descrente de tudo, porém levando bem no íntimo uma última esperança de encontrar a cura. Fui atendido por um espírito que dizia ter sido um médico alemão falecido no final do século dezenove. Ele falou pouco... Mas suas palavras, ainda trago na lembrança exatamente como foram pronunciadas... Com forte sotaque francês, elas me sacudiram e me fizeram desejar sair do desespero em que me encontrava.

“Irmão... Tu podes permanecer na escuridão total em que te encontras... Na revolta que te consome... Na amargura que impede de aproveitares os atributos que possuis em uma vida útil para o teu crescimento espiritual... É o teu direito de escolha! Mas... Pensa comigo... Quem sabe se não foi retirada a tua visão física, para que desenvolvas, por necessidade cármica, a visão da tua alma...? Pára de sentir piedade por ti mesmo e olha profundamente para teu interior e analisa o que é melhor. Ficar remoendo raiva e desespero ou acordar para a vida que tens pela frente!”

Resolvi então estudar sobre a doutrina espírita, através de livros pacientemente lidos por minha mãe e encontrei a luz no final do túnel... Estudei braile e iniciei meus estudos na faculdade de Direito como ouvinte. Minha freqüência assídua e o progresso que demonstrava, proporcionaram o direito de conquistar meu diploma. Hoje trabalho como advogado e ensino

braile a meus companheiros de luta. Levo uma vida normal... Bem... Quase normal! – e com um sorriso discreto explicou - Só que não encontrei ainda uma companheira disposta a caminhar comigo.

Neste ponto da narrativa ele faz uma pausa, divagando por uns momentos. Mas, logo a seguir recupera seu sorriso, continuando: - Todavia... Como me afirmam aqui no Centro que está próximo de acontecer um reencontro afetivo, nutro uma paciente espera... Enquanto isso vou a cada dia descobrindo mais belezas na vida. Talvez se enxergasse com meus olhos físicos, tais belezas passassem desapercebidas... E assim, procurando alargar os horizontes de minha mente, acabei por encontrar a felicidade de quem conseguiu superar um grande obstáculo. Considero-me um vencedor!

A história desse homem causou profunda impressão em Juan. Na noite desse encontro, ele saiu decidido a não esmorecer na sua luta, por maiores dificuldades que surgissem.

Quando Maori chegou para visitá-lo, foi como se o sol brilhasse mais intensamente em seu caminho. Sentiu-se amparado, feliz, com a presença do amigo.

Shuartz recebeu o colega com toda a consideração. Fez questão de percorrer com ele todo o hospital, mostrando seu funcionamento geral e estabeleceu-se entre ambos um agradável relacionamento. A infra-estrutura do mesmo, com sua organização e seus equipamentos de primeira linha, deixou Maori muitíssimo bem impressionado e encantou-se com o trabalho que Juan estava realizando na enfermaria.

Posteriormente ele foi apresentado ao Almeida, o oncologista, e se inteirou do tratamento que estava sendo ministrado ao amigo e, infelizmente, a confirmação da gravidade do seu diagnóstico. Contudo, se por este lado a situação era difícil, em contrapartida o terapeuta pode abolir a muleta de Juan, substituindo-a pela bengala. O alívio que este sentiu foi enorme e em tom brincalhão, comentou com Maori: - *Así yo* poderei caminhar com *mayor* facilidade em *direción* à nova vida no além!...

Este se admira da calma do amigo: - Aprecio o teu senso de humor perante aos desafios de tua existência... Entretanto creio que poderás caminhar com maior facilidade rumo a uma vida mais plena de harmonia, ainda aqui, nesta nossa escola primária! – e usando do mesmo tom brincalhão, exclama – Só porque conseguiste abrir *um poquito más* esta sua cabeça, não pensa que já redimiste todos os teus pecados, recebendo um visto para o céu! – mas, em seguida comenta em tom sério – E por falar nisso, observei que estás mais firme nas convicções espirituais.

- *És verdad!... La* freqüência ao Centro espiritualista, *tiene* me ajudado *mucho* a reforçar *la* Fé e a comprender *mejor todo lo que tengo* passado. *Usted g*ostaria de *conocer a eso* Centro...?! *Yo* ficaria feliz se *usted* me acompanhasse *una noche*...

- Mas é claro que eu pretendo ir contigo. Também quero conhecer o local que está te fazendo tanto bem!

O doutor Ernani, o dirigente do Centro, tendo tomado conhecimento de que Maori realizava um trabalho espiritualista em sua cidade, fez questão de que ele se sentasse à mesa. Um tanto constrangido, este aceitou posicionando-se ao lado de uma senhora, médium da casa, que retornava de uma longa viagem. Passara três meses percorrendo a Europa em companhia da filha.

Os trabalhos ocorreram, como sempre, em perfeita harmonia. Foram recebidas várias psicografias, contudo nenhuma dirigida a Maori, nem a Juan. Este, acompanhado de Betina, permanecera sentado na assistência e fora tratado como de costume na sala especial. Ao término da sessão, após a retirada dos freqüentadores, os médiuns permaneceram mais um pouco na casa para conversar com o companheiro visitante. Comentaram os trabalhos exercidos em ambas as

casas, satisfeitos com a sua semelhança. E trocaram experiências... Uma delas, foi a mais elucidativa que Juan já ouvira, comprovando a necessidade do perdão para se alcançar evolução.

A senhora que ficara sentada ao lado de Maori na mesa dos trabalhos, cujo nome Juanita demonstrava sua descendência espanhola, pediu permissão a Ernani para contar sua história, que incluía a participação deste.

Sua vida tinha sido toda de sofrimento. A deformação que existia em seu corpo físico atestava isso. Uma séria doença, esclerodermia sistêmica progressiva, pouco conhecida na década de cinqüenta, quando sua idade não ultrapassava os vinte anos, fora detectada como fatal, tendo os médicos na ocasião dado no máximo três meses de vida para ela.

Juanita pertencia a uma família espírita, portanto já possuía àquela época uma compreensão mais abrangente sobre a fugaz experiência de vida pela Terra. Casada há poucos anos, tinha uma filha pequena e, em função disso, declarou com firmeza para a junta médica que a atendia: “Os senhores pensam que podem determinar um prazo de vida para mim. Ledo engano! Somente retornarei à espiritualidade depois de criar a minha filha!” E deu início à luta pela sua sobrevivência. Submeteu-se a todos os tratamentos existentes... Entretanto, o marido não suportou acompanhá-la nessa batalha e retirou-se do casamento, abandonando-a com a filha. Em contraposição, a família apoiou a ambas e os anos foram passando... De muita luta, muitas dores, mas Juanita reagia sempre apoiada numa fé inabalável. Tinha a certeza de estar resgatando algo que desconhecia do seu passado remoto... O corpo físico foi sofrendo as conseqüências da doença. Começou a deformar as extremidades pela falta de circulação. Os dedos foram afinando, enrijecendo, se deformando e a pele endurecendo. Gradativamente a vitalidade foi diminuindo em todo o organismo. Mas ela continuava lecionando e lutando para vencer a sua provação. Hoje, avó de vários netos e aguardando a chegada de um bisneto, continua sobrevivendo com suas limitações, tendo aprendido a conviver com a dor constante, levando uma vida quase normal.

Interrompendo um pouco o seu relato para recuperar o fôlego, ela volta a pedir permissão ao dirigente para prosseguir, explicando para os ouvintes: - Eu posso entrar em todos os detalhes de minhas vidas, presente e pregressas, mas não tenho o direito de me referir a regressões de outrem sem a sua permissão. Já que o Ernani concorda, vou continuar.

- Aqui no centro, temos tido muitas regressões, na sua maioria espontâneas, nos momentos em que nos concentramos durante as reuniões especiais para os médiuns. E foi em uma dessas que eu regredi ao tempo da Inquisição. Vi a mim mesma, homem musculoso com muita força física e nenhum sentimento de humanidade. Com prazer exercia a minha função de carrasco e torturador... Em dado momento estava submetendo uma mulher, já entrada em anos, às piores torturas e humilhações que, por me deixarem envergonhada vou omitir detalhes... – a essa altura, a respiração de Juanita começou a ficar ofegante pela emoção que sentia e procurou assim, encurtar ao máximo o relato. Prosseguiu com certa dificuldade:

- Reconheci apavorada no olhar daquela mulher... o repúdio que às vezes percebia nos olhos de Ernani em relação a mim... quando comecei a freqüentar esta Casa... Bem antes de nos tornarmos os grandes amigos que somos hoje em dia... Ao término daquela regressão, fui intuída e compelida a me aproximar dele... para pedir o seu perdão pelo passado...Temi que ele não compreendesse a minha atitude e me achasse perturbada... – mais ofegante ainda, dirigiu-se a este – Por favor, Ernani... Continua por mim... - e tomando um copo d’água, permaneceu calada a fim de normalizar sua respiração.

Ernani prontamente deu continuidade à história: - Porém, antes de prosseguir, preciso explicar um dado importante. Vários anos antes de conhecer Juanita, eu havia me submetido a algumas regressões num Centro de estudos espiritualistas em Porto Alegre. E ela desconhecia tal fato... Naquele local tive a oportunidade de conhecer algumas de minhas vidas passadas. Na primeira delas, que pude ter acesso, eu fui um guerreiro romano sanguinário e,

entre as batalhas que participava dizimando famílias inteiras e escravizando a muitos, tinha como lazer dos mais prazerosos, assistir à mortandade dos cristãos sendo devorados na arena pelos leões famintos... Em outras regressões, pude enxergar relances de vidas posteriores em que muito sofri, como resgate pelo suplício e maldade que causara a tantos seres, naquela odiosa encarnação romana. Durante a Inquisição sofri terrivelmente nas mãos de um carrasco. Como mulher considerada bruxa pelos atributos mediúnicos que possuía, terminei na fogueira. E foi nessa encarnação que nossos espíritos, meu e de Juanita, se encontraram pela primeira vez. Ela foi o carrasco que me proporcionou a maior parcela de resgate, de meus hediondos crimes.

Nesse momento ele silencia, por um lapso de tempo, olhando para a amiga, para em seguida confessar – Eu desconhecia que você percebia a rejeição em meu olhar... Nunca me falou sobre isso... Na verdade, quando fomos apresentados aqui no Centro, realmente senti uma inexplicável aversão... Ao apertar a sua mão, foi como se existisse uma forte barreira entre nós... E eu me condenava por não simpatizar com você... Perguntava-me como poderia sentir e reagir dessa maneira com uma pessoa tão suave e sofrida... Onde estava o sentimento de amor fraterno que eu pregava aos outros...? E isto me atormentava... Felizmente, aos poucos, essa estranha aversão foi se transformando em simpatia, dando lugar à amizade – e dirigindo-se à amiga, conclui comovido – Juanita, quando ao término de sua regressão você me pediu que a perdoasse, eu senti a energia do Amor Cósmico nos envolvendo, dando o início a este amor fraterno que nos une atualmente. Lembra-se do que lhe falei...?

Igualmente sensibilizada pelas revelações do amigo e a recordação do fato, ela transmite, aos demais, as palavras proferidas por Ernani - "O perdão, minha irmã, é o único remédio para nossas almas feridas em conseqüência dos erros que cometemos... Eu a perdôo com toda a energia do afeto que está começando a nos unir... E espero que um dia eu também possa ser igualmente perdoado pelo mal que causei a inúmeros irmãos no passado... – e novamente tomada pela emoção, ela dá por terminada a história – De mãos dadas...muito emocionados... fizemos uma prece de agradecimento ao Pai... por proporcionar o nosso reencontro nesta Casa de Oração... Favorecendo a oportunidade de ambos desenvolvermos o Amor Cósmico... Unindo nossos espíritos, em busca da evolução...

A comoção foi geral... O grupo passou então a falar sobre o Perdão e o Amor, e a importância dessas energias sublimes para a evolução da Humanidade.

Ninguém prestara atenção à retirada discreta de Betina para um canto da sala, pouco antes de Juan e Maori começarem as despedidas para se retirarem. Admirado por esta, sempre tão gentil e educada, não estar ao lado deles também se despedindo, Juan olhou ao redor à sua procura. Quando a viu sentada em estranha posição, preocupou-se em seguida. De olhos fechados e com a cabeça inclinada sobre o ombro esquerdo, ela parecia não estar se sentindo bem. Chamou por Maori e ambos foram atendê-la imediatamente, sendo seguidos pelo dirigente da Casa.

Com um dos braços Juan sustentou os ombros de Betina e com o outro amparou sua cabeça que continuava sem equilíbrio, enquanto Maori tentava auscultar seu coração ao mesmo tempo em que tomava seu pulso. Batimento fraquíssimo, respiração quase ausente... Num estado como de hipnose profunda. Somente as pálpebras tinham movimento, tremendo sem parar.

Preocupadíssimos, os dois médicos resolveram levá-la imediatamente para o hospital: - *No hay tiempo* de chamarmos um táxi! – Juan exclama aflito – Necessitamos levar Betina *con* urgência *a lo* hospital!

Imediatamente Ernani se prontificou para levá-los em seu carro, enquanto Maori começava a erguê-la: - Juan... Ajuda-me a segurá-la! Vou levá-la no colo até o carro. Temos que medicá-la imediatamente!

Nem bem Maori terminara de falar, Betina começou a balbuciar umas palavras entremeadas de espanhol paraguaio: - Me deixem falar!... *Mboparaha estoy aca!*

Juan leva um susto ao escutar tal frase. Aproxima-se dela, espantado: - Betina... *O que está dizendo...*?!

Ela abre os olhos, com um olhar estranho, profundo, como se penetrasse em sua mente, repetindo o que dissera: - *Mboparaha... Sou eu... Janaína...Tive permissão para me comunicar contigo antes de reencarnar novamente... Preciso dizer o que não pude, quando fui sua filha Paraguassú... O amor de pai que me deste, e a convivência fraterna que tivemos em uma outra vida, não haviam conseguido desfazer a mágoa gravada em meu espírito, apesar de tê-lo perdoado pelo que me fizeste... Eu vim agora mais esclarecida...Atraída pela energia do Perdão que foi invocada aqui... Para dizer que a tua evolução me libertou da amargura...Mboparaha Juan, nada mais resta de negativo entre nós a atrapalhar nossos caminhos... Meu perdão é total... Somos agora almas irmãs que se reencontrarão, por vezes, ao longo da jornada...*

Um meio círculo se formara pelos médiuns atraídos pela incorporação espontânea de Betina. Juan, completamente estarrecido, com os olhos marejados de lágrimas, só consegue balbuciar umas poucas palavras em espanhol: - *Janaína querida...Paraguassú...O seu perdão me libertou!...Obrigado... Muito obrigado! Seja feliz em sua nova experiência, sob a Luz do Nosso Pai!*

Betina sai do transe e se assusta com todos à sua volta... Ficara inconsciente, de nada se lembrava. Apenas que procurara se sentar num lugar mais afastado, pois não se sentia bem. Uma leve taquicardia a deixara tonta e ela não quis perturbar a animada conversa entre os presentes, por isso se afastara. De repente caíra num sono profundo. Maori tranqüiliza-a: - Não fica preocupada... Tu tiveste uma incorporação inconsciente, Betina. Tiveste a oportunidade rara de transmitir com clareza uma mensagem muito importante para o Juan. O que aconteceu, faz parte de uma longa história...

Emocionado, Juan faz uma promessa: - *Yo podaré* esclarecer a *usted* toda *esa incrible* história centenária... Afinal, *usted es* parte dela!

Promessa feita, foi cumprida ainda em companhia de Maori. Betina encantou-se com a narrativa da saga de Rodrigo e Juan comprometeu-se a lhe enviar uma cópia do *"liuro kue"*, tão logo chegasse em Assunção.

- Ficarei aguardando ansiosa! Deve ser fantástico! – responde entusiasmada, afirmando – Agora entendo porque nos entendemos tão bem, com amizade tão espontânea e fraternal!... – e virando-se para Maori insinua esperançosa – Se o senhor pudesse conversar sobre isso com o Schuartz, me ajudaria sobremaneira.

- Como assim...? – ele pergunta surpreso.

- É que eu não sei se ele não percebe mesmo o quanto eu o amo, ou se ele se esquiva de mim por eu não ser judia... Ele não acredita na continuidade da vida através dessa jornada com inúmeras experiências. Não admite mudarmos de raça e muito menos de religião... Mas meu amor por ele é tão grande que até me converteria ao judaísmo!

Maori sorri compreensivo: - Se houver oportunidade, tocarei neste assunto espiritualista com ele. Mas não te prometo! Tenho somente mais quatro dias aqui.

Enquanto fazia as malas para retornar a Assunção, Juan sentia seu coração oprimido pelo fato de ter que encerrar, tão mais cedo do que planejara, o período previsto para o aprendizado em São Paulo. A tristeza dominara-o no momento da despedida a seus pacientes. Fizera um enorme esforço para não deixar transparecer a estes que sentia estar se aproximando o momento de sua partida para a espiritualidade. Não queria desanimá-los, pois muitos haviam se fortalecido com o seu exemplo. Dissera apenas que precisava retornar ao seu país, sem entrar em

maiores explicações... Apesar do Dr.Hans, a entidade médica que o tratava no centro espiritualista, afirmar seguidamente que o importante era não perder a fé, mas sim se entregar nas mãos de Jesus, o seu corpo a cada dia mais enfraquecido pela quimioterapia, fazia-o crer que sua hora estava se aproximando.

Depois que Maori partira, a solidão, antes inexistente, se fizera presente em seu apartamento e sentindo-se definhar rapidamente pelos efeitos colaterais do tratamento, chegara à conclusão de que era hora de retornar à casa paterna. Sentia necessidade da presença dos pais ao seu lado... Ansiava pelo carinho e pela assistência de sua mãe.

O Dr. Almeida indicara a Juan um colega oncologista em Assunção para que não fosse interrompida a quimioterapia. Mesmo sem ter conseguido ainda uma melhora contra a doença, o médico não perdera a esperança de Juan alcançar a cura. Por sua vontade, seu paciente não abandonaria os seus cuidados, porém este fora irredutível na decisão de voltar para seu país. *"Quero morrer na minha terra"* - afirmara para o médico em espanhol, começando a desanimar de lutar.

Tendo terminado de arrumar a bagagem e já pronto para partir, foi apreciar pela última vez a vista parcial da pujante cidade que tão bem o acolhera. Faltava ainda meia hora para que Betina e Shuartz fossem buscá-lo para levá-lo ao aeroporto. Estes fizeram questão de acompanhá-lo. Sentiam-se entristecidos com a marcha dos acontecimentos.

"O que será de minha vida daqui para frente...?" - pensava Juan angustiado, com o olhar distante sobre os prédios que se estendiam à sua frente - *"Fiz muito mal em não contar para meus pais a minha real situação... Deveria tê-los preparado!... Mas ainda bem que os alertei para o meu aspecto mais magro e abatido... Assim pelo menos o choque, quando me enxergarem, será menor... Oh, meu Deus... E com a Jurana, como vai ser...?!"*

Doía em sua alma a certeza de que não poderia estar em sua companhia nas festas de final de ano. Sabia que não teria condições de viajar.

O toque do interfone tirou-o desse triste devaneio... Era o porteiro comunicando a chegada dos amigos.

Uma hora mais tarde já se encontrava à bordo da aeronave, iniciando a decolagem.

"Estaremos aguardando o seu retorno para a conclusão do curso!... Os ares do seu rincão natal irão fazer com que você se recupere logo!", afirmara Shuartz ao se despedir, procurando animar o amigo. "Faça com fé o que lhe indicaram na Casa Luz do Oriente. Sei que a Espiritualidade continuará protegendo-o e o que for melhor para você acontecerá!..." murmurara Betina ao seu ouvido, no momento em que o abraçara em despedida.

Juan relembrava com carinho as palavras animadoras dos amigos enquanto o avião subia rapidamente, afastando-o de um convívio que, apesar de menos de um ano de duração, proporcionara a ele um grande ensinamento. Amadurecera muito naqueles meses... *"Adquiri mais sabedoria... Resta saber se saberei aplicá-la devidamente no período de vida que me resta!... Não tenho mais esperanças de sobreviver, mas vou fazer exatamente o que o Dr. Hans me recomendou... Vou me concentrar nas noites do trabalho espiritual, tomar a água que será energizada no copo ao meu lado com toda a fé. Certamente estarão me preparando para a minha passagem... Seja o que Deus quiser!"*

Logo nos primeiros dias em Assunção, Juan foi procurar o oncologista que Almeida recomendara, membro do corpo médico do Hospital Nossa Senhora da Consolação, a mais importante clínica oncológica do país.

Médico ainda jovem, cujos traços marcantes de seu rosto indicavam sua pura origem guarani, Ranulfo Hibanez era de uma modéstia que não deixava transparecer o excelente conceito que já conquistara em pouco tempo, entre a comunidade médica paraguaia. No

consultório simples, sem nenhuma ostentação, somente um diploma emoldurado, fixado na parede por trás da mesa de consulta, atestava o seu alto grau de conhecimentos. Fizera a especialização em oncologia durante três anos em um dos mais importantes hospitais ingleses, Saint Patrick Hospital, tendo retornado a Assunção há pouco mais de um ano.

Após uma longa consulta, com demorada análise dos exames que Juan lhe entregara, Hibanez elogiou o tratamento realizado até então e marcou, com algumas modificações, a continuidade da quimioterapia. Sem dar falsas esperanças ao seu novo paciente, também não descartou a possibilidade deste conquistar a cura.

- Esta vai depender exclusivamente da reação de seu organismo ao tratamento! - declarou olhando-o com simpatia - *Seu médico brasileiro manteve uma demorada conversa telefônica comigo, expondo o seu caso. Contou-me também que você tem vencido sérios desafios, portanto espero que essa sua fibra nos ajude a vencer mais esta batalha!*

Juan saiu do hospital ligeiramente mais otimista. A segurança que sentira na maneira do colega diagnosticar e nas suas palavras de incentivo, despertara nele uma tênue esperança.

Contudo, no correr dos dias a melhora não se manifestava. Apenas a indisposição causada pelos efeitos colaterais da nova quimioterapia diminuíra de intensidade.

"Meu Deus!... Estou me acabando..." - pensava ao se olhar no espelho -*"Felizmente Jurana não está me vendo assim... Pareço um ET!"*

Quando os cabelos começaram a cair, Juan achou melhor raspar a cabeça. Seu rosto outrora bonito e saudável, agora estava pálido com expressão de profundo abatimento.

"Quanto tempo ainda terei aqui na Terra...? - falava assim, em voz alta, para sua triste imagem refletida - *"Na verdade já sinto-me preparado para partir... Só desejaria, meu Deus, não sofrer muito até a hora de minha passagem!"*

- Meu filho!... Que tolice é essa que está falando...?! - exclama Esperanza, entrando neste exato momento no quarto do filho. Com esforço procura disfarçar o desejo de chorar que tal comentário lhe causara.

Ela fora levar um suco de frutas e infelizmente surpreendera Juan num de seus raros momentos de tristeza. Este dificilmente demonstrava sentimento depressivo. Aceitava o que considerava inevitável.

- Ora, minha mãe... Já lhe falei que precisa compreender e aceitar que cada um de nós tem um tempo pré-determinado para a nossa existência terrena...- e já sorridente, pergunta - *Já conheceu alguém que tenha ficado para semente, Dona Esperanza ?!*

Tentando disfarçar sua angústia ela coloca a bandeja sobre a cômoda para que o filho não veja as lágrimas que começam a brotar dos olhos cheios de tristeza: - *Pois eu tenho fé de que a cura vai chegar para você!... Continuo rezando muito para a Virgem de Caacupé pedindo que ela lhe devolva a saúde!*

Juan aproxima-se dela por trás e abraçando-a carinhosamente, beija os cabelos precocemente embranquecidos pelo sofrimento: - *Mãe querida... Não fique rezando para que eu me cure... Já lhe expliquei que a melhor prece é aquela que nada pede além da Harmonia e da Luz.*

- Ora, meu querido... Não posso aceitar você partir tão cedo... Em plena juventude!

- Mas a verdade, mãe, é que não sabemos o que é melhor para meu espírito... Retornar à espiritualidade ou permanecer aqui na Terra... Portanto o certo é pedir que se realize o melhor para todos nós! É assim que o pai reza!...

- Eu sei, meu filho... Eu sei... Mas eu não consigo!... Como posso ficar sem você...?! - e virando-se de frente para ele, encosta a cabeça em seu ombro deixando as lágrimas correrem livremente.

Ele acaricia seus cabelos e procurando segurar também a própria emoção força uma voz firme: - *Quê isso, Dona Esperanza ?! Não sabe que temos toda a eternidade para ficarmos*

juntos...?! - fazendo com que ela levante o rosto para ele, enxuga suas lágrimas - *Oh, mãe... A única coisa certa que temos nessa vida aqui na Terra é de que ela é passageira... Perante a eternidade ela é um ínfimo lapso de tempo!... E eu não quero levar comigo a lembrança de seu rosto sofrido... Portanto não chore... Vamos aproveitar o tempo que ainda temos aqui!*

- Desculpe, querido...- ela tenta um sorriso, estancando as lágrimas - *Eu sei que devo agir assim... Procuro ser forte, mas às vezes fraquejo!*

- Então vou lhe fazer um pedido!

- O quê, meu filho ?! - ela pergunta ansiosa.

- Que ao rezar o Pai Nosso vai assimilar com fé as palavras de Jesus: "Pai... Seja feita a Tua vontade e não a nossa!"

- Prometo que vou tentar... Ou melhor, vou atender ao teu pedido e passar a rezar igual ao seu pai... Prometo!

Sorrindo ele se aproxima da cômoda: - *Agora sim...Estou satisfeito! E deixe eu tomar logo este suco, que deve estar ótimo!...*

- Bem... Então vamos chamar o seu pai para apreciarmos a tarde conversando sob a mangueira no quintal! - convida, já refeita, sentindo-se mais consolada.

Pretendendo animar a mãe, este sugere com a voz entusiasmada: - *E planejar o nosso Natal! O mês de dezembro já iniciou e você ainda não começou a enfeitar a casa!... Dona Esperanza, eu estou ansioso por uma ceia bem linda e gostosa!...*

A tarde chuvosa colaborava para a tristeza que Juan sentia e procurava a custo mantê-la escondida. Faltavam poucos dias para o Natal e ele não conseguia dissolver a angústia que o envolvia.

"Jurana, meu amor... Daqui a três dias seria o nosso noivado... Sinto que você também está tão triste quanto eu!..."- e a dor da saudade comprimia seu coração amargurado.

Ele continuava se comunicando seguido com ela através do computador e pelo telefone, contudo, ultimamente vinha procurando diminuir tal intercâmbio para que a separação final não fosse mais traumatizante ainda. Queria que ela refizesse a sua vida e fosse feliz. Todavia ela não desejava interromper nem espaçar o contato com ele. Queria aproveitar ao máximo a única maneira que lhe restava para manter ligação com quem amava tão intensamente.

Na tentativa de minorar a angústia sufocante, ele resolve ligar a TV: *"A essa hora nada tem que me interesse... Mas preciso parar de pensar... Hoje é um dia terrível para Jurana e para mim... Nesta tarde eu estaria voando para Assunção... Oh, meu Deus... Tomara que ela não me telefone hoje à noite... Será pior para nós dois!"*

Desatento, ele mudava os canais sem se deter em nenhuma programação. O telefone toca. Desanimado e magoado vai lentamente atendê-lo. *"Milagre alguém chamar... Quem será a esta hora...? Incrível como os amigos e conhecidos desaparecem quando existe uma aproximação de morte causada pela Aids..."*

Ao colocar o fone no ouvido, uma onda de calor o envolve e o coração bate mais acelerado pela surpresa de ouvir a voz de sua amada.

- Juan querido, tenho uma notícia fantástica para te dar! Adivinha!...

- Passou no concurso para lecionar na PUC!

- Não... Isso é insignificante!... - responde Jurana fazendo suspense - *Tu não sentes que estou vibrando de alegria...?!*

Um incrível pressentimento faz disparar mais ainda o coração de Juan: *Será que é o que eu estou pensando, sem querer acreditar...?*

- Sim, querido... Sei que já adivinhaste!... Eu vou passar o Natal contigo!!! Com os teus e os meus pais! Nós três estaremos embarcando amanhã para Assunção!

É tão inesperado o que ouve que ele fica mudo.

- *Juan... Estás me ouvindo ?!*

Com a voz embargada pela emoção ele responde: - *Estou... Mas sem acreditar ainda no que ouvi... Você vem e com os seus pais...?!!!*

- *Eles não agüentaram mais me ver chorando pelos cantos e acharam que o melhor era passarmos o Natal contigo e tua família!*

- *E os seus irmãos...?! Não vêm também ?*

- *Não... Desde que entraram em férias foram para casa do tio Maori. E nós três iríamos agora para lá, mas incrivelmente, surpreendentemente, os meus pais resolveram me levar para aí! Não é fantástico?!!!*

Maior ainda foi o espanto dos pais de Juan.

- *É um belo e inesperado presente de Natal!* - diz Fernandez sensibilizado - *Estou muito contente com a felicidade que está iluminando seu rosto, meu filho!*

- *A Virgem atendeu as minhas preces!...*- fala Esperanza abraçando o filho - *Eu rezei conforme você me ensinou, querido! Pedi muita luz e harmonia para que o Natal não fosse triste, mas não acreditava que pudesse surgir tanta alegria...*

Sorrindo Juan afirma: - *Viu como a prece assim funciona...?!*

- *É... Estou aprendendo!* - e, entusiasmada, passa a agir com a praticidade de dona de casa - *Ainda bem que a casa está bem preparada!... Mas agora faltam umas tantas coisas... Preciso sair em seguida!* - e, apressada, vai se preparar para ir às compras a fim de aumentar os suprimentos e adquirir presentes para os visitantes.

Infelizmente o tempo continuava chuvoso sem previsão de melhoria. Em virtude disso Juan não pudera ir ao aeroporto receber os visitantes. Não era prudente. No seu estado atual se apanhasse uma gripe, a tendência seria se transformar em pneumonia.

"Estou mesmo chegando ao fim... Por isso o doutor Gustavo e a dona Bianca resolveram passar o Natal aqui... Não represento mais um perigo para eles... Dentro em breve partirei e a Jurana terá mesmo que me esquecer!...

Conflitantes sentimentos alternavam-se em seu íntimo... A tristeza pela própria situação e a felicidade de rever a sua amada, que deixavam-no cheio de incerteza quanto à reação que eles teriam ao vê-lo em tal estado de fraqueza. Ansioso, observava a mãe que, inquieta, examinava todos os detalhes da casa entrando e saindo da sala para a cozinha.

- *Eles estão demorando muito, não acha...?!* - pergunta esta igualmente ansiosa, olhando pela janela.

- *Com certeza o pai foi levá-los primeiro no hotel para deixarem a bagagem.*

- *É verdade... Como não pensei nisso?! Foi precipitação minha colocar o suflê no forno!... Se eles se atrasarem muito para virem almoçar, este irá murchar!...*

- *Tolice, mãe... Não fique assim tão preocupada! Vai correr tudo bem!...*

Na verdade Esperanza deixava transparecer preocupação pelas coisas corriqueiras com o intuito de disfarçar o medo que sentia no íntimo. Temia a reação de Jurana e dos pais, ao se defrontarem com o aspecto físico do filho. Não queria que eles demonstrassem pena e muito menos preconceito pela doença.

"Oh Virgem Mãe Santíssima... Não deixe que meu filho sofra mais do que já vem sofrendo!... Afaste dele qualquer mágoa ou desilusão!..." - assim ela rezava enquanto circulava pela casa.

Suas preces foram ouvidas e a Harmonia Divina se fez presente durante os cinco dias em que durou a estadia dos pais de Jurana em Assunção... Desde a chegada até o momento da partida.

A noite de Natal superou todas as expectativas, transcorrendo em clima de fraterna alegria, com a presença também de alguns parentes mais próximos. Antes da ceia, uma fervorosa prece foi iniciada por Fernandez e concluída por Gustavo, tendo sido proferida nos idiomas pátrios de cada um. Em seguida, com a participação de todos, músicas natalinas foram entoadas sob a execução de Bianca ao teclado. Esta havia tido a lembrança de trazê-lo na viagem, exatamente com a intenção de alegrar a festividade.

Depois de saborearem a ceia, houve a troca de presentes e, à pedido geral, Bianca retornou ao teclado com uma série de músicas melodiosas e populares que alegraram mais ainda o ambiente. Em determinado momento ela interrompeu a execução para anunciar que tocaria uma música de que gostava muito e que, naquele momento, a oferecia em homenagem a *los hermanos paraguaios.*

- *La* autoria de *la* música e de *la* letra *son* de *dos* compositores... *Uno gaucho brasileño e uno paraguayo.* Flores e Guerrero. Não sei se *ustedes* a conhecem. "Índia Paraguaia".

E antes que alguém se manifestasse, Juan entusiasmado tomou da palavra rapidamente: - Claro que *nosotros* a conhecemos!... Tanto *la* música como *la* letra *son mui* lindas!... E esta *tiene gravaciones distintas... Una* em português e *otra em* espanhol!... *Yo* poderia, dona Bianca, acompanhá-la cantando *en los dos idiomas...?!*

- Mas será um prazer, Juan! - esta responde com sincera satisfação - Não sabia que tu cantavas!...

- *Yo no soy* cantor, *pero* como se diz no Brasil, "me defendo"!... - e sorridente se aproxima do teclado.

Neste clima alegre e descontraído a noite se estendeu até as três horas da madrugada.

Gustavo e Bianca chegaram em Trilha das Palmeiras na antevéspera do Ano Novo. A família se encontrava reunida com Pedro e Fernanda acompanhados da filhinha Jussara, que haviam chegado no dia anterior. Somente Jurana se achava ausente.

- Tinhas toda razão, Maori, quando me aconselhaste a levar Jurana para Assunção - comentava Bianca a sós com o irmão e o marido, sentados na varanda - Quando me encontrei com Juan e vi o seu estado físico tão enfraquecido, o remorso por minhas atitudes pragmáticas doeu fundo em minha alma... Apesar do grande sofrimento pelo qual minha filha está passando, gostaria que tu tivesses visto a felicidade que se estampou em seu rosto quando ela se abraçou a ele. Com muito custo engoli umas lágrimas... Agradeço por teres aberto meus olhos!

- Fico satisfeito por teres acatado a minha opinião. Pelo que conheço de minha sobrinha, ela guardaria uma enorme mágoa de vocês pelo resto da vida, caso ela não pudesse ficar ao lado de Juan, no pouco tempo de vida que lhe resta.

- Concordo contigo, cunhado!... Ainda bem que tua irmã te ouviu... Eu tentei várias vezes alertá-la para isso!...Cansei de dizer que era desumano impedir que Jurana fosse visitar o namorado em seu final de vida... Sua atitude contrariava a religiosidade profunda que ela possui!... Mas tu bem sabes o quanto Bianca é teimosa!

- É verdade!...- esta confirma - Tão logo Jurana entrou de férias, Gustavo achou que ela deveria ir ao encontro dele - e virando-se para o marido, questiona - É... Mas enquanto ela estava freqüentando a faculdade tu me davas razão!

- Claro! Não seria justo Jurana jogar fora a sua formatura... A vida continua e ela tem que estar preparada para isso! - e sorrindo para a esposa afaga com carinho a sua mão - Mas

agora está tudo bem, querida... Não vamos olhar para trás! Nossa filha vai precisar muito do nosso apoio daqui para frente!

Com uma expressão de tristeza anuviando o rosto e o olhar distante, ela expõe seu pensamento: - Eu sei disso, meu querido... Só que preciso libertar meu coração da amargura que sinto por não ter enxergado antes a nobreza de caráter que esse rapaz possui. Via nele somente o fantasma da sua terrível doença que me apavorava... E querendo proteger a minha filha de um possível contágio, não me dava conta do quanto que ela estava sofrendo!

- Tudo isso já é passado, minha irmã... O importante agora é agir conforme falou o Gustavo. Depois que Juan partir a Jurana vai precisar muito do teu apoio!

Suspirando, Bianca continua a expor o que lhe vai na alma: - Sim... Eu sei. Porém neste momento o que me aflige é a revolta que sinto com toda esta situação!... Eu bem sei que os desígnios de Deus não têm explicação. Temos que aceitá-los... Mas não consigo... Minha filha tão jovem e inteligente, com tanta doçura e sentimentos nobres, por que passar por tal provação...? Com tantos rapazes de futuro ao seu redor... Na faculdade, na sociedade... Por que se apaixonar de tal forma por alguém fadado ao sofrimento ?! Eu venho me perguntando isto todo esse tempo e não encontro uma explicação que me satisfaça!

- Eu te entendo, querida... Também me questiono da mesma forma... - concorda Gustavo - Custo a aceitar a Justiça Divina em casos como este...

Maori olha penalizado para ambos. Mesmo sem querer impor sua maneira de encarar a vida ele não consegue se calar: - A Justiça Divina é perfeita!... Tanto que nos proporciona repararmos nossos erros através da reencarnação! É a única...

- Ora, meu irmão!... - Bianca o interrompe ligeiro - Não me venha novamente com as tuas teorias espíritas. Nós somos e continuaremos sendo católicos, apostólicos, romanos! Não acreditamos na reencarnação!

- Mas, Bianca... A teoria da reencarnação nada tem a ver com a linha religiosa que seguimos... Os ensinamentos de Jesus, assim como a Bíblia, têm tido através dos séculos várias interpretações, alterando muitas vezes as palavras do Mestre. O que não invalida a sua essência que é a prática do Amor e do Bem.

- E cada um deve seguir a linha de pensamento na qual encontre maior afinidade... - aparteia Gustavo querendo evitar uma longa discussão entre os dois - É assim que eu penso!

- E pensa corretamente! - afirma Maori - Todas as religiões são necessárias. Aquele que segue a que mais lhe agrada é porque necessita daquela forma de ensinamento... Uns precisam dos rituais para se concentrarem e assim estabelecerem a ligação com a Energia Divina. Outros necessitam de olhar para imagens a fim de reforçarem a ligação de suas almas com as Entidades de Luz. Para outros ainda a obediência às regras é fundamental para firmar a fé. Contudo existem aqueles que simplesmente, sem nenhuma exteriorização, estabelecem em seu íntimo a unidade com o Criador.

- Ora... Sendo assim meu irmão, mais uma razão para me deixares com minha teoria espiritual... - retruca Bianca - Nunca consegui imaginar a mim mesma adotando, através dos tempos, um sem número de corpos diferentes e amando a um mesmo espírito também de diversas maneiras, inclusive mudando de sexo... Uma vez como pai, outra como irmã, amigo, filho, marido, mulher e assim por diante... Não! Não consigo assimilar isto!

- E eu não consigo entender como você, criada por nossos pais altamente espiritualizados, tenha esquecido tudo o que eles nos ensinaram!... - exclama Pedro que recém chegara na varanda acompanhado de Fernanda.

- Ai, meu Deus... Mais um para tentar mudar a minha cabeça! - e fingindo-se contrariada dirige-se ao marido - Tu vais permitir este massacre, Gustavo...?!

Este, sorrindo, dá uma resposta surpreendente: - Olha, querida... Não sabes que "água mole em pedra dura tanto dá até que fura"...? Pois é... Estou começando a admitir que a reencarnação é uma explicação lógica para os acontecimentos tão contraditórios desta vida.

- Como...?! - espanta-se Bianca - Tu que me introduziste no catolicismo, estás te convertendo ao espiritismo?!

- Não, Bianca... Sinto-me feliz na nossa religião. Continuo sendo um católico convicto! Contudo, ultimamente tenho achado plausível a teoria de múltiplas vidas...

- Mas por quê ?! - esta volta a perguntar admirada.

- Porque é a única explicação que encontro para o amor tão profundo e obstinado que a nossa filha tem por Juan. Só pode ser um sentimento muito antigo para ter tamanha força!

- E isto é a plena verdade, cunhado!- afirma Pedro - Veja o nosso caso... Eu e Fernanda somos um exemplo dessa teoria...Tivemos provas de que o nosso amor veio atravessando os séculos por algumas encarnações!... Com certeza o mesmo acontece com Jurana e Juan.

- É... Pode ser que seja assim mesmo... Pois o pouco tempo de conhecimento que eles têm, não justifica tamanha paixão! - admite Gustavo.

Porém Bianca permanece calada, olhando pensativa para o irmão. Este, sorrindo, participa: - Pois vou verificar este namoro de perto. Fernanda e eu vamos para Assunção no dia 12 de Janeiro.

- Mas que maravilha, Pedro!... Não imaginas o quanto isto me tranqüiliza!- exclama Bianca entusiasmada com a notícia - Mas, qual o motivo dessa súbita viagem?! Vão a passeio...?

- Não... Ele foi convidado para realizar uma palestra na Universidade Federal de Assunção! - se apressa a explicar Fernanda orgulhosa do marido.

- E qual o tema...? - pergunta Maori interessado - É sobre a Raça Guarani ?

- Não propriamente... É sobre a cultura de povos com diferentes colonizações, porém com raízes semelhantes.

- Interessante... Parabéns pelo convite! Muito merecido... É sinal de que o teu trabalho está tendo repercussão fora do Brasil! - diz Gustavo animado - E já que vão visitar Jurana, quem sabe se ela não retorna com vocês ?!

Quais milhares de astros luminosos a abrilhantarem mais ainda o céu estrelado, espocavam foguetes espalhados pela cidade anunciando a chegada do Novo Ano. A alegria pairava no ar... Momento mágico de renovação... No esquecimento das tristezas ocorridas no velho ano que findava... Na determinação de realizar antigos sonhos... De vencer desafios... De firmar a fé e a esperança no novo tempo que surgia...

Sob tal encantamento Fernandez estoura o champanhe e a espuma dourada enche as taças para brindarem a ocasião. E após os abraços e beijos trocados vieram as ligações telefônicas interligando a família com a transmissão dos costumeiros votos de um ano novo cheio de realizações e as palavras de amorosa saudade.

Mesmo com a ausência de parentes e amigos que, separados pela distância ou pela comemoração festiva do Reveillon nos clubes não puderam se fazer presentes, Esperanza não deixou de preparar uma deliciosa ceia e a permanência de Jurana em Assunção colaborou para um ambiente alegre.

Ao som de animada programação musical, os quatro participantes saborearam as iguarias típicas que por tradição paraguaia são servidas na passagem de ano. Jurana entusiasmada com as novidades começou também a relatar os costumes brasileiros e, a partir daí, vieram as reminiscências da sua infância, entremeadas com as de Juan. E em dado momento ela

pergunta vivamente interessada: – Dona Esperanza, a *senhora poderia me mostrar os retratos de Juan quando criança...?!*

- *Certamente, minha filha!... Vou buscá-los!* - e pressurosa vai atender ao pedido, retornando pouco depois com uma caixa bem grande – *Pronto!... Aqui estão guardadas todas as fotografias que tenho da família. Vamos procurar as de Juan!*

E entre risos, apreciações e relatos de casos acontecidos com este, desde a infância até a adolescência, Jurana foi tomando conhecimento da história familiar, passando a se interessar pelas demais fotos antigas.

- *Esta que está comigo no colo é a minha avó paterna...Era índia! É dela que vem o sangue guarani que corre em minhas veias* – explica Juan – *Porque a mãe é descendente de espanhóis e ingleses radicados na Argentina.*

- *O contrário do que acontece comigo! A parcela de sangue guarani que eu trago escondido sob meus cabelos vermelhos e o rosto sardento, vem do meu avô materno!* – e virando-se para Esperanza ela pergunta sorrindo – *A senhora sabia que meu avô era índio guarani...?!*

- *Sim, querida... Juan já havia me contado, porém sem maiores detalhes... Como era ele?*

As duas passam a conversar distraídas e não se dão conta de que Juan silencia olhando detidamente uma foto em suas mãos. Todavia Fernandez estranha a expressão no rosto do filho: - *O que se passa, Juan...?! Está se sentindo mal..?!*

- *Não... Apenas intrigado...Senti uma sensação de formigamento nas mãos quando apanhei este retrato!... É a minha mãe ainda bem jovem, não é...?!* – pergunta mostrando a foto para o pai.

- *Sim... Foi tirada em Buenos Aires bem antes do nosso casamento!*

- *E este que está abraçado a ela, quem é?!* – interessa-se Juan sentindo uma leve taquicardia.

- *É o padrinho! Primo muito amigo do pai dela... O lado inglês da família!* – explica Fernandez.

Ouvindo isso Esperanza vira-se ligeiro para o filho, explicando: - *É o tio Frank! Eu o adorava! Esta é a última foto que ele tirou.*

Semelhante a um "*flash*" um clarão invade a mente de Juan trazendo à lembrança o momento de seu despertar no hospital astral, quando permanecera em coma, após o acidente em Trilha das Palmeiras. Sente-se estranho... E quase num murmúrio ele afirma: - *Eu o conheci...*

Surpreendida com esta observação, Esperanza contesta: - *Impossível, meu filho!...Você está fazendo alguma confusão, pois ele morreu pouco tempo depois que nós dois tiramos este retrato!... Foi em um acidente aéreo viajando para a Inglaterra, dois anos antes de meu casamento com o seu pai!*

- *Mas eu estive com ele!* – Juan volta a afirmar – *Ele era o Mentor que me recebeu no hospital dos Franciscanos!*

Os demais se entreolham abismados com tal afirmativa e antes que possam se manifestar, Juan os assusta caindo num sono profundo, com a cabeça inclinada sobre o espaldar da poltrona onde se encontrava sentado. Entrara subitamente em um transe, fazendo uma regressão espontânea à ocasião da despedida com o Mentor... Seu espírito saíra do corpo físico e planava como espectador sobre a cena ocorrida. E as palavras trocadas entre ambos se faziam ouvir claramente em seu íntimo: "... *Quanto ao nome e a nacionalidade que adotei em minha última encarnação, deixo para que você os descubra nas fotos antigas guardadas com sua mãe*".

Fernandez, preocupado, toma a pulsação de Juan, mas esta se encontrava normal. Esperanza, aflita, vai tentar reanimá-lo, no que é impedida por Jurana que, segura de si, acalma

os dois: - *Não se preocupem... Ele já está começando a retornar!... Vejam como suas pálpebras estão se agitando... Juan entrou num transe espiritual!* – e, confiante, explica – *Já assisti isto acontecer com outras pessoas lá no centro espiritualista que estou freqüentando... Não se preocupem, vamos aguardar um momento!*

Segundos depois ele retoma a sua consciência física e com a voz embargada pela emoção, relata o que lhe acontecera... Revivera a sua permanência no Hospital astral e os ensinamentos do Mentor, até o momento do encontro com seu Mestre. A partir daí, nada mais lembrava... O véu do esquecimento toldara sua memória.

Esperanza de tão impressionada nada comenta. Somente olha para o filho... Fernandez, entretanto, afirma admirado: - *Esta é mais uma prova incontestável da continuidade da vida após a morte física, que você recebe, meu filho... Pouquíssimas pessoas, Juan, têm a graça de receber tal confirmação! É uma benção Divina!*

- Realmente, pai... E Deus está mostrando a vocês que continuarei vivo depois que eu partir...

Num rápido impulso Esperanza se abraça ao filho quase chorando: - *Não fale assim, meu querido!... Está muito longe de acontecer isso!!!*

- Mãe... Sejamos realistas... O meu momento está chegando e isso que me aconteceu agora, veio para que vocês não mergulhem em tristeza profunda com a minha ausência!...- e enquanto procura consolar a mãe aconchegando-a de encontro ao coração, seu olhar dirige-se a Jurana que com esforço tentava segurar as lágrimas que já brilhavam em seus lindos olhos. E é principalmente para ela que ele dirige suas palavras - *Temos que aceitar com naturalidade o momento da separação... Das despedidas...Conscientes de que a vida é eterna e que voltaremos a nos reunir. O amor é o elo que nos manterá unidos para todo o sempre!*

- Sábias palavras, meu filho... – Fernandez confirma emocionado – *O amor é a energia mais poderosa do Universo... A Energia Divina, Criadora, que nos propiciará a vida plena da Felicidade Eterna!*

Todavia, a experiência física-material limitada pelo véu do esquecimento, deixando o ser humano seguir o seu caminho dentro do livre arbítrio, tem as suas surpresas...

Inexplicavelmente na primeira manhã do novo ano, Juan despertou mais revigorado. Dormira profundamente, sem sonho algum... Sentindo o desejo de apreciar a manhã que já ia alta, abriu a janela do quarto. A visão do céu azul, do verde das árvores, do esvoaçar dos pássaros, deram-lhe a sensação de que a natureza o acolhia, enquanto o calor do sol a pino o abraçava... Sentiu dentro de si uma forte energia que o levou a pensar em dias futuros.

"Quem sabe se o meu tempo aqui na Terra não está findando e eu ainda tenha algo a realizar?!... Não, isso é impossível! Meu corpo está definhando dia-a-dia... Mas...Que estranho! Hoje me sinto mais forte... Ou será a "visita da saúde" que surge na antecâmara da morte...?! Se assim for, agradeço ao Pai tudo o que eu aprendi nesses últimos anos e todo o amor que tenho recebido. Desejo apenas que a minha passagem seja tranqüila e consciente!"

A aceitação das provas difíceis como fatos necessários ao resgate dos erros e ao aprendizado espiritual... A compreensão de que a prece deve ser direcionada para se alcançar a Harmonia e a Evolução... E a prática do Amor em todos os momentos da vida, certamente operam o milagre da renovação.

A dedicação e o amor incondicional de Jurana e dos pais foram a alavanca que impulsionou Juan a desejar viver. E a cada dia ele se fortalecia... Quando Pedro e Fernanda chegaram para visitá-lo, ele pode acompanhá-los no carro a fim de mostrar-lhes a cidade.

E durante uma tarde em que Esperanza levou Jurana e Fernanda para fazerem compras no movimentado centro comercial, Pedro aproveitou para conversar a sós com Juan, no jardim de sua casa. Uma longa e amistosa conversa se desenrolou entre ambos...

- Juan, a interação da cultura indígena com a cultura espanhola e o respeito às origens guaranis que o povo paraguaio possui, é tudo o que eu mais desejo que aconteça no Brasil! Para isso tenho lutado sem esmorecimento.

- Mas, pelo que estou sabendo, o seu trabalho tem sido muito reconhecido!

- Porém não a nível nacional como eu gostaria... Além do que, não é o reconhecimento que eu anseio, Juan... Mas sim elevar aos olhos do povo brasileiro a raça guarani!

Juan olha para ele falando com admiração: - *Aprecio a sua garra, a sua determinação, Dr. Pedro!*

Sorrindo com simpatia este contesta: - *Por favor, vamos deixar de lado a cerimônia... Esqueça o doutorado. Afinal sendo tio da tua namorada, sou quase teu tio também!...*

- Ah... Como eu gostaria que assim fosse... Eu seria o homem mais feliz do mundo se pudesse me casar com Jurana!... Eu a amo profundamente, mas sei que é um sonho inatingível!

Pedro se cala, permanecendo pensativo por alguns momentos. Quando volta a falar, o seu olhar parece penetrar a alma de Juan: - *A vida é imprevisível, meu caro... Não sou vidente, porém sinto que algo em ti está desabrochando... É como se existisse em teu íntimo uma planta murcha, que aos olhos dos demais parece estar fenecendo... Mas, a energia vital continua latente em suas raízes, aguardando o tempo necessário para vitalizá-la novamente...*

Admirado com tais palavras e a entonação como foram ditas, Juan comenta*: - Que estranho me falar desse jeito!... Estou surpreso, pois é assim que venho me sentindo ultimamente. Parece que existe uma energia se movendo dentro de mim... E me sinto a cada dia mais fortalecido!*

- Pois bem, Juan... Quem está muito surpreso sou eu... Expressei-me num impulso e me senti, enquanto falava, semelhante ao meu amigo Pajé da Reserva de Iguamirim. – e colocando a mão sobre o ombro dele, afirma – *Eu ficarei torcendo para que minhas palavras se tornem realidade!*

Jurana retornou, a contra gosto, para Porto Alegre na companhia dos tios. Pedro a convencera de que seria melhor para o tratamento de Juan que ele permanecesse sozinho. Poderia assim manter uma rotina observando horários, seguindo à risca o tratamento médico e retornando também à fisioterapia que, por desânimo, havia abandonado. Uma vez que seu organismo estava reagindo positivamente, voltara o antigo otimismo e o desejo de lutar contra a doença. E este novo posicionamento de Juan, deixou-a esperançosa de um final feliz para ambos. Resolveu então, à pedido dele, se dedicar em abrir o próprio caminho profissional. Matriculou-se no curso de mestrado da URGS e empregou-se num curso de idiomas estrangeiros como professora de espanhol.

A vida assim seguiu o seu curso normal. Ambos continuavam se correspondendo através de seus computadores que, a essa altura, haviam sido equipados com sistema *webcam*, para diminuírem a saudade olhando um ao outro e ouvindo suas vozes.

À medida que o tempo passava, Juan aos poucos foi vencendo o câncer linfático. Quando as primeiras manchas começaram a desaparecer, instalou-se timidamente em seu íntimo a certeza de que venceria mais esta batalha. E, finalmente o doutor Hibanez admitiu a possibilidade de uma cura total.

Juan continuava seguindo à distância o tratamento com o Schuartz, porém mantendo contato permanente com a doutora Clarisse, informando-a de seu progresso e enviando cópia dos resultados dos exames de controle no combate ao HIV. Ele era muito grato a ela que, com competência e devotamento, iniciara a sua recuperação.

Em uma das conversas telefônicas com o médico paulista, este afirmou entusiasmado: “Juan, os seus exames indicam uma excelente melhora em seu estado geral! Você não está apenas vencendo o câncer... Está alcançando uma extraordinária vitória sobre a Aids! Acho que é hora de você pensar em retornar a São Paulo! Afinal, não concluiu o seu curso... Além do que, quero examiná-lo pessoalmente. Não posso continuar indefinidamente consultando-o pelo telefone!... Sei que a sua batalha está dando a você uma grande experiência no tratamento da doença... Porém, o diploma é importante para seu currículo. Portanto estamos todos aguardando o seu pronto regresso ao Saint Germain! – e alegre com a progressiva recuperação do amigo, concluiu – Logo, logo, você estará clinicando aí em Assunção!

Schuartz estava certo... Acertara na sua previsão... No início do mês de novembro, Juan partiu para São Paulo.

Quando ele participara aos pais o desejo de terminar o curso de especialização, estes apoiaram felizes a sua decisão... Esperanza, comovida, comentara: - *Filho...Coincidência ou não...Depois que eu passei a pedir à Virgem que acontecesse o melhor para você e que a Harmonia Cósmica envolvesse sua alma curando-o espiritualmente, foi quando você começou a melhorar.*

- *Esta é a única prece que realmente nos ajuda, minha mãe!... Porque, na verdade, a nossa mente física não sabe o que é melhor para nós. Hoje eu compreendo que quando pedimos insistentemente que sejam retiradas as provas de nosso caminho, estamos pedindo que sejam retirados os remédios necessários à nossa cura espiritual... Mas quando pedimos a Harmonia, tudo o que precisamos está contido nela!*

- *Sinto-me satisfeito, filho...* – Fernandez falara sorrindo – *Por ver o quanto você cresceu espiritualmente, o quanto amadureceu nestes dois últimos anos!*

- *Tem razão, meu pai... Se nada disso tivesse me acontecido, talvez eu levasse grande parte da minha vida para aprender o que sei hoje!*

- *Mas não foi somente você que aprendeu, meu querido...*- afirmara Esperanza - *Todos nós aprendemos... Agora eu acredito em carma e resgate... Acho que tudo o que estamos passando é um resgate familiar...*

Juan olhara espantado para ela: - *Mãe... Não acredito no que estou ouvindo!... Será que deixou de ser católica e virou espiritualista...?!*

- *Não, meu filho... Continuo católica! Gosto muito da minha religião e me sinto muito bem freqüentando a Igreja. Mas... Ultimamente tenho interpretado o Evangelho com uma visão diferente, mais ampla... Por exemplo... Existe uma parábola de Jesus que agora tem um novo significado para mim.*

- *Que parábola, mãe...?!* – interrompera Juan, perguntando muito admirado.

- *A do fariseu que, arrependido de seus pecados, foi procurar Jesus perguntando o que ele deveria fazer para pagar seus erros. E Jesus lhe respondeu: “Em verdade vos digo, tereis que nascer de novo!...” A Igreja ensina que o renascimento se dá através do batismo. Porém meditei muito sobre isso e cheguei à conclusão de que Jesus quis dizer é que o fariseu teria que encarnar novamente.*

Juan memorizava esta conversa com os pais enquanto apreciava o pouco de vista que divisava da janela de seu quarto no hospital. Por motivo de economia aceitara a oferta de ficar

como residente no Saint Germain. Seria menos cansativo por não depender de condução e muito menos dispendioso. Afinal, antes do Natal ele receberia o certificado de conclusão do seu curso.

“É... Eu também estou renascendo... Só que dessa vez é na mesma encarnação! Incrível como tantas mudanças repentinas têm ocorrido em minha vida... Quando saí daqui pensei que nunca mais voltaria... Que a hora de minha passagem para o plano astral estava próxima... E aqui estou eu novamente!... Tenho muito o que agradecer!”

Sentia-se ótimo e feliz por ter retornado ao trabalho. Era realmente para ele um renascimento...Sentia-se imensamente gratificado por poder tratar os pacientes e agora, com maior segurança, podia incentivá-los a lutar por sua sobrevivência. Mas ansiosamente aguardava o dia de seu retorno a Assunção para assumir o cargo de assistente do Dr. José Guandolfo, o Diretor Médico da clínica de Infectologia do Hospital das Clínicas. Fora o Dr. Hibanez quem conseguira isto para ele, dias antes de sua partida.

“Fazer parte da clínica do Dr. Guandolfo era para mim uma conquista quase impossível... É tão formidável que só vou acreditar quando assumir o cargo!”

Ele não havia comentado, nem com os pais nem com Jurana, sobre este emprego. Era tão importante para ele, que tinha receio de que algo impedisse sua concretização e, assim, não queria deixá-los na ilusão de que seu futuro estava garantido. Participaria somente quando tudo estivesse acertado e assegurado.

Porém, a saudade imensa que sentia de Jurana, aliada ao desejo de sempre compartilhar com ela suas expectativas, falou mais forte... E, num impulso, pegou do celular: - *Querida... Que falta sinto de você! Tenho uma novidade para contar...*

Após tomar conhecimento de todos os detalhes, ela pergunta entusiasmada: - *E quando tu vais assumir...?!*

- Bem... Logo que eu voltar tudo será acertado...O Dr. Hibanez me falou que, se tudo correr satisfatoriamente conforme ele espera que aconteça, poderei começar no início de janeiro. O Dr. Guandolfo prometeu aguardar o meu retorno.

- Mas isto é maravilhoso, querido! – ela exclama – *E o dia da tua volta já está marcado...?!*

- Ainda não... Mas, certamente será antes do Natal. E por falar nisso...- ele hesita um pouco - *Será que dessa vez poderei comemorá-lo aí com você e sua família...?!*

- Mas, Juan...Tivemos o mesmo desejo!... Eu ia te pedir exatamente isso! Até já falei com meus pais e eles fazem questão que os teus também estejam presentes! A mãe ficou de telefonar para Dona Esperanza na semana que vem... Era uma surpresa que eu tinha para ti!

- Querida... Minha querida... – emocionado, ele cria coragem de abrir totalmente o coração, expondo seu maior anseio – *E será que... Apesar do atraso de um ano... Eu posso levar para você umas alianças que trago guardadas com muito amor...?!*

- Oh, Juan... Meu amor! Eu estava com medo que tu não me pedisses isto... Há um ano que estou esperando!...

A festa de Natal foi realizada em Porto Alegre na casa de Jurana, com o comparecimento de todos seus parentes. Com genuína alegria houve confraternização e afirmação de amizade entre ambas famílias, paraguaia e brasileira.

Gustavo e Bianca finalmente renderam-se às virtudes de Juan e o noivado foi oficializado. Quanto à data do casamento, esta ficou na dependência da consolidação da vida profissional de Juan e do término do mestrado de Jurana. Mas, quando Juan participou que eles iriam fixar residência em Assunção, os pais de Jurana ficaram entristecidos com a notícia. Não contavam com isso...Tinham a esperança de que o futuro genro procurasse se estabelecer em Porto Alegre ou São Paulo. E um certo constrangimento se fez presente no ambiente.

Conciliador como sempre, Maori procurou desfazer a inesperada tensão, interferindo a favor dos noivos: - São Paulo, em quilometragem, está tão distante de Porto Alegre quanto Assunção... E talvez, em virtude do Mercosul, em breve sejam criadas linhas aéreas diretas de Porto Alegre para lá, o que possibilitará uma viagem de menos de duas horas.

Aliviada, Jurana se abraça ao tio, falando alegremente: - Tu, querido tio, tens sempre uma resposta na ponta da língua para qualquer problema que apareça. Eu te adoro!

Ao que este responde sorrindo: - É que na vida nada ocorre por acaso. É preciso que estejamos atentos a isso. Pois as decisões sérias que tomamos na Terra, são reflexos do que decidimos como meta de vida antes de encarnarmos... Assim, entre outras coisas, escolhemos também o local que melhor se adapte ao cumprimento de nossos planos evolutivos...

Bianca olhando para Maori, se recupera da momentânea frustração, recuperando o bom humor: - Ora, meu irmão... Vamos deixar de lado as interpretações espiritualistas que tu tens da vida...Nada de religião agora! – e virando-se para a mãe de Juan, afirma sorrindo - O que importa é a felicidade de nossos filhos, não é mesmo, Esperanza...?! Estejam eles onde estiverem! Foi só uma pontinha de ciúme que senti porque eles ficarão mais tempo na companhia de vocês do que conosco! Mas já passou! – e dirigindo-se ao marido pede com voz alegre – Gustavo... Abre outra garrafa de champanhe para brindarmos novamente a felicidade de nossos filhos!

Mais tarde, num momento em que Maori pode ficar um pouco a sós com Juan, ele aproveita para expressar seus sentimentos: - Estou muito feliz, meu amigo... Muito feliz mesmo com o teu casamento com minha sobrinha. Eu acredito no amor através do tempo... Acredito que vocês dois vêm se amando por várias encarnações... E de certa forma acredito que eu também tenha participado das mesmas. Pois sinto que a amizade e o afeto que tenho por ambos, também têm raízes profundas.

- Disto *yo tengo* plena certeza... *Tuve* oportunidade de *comprobar eso.* E quanto ao amor que *yo tengo* por Jurana *és mui* profundo. E *yo lo* prometo que *voy* dar *lo mejor de mi* para que ela seja feliz... *Mucho, mucho* feliz! - todavia uma sombra tolda o seu olhar denotando abatimento.

- O que está acontecendo, Juan...? – preocupa-se Maori – Ficaste triste de repente!

- *És* que *yo no* sei se poderei realizar meu *deseo* de *hacerla* feliz com *mi* saúde comprometida. *Quiçá no* devesse seguir *mi corazón* e *hacer* com que ela se esquecesse *de mi... Pero* foi *más* forte que *yo,no* esconder meus sentimentos!

- Não fica pensando assim, Juan... Como já disse, nada acontece por acaso... Estava pré-determinado o encontro de vocês! E quanto à tua saúde, tu estás conseguindo dominar a doença, mantendo-a sob controle... Se continuares perseverando no tratamento, cuidando meticulosamente do teu organismo, terás uma sobrevida longa e produtiva. Portanto, nada impede que leves uma vida normal...

- *Sus* palavras me consolam e me *dejan* animado, com esperança no futuro!...

- É isso, meu amigo... Esperança e fé para cumprirmos as nossas missões!... E ademais, tu bem sabes que a ciência está próxima de descobrir a medicação que irá exterminar definitivamente com este vírus. A vacina já está sendo testada... É apenas uma questão de tempo!

O novo ano parecia que corria mais velozmente. Juan trabalhava intensamente e isto, ao invés de cansá-lo parecia que o deixava cada vez mais fortalecido, cheio de energia... Sentia satisfação no atendimento a seus pacientes, pois seu próprio exemplo animava-os a vencerem a adversidade e o sofrimento, possibilitando uma perspectiva maior de vitória sobre a doença.

Ainda no primeiro semestre, o doutor Hibanez declarou-o completamente curado. Vencera o câncer. E os exames periódicos para o controle do HIV estavam cada vez melhores.

Se não fosse por alguns desagradáveis efeitos colaterais que vez por outra surgiam, em conseqüência da forte medicação indispensável, ele poderia até se esquecer de que não era totalmente saudável.

Quanto à vida profissional, esta não poderia estar melhor. Em pouco tempo adquirira prestígio e já era considerado membro indispensável do corpo médico do Hospital das Clínicas. Seus honorários estavam em um patamar que já capacitavam-no a manter um casamento. Resolveu então, de comum acordo com Jurana, marcar a data para o final de janeiro do ano vindouro. Estaria completando o período anual, quando poderia entrar em férias. Por sua vez, Jurana pediu transferência de seu mestrado para a Universidade Federal de Assunção e planejou lecionar particularmente o português, visando os empresários paraguaios que desejassem melhor intercâmbio com seus parceiros brasileiros.

A montagem da casa, onde iriam fixar residência, ficaria para depois do casamento. Era impossível Jurana se afastar de Porto Alegre por muito tempo, em função dos estudos na faculdade e eles pretendiam escolher e arrumar juntos a morada de seus sonhos. Sendo assim, depois de casados iriam ficar alguns meses na casa dos pais de Juan até aprontarem o seu recanto.

Tudo combinado, eles aguardaram ansiosos o dia em que finalmente concretizariam o desejo de viverem uma mesma existência. Unidos pelos fortes laços de um amor que vencera o tempo e os obstáculos do caminho...

A ansiedade dos últimos meses, que finalizaram o ano, foi substituída pela excitação da chegada do grande momento... E a brilhante luz do sol do verão iluminou o novo tempo.

A cerimônia do casamento foi de uma beleza simples, tocante, realizada a céu aberto, em meio à natureza. Era um clube campestre... Bem de acordo com o temperamento dos noivos. A felicidade estampada em seus rostos foi o traço marcante da alegre festa que se estendeu até o cair da noite. E sob o céu violáceo onde as primeiras estrelas começavam a reluzir, eles partiram para a lua-de-mel.

Após quinze dias viajando pelas praias do Nordeste, que ambos desconheciam, resolveram visitar amigos e parentes. Dificilmente poderiam se ausentar de Assunção por todo o ano. Dividiram então uns poucos dias entre Trilha das Palmeiras e Porto Alegre, seguindo depois para São Paulo, onde tomariam o avião para Assunção. Foram abraçar os amigos Betina e Schuartz que, já casados há algum tempo, esperavam a vinda do primeiro herdeiro.

Quando chegaram em Assunção, ainda restava uma semana de férias.

- *Querido... Acho que seria bem mais interessante mudar a nossa programação de hoje...*- sugere Jurana, enquanto descansava após o almoço, deitada na rede da varanda.

- *Como assim...? Prefere iniciar a procura do apartamento antes de conhecer a universidade... Ou ir primeiro no Hospital ?!*

- *Não, querido... Não é bem isso...É que estou pensando que esses vão fazer parte da nossa rotina de vida e podem esperar... Afinal ainda estamos em lua-de-mel! Não seria melhor aproveitar os dias que nos restam para me mostrares um pouco do teu Paraguai...?*

- *Querida... Algumas vezes tenho a impressão de que nos comunicamos por telepatia!...*- exclama Juan satisfeito com a proposta - *Pois neste exato momento, eu pensava a mesma coisa...Só que achei que você estava ansiosa para assumir de vez essa nossa rotina... Mas, a minha vontade agora é ainda passear com você!...*

- *Então o que estamos fazendo deitados aqui na rede...?! Vamos "botar o pé na estrada" e inaugurar o nosso carrinho!* – e levantando-se ligeiro vai à procura da sogra, a fim de participar a mudança de planos.

Eles haviam chegado na véspera com a intenção de aproveitar os dias livres procurando imóveis que estivessem disponíveis para aluguel. Porém, desde que Juan a surpreendera com o carro que havia comprado antes de ir para o casamento, que Jurana ficara desejosa de conhecer um pouco do país aonde iria deitar novas raízes.

Pouco tempo depois, com as mochilas prontas, entraram no pequeno carro de duas portas, saindo sem destino certo. Porém Juan queria mostrar primeiro a Basílica da*"Virgem de Caacupé"* a padroeira do Paraguai.

- *É para ela que minha mãe sempre reza! A cidade tem o seu nome e fica perto daqui. Somente uns cinqüenta quilômetros. Todos os anos no mês de dezembro é realizada uma romaria, quando comparecem milhares de pessoas de todo o país e inclusive dos países vizinhos.*

Entretanto, conversando distraídos, eles tomaram a estrada errada seguindo em direção à região sul. Após ter rodado uns quinze quilômetros, Juan se deu conta do engano. Parando o carro no acostamento, explica: - *Sabe, Jurana... Eu nunca vim para este lado. Sempre fui para "San Bernardino" cidade de veraneio que fica próxima ao lago de "Ypacaraí". E"Caacupé está no meio do caminho... É muito lindo por lá! Faço questão que você conheça. Vou retornar!*

Porém Jurana olhando a placa indicativa sugere: - *Talvez não... Veja a placa! Indica a cidade "Ita -"Capital de la Cerámica". Eu adoro cerâmica! Já que estamos aqui perto, vamos conhecê-la...?!*

Satisfazendo o desejo dela, Juan continua a viagem e meia hora depois chegam à pitoresca cidade colonial, fundada em 1539.

Esta foi sendo construída no decorrer dos séculos ao redor de uma bela lagoa e ficou famosa além da cerâmica, por seu variado artesanato. Percorrendo as típicas lojas, Jurana se deixou encantar. Com o intuito de levar lembranças para decorar a futura casa, adquiriu várias peças, entre elas a *"gallinita de cresta negra"* em cerâmica artesanal, símbolo daquele local.

Retomando a estrada, doze quilômetros adiante eles chegaram em *"Yaguaron"*, cidade fundada pelos Padres Franciscanos, à época da colonização.

- *Querido... Pela data da fundação da cidade, esta igreja tem mais de quatrocentos anos!* – fala Jurana entusiasmada – *E está perfeitamente conservada!*

Ao entrarem no magnífico templo de estilo *Barroco-Hispano-Guaraní,* legado pela Ordem Franciscana, eles se emocionam. Admirando os entalhes e as lâminas de ouro, os imponentes pórticos e o belo púlpito talhado em madeira, ambos sentem a vibração do tempo passado.

Com um arrepio perpassando todo o corpo, Jurana fala emocionada: - *Juan... Sinto uma estranha sensação de já ter estado aqui... Acho, meu amor, que estamos começando a pisar no solo que vivemos no passado... Não sentes o mesmo que eu...?!*

- *É verdade... Sinto-me estranho também... Mas... Não será imaginação nossa, por causa do "liuro kue"?!*

- *Pode ser, querido... Porém, quanto mais eu olho ao meu redor, mais cresce dentro de mim a certeza de já ter estado aqui!...Incrível isso!*

A luminosidade começou a diminuir dentro do templo e Juan preocupou-se com a hora: - *Realmente é uma sensação impressionante, querida... Mas, temos que nos apressar... A tarde está caindo. Logo irá escurecer. Acho que é hora de seguirmos viagem e procurarmos uma boa hospedagem para pernoite... Vamos?!*

Ainda tomada de emoção, Jurana entra no carro. Observando as placas indicativas, Juan se admira: - *Ora!... Estamos a menos de duzentos quilômetros da região Missioneira! Não havia me dado conta de que esta era a estrada para lá!*

- *Mas isto é ótimo!* – exclama Jurana animada – *Então vou conhecer as Missões bem antes do que imaginava! Pensei que não seria ainda dessa vez. Que tal dormirmos lá...?*

- Não acho que seja bom... Não conheço a estrada e chegaremos com noite fechada. Talvez seja difícil encontrarmos de imediato um bom hotel, sem conhecermos o lugar... É melhor não arriscar!...Agora a cidade mais próxima é "Paraguari".

Jurana apontando para mais longe exclama: – *Olha, querido... Mais adiante tem uma placa de propaganda anunciando um confortável hotel... Deve ser um bom local para passarmos a noite.*

- *E bem perto daqui... Apenas quinze quilômetros!* – concorda ele aliviado - *Paraguari, aqui vamos nós!*

- *Paraguari... Nome muito parecido com Paraguai...* – tomada de curiosidade ela pergunta – *Tem também significado semelhante...?!*

- Não... Não tem nada a ver com Paraguai. Sabe o que ele significa...?

- Nem imagino... O que é?

- Lugar de esconderijo, em tupi-guarani.

- *Hum...Gostei! Muito apropriado...* – diz Jurana rindo – *Pois então será nesse esconderijo que vamos encontrar um abrigo para nos amarmos pela noite adentro!*

Entusiasmado ele responde ligeiro: - *Sendo assim, vamos acelerar!*

Dentro em pouco tempo começou a surgir no horizonte a *"Cordillera de los Altos". A* silhueta negra de seus morros se desenhava no céu vermelho do sol poente, a se perder ao longe.

Na extensa planície ao sopé da cordilheira, em um solo plano e densamente arborizado, se escondia a cidade de uma tranqüila beleza, fazendo jus a seu nome. E numa acolhedora pousada eles se hospedaram.

A noite foi repousante para ambos. Jurana dormia ainda profundamente quando Juan despertou. Permaneceu ainda deitado, por alguns momentos, surpreso com o sonho que se repetira nitidamente. O mesmo que sonhara tempos atrás, quando se viu abraçado à sua amada, andando pelas areias limpas de uma praia ribeirinha.

"Que estranho um sonho se repetir assim tão claramente... Nunca me aconteceu isto antes! – e olhando com carinho para Jurana ao lado, seu coração se enche de alegria – *Como a vida dá voltas inesperadas! Há um ano atrás não podia imaginar que hoje eu estaria tão feliz!...E você nem calcula querida, como é grande a felicidade que me trouxe!"*

Sentando-se na cama, ele afaga os sedosos cabelos rubros soltos sobre o travesseiro e, com delicadeza, procura despertá-la: - *Bom dia, dorminhoca!... Se quiser seguir viagem, está na hora de se levantar. A estrada nos espera!*

Preguiçosamente ela pergunta ainda meio adormecida: - *Que estrada...? Quem está nos esperando...?*

Ele ri, acordando-a de vez: - *A região missioneira... Esqueceu...?!.*

Ligeiro ela abre os olhos: - *Hum...É mesmo... As Missões!* – e num repente pula da cama.

"San Ignacio". A redução que abrigou o mais antigo povo do Paraguai. E talvez a mais antiga construção do país, realizada pelos jesuítas em 1609.

Suas ruínas ainda guardam a imponência das linhas de sua arquitetura. Um museu montado em uma casa que resistiu intacta ao grande massacre realizado pelas Coroas Espanhola e Portuguesa, abriga hoje um museu que contém uma das mais preciosas coleções da arte indígena do período jesuítico.

Apesar de terem visitado no correr da estrada, *"Santa Maria de Fé (1647)"e "San Juan Bautista – la capital del Dpto. De Misiones"*, cidades ligadas ao passado jesuítico, foi em *"San Ignácio"* que Juan e Jurana sentiram de forma contundente as emanações de suas vidas pregressas. Não tiveram regressões àquelas vivências, nem assomaram às suas mentes quaisquer recordações, porém a vibração intensa que sentiam em seus corpos, à medida que percorriam as ruínas, fortaleceu a crença de que ali tinham estado antes.

Saíram de lá bastante emocionados... E as vibrações continuaram, apesar de menos intensas, ao passarem por *"Santa Rosa (1698)", "Santiago (1669)" e "San Cosme y Damian (1632)"*... Eles percebiam que por ali, de alguma forma, tinham estado.

Deixando *"San Damian"*, resolveram seguir para *"Ayolas"*, com a intenção de conhecerem, no dia seguinte, uma das maiores represas da América do Sul. *"Yaciretá"*, às margens do Rio Paraná.

Chegaram à noite e, cansados com a extensa programação do dia, foram dormir em seguida ao jantar. O confortável quarto do moderno hotel onde se hospedaram, proporcionou repouso aos seus corpos físicos. E o sono profundo, sem sonhos, favoreceu uma noite tranqüila.

Acordaram no final da manhã, à hora do almoço. Com as energias recuperadas, saíram à tarde para conhecer a cidade e a famosa *"Yaciretá"*.

Ainda sob as emoções da véspera na região missioneira, eles sentiram o impacto do passado com o presente, ao admirarem a magnífica obra da engenharia moderna...

- *Como é grandiosa!* – exclama Jurana - *Esta obra é uma constatação da força da capacidade humana, impulsionada pela Energia Divina que habita todos os seres...*

- *É verdade, querida... Todos os grandes projetos executados através dos milênios, atestam a existência dessa Energia... Uma prova disso é a obra jesuítica. Ela foi tão arrojada para a sua época, quanto esta imensa represa é para os dias de hoje.* - comenta Juan apreciando o ousado projeto.

E a tarde passou ligeiro com um agradável passeio pela cidade. Ao retornarem ao hotel, na caída da noite, tomaram conhecimento de uma programação turística. Um passeio de lancha pelo Rio Paraná.

Entusiasmados com a idéia, eles decidiram permanecer mais um dia no local. Mas não se inscreveram no grupo que iria na lancha apropriada para os turistas. Contrataram os serviços de um jovem universitário que, em uma lancha menor, trabalhava durante as suas férias, oferecendo o mesmo passeio para visitantes não filiados a grupos turísticos e desejosos de manter sua privacidade.

O sol forte do início da tarde se refletia nas águas mansas do grande rio. E o calor do verão amainado pelo vento, provocado pelo deslocamento de ar, tornava a temperatura mais amena, propiciando assim um agradável passeio.

Juracy, assim se chamava o rapaz, mantinha a lancha em velocidade moderada, para que os dois passageiros pudessem apreciar melhor a paisagem. E enquanto subiam o rio, à semelhança de um guia turístico, ele ia contando um pouco da história da região. Falava dos pescadores que habitavam os lugarejos que existiam em determinados pontos da margem ribeirinha e sobre a pesca abundante que lhes dava a sobrevivência.

- *A maioria desses moradores* – explicava – *É formada pelos descendentes dos guaranis sobreviventes ao massacre das Missões. Quando estas foram destruídas, passado um longo período de tempo, os guaranis missioneiros que não conseguiram se habituar à vida selvagem na mata, para a qual haviam fugido, retornavam aos poucos aos locais das reduções, na tentativa de construírem novamente uma vida mais civilizada.*

Ouvindo isso, Juan sente um calafrio e uma ligeira pressão em suas têmporas. Mas procura esconder dos demais o que está sentindo.

Jurana, estranhando a narrativa, contesta: - *Não entendo...As reduções não eram aqui! Foram construídas distantes das margens do rio!*

- *As que resistiram à destruição total, sim!... As que a senhora conheceu, foram as mais fortes e importantes. Por isso não foram totalmente desmanteladas. Mas, àquela época, existiam muitas outras menores e a maioria ficava à beira dos rios.*

- *É verdade!* – interveio Juan – *Estudei isso na escola. Só que esqueci de lhe contar, querida... Eram trinta reduções, mas somente oito resistiram ao massacre e ao tempo!*

Apontando para um vilarejo que se enxergava distante da margem ribeirinha, Juracy comenta: - *Neste povoado, por exemplo, a maioria das casas foi construída com os tijolos, derrubados ao solo, pela fúria sanguinária e destruidora das tropas do rei Carlos II. Os mesmos fabricados pelos jesuítas e os índios e que outrora edificaram a redução que ali existia.*

- *Foi um hediondo crime!...Dizimar uma população tão indefesa, pacífica e laboriosa...* – afirma Jurana condoída.

- *E sob o beneplácito da Igreja Inquiridora!...* – explana o jovem com um leve tom de indignação - *Que se curvou à ganância dos reis de Espanha e Portugal pelas riquezas da nova terra... A justificativa para ato de tamanha barbárie era que a Companhia de Jesus, com o desenvolvimento acelerado das Missões, desejava se tornar mais forte que a própria Igreja e ambas as Coroas. Por esta razão consideravam necessária a destruição de tão bela obra!* - e sorrindo para Jurana ele acrescenta um comentário – *Esta é uma parte da história de nossos dois países, que têm a mesma origem e são relatadas igualmente... Não é verdade...?!*

-Tens razão!... Mas, Juracy... – ela se admira – *A maneira como te expressas é de alguém que aprecia a literatura e a história. Qual a faculdade que estás cursando...?*

- *As duas!* – este responde com simplicidade.

- *Eu desconfiava... Dá para se notar. Parabéns! Mas...Voltando ao nosso passeio... Existe alguma praia ribeirinha com ancoradouro para que pudéssemos ancorar a lancha...? Gostaria de andar pela areia sentindo, sob meus pés, a energia deste local!*

Antes que o rapaz esboçasse qualquer informação, Juan se apressa a falar com uma voz estranha, sentindo-se meio tonto: - *Existe sim!...Um pouco mais adiante, quando o rio faz uma curva, existe uma faixa de praia... Antigamente havia um de madeira por lá!*

Admirado, Juracy retruca: - *Só se foi muito antigamente!... Porque hoje em dia, o que existe é um pequeno cais...Usado não só pelos pescadores, mas principalmente para receber mercadorias que são transportadas pelo rio... Então o senhor já conheceu estas bandas!*

- *Não...* - ele responde se esforçando para ocultar o que está se passando em seu íntimo - *Foi um amigo que aqui esteve, quem me falou sobre isso!*

Realmente, após uma curvatura do rio que formava uma depressão, surgiu uma restinga de areia branca, com um largo ancoradouro projetado rio adentro. Vários barcos de pesca se achavam virados sobre a areia. Somente um de maior porte estava ancorado junto ao cais. E as redes, estendidas, secavam ao sol. Apenas dois pescadores ainda lidavam junto às embarcações, deixando depreender que a pesca daquele dia já havia terminado. A praia se encontrava praticamente deserta.

Jurana desconfiada de que algo estava acontecendo com Juan, pede ligeiro ao jovem: - *Você pode ancorar a lancha ali, para que possamos descer...?!*

- *Claro...* - este concorda, passando em seguida a manobrar a embarcação em direção ao cais - *Somente peço que não demorem muito, porque se aproxima a hora de voltarmos. Não podemos chegar ao escurecer!*

- *Não te preocupes!* – afirma Jurana retirando os tênis – *É apenas uma breve caminhada!*

Já descalços, os dois descem da lancha, enquanto Juracy, preguiçosamente, permanece a bordo a fim de descansar, deitado sobre um colchonete.

Quando eles pisam na areia, uma forte vibração assoma aos seus corpos... E Juan, passando o braço ao redor dos ombros de Jurana, sente aumentar a pressão sobre as têmporas à medida que vão caminhando.

- *Querida...* - diz com a voz tomada de emoção – *Foi exatamente assim que eu me vi em sonho, por duas vezes, caminhando ao seu lado... Porém... Não sei como explicar, reconheci o local antes que virássemos a curva do rio... Sabia que encontraríamos esta praia... Foi algo além dos meus sonhos premonitórios!...*

- *Quando tu falaste com o Juracy eu compreendi que de alguma maneira tu já conhecias este lugar.*

De súbito um clarão ilumina a mente de Juan e ele pára, sentindo-se desequilibrar. Jurana assustada o ampara, fazendo-o sentar-se à beira d'água. Ele cerra os olhos, a respiração se torna serena e as feições se suavizam, evidenciando um estado de interiorização em profunda paz... Então ela percebe que ele entrara em transe mediúnico e se tranqüiliza. Segurando com firmeza a mão dele, fica aguardando o seu retorno à normalidade.

Esse momento de interiorização não demorou mais que uns dez minutos. Mas para Juan foi como se o tempo não existisse. Relances de sua vida passada retornaram nítidos à sua memória.

Assim que recobrou a consciência física, ainda um pouco aturdido, ele passou a relatar comovido o que vivenciara: - *Querida...Você estava certa quando disse que já havíamos estado nos locais por onde passamos...Foi aqui mesmo, neste local, que vivemos duas encarnações. A primeira como Rodrigo e Gracy Ara. A segunda fugindo ao massacre nas Missões. Eu era Juracy, o adolescente que teve por incumbência esconder na mata virgem as mulheres e as crianças. E você era uma das meninas que cresceu ao meu lado, tornando-se mais tarde a minha companheira...*

- *Guacira!* – ela exclama de súbito, num impulso independente de sua vontade. Mas, considerando absurda sua interrupção, se retrata – *Não sei porque disse isso, Juan... Não tem nexo nenhum... Falei sem sentir! Este nome surgiu em minha mente e eu o transmiti sem pensar...* – contudo, intrigada, ela questiona – *Será possível ter sido este o meu nome...?! Ou será produto de minha imaginação?*

Sorrindo da insegurança dela, ele admite: - *Pois eu acredito que foi uma manifestação de sua consciência cósmica... Afinal, não é o que está acontecendo comigo...?E se estamos caminhando juntos pelos séculos afora, também podemos regredir no tempo simultaneamente. Não lhe parece?!*

- *Acho que sim... E ademais... Eu gostei do nome! É bonito!* – e num tom romântico, usando da imaginação, conclui – *Juracy e Guacira, dois jovens guaranis enamorados!*

- *Pois fique você sabendo, querida... Que foi exatamente esta a visão que tive poucos momentos atrás... Nós dois éramos índios e caminhávamos, apaixonados, nesta mesma praia. Havíamos recém retornado, anos depois do massacre, à redução arrasada. Cheios de esperança, desejávamos reconstruir, em parte, a vida civilizada que havíamos perdido...*

Emocionada ao extremo, Jurana analisa: - *O destino nos fez tomar a estrada errada para que chegássemos até aqui... E eu fico pensando que deve ter algum motivo para que essas vidas passadas estejam surgindo em nossas mentes... Tudo começou com o "liuro kue"...Deve haver alguma razão... Pois sei que nada é por acaso.*

Refletindo também, Juan se dá conta de uma coincidência: - *Só agora percebo que o jovem que nos trouxe aqui tem o mesmo nome que eu recebi nessa última encarnação. Juracy... Já que as coincidências não existem, só pode ter sido um sinal!*

- *Incrível isso!* – espanta-se Jurana – *Talvez esse nome também tenha sido um agente para despertar a sua lembrança!... Quem sabe...?!*

- *O nome, os lugares, enfim, tudo tem relação com nossas vidas anteriores... É realmente espantoso regredir no tempo!*

Tão absorvidos estavam com tais considerações que não perceberam a aproximação de Juracy. A voz do rapaz soou qual um despertador retirando-os de suas divagações: - *Vocês me desculpem a interrupção... Estavam tão distraídos com a conversa que não me ouviram chamá-los...*

- *Está na hora de voltarmos, é isso...?!* – pergunta Juan com a expressão de quem acaba de ser despertado de profundo sonho.

- *Sim... Não demora muito para a tarde chegar ao fim. Se sairmos agora, ainda posso manter uma marcha razoável... Caso contrário terei que "voar" para chegarmos a tempo!* – expõe o rapaz educadamente – *O clube proíbe ancorar qualquer embarcação depois do pôr-do-sol.*

- *Você está com toda razão... Desculpe o atraso... Perdemos a noção do tempo!* – e levantando-se prontamente, estende a mão para Jurana, ajudando-a a se erguer.

Permaneceram calados durante quase todo o percurso da volta... Não queriam tocar no assunto na frente do rapaz. Mas a forte emoção que os envolvera, não permitia que eles parassem de pensar no acontecido. E enquanto a lancha se distanciava, curiosamente, ambos iam sendo tomados de um sentimento de libertação.

Sem nada comentarem entre si, terminaram o passeio admirando a paisagem, cujo colorido se modificava à medida que o imenso sol poente ia descendo no horizonte. Nas águas do caudaloso rio, agora onduladas pelo vento vespertino, refulgiam milhares de estrelas douradas, enquanto o verde exuberante da mata ribeirinha se cobria de diversos matizes avermelhados.

Quando finalmente saltaram da lancha, o astro rei acabava de se recolher. E Vésper brilhou no céu violáceo, anunciando para breve a chegada da noite.

Após o jantar, haveria no salão de festas do hotel uma apresentação de música e danças do folclore paraguaio, para os turistas ali hospedados.

- *Juan... Gostaria muito de assistir a esse show, mas sinto-me cansada. Ficarias decepcionado se eu preferisse dormir mais cedo...?* – pergunta Jurana com o olhar amortecido pelo sono.

- *Em absoluto, querida! Confesso a você que eu também estou ansioso para descansar...*

E de mãos dadas eles subiram para o apartamento. Porém, ao entrarem, foram surpreendidos pela claridade intensa do luar que penetrava no aposento. Foi como um convite para que apreciassem o belo panorama que se descortinava da varanda. A visão da lua cheia, derramando sua prateada luz sobre a cidade semi-adormecida, dispersou o sono de ambos. Repousando nas cadeiras preguiçosas, permaneceram em silêncio, apreciando a noite enluarada.

A quietude que pairava no ambiente, aliada ao aroma das plantas e a música paraguaia que se ouvia ao longe, fizeram Juan retroceder novamente no tempo.

Qual uma rajada de vento, sua consciência se expandiu e, com nitidez, a imagem do Mestre Oriental surgiu no quadro de sua mente. Em seu íntimo, ecoaram algumas das palavras que este lhe dissera no plano Astral: "*Juan... Os teus erros passados... Já os resgatastes... Mas teu espírito desejou seguir além dos resgates... Auxiliar... Ajudar no despertar de outros irmãos... Agora procura te lembrar do que determinaste como missão...*" - e sorrindo foi desaparecendo aos poucos, enquanto lhe transmitia um conselho - *Esteja atento à tua*

intuição...Firma continuamente a Fé no Amor do Nosso Pai... Estarei sempre a teu lado!...Confia!"

Com a mesma rapidez com que se expandiu, sua consciência retornou ao momento presente. Estranhamente todo o cansaço físico se dissipara e uma forte energia despertou nele o desejo de assumir prontamente a sua atividade profissional. De voltar para o hospital... De cuidar de seus pacientes.

Voltou-se então para Jurana, com o intuito de combinar o retorno a Assunção, mas foi tomado de susto. Com o corpo virado para ele e semi-apoiada no braço da espreguiçadeira, esta o olhava com expressão de perplexidade. Levantou-se de um pulo, indo se sentar junto a ela: *- O que foi, querida...?! Está se sentindo mal?!*

- Juan... Não sei se tu vais acreditar no que eu vi!... Eu mesma estou em dúvida se realmente aconteceu, ou se minha imaginação criou o que vi!

- Mas o que foi que a deixou tão impressionada...?!

-Querido...Muito, muito estranho!... Eu estava apreciando a lua, quando de repente ela começou a imitir umas ondulações...

- Como assim...? Ondulações?! – ele se admira.

- Por favor, querido... Não vá achar graça da minha explicação!... Mas era como se uma grande lente de aumento estivesse se movimentando sobre ela...Indo e vindo...

- Ora, querida...- diz ele rindo – *É realmente engraçada a comparação que você arranjou! Mas...* – e sério novamente, ele pressupõe – *Para enxergar essas deformações, só pode ter sido alguma coisa que turvou a sua vista!*

- Foi exatamente isso que eu pensei naquele momento!...Então fechei os olhos, mas quando os abri de novo, me surpreendi mais ainda! Já não eram ondulações que eu via... Era muito mais incrível!

- E o que foi...?! – ele pergunta agora interessado, vendo o olhar sério e ao mesmo tempo espantado que ela lhe dirigia.

- Eu ia te perguntar se tu enxergavas o mesmo que eu, quando percebi que estavas concentrado em algum ponto distante. Voltei então a olhar novamente para a lua... As ondulações haviam sumido e ela estava outra vez no seu normal!... Porém... Da aureola azulada ao seu redor, descia um raio de luz azul... E eu fiquei pasmada acompanhando sua trajetória... E aí... – ela faz uma pausa, franzindo a testa como se estivesse se sentindo confusa, em dúvida consigo mesma.

- E aí, querida... O que mais aconteceu?! – insiste, cada vez mais impressionado.

- Pois bem, Juan... Por mais incrível que possa parecer, o raio de luz projetou-se em tua direção... E parecendo penetrar no alto da tua cabeça, desapareceu... Nesse mesmo instante tu viraste para mim, como se quisesses falar algo. Dá para acreditar...???!

Afagando carinhosamente o rosto que se mostrava aflito, ele firma o olhar nos belos e assustados olhos verdes, afirmando: - *Dá para se acreditar sim, meu amor... Não creio que você tenha imaginado tudo isso, ou que tenha acontecido um problema com os seus olhos!...Vou lhe contar o que se passou comigo enquanto você tinha esta visão...* – e com detalhes, ele descreve o que lhe acontecera.

- Mas então tu achas que eu vi como se processa a ligação mediúnica...?Através de energia...?

- Bem... Todo o cosmos é energia... Manifestando-se de várias e diferentes formas... Sendo a nossa matéria física energia concentrada e o nosso espírito energia mais sutil, qualquer comunicação mediúnica vem a ser uma troca energética entre as criaturas. Mas... – ele faz uma pausa como se estivesse relembrando algo – *Em li num livro daquele autor esotérico, Trigueirinho, que a lua possui uma energia benéfica ao planeta e ao ser humano, denominada "brill". Talvez eu tenha sido energizado por ela.*

- Na forma do raio azul?!

- Tenho a impressão que sim... Pois, coincidentemente, retornei do transe sentindo-me totalmente vitalizado!... E ansioso por retornar ao hospital, com a confirmação de que este trabalho é a missão que escolhi antes de reencarnar.

- À vista disso, vamos voltar, querido!... Afinal já está mesmo na hora de assumirmos as nossas tarefas...- e rindo ela arremata – *Acabou o recreio, Dr.Juan!*

- Este bom humor com que aceita fatos ou propostas inesperadas, é uma das qualidades que mais me fascina em você. Sempre enxerga o lado positivo de uma situação! Eu a amo muito!

Aconchegando-se a ele, Jurana encosta a cabeça em seu peito: - *Eu também, querido! Há séculos que eu te amo!*

Eles permanecem algum tempo sem nada dizer, apenas sentindo o calor de seus corpos unidos na ternura do abraço. Juan é quem quebra o silêncio: - *Querida, acho que compreendi o "porquê"de nossas regressões... O que me veio à mente neste momento, talvez seja a explicação que você desejava.*

- Qual o motivo então...?!

- Bem... Nós já aprendemos que as vivências passadas ficam registradas em nossas consciências cósmicas. E que muitas vezes, apesar do véu do esquecimento, não nos desprendemos totalmente do que passou. Assim, essas lembranças que assomam ao nosso inconsciente, nos impedem de vivenciarmos livremente uma nova experiência de vida.

- Sim... Eu sei disso. Mas essas recordações não estão ligadas aos nossos resgates...?

- Aí é que reside o problema... Os nossos resgates tem que estar livres de quaisquer emoções passadas... Tudo tem que estar completamente desligado de nossa consciência física, para que o resgate se processe. Quando não nos desligamos de vivências de um passado remoto, ficamos presos a este, sem conseguirmos reformar nosso interior.

- Desculpa, querido... Mas não consigo entender esse processo. Se não devemos recordar nada, por que regredimos no tempo...?

- Bem... De acordo com o que nos foi ensinado... Enquanto os espíritos permanecem no plano astral, aguardando uma nova encarnação, eles têm conhecimento das vidas passadas. Assim, agressores e agredidos se encontram e, se desejarem, se perdoam... Mas o verdadeiro perdão implica em total esquecimento da ofensa. E se isso não acontecer, este não foi concretizado... E aí, fica-se preso ao passado de tal modo que, mesmo com o véu do esquecimento em uma nova existência, se torna difícil estabelecer harmonia com os irmãos ofensores e que se encontram novamente caminhando juntos, uns com os outros, em busca de um resgate... E sendo assim, se realmente desejamos a evolução, nos é dada a oportunidade de relembrarmos os fatos passados que geraram a desarmonia. Ao tomarmos conhecimento deles, poderemos eliminá-los definitivamente através do perdão, aliado à compreensão e aceitação do carma.

- Então isso quer dizer que nós ainda trazemos guardadas, em nossas consciências, mágoas passadas...?! Por isso tivemos regressões?!

- Possivelmente, querida... Mas se tínhamos, certamente não temos mais, pois não encontramos nenhuma evidência disso... Porém, eu creio que as nossas regressões foram outra maneira de auxílio que recebemos. Como um alerta para que não nos deixemos abater pelas dificuldades que ainda encontraremos pelo nosso caminho. E assim, realizarmos a missão para a qual encarnamos...

Aconchegando-se mais ainda a ele, Jurana fala amorosamente: - *Eu acredito que, no nosso caso, esta é a explicação mais acertada...Apesar de não sentir nenhuma intuição sobre*

qualquer missão para mim... – e, arrebatadamente, afirma - *A não ser de te amar...Porque o meu amor por ti, não tem limites nem cobranças.*

- Minha querida... Da intensidade do seu amor eu tenho certeza!... Você veio através do tempo me ensinando a amar verdadeiramente. Hoje eu compreendo que o amor cósmico se processa entre as almas, independente das limitações de nossa matéria. E, muito importante também, foi o que pude descobrir com você...

- Descobrir comigo...?! – ela se espanta.

- Sim... Que o ato sexual deixa de ser apenas atração instintiva e satisfação dos sentidos, para transformar-se em uma perfeita fusão dos corpos físicos e espirituais, quando os seres estão ligados por este amor maior...Ambos passam a ser apenas um! - e declara apaixonado *– Eu também a amo com imenso fervor!*

E, se mágoas ainda existissem entre eles, estas foram dissolvidas definitivamente naquele momento mágico de entendimento espiritual, quando uniram conscientemente seus corpos e suas almas no Amor Cósmico.

- Juan...Se tomarmos um outro caminho de volta para Assunção, atrasaria muito o teu retorno...? - pergunta Jurana, como sugestão, enquanto acabava de arrumar a mala.

-Acho que não... Se seguirmos a estrada até"Ciudad Del Este" aumentaremos em somente um dia a viagem... Afinal, daqui de "Ayola" até lá, não deve ter mais que uns oitocentos quilômetros!

- Ah, querido...Que bom! Talvez até tenhamos tempo de conhecer as Cataratas de Iguaçu... Sempre desejei ir até lá, mas nunca surgiu a oportunidade! Não deve ser muito distante de"Ciudad del Este"... Será?!

- Mais ou menos... Mas dá para ir! Eu também tenho vontade de conhecê-las!

Entusiasmados com o novo roteiro, seguiram sem interrupções no trajeto, parando no meio do caminho somente para almoçar. Chegaram ao destino pretendido quando a tarde começava a cair. Resolveram então seguir um pouco além e pernoitar em Foz de Iguaçu. Ganhariam mais tempo para a visita às cataratas, no dia seguinte.

Assim, bem cedo, foram admirar as famosas quedas d'água. Extasiados com tamanha magnitude, permaneceram por lá mais de uma hora.

- Juan... O nosso planeta é tão belo...Por que será que a maioria da humanidade não percebe a importância de preservar a natureza...?Será apenas ignorância ou falta total de sensibilidade?!

- Ambas as coisas acrescidas da falta do amor!... O que vem comprovar, querida, que a Terra é um reformatório! E se nós, os necessitados de reforma, não procurarmos evoluir com maior rapidez, talvez não tenhamos tempo de impedir a sua purificação...

- Purificação...?!

- Sim...Após a nossa seleção, conforme Jesus alertou, "a separação do joio e do trigo". O planeta terá que passar por uma restauração, devido a terrível poluição que o ser humano está causando em todos os sentidos... Não apenas com as guerras e tudo o mais de grandes proporções. Nós mesmos, sem desejarmos causar prejuízos à natureza, colaboramos para isso.

- Infelizmente é verdade!... Tudo o que usamos sob a "capa de progresso", aumenta esse triste processo... O nosso lixo comprova isso!...São tantos os erros que não dá para enumerá-los.

- Mas... Quem sabe...? Talvez a humanidade desperte sua consciência cósmica a tempo de evitar a própria destruição!

E sob o impacto da beleza exuberante que a natureza ali exibia e a energia que se desprendia das cataratas, partiram para Assunção.

Quando estavam a menos de setenta quilômetros da capital, Juan sugeriu um novo passeio: - *Querida... Poderíamos ir direto para casa, mas gostaria que você conhecesse "Caacupé".Fica perto de Assunção...E poderemos almoçar lá...*

- A cidade da Virgem para quem sua mãe sempre reza...?!

- Sim... É a cidade que se formou no local onde aconteceu o primeiro milagre da Santa. Considerada Capital Espiritual da República, reverencia a Virgem de Caacupé como Padroeira do Paraguai.

- Mas é claro que já estou curiosa para conhecê-la. Dona Esperanza me contou a bela lenda sobre a Santa. Vamos sim... Vamos entrar na cidade.

Quando Jurana penetrou na imponente basílica, foi tomada de uma forte emoção. Ajoelhada aos pés da imagem da Virgem, com toda a fé, pediu luz para o novo caminho que estava começando a trilhar. Sentindo uma leve vertigem, foi envolvida por um suave aroma de flores silvestres. Como um forte pensamento, palavras surgiram em sua mente.

"Quando as almas gêmeas se encontram, seus caminhos tornam-se um só... Esteja atenta aos sinais!"

Eles não se demoram muito na cidade e retomam a viagem. Impressionada com o que sentira na Basílica, Jurana permanece pensativa, olhando distraída a paisagem. Não sentira desejo de comentar nada com Juan sobre o que imaginara ouvir, contudo, pensamentos diversos giravam em sua mente.

"Claro que casada com Juan, vou viver uma vida única com ele... O que não significa que tenhamos que realizar as mesmas coisas... Ou será que almas gêmeas participam das mesmas atividades...? E que sinais terei que prestar atenção...?! "

Faltava pouco menos de uma hora para chegarem em Assunção, quando Juan avistou a placa indicativa de *"San Lorenzo: Ciudad Universitaria"*.

- *Olhe, Jurana...*- aponta, chamando a atenção desta - *É lá que você vai terminar o seu mestrado!*

Retirada de seu devaneio ela se assusta: - *Mas fica tão longe assim de Assunção...?*

- *Querida, quem está longe é você...* – ele responde rindo – *Ainda falta um tanto para chegarmos lá!... "San Lorenzo" dista apenas doze quilômetros da entrada de Assunção.* - e animado sugere – *Que tal conhecê-la agora...?! Fica no caminho!*

- *Mas tu não estás cansado de tanto dirigir...? Não quer chegar logo em casa ?!* – ela pergunta preocupada com ele.

- *Sim... Mas não estou cansado a ponto de dominar esse meu temperamento ansioso!... Fico querendo que você conheça tudo de uma vez!... Porém, se não quiser...*

- *Ora, querido... Eu também fico desejosa de conhecer todos os lugares que vão fazer parte de minha vida agora... Mas já está ficando tarde e eu começo a ficar cansada.*

- *Como você achar melhor, minha querida.*

Sentindo que ele ficara frustrado, ela contemporiza: - *Então vamos dar apenas uma volta de carro pela cidade...E deixo para visitar o campus universitário quando for confirmar a minha matrícula na faculdade. Está bem assim...?!*

Ele concorda satisfeito, tomando a direção da cidade.

Esta superou as expectativas de Jurana. Entre suas numerosas casas coloniais, destacava-se um templo em estilo neogótico, único existente no país. Mas o que mais chamou a sua atenção foi um museu etnológico.

- *Aqui está exposto o artesanato arqueológico indígena... É muito interessante este museu!* – explica Juan ao passar frente a ele.

- Deve ser mesmo. E vou explorá-lo bastante quando eu estiver freqüentando a faculdade! – entretanto, uma placa desperta o seu interesse imediato *-Mas, Juan... Veja! Tem ali um ponto de venda de artesanato indígena atual! Eu não resisto!...Vamos olhar só um pouquinho...?!*

Rindo bem humorado, ele estaciona o carro. Entusiasmada com o que está exposto, Jurana adquire algumas peças, se justificando: - *É para a nossa futura casa, amor! E também um presente para tua mãe!*

Voltando a percorrer de carro a cidade, eles chegam ao complexo universitário. Demonstrando interesse com o futuro dela, Juan aponta para um prédio: - *Veja, querida!... É aqui que você vai terminar o seu mestrado! É aonde funciona a Faculdade de Letras.*

Olhando o local, ela sente uma estranha sensação: - *Juan... Tu tens a certeza de que está garantida a minha matrícula...?!*

- Claro, querida... Eu mesmo tratei disso! Por quê?!

- Não sei como explicar... Mas não me vejo entrando neste prédio!... Como se algo me impedisse. Que coisa mais estranha!

Preocupado com a insegurança que Jurana demonstra nesse momento ele procura animá-la: - *Tolice, querida... Deve ser o natural receio, que qualquer pessoa sente, de iniciar algo em um lugar ainda desconhecido... Isso passa ligeiro! Com a sua índole expansiva, vai se habituar logo à nova situação! E granjear muitas amizades!*

Ela sorri aliviada, porém, em seu íntimo persiste uma dúvida: *"E se não for isso...?"*

Esperanza estava acabando de preparar o café da manhã quando Jurana entrou na cozinha. Beijando a sogra, ela se desculpa envergonhada: - *Perdi a hora!... Queria tanto ajudá-la... Não é justo que eu fique deitada enquanto a senhora prepara tudo para nós!*

- Ora, minha filha... Afinal a viagem foi bastante cansativa... Você precisava mesmo de descansar!

- Huuuummm!... Este cheiro delicioso de pão recém saído do forno liquida com qualquer pretensão de dieta! – exclama alegre o marido, que acabara de chegar acompanhado de Juan.

- Ora, que dieta, Fernandez...?! A que você começou anteontem e terminou ontem...? – contesta Esperanza rindo, enquanto vai servindo a *mesa -Deixe de conversa e vamos tomar logo o desjejum, antes que o pão esfrie!*

Este, sentando-se ao lado de Jurana, comenta satisfeito: - *Filha...Nós ficamos muito felizes com o seu entusiasmo pelo nosso país...Isso é ótimo!...Pois, quando gostamos do lugar aonde vamos residir, já temos cinqüenta por cento de chance de sermos felizes na nova vida...Tornando o novo local em um campo fértil, para lançarmos raízes duradouras.*

- *É bem verdade!...* – ela concorda, porém fazendo uma pausa. Sente-se indecisa se deveria contar naquele momento o que lhe acontecera nos últimos dias. Contudo, não se contém *– Mas... Sabe, meu sogro...? Eu já desconfiava que tinha raízes plantadas aqui...Que já havia vivido outras vidas nesta região. E, nessa viagem, tive a oportunidade de comprovar isso. Aconteceram coisas impressionantes, principalmente com Juan. Não foi querido...?!* – vira-se para este, pedindo apoio – *Ele pode explicar melhor do que eu!*

-É sério, meu pai!...Foram fatos transcendentais... Coisas nas quais você acredita... Mas... É uma longa história que mais tarde, com calma, iremos contar para você e a mãe!

- Que interessante!... Já me deixaram muitíssimo curiosa! – exclama Esperanza alegremente – *Não fiquem somente na promessa... Quero me inteirar de tudo!*

- Logo mais, minha mãe... Agora temos que nos apressar... Quero que Jurana conheça o hospital antes que eu assuma o meu trabalho. Senão, eu não terei mais tempo disponível para correr todas as instalações com ela!

Juan deixou para mostrar a ala destinada às crianças contaminadas pela Aids, somente no final da visita. Sabia que Jurana iria se emocionar profundamente com o que encontraria lá. E foi exatamente o que aconteceu. Esta teve que se esforçar bastante para não chorar na presença dos pequenos pacientes.

Naquele setor se encontravam hospitalizadas várias crianças de diferentes faixas etárias. Algumas eram apenas portadoras do vírus HIV, porém as demais já haviam adquirido a doença, ou por contágio ou por terem nascido infectadas. Entre elas umas eram órfãs, cujas mães haviam falecido com a doença e a família não possuía recursos para tratá-las. Outras estavam sendo tratadas simultaneamente com as mães que se encontravam hospitalizadas e, mais triste ainda, aquelas que ali haviam sido abandonadas.

Com o coração partido, Jurana saiu para o jardim a fim de deixar correr livre o pranto que não conseguia mais conter.

- Oh, Juan... É tão doloroso!!! Quanta tristeza!

- Realmente... Mas pelo menos aqui, minha querida, elas têm a chance de sobreviver... São bem tratadas, medicadas com o que há de mais moderno... Muitas ficam curadas e iniciam uma vida normal junto às suas famílias.

- Mas, o que acontece com as que foram abandonadas...Que não têm família?!

- Algumas dão sorte de serem adotadas ainda em tratamento no hospital... Porém, infelizmente são raros esses casos!...

- E as outras...?! - pergunta com a voz embargada.

-Bem, minha querida... As crianças depois de curadas não podem mais permanecer aqui... E se a direção do hospital não consegue descobrir nenhum parente, elas são encaminhadas pelo Juizado de Menores para os orfanatos... E lá permanecem à espera de que, um dia, alguém as adote.

Jurana enxuga as lágrimas e permanece calada, pensativa. Juan respeita o seu silêncio e ambos ficam observando algumas crianças que, acompanhadas de uma enfermeira, haviam saído para passear no jardim.

Passados alguns minutos, com os olhos ainda úmidos, ela olha de um jeito profundo para ele. Com voz firme, pede: - *Querido... Vamos embora...? Gostaria de conversar contigo, no caminho para casa... Tu podes sair agora?!*

Estranhando a expressão do seu olhar, este concorda: - *Claro, querida!... Só mais o tempo necessário para nos despedirmos!...*- e consultando o relógio se admira - *Aliás, já está mesmo na hora de voltarmos. Já passa das onze!*

Já haviam decorrido uns cinco minutos no trajeto de carro quando Jurana finalmente participou a Juan a decisão que tomara.

- Querido... Não vou mais terminar o meu mestrado! Vou suspender a matrícula na universidade.

- O que está dizendo, querida...?! Não vai mais estudar... Por quê ?! – ele questiona, tomado de surpresa.

- Juan... Lá na basílica da Virgem de Caacupé, quando eu me ajoelhei para rezar, recebi um aviso em minha mente. Era para que eu prestasse atenção aos sinais de meu caminho.

- Mas por que você não me falou antes sobre isso...?

- Porque eu queria testar a mim mesma... Se eu seria capaz de perceber sozinha algo que eu precisasse seguir, independente de meus anseios ou decisões.Tu me entendes?!

- Lógico que eu a entendo! Só não vejo o motivo de você suspender os seus estudos. O que aconteceu que a fez mudar de planos tão inesperadamente...?

- Porque cheguei a uma conclusão, meu querido... Que cursar a Faculdade de Letras e, principalmente, me especializar no idioma espanhol foi a ponte para nos encontrarmos. E o "liuro kue", o agente que nos uniu.

- Concordo com você... Acredito nisso, mas continuo não entendendo porque não terminar o mestrado!

- Simplesmente porque não preciso mais dele em meu caminho! Hoje eu percebi o sinal definitivo que indica como devo seguir adiante.

- Terá sido olhando as crianças, querida...?!

- Sim...Mas não foi apenas este sinal! Lembras quando eu te disse que não me via freqüentando a faculdade...?Pois aquele foi o primeiro.

- Mas, então o que você pretende fazer...?

- Vou tentar a Faculdade de Enfermagem!... Quero trabalhar com aquelas crianças!

Comovido, Juan pergunta: *- Nesse caso, por que não a medicina...?*

- Porque eu não quero "tratar" as crianças... Esta é a tua tarefa! Eu quero "cuidar" delas, querido!

- Meu amor... Você me emociona!

- Ora, querido...Tu é que me comoveste com o teu trabalho! E afinal, se temos um mesmo caminho, nada melhor do que seguirmos com tarefas paralelas, não achas?!

E tomado de entusiasmo, encantado com a possibilidade de trabalharem na mesma área e com igual propósito, ele propõe: *- Se você está certa de que é isso mesmo que deseja, vamos tratar amanhã mesmo do seu ingresso na Enfermagem!...Como você já possui nível universitário, talvez possa ingressar no segundo ano da faculdade. Vamos tentar!*

- E veja se tu me consegues, em seguida, um estágio naquela ala do hospital – pede esperançosa *- Estou ansiosa para começar a trabalhar de algum modo com aquela turminha! Até mesmo, somente como recreadora...Por enquanto!*

Neste momento estavam passando em frente à praça do bairro onde moravam. Num impulso, Juan estaciona o carro sob um dos frondosos "plátanos" que sombreavam as calçadas.

Fazendo Jurana voltar-se para ele, segura-a carinhosamente pelos ombros, falando apreensivo:*- Querida... Sua decisão deixou-me muito feliz e orgulhoso de você... Contudo, uma coisa me preocupa. Você gosta tanto de criança... Eu sinto uma grande mágoa por não poder lhe dar filhos...*

- Meu querido... – ela o interrompe *- Já falamos sobre isso... Tu não acreditaste na minha sinceridade, quando disse que filhos não são apenas os de sangue?! Que são aqueles que criamos com amor?!... Mas, o que te levou tocar nesse assunto agora...?*

- Foi prestando atenção no olhar que você dirigia àquelas crianças...

Sorrindo ela fala com a convicção de quem não tem a menor dúvida à respeito do que diz: *- Meu amor... Pois vou te contar o que se passou comigo naquele momento. Lembras da citação do Evangelho sobre a visita de Jesus, ainda menino, aos sacerdotes do Templo...?*

- Mais ou menos...

- Pois bem...Quando José e Maria, acompanhados do Menino Jesus, estavam retornando para Nazaré, após uma viagem a Belém, Jesus desapareceu no meio do caminho. Aflitos, seus pais saíram à sua procura... E o encontraram falando aos sábios do Templo. Estes, por sua vez, estavam maravilhados com os conhecimentos e a sabedoria daquela criança.

- Ah... Agora eu me lembro! – interrompe Juan – *São José o repreendeu pela angústia que causara à sua Mãe! E Jesus respondeu que estava cumprindo a sua missão...*

- Exatamente... Porém dirigiu-se aos sacerdotes perguntando: "Quem são minha Mãe e meu Pai...?! Quem são meus irmãos...?!"- e com um sorriso Jurana interrompe a narrativa *– Aliás, quando eu era menina e estava estudando o catecismo, essa pergunta muito me confundiu.*

- Mas acho que isso acontecia com todas as crianças... Eu também não conseguia entender o que estas palavras significavam. Achava que era um desrespeito para com os pais! Pois os nossos mestres não nos explicavam o significado do Amor Cósmico...

- Exatamente... E ao observar aquelas crianças, tão necessitadas de afeto e cuidado, recordei as palavras de Jesus e o seu profundo sentido. Então pensei. "Quem são os nossos filhos...?" E a resposta surgiu na compreensão do Amor sublime de Jesus... "São todas as crianças da Vida!...".

Comovido, Juan apenas murmura: - *Oh, Jurana querida...*

- Em vidas passadas, meu amor, vivemos a experiência de gerarmos filhos para o mundo. Agora estamos expandindo a nossa capacidade de amar...O amor entre as almas, sem o apego à matéria... O Amor pelo qual Jesus se deixou sacrificar!... E esta é a nossa missão!

- Nossa missão...?! – ele se surpreende.

- Sim, querido!... Nossa, porque nos tornamos almas gêmeas...Os nossos caminhos agora são apenas um. E a nossa missão é com aquelas crianças... Tu irás tratá-las com teus conhecimentos médicos... E eu complementarei tua tarefa cuidando-as com carinho. Nós dois iremos amá-las verdadeiramente e serão todas elas, sem distinção, os nossos filhos, Juan!

Extremamente emocionado, ele aperta-a de encontro ao coração, questionando ainda apreensivo: - *E se eu não dispuser de muito tempo para cumprir contigo esta missão...?!*

Ela levanta o rosto e, com os olhos verdes brilhando intensamente, troca com ele um olhar profundo, de alma para alma. Sua voz soa tranqüila e apaixonada: - *Juan querido... Tu bem sabes que o nosso tempo aqui na Terra está ligado ao cumprimento do que aqui viemos fazer e aprender...Portanto, vamos viver o presente sem temores... E o importante nesta vida, não é o "quanto" vivemos, mas sim "como" vivemos e o"quanto"estamos aprendendo!*

Um demorado e apaixonado beijo confirma o amor existente entre as almas que se uniram, ao longo da jornada...

Quando se separam do abraço, Jurana, retomando o seu jeito divertido, desfaz a forte emotividade que os envolvia, trazendo de volta as necessidades do cotidiano: - *Querido...Já alimentamos bem as nossas almas, agora temos que alimentar os nossos corpos! Vamos para casa, almoçar...? Dona Esperanza deve estar ansiosa à nossa espera!*

Rindo da inesperada atitude dela, Juan dá a partida no carro. E ambos, bem humorados, seguem confiantes, com a certeza de que conseguirão realizar em sua plenitude, a meta de vida que escolheram.

FIM

Mariza Bandarra